UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICAMP
	F413e
V	EX
TOMBO BC/	56864
PROC.	26/12/104
C	☐
D	☒
PREÇO	11,00
DATA	20/10/104
Nº CPD	

CM00193905-B

bibid 308423

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

F413e	Ferreira, Marília de Nazaré de Oliveira Estudo morfossintático da língua Parkatêjê / Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003.
	Orientador: Lucy Seki Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
	1. Língua indígena. 2. Verbos 3. Incorporação. 4. Morfologia. 5. Índios - Línguas. I. Seki, Lucy. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

*Sumário**Página*

Sumário	i
Agradecimentos	v
Resumo	ix
Abstract	xv
Lista de quadros	x
Abreviaturas	xv
0. Introdução	19
1. Considerações sobre o povo e sobre a língua Parkatêjê.....	19
2. Conhecimento cultural.....	25
3. Estudos sobre a língua.....	32
4. Características gerais da língua em relação a outras línguas do tronco	35
5. Condições da pesquisa.....	38
5.1. Corpus utilizado.....	39
5.2. Auxiliares de pesquisa.....	40
5.3. Apresentação dos dados no corpo do trabalho.....	41
5.4. Metodologia.....	42
5.5. Estrutura do trabalho.....	42
1. Classes de palavras: uma abordagem funcional	45
1.1. Nomes.....	46
1.1.1. Expressão de posse.....	48
1.1.1.1. Nomes não-possuíveis.....	49
1.1.1.2. Nomes alienavelmente possuídos.....	49
1.1.1.3. Nomes inalienavelmente possuídos.....	51
1.1.2. Prefixos relacionais: uma análise alternativa.....	52
1.1.3. Número.....	56
1.1.4. Estrutura dos nomes: uma proposta alternativa.....	57
1.2. Pronomes.....	60
1.2.1. Pronomes livres.....	61
1.2.2. Pronomes dependentes.....	62
1.2.3. Pronomes reflexivo e recíproco.....	64
1.2.4. Pronomes demonstrativos.....	65
1.2.5. Pronomes indefinidos.....	71
1.2.6. Pronomes e formas interrogativas.....	75
1.3. Verbos.....	85
1.3.1. Classes de verbos: intransitivos, intransitivos estendidos,	
transitivos e transitivos estendidos e verbos posicionais	87
1.3.1.1. Verbos intransitivos.....	87
1.3.1.2. Verbos ativos e verbos descritivos.....	88
1.3.1.3. Descritivos e verbos.....	90
1.3.1.4. Descritivos e nomes.....	91
1.3.1.5. Predicados estendidos.....	98
1.3.1.6. Verbos transitivos.....	100
1.3.1.7. Os prefixos relacionais com os verbos.....	101
1.3.1.8. Verbos da classe ku-	103

1.3.1.9. Tipos semânticos – verbos ‘matar’ e ‘comer’.....	109
1.3.1.10. Categorias de tempo, aspecto e modo.....	111
1.3.1.11. Formas dos verbos ativos.....	111
1.3.1.12. Formação das formas longas.....	113
1.4. Partículas.....	116
1.4.1. Partículas de tempo.....	116
1.4.1.1. Tempo passado.....	116
1.4.1.2. Tempo futuro.....	119
1.4.2. Partículas de aspecto.....	120
1.4.2.1. Aspecto continuativo.....	120
1.4.2.2. Aspecto não-completado.....	121
1.4.2.3. Aspecto de ‘ação recentemente completada’.....	121
1.4.2.4. Aspecto completivo.....	122
1.4.2.5. Aspecto perdurativo.....	122
1.4.2.6. Aspecto iterativo.....	123
1.4.2.7. Aspecto frustrativo.....	123
1.4.2.8. Mudanças na raiz verbal relacionadas ao aspecto..	124
1.4.3. Partículas de intensidade.....	126
1.4.4. Partículas de modo.....	128
1.4.4.1. Negação.....	128
1.4.4.2. Imperativo.....	129
1.4.5. A partícula mû.....	130
1.4.6. Partículas evidenciais.....	133
1.5. Posposições.....	138
1.6. Advérbios.....	144
1.6.1. Sub-classes de advérbios.....	145
1.6.1.1. Locativos.....	145
1.6.1.2. Temporais.....	145
1.7. Conjunções.....	146
1.8. Interjeições.....	147
2.Aspectos da sintaxe.....	149
2.1. Locução nominal.....	149
2.1.1. Estrutura da locução nominal.....	150
2.1.2. Locução genitiva.....	152
2.1.3. Conjunção e disjunção de locuções nominais.....	153
2.2. Locução verbal.....	156
2.2.1. Estrutura da locução verbal.....	156
2.3. Locução posposicional.....	157
2.4. Orações independentes.....	158
2.5. Orações com predicado verbal.....	159
2.5.1. Oração intransitiva.....	159
2.5.2. Oração intransitiva ativa/S _a	159
2.5.3. Oração intransitiva descritiva/S _o	160
2.5.4. Orações intransitivas estendidas.....	162
2.5.5. Oração transitiva simples.....	163
2.5.6. Oração transitiva estendida.....	165
2.6. Orações com predicado não-verbal.....	165

2.6.1. Orações identificacionais.....	166
2.6.2. Orações existenciais ou possessivas.....	167
2.6.3. Orações equativas.....	169
2.6.4. Orações locativas.....	170
2.6.5. Tipos de orações independentes.....	171
2.6.6. Orações declarativas.....	171
2.6.7. Orações declarativa com tópico deslocado.....	171
2.6.8. Orações interrogativas.....	173
2.6.9. Orações negativas.....	176
2.6.10. Orações imperativas.....	178
2.6.11. Orações exclamativas.....	180
2.7. Orações complexas.....	181
2.7.1. Coordenação e <i>switch-reference</i>	181
3. Sistema de marcação de caso em sentenças independentes.....	185
3.1. Cisão condicionada pela natureza semântica do verbo.....	186
3.2. Cisão condicionada pelas categorias TAM.....	189
3.3. Cisão condicionada pela categoria de pessoa dos elementos pronominais.....	193
4. Mecanismos de derivação verbal.....	201
4.1. Causativização.....	201
4.1.1. Causativização de verbos intransitivos.....	202
4.2. Construções com o pronome reflexivo.....	204
4.3. Construções com o pronome recíproco.....	206
4.4. O formativo <i>aipĩ</i>	207
5. Incorporação Nominal.....	213
5.1. Um conceito de incorporação nominal.....	213
5.2. Composição lexical.....	215
5.3. Incorporação do pronome reflexivo.....	218
5.4. Termos de classe.....	220
6. Construções verbais seriais.....	225
6.1. Caracterização das construções seriais.....	226
6.2. Tipos de construções seriais.....	231
6.2.1. Tipo (a): construção serial [- contíguo; - incorporado]	231
6.2.2. Tipo (b): construção serial [+ contíguo; - incorporado]	232
6.2.3. Tipos semânticos de construções verbais seriais.....	235
6.2.3.1. Intenção.....	235
6.2.3.2. Modal.....	235
6.2.3.3. Aspectual.....	235
6.2.3.4. Causativo.....	236
6.4. Construções verbais com o verbo <i>to</i> ‘fazer’.....	236
7. Conclusão.....	241
8. Anexo: Texto mítico “o Sol e a Lua”.....	245
9. Referências Bibliográficas.....	269

Agradecimentos

Em um sem número de muitos livros (e teses) que li, observei que na parte dos agradecimentos, sempre havia a idéia de que “um livro (ou uma tese) nunca é escrito sozinho”. Talvez “na tipologia do trabalho de tese” este seja um dos universais. O presente trabalho, não fugindo à tipologia ora mencionada, realmente não poderia ter sido realizado sem o apoio de muitas pessoas e de várias instituições, cujo auxílio logístico e/ou financeiro foi de vital relevância para a sua feitura.

No plano institucional, agradeço ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV), do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA) pela licença para estudos que me foi concedida; agradeço à CAPES pela Bolsa-PICDT no Brasil e pela Bolsa PDEE, do estágio-sanduiche na Austrália; à Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem; à La Trobe University, Research Centre for Typology Linguistic – Institute for Advanced Study.

No plano pessoal, agradeço primeiramente aos parkatêjê, pela carinhosa acolhida, em especial aos meus incansáveis professores cacique Krôhôkrenhũm, Piare, Rõnore (minha mãe), Jõkântýtÿre (meu pai), Poiarêtêti (minha irmã mais velha), e a todos da Comunidade, que me adotaram como **ituwa** e que, com alegria e paciência, me ajudaram a entender um pouco sobre sua língua e seu universo cultural.

Agradeço ao meu amado filho Samuel Maurício, amigo e companheiro, por não me deixar esquecer de que há vida além da Lingüística. A ele, dedico este trabalho com afeição, como uma assinatura de amor, como vi uma vez escrito em algum lugar...

Agradeço à minha mestra Profa. Dra. Lucy Seki. Lucy foi aquela orientadora enérgica, mas também entusiasmada, compreensiva e generosa que, entre tantas outras coisas, me empurrou para a frente sempre. Sua experiência como lingüista, professora e pesquisadora, partilhada no dia-a-dia, foi um dos melhores livros ao qual pude ter acesso. Talvez nem ela imagine o quanto foi fonte de inspiração para mim.

Agradeço muito à Profa. Dra. Sasha Aikhenvald que me recebeu calorosamente no RCLT, tendo sempre as palavras de incentivo na hora certa. A ela agradeço a orientação quase semanal, as lições de partilha intelectual, o carinho ‘brasileiro’ em um país estrangeiro...

Também devo muito à Profa. Dra. Leopoldina Araújo... Tantas coisas: o convite para trabalhar com a Comunidade Indígena Parkatêjê, que me devolveu o entusiasmo e a alegria pelo trabalho lingüístico. Agradeço-lhe a confiança, a ajuda, as consultas *on-line*, o carinho, o incentivo, a troca de experiências, a palavra positiva.

Agradeço aos professores do IEL, muito especialmente à Profa. Dra. Ingedore Koch, ao Prof. Dr. Jairo Nunes, ao Prof. Dr. Kanavilil Rajagopalan, ao Prof. Dr. Jonas Araújo, à Profa. Dra. Tania Alkmin e à Profa. Dra. Anna Christina Bentes, leitores atenciosos de minhas qualificações fora da área de tese.

Agradeço ao Prof. Dr. Angel Corbera Mori e ao Prof. Dr. Ataliba Castilho, participantes de minha banca de qualificação de tese, que contribuíram para que este trabalho pudesse ser apresentado na forma em que se encontra.

Agradeço aos meus colegas do DLLV e do DLLE da UFPA, pela consideração, em especial à Profa. Graça Leal, que me auxiliou na correção do texto. Aos colegas do doutorado na Unicamp, agradeço a convivência dos anos de curso. Agradeço também aos professores visitantes e aos colegas do RCLT da La Trobe Uni, especialmente ao Prof. Dr. Bob Dixon, diretor do Centro, e de forma bem carinhosa à Josephine Daguman, ao Antoine Guillaume, à Dra. Tonya Stebbins, à Dra Catherine Travis, ao Prof. Dr. Bob Rankin e à Dra Regina Pustet.

Agradeço também à Dra. Iara Ferraz pela leitura e sugestões ao capítulo introdutório da tese.

Um obrigado especial aos 'jeólogos' Eduardo Ribeiro e Luciana Dourado, pelas dicas de leitura e discussões de dados.

Também agradeço aos meus alunos dos cursos de graduação e de pós-graduação, que me ajudaram a crescer profissional e pessoalmente no decorrer de minha vida na UFPA.

Ter duas famílias é simplesmente o que há de bom! Assim, agradeço à minha família, em especial ao meu pai Messias e à Fafá, que sempre se orgulharam muito do que eu estava fazendo (mesmo sem entender muito bem do se tratava...). À minha família japonesa, *Doomo Arigato!* Não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que me ajudaram a cuidar do Samuel: Messíria, Nira, Fatima, Wendy/Glenn e Penny Pirdis.

Agradeço, ainda, de todo o coração, a todos aqueles amigos, anjos inomináveis que me ajudaram, direta ou indiretamente, a concluir, ainda sã, essa fase da minha formação acadêmica...

Resumo

Esta tese de doutoramento descreve aspectos morfossintáticos da língua Parkatêjê, pertencente ao tronco Macro-Jê, a qual é falada por dois grupos que vivem em duas aldeias distintas, localizadas no sudeste do Estado do Pará, ao longo da BR-222 – uma vive no km 30 e outra no km 25 – somando um total de aproximadamente 400 pessoas. Os dados utilizados neste estudo provêm de pesquisa de campo realizada na reserva Mãe Maria (município de Bom Jesus do Tocantins) com falantes do grupo não oriundo do Maranhão. Embora a pesquisa propriamente dita tenha iniciado somente em janeiro de 2000, foram realizadas meia dúzia de viagens ao campo daquela data até o presente.

Partindo de uma perspectiva funcional-tipológica, foram descritos e analisados aspectos centrais da morfossintaxe: as classes de palavras; a sintaxe das sentenças independentes; o sistema de marcação de caso nessas sentenças; alguns mecanismos de derivação verbal; o fenômeno da incorporação nominal e as construções verbais seriais. Verifica-se que a língua Parkatêjê é uma língua de marcação no núcleo e que, exatamente por isso, tem um sistema sofisticado de indicar as relações entre núcleos e argumentos, quando há re-arranjos na sintaxe usual de suas estruturas. No caso de nomes e verbos (transitivos e intransitivos não-ativos), por exemplo, isso é feito através dos prefixos relacionais.

Palavras-chave: 1. Língua Indígena; 2. Gramática; 3. Morfossintaxe; 4. Incorporação;
5. Serialização

Abstract

This thesis presents a typological-functional morphosyntactic description of some aspects of the Parkatêjê language, which belongs to the Macro-Jê stock. The Parkatêjê language is spoken by approximately four hundred people who live in two neighbouring villages on BR-222 highway, in the southeast of Para state. The data used in this thesis were collected in Mãe Maria village, located on km 30 of this highway. This work depicts the description of: (i) word classes; (ii) the syntax of simple sentences; (iii) the case-marking system; (iv) some mechanisms of verbal derivation; (v) nominal incorporation phenomena, and (vi) serial verb constructions. Parkatêjê is a head-marking language and it presents a very interesting system for indicating the relationship between heads and arguments. In the case of nouns and some transitive and non-active intransitive verbs, for example, this relationship is shown by relational prefixes.

*Lista de quadros**Página*

Quadro 1:	Grupos etários e faixa de idade aproximada	22
Quadro 2:	Inventário fonológico do Parkatêjê: consoantes	36
Quadro 3:	Inventário fonológico do Parkatêjê: vogais	36
Quadro 4:	Prefixos relacionais com os nomes	54
Quadro 5:	Pronomes livres e dependentes	61
Quadro 6:	Pronomes livres	62
Quadro 7:	Elementos pronominais em suas funções sintáticas	63
Quadro 8:	Pronomes demonstrativos	66
Quadro 9:	Formas interrogativas	77
Quadro 10:	Tipos de verbos S _{io} existentes em Parkatêjê	98
Quadro 11:	Características básicas dos verbos intransitivos em Parkatêjê	100
Quadro 12:	Prefixos relacionais com os verbos	102
Quadro 13:	Formas estendidas e não-estendidas de alguns verbos	115
Quadro 14:	Combinação das partículas de tempo e aspecto	132
Quadro 15:	Evidenciais	137
Quadro 16:	Semântica dos evidenciais	137
Quadro 17:	Posposições	139
Quadro 18:	Advérbios locativos	145
Quadro 19:	Advérbios temporais	146
Quadro 20:	Orações intransitivas simples	162
Quadro 21:	Orações transitivas simples	165
Quadro 22:	Características de predicados não-verbais	170
Quadro 23:	Conjunções – marcas de <i>switch-reference</i>	182
Quadro 24:	Paradigma de um verbo ativo e de um verbo não-ativo	186
Quadro 25:	Cisão condicionada pela natureza semântica do verbo	188
Quadro 26:	Ocorrência dos verbos com os elementos pronominais	189
Quadro 27:	Cisão condicionada pelas categorias de TA(M)	191
Quadro 28:	Elementos pronominais: função x forma verbal	193
Quadro 29:	Elementos pronominais singular: função x forma verbal	194
Quadro 30:	Elementos pronominais plural: função x forma verbal	197
Quadro 31:	Termos de classe	222
Quadro 32:	Termos de classe para alguns itens da fauna	224
Quadro 33:	Estrutura de uma construção serial verbal	227

Abreviaturas

1	=	primeira pessoa do singular
1Enf	=	primeira pessoa do singular enfática
2	=	segunda pessoa do singular
1PlIncl	=	primeira pessoa do plural inclusiva
1PlExcl	=	primeira pessoa do plural exclusiva
A	=	sujeito de verbo transitivo
Abs	=	absolutivo
Acu	=	acusativo
Adit	=	aditivo
Agt	=	nominalizador agentivo
Aten	=	atenuativo
-Aum	=	aumentativo
Ben	=	benefactivo
Caus	=	causativo
Com	=	comitativo
Conj	=	conjunção
Cont	=	continuativo
Dat	=	dativo
Dem	=	demonstrativo
DemPl	=	demonstrativo plural
-Dim	=	diminutivo
Dir	=	direcional
DS	=	sujeitos diferentes
Du	=	dual
Dub	=	dubitativo
DuPl	=	dual plural
FE	=	forma estendida
FNE	=	forma não-estendida
Enf	=	ênfase
Erg	=	ergativo
ErgPl	=	ergativo plural
Evi	=	evidencial
Excl	=	exclusivo
Exort	=	exortativo
Fin	=	finalidade
Frust	=	frustrativo
Fut	=	futuro
Incl	=	inclusivo
Incompl	=	incompletivo
Ind	=	indefinido
Instr	=	instrumental
Int	=	interrogativo
Intens	=	intensificador
Iter	=	iterativo
Itj	=	interjeição
<i>lit.</i>	=	literalmente
LN	=	locução nominal
Loc	=	locativo
LP	=	locução posposicional
LV	=	locução verbal
Mal	=	malefactivo
Mir	=	mirativo
Neg	=	negação

NegExist	=	negativo existencial
Nom	=	nominativo
Nomz	=	nominalizador
N.Pr.	=	nome próprio
O	=	objeto direto
Obl	=	obliquo
Onc	=	objeto não-contíguo
Pas	=	passado
PD	=	partícula discursiva
Perd	=	perdurativo
Pl	=	plural
PDep	=	pronome dependente
Pos	=	posse
Posp	=	posposição
Pot	=	potencial
Pro	=	pronome
PR	=	passado remoto
PrEnf	=	pronome enfático
Quant	=	quantificador
Rec	=	recíproco
Refl	=	reflexivo
Rel-	=	relacional
Rcompl	=	ação recentemente completada
Rog	=	rogativo
RV	=	raiz verbal
Sa	=	sujeito de verbo ativo
S _{Der}	=	sujeito derivado
Sio	=	sujeito de marcação não-canônica
So	=	sujeito de verbo descritivo
SS	=	sujeitos idênticos
Voc	=	vocativo

Introdução

1. Considerações sobre o povo e sobre a língua Parkatêjê

A língua Parkatêjê, falada atualmente em duas aldeias, ambas localizadas no município de Bom Jesus do Tocantins, sudeste do estado do Pará, trinta quilômetros ao sul de Marabá, é uma língua da família Timbira, pertencente ao tronco Macro-Jê, família Jê (Rodrigues, 1999:167). A aldeia ‘original’ em que habitava toda a comunidade - conhecida como Área Indígena Mãe Maria ou Kupëjipokti, entre os índios, - fica no km 30 da rodovia BR 222, enquanto a outra aldeia fica no km 25 da mesma rodovia.

De acordo com a antropóloga Iara Ferraz (em comunicação pessoal), Parkatêjê é uma forma de denominação de vários grupos. Assim, neste trabalho, estarei me referindo ao povo assim conhecido, independentemente dos grupos que o formaram, conforme será visto a seguir.

O povo que vive nas duas aldeias – cerca de quatrocentas pessoas¹ – é considerado “remanescente”² de três grupos que viveram naquela região: os Rôhôtêjê (‘turma’ do Cocal), os Kyjkatêjê (grupo da Ladeira Vermelha ou ‘turma’ do Maranhão) e os Akrâtikatêjê (‘turma’ da Montanha). A língua indígena, no entanto, é falada por somente 10% dessa população de mais ou menos quatrocentas pessoas.

¹ Não há nenhum censo recente, mas tal informação consta dos relatórios da administração da Associação Indígena “Amjiptar kaxuwa”, que funciona na aldeia Kupëjipokti (Reserva Mãe Maria) no km 30.

² Ferraz (em comunicação pessoal) chamou-me a atenção para o fato de esta ‘concepção’ de tratá-los como “remanescentes” ser oriunda do Estado, do SPI, da FUNAI, podendo ser verificada nos trabalhos de Arnaud. Em contrapartida, Ferraz discute, em sua tese de doutorado datada de 1998, exatamente as manifestações de identidade e cultura que acabam sendo “sobrevivências culturais”.

A atual situação sociolinguística dos Parkatêjê reflete a história desse povo, sua saga, sua sobrevivência na floresta, suas lutas internas, bem como as inúmeras epidemias, que quase os dizimaram completamente. A junção dos três grupos em uma só aldeia está relacionada à história comum de disputas internas - uma das causas era a posse de seu território tradicional, que sempre foi alvo de desavenças - e de disputas com os não-índios que viviam em derredor; mas também à existência de várias facções - a seu próprio modo de ser (cf. Ferraz, 1998; Arnaud, 1975).

De acordo com Ferraz, “a aproximação definitiva em relação aos *kupê* - ‘os cristãos’; ‘civilizados’ ou simplesmente ‘outros’ – foi “a única possibilidade de sobrevivência física para os componentes do grupo do Cocal, localizado, então nas cabeceiras do rio Praia Alta, no município de Itupiranga.” (cf. Ferraz, 1993:22)

Ainda segundo a referida pesquisadora e de acordo com os relatos dos próprios índios, após a morte do chefe político desse grupo, Krôhôkrenhũm, um jovem cantor naquele tempo, decidiu ir ao encontro dos não-índios, para, “logo em seguida, antecipar o fim”. (cf. Ferraz 1993:22). Naquele momento, o grupo não tinha mais que vinte componentes, a maior parte dos quais era constituída por crianças e adolescentes – entre cinco e dezesseis anos de idade (seis mulheres e sete homens), que foram entregues à famílias de comerciantes e funcionários públicos em Itupiranga e em Marabá, por intermédio do dominicano Frei Gil Gomes Leitão, vinculado à Prelazia de Marabá, por decisão do jovem Krôhôkrenhũm, que naquele momento estava convencido de que o fim era sobranceiro.

Os mais velhos foram levados para o Posto Indígena Mãe Maria, por volta de 1964, graças à atuação do SPI, após cerca de quatro meses de estadia num barracão da Prefeitura em Itupiranga, onde eles sobreviveram prestando serviços à comunidade local, tais como, carregar água, cortar lenha (cf. Ferraz, 1993). Além disso, ainda de acordo com Ferraz (em comunicação pessoal), “a exploração da castanha foi o motor para muitas remoções forçadas”.

O grupo Akrãtikatêjê, também bastante reduzido, fixou-se às imediações da cidade de Tucuruí, onde hoje existe a barragem da usina hidrelétrica. E o terceiro grupo, os Kyikatêjê, refugiou-se às proximidades da cidade de Imperatriz do Maranhão, a montante do rio Tocantins.

A reunião desses três grupos em um único deu-se nos anos 70. Em 1969, os Kyikatêjê foram levados para a área Mãe Maria pela FUNAI.

Quando a professora Leopoldina Araújo iniciou seu trabalho de pesquisa com a língua, em 1974, havia dois grupos no Posto: os que se autodenominavam Parkatêjê (Rôhokatêjê e Akrâtikatêjê), que constituíam a ‘turma’ de baixo (tendo como referência o rio Tocantins) ou grupo do Trinta (assim chamado por estarem vivendo no quilômetro 30 da rodovia PA-70); os Kyjkatêjê, que significa ‘turma’ de cima (do rio Tocantins), grupo constituído pelos índios que habitavam a Ladeira Vermelha, também conhecido como grupo do Maranhão, por ter vivido em uma região limítrofe entre esse Estado e o Estado do Pará.

Segundo Araújo (1977:7), àquela altura, o grupo dos Kyjkatêjê era ainda quase completamente monolíngüe – o que os diferenciava bastante dos Parkatêjê, que já falavam maciçamente a língua portuguesa. Araújo, que realizou seu trabalho de pesquisa lingüística no período de 1974 a 1977, relata que já eram notáveis as mudanças nas atitudes desse último grupo tanto com relação à sua língua quanto com relação à sua cultura propriamente dita. Naquela época, de acordo com a pesquisadora, tornou-se evidente um movimento no sentido de revalorizar o idioma e a cultura, marcado também pelo fato de os índios terem assumido sozinhos o controle da atividade de comercialização da produção de castanha, independentemente do órgão tutelar (cf. Araújo, 1977:8). Para Ferraz (1993:30), o líder Krôhökrenhũm retomava seu projeto de recuperação do grupo.

No ano de 1980, tendo morrido o último chefe tradicional dos Kyjkatêjê, esse grupo incorporou-se finalmente ao dos Parkatêjê, passando todos a serem reconhecidos como constituindo a razão social “Comunidade Indígena Parkatêjê”, principalmente por motivos de ordem econômica, já que eles começavam a administrar a produção de castanha sozinhos, embora no seio da comunidade estivesse claro quem era quem, ou seja, a que grupo cada indivíduo pertencia.

Se por um lado, a junção dos dois grupos em uma única “Comunidade” e a independência em termos econômicos foram fatos positivos, por outro, o contato com a sociedade envolvente repercutiu muito nessa cultura. As crianças não estão aprendendo o Parkatêjê como sua primeira língua, mas sim o português. Isso coloca o Parkatêjê em

uma situação de risco, sobretudo se se considerar que somente cerca de 10% dos adultos falam a língua indígena (cf. Crystal, 2000:19, para sintomas de línguas em perigo de extinção). A junção dos dois grupos favoreceu o aumento populacional, que, por sua vez, possibilitou a recuperação dos sistemas de metades rituais (Pàn ‘arara’ x Håk ‘gavião’ – metades existentes nas cerimônias do grupo) que estavam em franco declínio pela falta de representantes. (cf. Araújo, 1989).

Os membros da primeira geração - geração mais velha - ainda falam a língua majoritariamente, principalmente quando estão em interação com índios da mesma faixa etária, em suas atividades diárias. Porém, também usam a língua portuguesa quando em interação com os filhos, com os netos e bisnetos, ou com os *kupê*³ que vivem na aldeia, seja como trabalhadores, seja como “parentes”, devido aos casamentos interétnicos.

Os membros da segunda geração falam tanto o português quanto o Parkatêjê, tendendo a falar cada vez mais o português, e a terceira geração fala basicamente o português, demonstrando até mesmo um certo desinteresse em aprender o Parkatêjê, por ver o restabelecimento da língua à luz da seguinte linha de pensamento: “para que vou aprender a gíria⁴, se nos meus estudos o que vai valer é o português?”. Vê-se aí o que Ferraz (em comunicação pessoal) chama de “aprendizado do português reforçado e estimulado pela escola e pela política integracionista da FUNAI”. O quadro abaixo mostra as gerações e a faixa de idade aproximada de cada uma delas:

Quadro 1: Gerações e faixa de idade aproximada⁵

Geração	Idade
1ª	50-70
2ª	30-49
3ª	00-29

³ Kupê: denominação dos parkatêjê para os não-índios.

⁴ Gíria é um termo utilizado por várias etnias para designar sua língua indígena. O termo apresenta uma forte carga de desprestígio.

⁵ Ferraz (em comunicação pessoal) sugere que talvez fosse interessante explicitar o bilingüismo por “geração” e observa que se pode considerar a existência de quatro gerações, em vez de três – duas mais antigas e duas nascidas na Reserva Mãe Maria. Entretanto, dadas as limitações de tempo e o escopo deste trabalho, não detalharei essas questões. Concordo com a referida pesquisadora sobre o número de quatro gerações, mas preferi manter três somente, a fim de simplificar esta análise, visto que as duas gerações nascidas na aldeia Mãe Maria (Kupêjipokti, no km 30), aparentemente não apresentam muitas diferenças quanto ao seu grau de bilingüismo.

Na verdade, as gerações subseqüentes à primeira, a meu ver, vivem uma grande crise de identidade, e essa crise tende a ser maior, conforme os índios se afastam das atividades tradicionais, de sua cultura e da língua de seus pais. Em determinados momentos, eles se consideram índios plenamente. Em outros, hesitam, visto que a linha tênue que os separa dos *kupê* fica quase apagada em situações cotidianas de interação com estes, seja na escola fora da aldeia, seja na própria aldeia. No fundo de toda essa questão, está o sentimento de desvalor impresso na ideologia que considera o “ser índio” e o falar uma língua indígena, minoritária, “primitiva”, algo que deve ser deixado de lado, que deve ser esquecido.

Posso ilustrar essa afirmação com um fato relatado por uma jovem senhora. Sua filha menor de seis anos, ao ver uma festa tradicional na aldeia, disse-lhe: “- Puxa, mamãe, eu queria tanto ser índia que nem a vovó!” A mãe, então, perguntou: “- Mas tu não és índia, menina? O que tu és, então?”. Ao que a menina lhe respondeu: “- Eu sou *kupê*, mãe! Eu nem falo mais na *gíria*!”.

Além disso, a geração mais nova é notadamente mestiça, resultante da miscigenação de índios com não-índios, tanto mulheres quanto homens. Em todos os casos de filhos de homens não-índios, os pais (homens) não vivem na aldeia. Em contrapartida, as mulheres *kupê* que tiveram filhos com homens índios viveram ou vivem em uma das duas aldeias com seus maridos. Houve vários casamentos interculturais na aldeia não somente entre indivíduos dos grupos que deram origem à “Comunidade” em si, como também entre indivíduos de distintas etnias: Pykobiê, Tembê, Canela, Guarani e não-índias. Algumas mulheres índias tiveram filhos com homens não-índios, não chegando a constituir família com eles. Tais ‘uniões’, entretanto, propiciaram um substancial aumento populacional na “Comunidade”.

A situação sociolingüística na área somente não se torna mais complexa porque a língua portuguesa é a língua usada majoritariamente. Essa língua hoje infiltra-se em todos os recônditos de interação social desse povo, servindo-lhe como instrumento de comunicação diária.

No ano de 1993, por iniciativa da “Comunidade”, foi iniciado um projeto de educação dentro da área, com o apoio da SEDUC (Secretaria de Educação do Pará) e da

Companhia Vale do Rio Doce. As pesquisadoras Leopoldina Araújo (lingüista) e Iara Ferraz (antropóloga) foram convocadas pelo chefe tradicional para conduzir esse empreendimento.

Naquele ano, foi construído um prédio à parte para a escola. O projeto previa a escolarização de 1^a a 4^a séries primárias, com ensino em português e em Parkatêjê, isto é, tratava-se de uma escola bilíngüe. Uma equipe de professores da SEDUC, ministrantes das disciplinas língua portuguesa, matemática, estudos gerais e ciências, assistiu a vários cursos de formação com diferentes professores das áreas específicas, visto que o projeto visava à interdisciplinaridade, ao trabalho conjunto intensivo e extensivo das disciplinas. O projeto previa, exatamente por essa razão, uma escola diferenciada da escola dos não-índios.

A escola funcionou por quatro anos e incentivou mudanças positivas, ainda que não suficientes, no que se refere à preservação da língua e da identidade étnica. Houve grande evasão, sendo a crítica principal a esse projeto a de que “a escola não era igual à dos *kupẽ*, dos não-índios”. Apesar de todos os entraves, oito índios concluíram o curso de 1^o grau com sucesso. Inúmeros deles continuaram seus estudos, dois deles estando em vias de prestar vestibular no presente momento.

Os parkatêjê enfrentam as novas situações que a eles se impõem no dia-a-dia com seu jeito particular de ser. Em sua filosofia, o importante é a ‘tentativa para ver se vai dar certo’. É sempre preciso tentar primeiro. Assim sendo, o projeto da escola, visto por essa ótica, foi uma primeira tentativa de escolarização bilíngüe. Após quatro anos de trabalho, em razão do falecimento do irmão mais moço do chefe, maior incentivador e idealizador da escola, o chefe solicitou que o projeto parasse, a fim de que fosse avaliada a sua utilidade, necessidade, desempenho, entre outros pontos. Permaneceram funcionando somente as chamadas séries fundamentais, incluindo as aulas de Parkatêjê, ministradas por dois falantes nativos da língua, Piare e Payaré.

Após quatro anos sem aulas na escola, novamente a ‘Comunidade’ solicitou à SEDUC/Pará a reativação da escola, que atualmente conta com uma equipe de professores não-índios para o ensino de 5^a a 8^a séries, e com quatro professores indígenas que lecionam da 1^a à 4^a séries do ensino fundamental. A escola agora está funcionando em ritmo *kupẽ*. Uma outra tentativa...

Outros fatores concorreram para alterar a situação lingüística da ‘Comunidade’ como um todo, entre eles destacam-se: (i) a construção da rodovia BR-222 (antiga PA-70), através da qual a cultura ocidental adentrou os núcleos familiares; (ii) o uso da televisão e do rádio, em conseqüência da chegada da energia elétrica, bem como o confronto com a Eletronorte por causa da passagem das linhas de transmissão, cortando a reserva, o que mudou radicalmente muitos outros dos antigos hábitos e costumes dos Parkatêjê, como, por exemplo, a utilização dos igarapés para os vários banhos diários, já que a água passou a ser retirada de um poço artesiano e encanada para todas as casas da aldeia.

Cada um desses fatores, isoladamente, não constitui, de fato, um motivo para as mudanças que ocorreram na ‘Comunidade’. Entretanto, olhá-los em conjunto propicia um quadro bastante elucidativo acerca das questões sociolingüísticas hoje vividas pela Comunidade Indígena Parkatêjê, como, por exemplo, a substituição da língua nativa pela língua portuguesa.

Por outro lado, a reunião dos grupos em um único assegurou um contexto em que o desejo de ver o povo aumentar, falar sua língua e vivenciar sua cultura tornou-se o anseio de todos. Todavia, embora os grupos que constituíram a grande ‘Comunidade Parkatêjê’ tenham convivido por quase trinta anos em um só local, as diferenças entre eles nunca deixaram de existir, ainda que não tenham representado um grave problema. De fato, uma das reivindicações dos Kyikatêjê, o grupo do Maranhão, sempre foi possuir uma terra sua.

Em julho de 2001, um conflito entre o chefe tradicional e um jovem líder acarretou uma crise na ‘Comunidade’, que acabou resultando em uma nova cisão. Um ciclo se fecha, outro se abre. Assim, o grupo do Maranhão hoje vive no km 25, enquanto os outros permanecem no km 30, muito embora tenha havido muitos casamentos entre os descendentes de ambos os grupos.

2. Conhecimento cultural

Os Parkatêjê são conhecidos como índios castanheiros e a influência da castanha-do-pará pode ser sentida em todos os planos da cultura desse povo. Na culinária, por

exemplo, há pratos salgados e doces, cuja base é a castanha-do-pará. Entre eles, o jabuti no leite da castanha, o *kôtay*⁶, que é um suco de cupuaçu com leite de castanha. Muito da culinária usada atualmente foi aprendido com os regionais, principalmente as iguarias cozidas. Na Reserva, ainda é possível caçar pacas, tatus, antas, porcos-do-mato e aves, tais como arara, tucano, gavião, pegar peixes como o tamuatá, o poraquê e o mandí. Assim, é possível cozer todas as carnes de caça, bem como peixes no leite da castanha.

Os Parkatêjê também comem freqüentemente o kuputi, um bolo de massa de mandioca ou de milho, que pode ser recheado com as mais diversas carnes de caça. O kuputi é enrolado em folhas de guarumã e assado numa espécie de forno feito com pedras, as quais são cobertas com terra e palha. O fogo é aceso por sobre as palhas secas. Há um tipo de kuputi, que é feito com o milho ralado, misturado com a castanha-do-pará também ralada, sem nenhuma adição de sal ou de açúcar. Eles também comem a kwyrkô, a macaxeira molhada, que é a macaxeira preparada da seguinte forma: eles colhem a macaxeira e deixam-na de molho no rio por um dia e uma noite inteiros. Após isto, a retiram-na do molho e a descascam, despedaçando-a em pequenos filetes. Além da castanha-do-pará, eles também consomem bastante o amendoim nativo.

Como outros povos da família lingüística Jê, os Parkatêjê têm uma concepção de mundo centrada em si mesmos e bastante arraigada na concretude desse mesmo mundo. Tal concepção pode ser compreendida a partir da visão “nós”, referidos quase sempre por palavras com os formativos *mẽ* ou por *jê*⁷, cujo sentido básico é ‘gente’, no caso, ‘índios’.

Como não se conhece o período anterior ao contato e a vida cerimonial plena desses povos, não se pode afirmar quase nada sobre os aspectos da mitologia e das práticas xamanísticas por eles utilizadas, muito embora ainda sobreviva a figura do pajé, do curandeiro na cultura deles. Também, é possível se ouvir as histórias sobre a criação do mundo em que os personagens centrais são o Sol e a Lua. Nessas narrativas, o Sol e a Lua eram companheiros inseparáveis, e a Lua, audaciosa, invejosa e atrapalhada, teimava em imitar o Sol em suas atividades, provocando quase sempre acidentes, cometendo erros por conta de seus descuidados atos. Os parkatêjê deixam bem claro que “eles eram dois,

⁶ *kôtay* é a palavra para designar cupuaçu, entretanto, por extensão, os parkatêjê usam o termo para referir-se ao suco do cupuaçu batido no leite da castanha.

⁷ Os morfemas *jê* e *mẽ* são encontrados na denominação de outros povos Jê.

não eram casal”. Após inúmeros problemas causados pelos erros da Lua, eles decidiram separar-se, o Sol muito zangado com a Lua. Essa separação foi o que deu origem ao dia e à noite.

Há ainda a história da criação de todos os tipos de vegetais e frutos comestíveis. Segundo esse mito, todos os vegetais nasciam em uma mesma árvore muito frondosa. Havia, porém, uma regra para a colheita desses vegetais: eles deveriam ser colhidos de acordo com as necessidades diárias, isto é, não era necessário armazenar os alimentos. Mas, por causa da ganância de alguns índios, que teimaram em tirar mais vegetais do que precisavam um certo dia, a divindade deles decidiu destruir a grande árvore, fazendo cada tipo de vegetal nascer de sua árvore específica, em diferentes períodos do ano, a partir desse episódio.

Contam ainda histórias acerca da origem dos diferentes animais, os quais nada mais são que índios antigos que viviam na Terra. Um dia, os índios estavam passeando e vários deles sofreram transformações, de acordo com certas características pessoais. Por exemplo, alguns deles gostavam de andar em bandos, então foram transformados em porcos, porque os porcos também gostam de estar em bandos. Alguns deles não queriam mais ser índios, logo foram transformados em *kupê*, por isso certos *kupê* (como é o meu caso, enfatizado por eles) têm o cabelo tão liso quanto o cabelo dos índios.

Um outro mito explica a origem do fogo, que pertencia primeiramente à Onça, a qual, ludibriada por um grupo de índios, passou a comer carnes cruas, enquanto eles passaram a comer seus alimentos assados ou cozidos.

Da formação geográfica da área, pouco tive oportunidade de saber, a não ser que a área era muito maior que a área atual (o que é um fato comum, em se tratando de terra indígena). Além disso, obtive informações que considero relevantes para futuras investigações interdisciplinares e para o conhecimento desse povo. Uma delas está representada em um mapa desenhado pelo chefe com meu auxílio que mostra se não toda, uma grande parte da bacia hidrográfica da área de seu território tradicional, incluindo aldeias antigas, aldeias temporárias utilizadas somente para ‘pernoites’, cada local com a toponímia em língua indígena. Esse material está em processo de digitalização a fim de possa ser reproduzido em edição bilíngüe, a fim de poder circular como documentação lingüística e histórica. O mapa 1 (em anexo) é do Ministério do Exército, Departamento

de Engenharia e Comunicações, em que se tem as mesmas informações fornecidas pelo chefe, porém sem as distorções naturais e compreensíveis de quem conhece o território como a palma de sua mão, mas que sempre circulou a pé, sem ter assim a visão do alto, de cima, dada pelos satélites.

Das várias cerimônias que antigamente eram realizadas como, por exemplo, a Festa do Pẽmp, poucas ainda subsistiram.

A Festa do Pẽmp é o ritual de iniciação dos meninos no universo masculino. Esses (pré-)adolescentes, na faixa etária de 10 a 14 anos, ficam durante cerca de três meses separados em um acampamento no mato, aprendendo a caçar os diferentes tipos de animais, aprendendo a pescar, aprendendo a observar a natureza e a compreender seus segredos, mistérios e sinais sobre o bom tempo para plantar, colher, obter determinados tipos de palha, madeira para a confecção de casas, entre outras atividades. Em outras palavras, eles aprendem a forma pela qual devem se portar como homens, guerreiros valorosos. Vários tabus estão ligados a esse ritual de iniciação. Um deles bastante sério diz respeito à ingestão de certos alimentos proibidos nesse período, como a carne do jabuti preto. A ingestão dessa carne pode mesmo levar os adolescentes à morte, segundo o tabu.

Um outro ritual que voltou a ser realizado é o da furação de beijo, o qual é feito nos rapazes por volta dos quinze anos de idade, com um osso fino de veado, pelos experientes pajés da aldeia.

Os parkatêjê também crêem em *mẽkarõn*, os espíritos, os que podem ser bons ou maus. No que se refere à religiosidade, pode-se perceber a imensa influência que as crenças de fundamento cristão têm ou tiveram sobre a cultura desse povo⁸.

Os parkatêjê possuem os sentidos da audição e da visão muito apurados. Suas descrições são bastante precisas, não sendo próprio de sua cultura expressar-se com ambigüidades ou falta de exatidão. São extremamente observadores e prestam muita atenção a detalhes de forma, localização e direção, o que pude experimentar em minha convivência diária com eles no decorrer de minhas estadas na aldeia. Tais detalhes podem, por exemplo, ser percebidos no conjunto bem como no uso das posposições na

⁸ No dia de finados do ano de 2001, pude ver muitos parkatêjê acenderem velas no cemitério indígena, talvez apenas para 'seguir' a tradição local dos regionais circunvizinhos.

língua. A partir da compreensão desse ‘saber ouvir e observar’, podem ser aprendidos todos os modos de bom comportamento na aldeia ou no mato.

Uma dessas regras de bom comportamento diz respeito ao “não andar sozinho” de forma alguma. Um dos mitos contados pelos parkatêjê é a história de uma índia que teimou em andar sozinha no mato e foi engolida por uma cobra. A moral dessa história é também que, se estamos sozinhos, podemos não perceber todas as nuances dos perigos que nos rodeiam; ao contrário, se estamos em dupla ou trio, fica mais fácil observar todos os sinais ou perigos existentes na natureza circundante. Tudo na aldeia é realizado em dupla ou em parceria, com um “companheiro”, como eles dizem. O jogo de flechas é em dupla; no mito da criação, o Sol e a Lua são parceiros. Enfim, estar acompanhado é uma das regras de ouro do bom comportamento parkatêjê.

Para expressar os números, há poucas palavras em Parkatêjê. De fato, eles contam até três. Daí até dez, o que se tem é uma combinação dos três numerais, talvez já criada pelos mais novos, motivados pelo contato com a nossa sociedade. Eles distinguem genericamente as quantidades ‘um’, ‘pouco’ e ‘muitos’, o que, a meu ver, pode ser observado claramente em seu sistema pronominal, bem como no uso de palavras para quantificar, o que será discutido no capítulo sobre classes de palavras.

O conceito de posse dos Parkatêjê é bem diferente do ocidental, e isso pode ser atestado na estrutura da locução genitiva, bem como nos diferentes tipos de nome que variam conforme a categoria de posse - nomes não-possuíveis, nomes alienável e inalienavelmente possuídos.

Um exemplo do conceito de posse refere-se à caça. Se um homem vai para o mato caçar, o que ele conseguir pegar nunca será seu. Ao contrário, ele vai caçar para os outros, um amigo, um parente, sendo mesmo proibido que ele coma daquilo que conseguiu trazer para a aldeia. Ao chegar da caçada, ele deixará o animal capturado no centro do pátio ou ainda em frente da casa da pessoa escolhida para receber aquele “presente”. O dono da casa e seus parentes devem, então, receber o “presente”, e o recebedor fica “devendo” um outro “presente” àquele que lhe ofereceu a caça, o qual lhe será “pago” tão logo seja possível. Nesse esquema, é possível um amigo declarar ao outro seu desejo de comer carne de paca ou de tatu, por exemplo. Os termos que eles utilizam para referir-se aos animais caçados são nomes não-possuídos, expressando assim

claramente que aquilo que conseguem obter como produto de caça ou de colheita não lhes pertence. É evidente que alguns, talvez, por influência da sociedade envolvente, já aceitam certas construções de posse contendo nomes de animais oriundos de caçadas e nomes de frutos provindos de colheita, mas a grande maioria usa a forma não-possuída.

Há inúmeras regras de evitação entre os parkatêjê, embora atualmente os mais velhos se queixem muito da não obediência dessas regras pelas gerações mais novas, muito influenciadas pelos conceitos e costumes ocidentais.

As regras preferenciais de matrimônio estão ligadas ao sistema de nomeação (nominação, para os antropólogos, segundo Ferraz - em comunicação pessoal) e, por isso, poder-se-ia dizer que o casamento entre eles era “arranjado”, isto é, os pais se encarregavam de dar sua filha em casamento a um rapaz mais velho do que ela, que já soubesse caçar e pudesse sustentar uma nova família e que no tempo determinado viria morar com os sogros em sua casa. Durante o período de noivado, o genro passava a dormir com a noiva, sem ter relações sexuais, a fim de que ambos se “acostumassem” um com o outro. Mais tarde, após estarem acostumados e após o ritual do casamento, as relações sexuais eram liberadas. Atualmente não estão mais ocorrendo casamentos dessa forma, visto que os índios estão namorando e casando ao modo *kupê*, isto é, eles escolhem um par, namoram e casam, embora ainda seja possível ouvir que “fulana estava prometida para o sicrano”, ou que “pela lei do índio, o marido da Fulana era o Fulano, mas ela (ou ele) casou com a Sicrana”.

Outra regra de evitação proibia o genro ou a nora de conversarem com o sogro ou com a sogra. Se a sogra ou o sogro quisesse obter um favor desses parentes, deveria pedi-lo por intermédio de uma terceira pessoa, nunca diretamente. O genro ou a nora deveria realizar aquilo que lhe foi solicitado.

O sistema de nomeação (ou nominação), de acordo com Ferraz (em comunicação pessoal), é central na organização social dos grupos Jê-Timbíra. Quando nasce uma criança, seu nome lhe será dado por uma irmã paterna, se menina, ou por um irmão materno, se menino. O nome é sempre uma qualidade (boa ou má) do nomeador. Por exemplo, “aquela que chora por qualquer coisa”, ou “aquele que é bom de corrida de tora”, ou ainda “aquele que, quando fica bravo, não come”. (cf. Araújo e Ferreira, 2001). Juntamente com o nome, a criança recebe por herança seu credenciamento à mesma

metade ritual à qual pertence o seu nomeador – *hàk* “gavião” ou *pàn* “arara”, bem como a categoria à qual pertencerá na Festa do Tep – lontra, peixe ou arraia . Pertencer a essas categorias implica usar determinado tipo de pintura corporal nas festas rituais. Além disso, uma menina nomeada por uma mulher é também esposa, em potencial, do marido de sua nomeadora. Tudo indica que se trata de um princípio organizacional da comunidade, que, a meu ver, deve remontar às gerações mais antigas e que subsiste até hoje.

O nomeado recebe de seu nomeador todos os seus amigos formais, os quais serão exatamente os mesmos de seu nomeador – os *krixwya*, termo vocativo usado pelas mulheres para chamar os amigos formais do sexo masculino e *hàpynire*, usado pelos homens para chamar as amigas formais.

Os amigos formais devem ser respeitados, o que significa dizer que também entre eles há regras de evitação. Amigos formais não podem conversar, não podem sequer olhar-se diretamente nos olhos. Se um vem por um caminho e o outro o avista, ao longe, deve desviar-se do caminho tão logo seja possível. Podem até estar num mesmo ambiente, se assim for inevitável, mas todo e qualquer contato, mesmo que somente visual, fica proibido, sob pena de morte por desrespeito a essa regra.

Conforme descrito pelos Parkatêjê, um amigo formal é um grande bem que uma pessoa pode ter. Alguém que tem muitos amigos formais é sobremaneira afortunado, pois eles tudo farão pelo bem-estar do seu amigo. Um dos exemplos que me foi dado é o seguinte: um marido enraivecido briga com a esposa e, num acesso de raiva, diz que vai matá-la; o *krixwya* / *hàpynire* do marido é a única pessoa que pode salvar a esposa, visto que, tão logo ele entre na casa, ou chegue ao lugar onde o casal esteja, o marido largará a mulher e a deixará em paz, pois não pode encarar o *krixwya* / *hàpynire*, sob pena de adoecer gravemente e até mesmo morrer.

Se um *krixwya* / *hàpynire* de alguém adoecer, seu(s) amigo(s) formal(is) deverá(ão) cantar no pátio⁹, faça sol ou faça chuva, até que seu amigo formal se recupere plenamente; ou ainda deverá(ão) passar pelo mesmo processo que levou o *krixwya* / *hàpynire* a adoecer, como, por exemplo, comer determinado alimento da mesma forma,

⁹ Pátio: lugar onde os homens se reúnem para conversar todas as noites sobre problemas cotidianos da aldeia ou mesmo para contar histórias antigas.

que levou o amigo formal a sentir terríveis dores de barriga, ou tomar banho de rio até ficar tremendamente resfriado tal qual seu amigo formal.

Não é permitido que uma moça ou um rapaz se case com alguém que foi nomeado por um de seus pais, pois, nesse caso, eles estarão cometendo incesto. O nomeado é pai ou mãe em potencial dos filhos de seu nomeador.

Há ainda algumas proibições vigentes na comunidade, como, por exemplo, a de caçar, para um homem que está com um de seus parentes adoentado. Os parkatêjê acreditam que, se alguém com um parente doente matar um animal no mato, essa pessoa estará matando o seu próprio parente. Da mesma forma, se um determinado inseto ou outro animal entra em uma casa, não se deve matá-lo, pois certamente aquele bicho é um parente falecido que está em visita aos parentes e amigos.

3. Estudos sobre a língua

Conforme já mencionado, o Parkatêjê é uma língua Timbira, do tronco lingüístico Macro-Jê. Devido à falta de estudos descritivos mais consistentes e detalhados sobre os vários aspectos dessa língua, ela tem sido considerada uma das partes de um conjunto de línguas referido por Rodrigues (1999:167), como o Apaniêkra, o Ramkókamekra, o Krahô, o Pykobiê (também conhecido como Gavião do Maranhão), o Krenye e o Krikati. A esse conjunto de línguas tem-se chamado “complexo dialetal Timbira”. Em diferentes graus, essas línguas são inteligíveis entre si. Assim, por exemplo, o chefe Parkatêjê afirma que, nas visitas bastante frequentes a distintas aldeias Krahô para participar de festas desse povo, cada um fala a sua própria língua, podendo todos, contudo, se comunicar entre si. Também índios Krahô, de diferentes aldeias, afirmam poder comunicar-se com os parkatêjê falando sua língua.

Há uma lista de palavras e orações simples, que teria sido gravada e transcrita por Patricia Ham, do SIL (Summer Institute of Linguistics). A lista, segundo informações nela escritas, teria sido gravada com Piare, um de meus auxiliares de pesquisa, na aldeia da Montanha, quando ele ainda tinha vinte anos de idade. Ele afirma que não se lembra desse trabalho. No ano passado, entrei em contato com Patrícia Ham via *e-mail*, a pedido de Piare, o qual gostaria de obter uma cópia da fita, para comprovar se ele teria realmente

feito a gravação, mas ela me informou que a fita já não mais existe nos arquivos do SIL. À exceção dessa lista, Ham nada escreveu sobre a língua Parkatêjê.

Os primeiros e únicos trabalhos lingüísticos descritivos feitos sobre a língua Parkatêjê são os da Profa. Dra. Leopoldina Araújo de 1977 e de 1989, além de outros trabalhos menores, bem como os da autora desta tese.

O primeiro trabalho de Araújo intitulado “Semântica gerativa da língua gavião-jê” é uma dissertação de mestrado, apresentada ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina, feita à luz da Teoria Gerativa, cujo modelo, na época, postulava as transformações que geravam estruturas diferentes para as orações dependendo de algumas de suas características. O trabalho apresenta, em um dos anexos, uma análise, de base *pikeana*, de aspectos da fonética e da fonologia segmental da língua. Essa análise fundamenta a proposta, incluída na dissertação, de uma ortografia prática¹⁰ para a língua, a qual é atualmente usada pelos parkatêjê.

O segundo trabalho de Araújo, datado de 1989, é sua tese de doutoramento, intitulada “Aspectos da língua gavião-jê”, que foi apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A tese apresenta, em seu primeiro volume, uma caracterização geral da língua de acordo com os postulados tipológicos de Greenberg (1966) e Lehmann (1973). O trabalho traz um esquema geral das classes de palavras da língua, com ênfase na classe de nomes e em alguns aspectos morfológicos concernentes a estes. Alguns aspectos das orações independentes foram apresentados em 1977 e em 1989, a partir de diferentes visões teóricas, já que o primeiro trabalho era de cunho gerativista e o segundo, uma descrição tipológica. O segundo volume da tese foi dedicado ao vocabulário que constitui a base do dicionário da língua a ser apresentado, em breve, por Araújo.

O presente estudo não tem como objetivo resumir esses dois trabalhos de Araújo, todavia, à medida que for necessário e relevante, mencionarei aspectos de um e de outro trabalho, dentro de cada seção em particular.

Em 1999, escrevi meus primeiros dois trabalhos sobre a língua Parkatêjê – somente com base nos dados encontrados nos trabalhos de Araújo (1977 e 1989). O

¹⁰ Essa ortografia foi publicada em 1993, numa coletânea de textos sobre educação indígena no Brasil. (cf. Seki, 1993)

primeiro deles foi apresentado em outubro, no V Seminário de Teses em Andamento do IEL (Unicamp) – uma breve comunicação intitulada “Aspectos gerais da morfossintaxe da língua Parkatêjê – primeiras hipóteses”. O segundo trabalho, apresentado em novembro, no II Seminário Nacional de Lingüística e Língua Portuguesa, na UFG, tinha como título “Evidências para os prefixos relacionais em Parkatêjê-Timbira”. No ano seguinte, já após minha primeira viagem ao campo, participei do XLVIII Seminário do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo), realizado na Unesp de Assis, onde apresentei dois trabalhos. Na sessão de comunicação coordenada denominada “Descrição da Ergatividade: Uma Aproximação entre Línguas Jê”, apresentei a comunicação “Descrição da ergatividade em sentenças simples do Parkatêjê” e, como comunicação individual, apresentei o trabalho “Descrição preliminar da situação sociolingüística dos Parkatêjê” – o qual foi posteriormente publicado na Revista do Museu Antropológico da UFG sob o título “Notas sobre a situação sociolingüística dos Parkatêjê”. Ainda em 2000, apresentei o trabalho “Aspectos funcionais e tipológicos das classes de palavras em Parkatêjê” no XV Encontro Nacional da Anpoll, na UFF, em Niterói – o qual foi posteriormente publicado no livro Estudos sobre Línguas Indígenas I, sob o título “Aspectos das classes de palavras em Parkatêjê: uma abordagem tipológico-funcional”. Durante meu estágio ‘doutorado-sanduíche’, no Research Centre for Linguistic Typology (RCLT), em 2001, na Austrália, pude apresentar dois trabalhos, nos seminários permanentes do RCLT na Universidade La Trobe – Case-marking system and typological properties in Parkatêjê e Remarks on Contact-Induced Change in Parkatêjê. Em outubro de 2001, durante o I Encontro Internacional do GT de Línguas Indígenas da Anpoll, na UFPA, a Profª. Leopoldina Araújo e eu apresentamos o trabalho “Predicados intransitivos em Parkatêjê”, o qual foi posteriormente publicado no livro Estudos sobre Línguas Indígenas II. Também escrito em co-autoria, o trabalho “Nomes próprios e nomeação em Parkatêjê: espelho das relações sociais”, foi apresentado no IX Simpósio de Letras e Lingüística, na UFU (Universidade Federal de Uberlândia). Em maio de 2002, participei de dois eventos científicos. No primeiro, o 2º Macro-Jê – Encontro de Pesquisadores de Línguas Jê e Macro-Jê, a Profª. Leopoldina Araújo e eu apresentamos dois trabalhos: “Revisitando os prefixos relacionais em Parkatêjê” e “Uma viagem aos textos poéticos cantados do

Parkatêjê”. No segundo evento, o L Seminário do GEL, na USP, apresentei o trabalho “Aspectos tipológicos das construções genitivas em Parkatêjê”, na sessão de comunicação coordenada intitulada “Construções genitivas em línguas indígenas brasileiras”. Ainda no mesmo evento, apresentei a comunicação individual “Classes de verbos em Parkatêjê”.

Comparando alguns dados do Parkatêjê com dados do Canela-Krahô (Popjes e Popjes, 1986), pode-se dizer que, além de diferenças lexicais, há também diferenças fonológicas e sintáticas entre essas línguas, as quais poderão ser esclarecidas com futuros estudos.

Os membros do ‘complexo dialetal Timbira’ não contam ainda com estudos mais detalhados de seus aspectos gramaticais e não há trabalhos histórico-comparativos que abordem essas línguas, devido à falta de descrições. Os trabalhos comparativos mais conhecidos envolvendo línguas Jê são os de Davis (1966 e 1985), os quais não incluem nenhum membro do mencionado ‘complexo Timbira’.

4. Características gerais da língua em relação às outras línguas do tronco

Neste item, apresento sucintamente algumas características gerais da língua Parkatêjê face a outras línguas do tronco Macro-Jê. As características morfossintáticas aqui abordadas serão descritas e analisadas com maiores detalhes no corpo do presente trabalho.

Segundo Araújo (1977), o Parkatêjê possui um sistema fonológico típico de línguas Jê, em que as vogais predominam sobre as consoantes, isto é, há mais vogais que consoantes na língua.

São vinte e sete fonemas, divididos em dezesseis vogais, e somente onze consoantes. Das consoantes, cinco são oclusivas surdas, com pontos de articulação bilabial /p/, alveolar /t/, alveopalatal /tʃ/, velar /k/ e glotal /ʔ/; duas são nasais, com pontos de articulação bilabial /m/ e alveolar /n/; uma é fricativa, com ponto de articulação glotal /h/; três são aproximantes, com pontos de articulação labiovelar /w/, alveolar /r/ e palatal /y/. Das dezesseis vogais, nove são orais e sete são nasais. As duas séries contrastam, articulatoriamente, na posição da língua: anterior, média e posterior. As orais

são /i/, /ĩ/, /u/, /e/, /ɛ/, /a/, /o/, /ɔ/ e /u/; as nasais, /ĩ/, /ĩ̃/, /ũ/, /ẽ/, /ɛ̃/, /ã/ e /õ/. As posteriores são arredondadas e as anteriores são não-arredondadas. A série oral contrasta em três alturas: alta, média e baixa, já a série nasal contrasta somente em duas alturas: alta e não-alta.

Os Quadros 2 e 3, abaixo, ilustram a ocorrência dos sons consoantes e vogais da língua:

Quadro 2: Inventário fonológico do Parkatêjê: consoantes (cf. Araújo, 1977:124)

	Oclusiva	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Bilabial	/p/	/t/	/tʃ/	/k/	/ʔ/
Nasal	/m/	/n/			
Líquida		/r/			
Semiconsoante	/w/		/y/		/h/

Quadro 3: Inventário fonológico do Parkatêjê: vogais (cf. Araújo, 1977:124)

	Anterior		Central		Posterior	
	oral	Nasal	oral	nasal	oral	nasal
Alta fechada	/i/	/ĩ/	/ĩ/	/ĩ̃/	/u/	/ũ/
fech.	/e/	/ẽ/	/ẽ̃/	/ẽ̃̃/	/o/	/õ/
Média abert.	/ɛ/		/ɛ̃/		/ɔ/	
Baixa aberta			/a/			

Alguns aspectos e fenômenos comuns em línguas Jê são também correntes em Parkatêjê. O Parkatêjê é uma língua posposicional, em que a ordem básica dos constituintes nas orações declarativas simples/independentes é predominantemente Sujeito-Objeto-Verbo. O genitivo precede o nome.

Com relação às classes de palavras, menciono a distinção entre classes abertas e classes fechadas (Schachter, 1985). Em Parkatêjê, nomes, advérbios e verbos são classes abertas, enquanto as demais constituem classes fechadas.

Os nomes podem ser distinguidos com base em sua categoria de posse, isto é, há os nomes não-possuídos e os possuídos. Entre os possuídos, a distinção se dá na base da ocorrência dos prefixos relacionais e na ocorrência do nome alienável ã, que aparece somente com nomes alienavelmente possuídos.

Ao que tudo indica, a ocorrência de prefixos relacionais é também uma característica de línguas Jê. Popjes e Popjes¹¹ (1986), Dourado (1993), Borges (1995 e 1996), Santos (1997) e Salanova (1999) tratam do referido tema em Canela-Krahô, Panará, Kayapó, Suyá e Mëbëngokre, respectivamente. Além disso, Rodrigues (1990) sugere serem os prefixos relacionais um mecanismo muito antigo que pode ser tomado como uma evidência da relação genética entre línguas dos troncos Tupí, Caríb e Macro-Jê.

O sistema pronominal da língua é basicamente constituído de duas séries de elementos: os pronomes livres e os pronomes dependentes.

Os verbos em Parkatêjê apresentam pelo menos duas formas. Ocupam a posição final na oração e constituem o núcleo da locução verbal. Seu sentido pode ser negado por inũarɛ ~ inõrɛ ou intensificado por nĩrɛ ou -ti/-rɛ, dependendo da natureza do verbo, se descritivo ou ativo, respectivamente; podem ser modificados por advérbios; podem constituir séries de verbos: (i) com sentido de causativização; (ii) com sentido de intenção; (iii) em locuções verbais intransitivas como, por exemplo, aquelas que apresentam verbos posicionais. As partículas relacionadas às categorias de tempo, aspecto e modo encontram-se ao longo do predicado, não sendo codificadas na raiz verbal. Os verbos descritivos podem aparecer como modificadores de nomes e como modificadores de verbos ativos.

As construções sintáticas em Parkatêjê são basicamente do tipo sujeito-predicado, mas é possível topicalizar o objeto de uma sentença levando-se este para a primeira

¹¹ Popjes e Popjes (1986) apresentam uma análise alternativa para esse fenômeno. Eles propõem uma regra morfofonêmica geral. Rodrigues (1990) propõe a análise dos prefixos relacionais por meio de uma reinterpretação dos dados daqueles autores.

posição na sentença, isto é, alterando-se a ordem canônica dos elementos na oração, a qual é Sujeito-Objeto-Verbo.

5. Condições da pesquisa

Meu trabalho de pesquisa com a língua Parkatêjê teve início em meados do ano de 1999, quando atendi a um convite antigo da Profa. Dra. Leopoldina Araújo, para trabalhar com ela, em parceria, no estudo da língua.

De fato, apesar dos estudos feitos por Araújo, havia a necessidade de aprofundar a investigação da língua em geral, a começar pelos aspectos fonológicos e morfossintáticos. Conforme a proposta da referida professora, ela se dedicaria aos estudos fonológicos – com ênfase em questões de acento e prosódia –, enquanto eu me dedicaria aos estudos da morfossintaxe, em particular dos verbos.

Além do fato de que, em geral, trabalhos em conjunto propiciam uma maior produtividade, no dado contexto outros fatores pesavam a favor da aceitação do convite: (i) eu já havia trabalhado durante o mestrado com uma outra língua do tronco Macro-Jê, o Kayapó; (ii) eu pertencço ao mesmo departamento que a Profa. Leopoldina, na Universidade Federal do Pará; (iii) a aldeia está localizada em um ponto relativamente próximo a Belém, o que representava maior facilidade de acesso à área e a possibilidade de realização de trabalhos de campo, apesar dos poucos recursos para a pesquisa.

Assim, no período de agosto a dezembro de 1999, dediquei-me à leitura dos trabalhos existentes sobre o Parkatêjê e de outros trabalhos relacionados a línguas da mesma família e do mesmo tronco lingüístico.

Meu primeiro contato propriamente dito com a língua deu-se por meio da digitação de um *corpus* de cerca de quinhentas orações simples coletadas pela Profa. Leopoldina, bem como de outras cento e cinquenta orações que fazem parte de sua dissertação de mestrado (cf. Araújo 1977:23-4). Com esse conjunto de dados e com base nas informações contidas nos estudos prévios da língua, comecei a elaborar minhas primeiras hipóteses sobre a língua, as quais foram de vital importância para minha preparação para o campo.

Minha primeira pesquisa de campo somente ocorreu em janeiro de 2000, quando fui oficialmente apresentada à comunidade e obtive autorização da FUNAI para ingressar em área indígena. Durante a permanência de cerca de quinze dias na aldeia, tive a oportunidade de participar da Festa do Milho Verde (Põhy Tetet), que não era realizada havia já alguns anos.

Outras pesquisas de campo foram realizadas nos seguintes períodos: (i) trinta dias em julho de 2000; (ii) sessenta dias (outubro-dezembro) em 2001; (iii) trinta dias (quinze em janeiro e quinze em fevereiro) em 2002; (iv) vinte dias em setembro de 2002. Ao todo foram, portanto, seis viagens ao campo, perfazendo um total de quase seis meses de pesquisa lingüística na área.

Afora a bolsa do PICDT (Plano Institucional de Capacitação Docente e Técnica) da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), esta pesquisa, infelizmente, não contou com o apoio de nenhuma instituição ou órgão financiador, tendo sido viabilizada graças a recursos próprios e ao auxílio da Profa. Leopoldina Araújo.

5.1. Corpus Utilizado

O *corpus* utilizado para a análise apresentada neste trabalho consiste em um conjunto de dados coletados por Araújo (em diferentes momentos de seu trabalho de pesquisa com a língua Parkatêjê), o qual me foi gentilmente cedido, e em um outro conjunto de dados reunido por mim.

O primeiro conjunto inclui: o longo texto mítico Pyt mē kaxêr (O Sol e a Lua) e o texto procedural Hõpry krã (sobre a feitura da roça, incluindo o ritual de confecção de peteca), ambos narrados pelo chefe Krôhokrenhũm, transcritos na ortografia pela Profa. Leopoldina com o auxílio dos falantes nativos e publicados no livro didático Conhecendo nosso povo, editado pela SEDUC (Secretaria do Estado do Pará); dois textos procedurais, Aikrepoti (sobre a feitura da casa grande) e Maguari (sobre a confecção de cofos), ambos narrados por Piare; dois relatos – sendo um deles feito por Kruwa, sobre uma caçada, e o outro produzido por Piare, em que ele conta sobre um espinho que lhe entrou no braço; uma carta a mim endereçada por Jõkãtytÿre, o qual ditou o conteúdo que foi transcrito

pela Profa. Leopoldina. Esse material foi conferido pelos auxiliares de pesquisa e posteriormente analisado.

O segundo conjunto de dados inclui: o relato de sonho feito por Piare, transcrito e analisado por mim; um texto de história de vida, parcialmente transcrito e analisado por mim, fornecido por Piare, de divulgação restrita; um texto narrativo, escrito por Payaré, verificado junto aos auxiliares de pesquisa e analisado por mim; dois diálogos informais entre mulheres. Há uma série de textos de vários tipos gravados e ainda em processo de transcrição.

Outros dados são itens lexicais e construções gramaticais de diferentes tipos, oriundos de elicitación formal, conseguidos durante a transcrição dos textos e da validação das hipóteses de análise. Há ainda dados obtidos durante a observação dos diálogos em contextos reais de interação verbal entre os índios e entre eles e as pesquisadoras (no caso, a Profa. Leopoldina e eu), como, por exemplo, alguns diálogos registrados no acampamento, formas de xingamento, maneiras de reclamar de alguém ou de erros durante o jogo de flechas. Em tais situações, eu tomei nota das ocorrências, bem como do contexto situacional, para em seguida testar os dados: ou usando-os em situações semelhantes àquelas em que haviam aparecido, ou no trabalho formal de coleta de dados.

5.2. Auxiliares de pesquisa

Como já foi dito anteriormente, os dois grupos que conviveram durante trinta anos na reserva Mãe Maria possuem dialetos que são inteligíveis entre si, mas diferem não se sabe exatamente em que grau, nem em que aspectos (se lexicais ou morfossintáticos ou ambos). Os próprios índios costumam enfatizar essas diferenças quando fazem afirmações do tipo “eles falam isso ou aquilo diferente de nós”.

Para o trabalho de obtenção dos dados lingüísticos, contei com o apoio e a ajuda de vários auxiliares de pesquisa, bilingües em diferentes graus em Parkatêjê e em português, remanescentes basicamente do grupo Parkatêjê:

1. o capitão Krôhokrenhûm, líder político da comunidade, falante fluente de Parkatêjê, que deve estar com quase 70 anos de idade;

2. o professor Piare, que dá aulas de Parkatêjê para as crianças na escola e que deve ter aproximadamente 50 anos de idade; saiu da aldeia aos oito anos de idade para viver com a família de um funcionário da FUNAI, nos idos de 1960, tendo voltado para a aldeia quando tinha seus vinte anos, de acordo com o que ele próprio relatou em um texto autobiográfico; passou um tempo entre os Tembê do Guamá, tendo, inclusive, constituído família com uma índia Tembê;
3. a Rõnore, a Mamãe Grande, que deve ter seus 70 e poucos anos, falante fluente de Parkatêjê;
4. a Pôiarêtêti, a Madalena, primeira esposa do capitão Krôhôkrenhûm, que deve estar com 50 e poucos anos.

Estes foram os auxiliares principais de nossa pesquisa, entretanto, de certa forma, toda a primeira geração da comunidade foi envolvida. Em momentos de confirmação de dados, por exemplo, fazíamos a leitura dos textos diante de todos no acampamento. Falantes da segunda geração também participaram, confirmando ou não algumas hipóteses e oferecendo *insights* sobre ocorrências de determinadas construções e morfemas.

5.3. Apresentação dos dados no corpo do trabalho

Os dados estão apresentados em três linhas. Na primeira delas consta uma transcrição morfofonológica – em que as palavras são separadas por espaços e os morfemas por hífen (-). A segunda linha traz as glossas e a terceira contém a tradução do exemplo (traduções livres e literais, quando necessárias). Em alguns casos, houve a necessidade de acréscimo de informações, as quais são dadas entre parênteses ou ainda em notas de rodapé, quando se trata de explicações sobre a cultura.

As glossas e as abreviaturas seguem, até onde possível, a convenção estabelecida em outros trabalhos descritivos de línguas Macro-Jê, principalmente o de Santos (1997) e o de Dourado (2001). A indicação das funções sintáticas e a marcação de pessoa são feitas em conformidade com os trabalhos de Dixon (1979 e 1994).

5.4. Metodologia

A metodologia utilizada nesta tese é aquela utilizada nos trabalhos de descrição lingüística: (i) a pesquisa de campo, que inclui viagens ao local onde a língua é falada, momento em que se realiza a coleta dos dados, base para o trabalho; (ii) a análise do material obtido nessas coletas – sua organização e comparação com outras línguas do tronco, utilizando-se os trabalhos existentes como os de Wieseemann (1986), Borges (1995), Stout (1975), Ribeiro (1996), Dourado (2001) que trabalham com dados do Kayapó, Karajá e Panará, respectivamente.

A orientação teórica desta tese é a tipológico-funcional. A análise dos dados foi realizada com base em trabalhos como os de Shopen (1985), Comrie (1976 e 1985), Aikhenvald (2000 e 2001), Dixon (1979 e 1994), Mithun (1984 e 1988), e Seki (1990 e 2000), entre outros.

5.6. Estrutura do trabalho

Esta tese está organizada da seguinte forma: além desta introdução, que apresenta, em linhas gerais, como a pesquisa foi realizada, há mais seis capítulos, além da conclusão.

O primeiro capítulo das classes de palavras, revendo aspectos que foram descritos nos trabalhos de Araújo (1977 e 1989), além de fornecer uma descrição inédita de várias classes de palavras em Parkatêjê, como os verbos e as posições, por exemplo. Verifiquei a ocorrência dos prefixos relacionais nas classes de nomes e verbos na língua. O segundo capítulo trata de aspectos da sintaxe das orações independentes. Primeiramente descrevo cada constituinte possível de uma oração. Em seguida, classifico os predicados em verbais e não-verbais, descrevendo-os na forma em que ocorrem na língua. O terceiro capítulo apresenta o sistema de marcação de caso nas orações independentes em Parkatêjê. Há a combinação de três tipos de casos na língua, o que faz do Parkatêjê um exemplo lingüístico raro da combinação de fatores como (i) a semântica do verbo, (ii) as categorias de tempo-aspecto-modo e (iii) a categoria de pessoa. O quarto capítulo descreve preliminarmente alguns mecanismos de derivação verbal, como, a

causativização, as construções recíprocas e reflexivas, a ocorrência do formativo **aipĩ** que pode estar ligado à passivização. No quinto capítulo, tratei do fenômeno da incorporação nominal, que parece ter bastante em comum com outras línguas do tronco, que já tiveram esse fato estudado, como é o caso do Karajá e do Panará. O sexto capítulo aborda as construções verbais seriais, que combinam até três verbos, e que são predicados simples, com diferentes codificações semânticas, bem como a transitividade.

Capítulo 1

Classes de palavras: uma abordagem

funcional

Este capítulo traz uma proposta de descrição das classes de palavras em Parkatêjê, as quais se distinguem com base em critérios estritamente lingüísticos de ordem morfológica e sintática, bem como semântica. Cada classe apresenta um conjunto de características morfossintáticas peculiares, o qual pode ser enfocado por dois prismas: (i) suas características distribucionais e (ii) suas propriedades estruturais. Aqui, entretanto, somente serão descritas as características estruturais das classes em si mesmas, sendo as de ordem distribucional tratadas nos capítulos que se seguem e que abordam a sintaxe da língua.

De acordo com Seki (2000:53), a determinação das classes de palavras constitui-se num meio de operar a descrição da língua fundada exatamente nos critérios oferecidos pela própria língua. Com base nos critérios ora delineados, proponho nove classes de palavras para a língua Parkatêjê.

Os nomes, os verbos e os advérbios são classes abertas. Os pronomes (livres, dependentes, recíproco, reflexivo, demonstrativos, indefinidos e interrogativos), os descritivos, as posposições, as partículas, as conjunções e as interjeições constituem classes fechadas (cf. Schachter, 1985). A descrição das classes de palavras, tais como as partículas, as conjunções e as interjeições, ora apresentada, é ainda bastante parcial, precisando ser mais aprofundada ao longo de trabalhos subseqüentes.

Neste capítulo, a descrição das classes de palavras na língua Parkatêjê encontra-se assim organizada: na primeira seção, apresentam-se os nomes e os pronomes; na segunda seção, faz-se a caracterização geral do verbo, das partículas, dos descritivos e dos advérbios; na terceira seção, descrevem-se as posposições, as conjunções e algumas interjeições.

1.1. Nomes

Os nomes em Parkatêjê podem ser caracterizados como aqueles elementos cujas características principais são:

(I) Morfológicas:

- (a) A categoria de posse dos nomes depende de sua natureza semântica. Assim, distinguem-se nomes possuíveis e não-possuíveis. Os nomes possuíveis podem ser divididos em nomes alienavelmente possuídos e nomes inalienavelmente possuídos, sendo os mecanismos morfossintáticos que evidenciam a relação dos nomes em tais construções, diferentes entre si.
- (b) Os nomes ocorrem com os sufixos derivacionais *-re* e *-ti*, de diminutivo e de aumentativo, respectivamente. Esses sufixos ocorrem também com os verbos, porém, nesse caso, não fazem referência a tamanho, mas indicam ênfase sobre a ação, apontando para a sua intensidade ou para características do sujeito ou do objeto.
- (c) Os nomes cujo referente é [+ humano] podem ocorrer com o formativo¹² *mê*, que indica plural.
- (d) Os nomes não são flexionados para gênero. O gênero de alguns nomes, porém, pode ser indicado lexicalmente por termos genéricos para homem/macho ou mulher/fêmea, dependendo das circunstâncias.

¹² O termo *formativo* está sendo usado na acepção de elemento gramatical identificável e irreduzível, que participa da construção de unidade linguística mais ampla (cf. Crystal, 1999:17; Matthews, 1997:18; Trask 1993:15)

- (e) Os nomes são marcados pela categoria de caso.
- (f) Raízes nominais podem ser derivadas a partir de itens de outras classes de palavras, como, por exemplo, verbo e pronome reflexivo, bem como pelo acréscimo do sufixo nominalizador $-t \int \ddot{e}$.
- (g) Da mesma forma, raízes verbais podem ser nominalizadas através do acréscimo do formativo *katé*.

(II) Sintáticas:

- (h) Os nomes ocupam a posição de núcleo de uma locução nominal, ocorrendo como sujeito, objeto de verbos e de posposições.
- (i) Podem ocorrer como predicado de orações não-verbais.
- (j) Os nomes possuíveis ocorrem como núcleo em locuções genitivas ou possessivas.
- (k) Podem ser modificados por descritivos, quantificadores, demonstrativos e outros nomes.

Os nomes, prototipicamente, codificam uma larga variedade de noções de entidades concretas e abstratas. Segundo Givón (1984:51), a característica de exprimir conceitos ligados à estabilidade no tempo por nomes é uma questão de grau, já que entidades como “cachorro” nascem, crescem, envelhecem e morrem, deixando de existir, e mudam mais rapidamente que “árvore”, enquanto “árvore” muda mais rapidamente que “rocha”. Dessa forma, percebe-se uma gradação entre os conceitos expressos por “cachorro”, “árvore” e “rocha”.

Em sua maioria, em Parkatêjê, a classe de nomes exprime conceitos que são estáveis no tempo e que se referem a: (i) elementos e fenômenos naturais, (ii) animais e plantas, (iii) nomes de pessoas, (iv) manufaturas, objetos da cultura material, (v) relações pessoais. Os nomes citados em (i), (ii) e (iii) são não-possuíveis, os citados em (iv) são geralmente alienavelmente possuídos, e em (v) estão parte dos nomes inalienavelmente possuídos, já que estes incluem partes de um todo (partes do corpo humano, de plantas e de animais), termos de parentesco e certos conceitos profundamente ligados ao ser, como,

por exemplo, alma, excretos, sombra, rastro etc. Abaixo são dados exemplos desses tipos de nomes:

(1) kokrɪɛ ‘rio’	(7) pɛn ‘arara’	(13) hahĩ ¹³ ‘tipóia’
(2) aɪɔm ‘mata’	(8) kukoy ‘macaco’	(14) ariatʃɛ ‘rede’
(3) pɪt ‘sol’	(9) pōhĩ ‘milho’	(15) mpĩ ‘homem’
(4) katʃɛr ‘lua’	(10) kwɛr ‘mandioca’	(16) ntia ‘mulher’
(5) kok ‘vento’	(11) kaper ‘açai’	(17) ituwa ‘parente’
(6) tɛp ‘peixe’	(12) kay ‘cesto’	(18) kritʃwɪə ‘amigo form.’

Os nomes, de uma maneira geral, podem ocorrer com os sufixos derivacionais –*re* e –*ti*¹⁴, os quais indicam tamanho, pequeno (diminutivo) e grande (aumentativo), respectivamente, além de outras noções como veremos adiante.

1.1.1. Expressão de posse

Semanticamente as línguas relacionam um nome a outro nome sobretudo para indicar: (i) posse estrita; (ii) relações de partes de um todo e (iii) relações de parentesco. E a forma pela qual se faz a expressão de posse divide os nomes em subclasses semânticas, que também apresentam distinções de ordem morfossintática.

Assim, em Parkatêjê, distinguem-se morfossintática e semanticamente três subclasses de nomes: (a) nomes não-possuíveis, (b) nomes alienavelmente possuídos e (c) nomes inalienavelmente possuídos.

Nomes ligam-se a outros nomes por meio de uma locução genitiva, a qual é constituída fundamentalmente de dois nomes: o núcleo (o nome possuído) e o modificador (o nome possuidor). A locução genitiva pode apresentar pequenas diferenças em sua constituição que dependem do fato de o nome ser alienável ou inalienavelmente possuível.

¹³ O *hahĩ* é uma espécie de tipóia utilizada pelas mulheres para carregar suas crianças.

¹⁴ Araújo, em comunicação pessoal, relatou-me que o Sr. Jack Popjes refere-se à língua Parkatêjê como “o dialeto *-rel-ti*” (do Canela), devido ao uso de tais sufixos na língua. Verifica-se também a ocorrência desses sufixos em Kayapó (Mêbêngokre) (anotações pessoais de Borges), em Canela-Krahô (Popjes e Popjes, 1986) e em Suyá (Santos, 1997).

1.1.1.1. Nomes Não-Possuíveis

Na subclasse de nomes não-possuíveis, encontram-se elementos relacionados a nomes de pessoas, a nomes de plantas e a fenômenos da natureza em geral. Tais nomes não são núcleos de locuções genitivas, não sendo nunca precedidos de um possuidor.

1.1.1.2. Nomes alienavelmente possuídos

Os nomes alienavelmente possuídos referem-se em sua maioria a objetos da cultura material, podendo ou não ocorrer em relações genitivas precedidos do possuidor, o qual pode ser expresso, por meio de uma locução nominal ou dos pronomes dependentes. Na formação dessa locução ocorrerá o prefixo relacional ʒ- anexado ao nome de posse genérica ð. O possuidor [modificador] (locução nominal ou pronominal) não pode ocorrer imediatamente antes do nome núcleo (modificado). O esquema abaixo explica essa estrutura:

		LN				
	Pro	[Rel-	ð	LN]		
(19)	Piarɛ	ʒ-	ð	kruwa		
	NPr	Rel-	Pos	flecha		
				‘flecha do Piarɛ’		

Nas situações em que o possuidor, ou é conhecido pelo contexto, ou é expresso por um nominal deslocado para fora da locução, a referência ao possuidor é codificada junto ao nome núcleo pelo prefixo relacional h- da classe B. Esse prefixo, portanto, tem o

papel de assinalar, na locução genitiva, uma relação anafórica¹⁵ com o possuidor (Seki, em comunicação pessoal).

Assim, em uma locução como a apresentada abaixo, fica evidente que o possuidor do nome ali enfocado está citado em outra parte do discurso ou ainda é um indeterminado:

- (20) h- ã kruwa
 Rel- Pos flecha
 ‘flecha dele’

Em outras palavras, pode-se dizer que os nomes alienáveis não são ‘diretamente’ possuídos. Para isso, é necessário o uso do prefixo relacional, mais o nome ã ‘coisa’, os quais constituem um formativo de expressão de posse alienável:

- (21) i- ʒ- ã rɔp
 1- Rel- Pos cachorro
 ‘meu cachorro’

- (22) a- ʒ- ã rɔp
 2- Rel- Pos cachorro
 ‘teu cachorro’

- (23) h- ã rɔp
 Rel- Pos cachorro
 ‘cachorro dele’

- (24) Airɔm ʒ- ã rɔp
 NPr Rel- Pos cachorro
 ‘cachorro do Airom’

¹⁵ O termo *anáfora* é tomado aqui como uma relação gramatical em que uma unidade linguística recebe sua interpretação de alguma outra parte da oração, tipicamente de algo já expresso (cf. Crystal 1999:17; Matthews, 1997:18; Trask, 1993:15)

Optou-se por considerar $\tilde{o}$ como um nome genérico de posse, que é o núcleo da locução genitiva e que explicitado por um nome da classe dos alienavelmente possuídos, aposto a essa locução. Aikhenvald (2000:129) aponta a existência de um classificador genérico para todos os itens alienavelmente possuídos em línguas Jê do Norte, tais como, Timbira, Canela, Krahô, Kayapó e Panará, o qual seria o elemento $\tilde{o}$.

1.1.1.3. Nomes inalienavelmente possuídos

Os nomes inalienavelmente possuídos são referem-se a termos de parentesco, a partes do corpo e a partes de um todo. Ocorrem sempre precedidos do possuidor, que pode ser uma locução nominal ou pronominal (com os pronomes dependentes).

Em uma locução genitiva cujo núcleo é um nome inalienavelmente possuído, o possuidor (modificador) pode ocorrer imediatamente antes do nome núcleo (modificado), caso em que os prefixos relacionais da classe A, anexados ao núcleo, assinalam a relação sintagmática entre eles. O esquema abaixo explicita essa estrutura:

LN
Pro [Rel- LN]

(25) kra y- ahi
paca Rel- cara
'cara da paca'

(26) mpɔ tʃ- ur
Ind Rel- pus
'pus da ferida'

(27) yatʃu ø- krẽ
veado Rel- cabeça
'cabeça do veado'

- (28) i- ʒ- ãn
 1- Rel- fezes
 ‘minhas fezes’

Nas situações em que o possuidor é conhecido pelo contexto, é expresso por uma locução nominal deslocada, ou ainda é indeterminado, a referência ao possuidor é codificada junto ao nome núcleo pelos prefixos relacionais da classe B:

- (29) h- ahi
 Rel- cara
 ‘cara (de bicho)’

- (30) h- ãn
 Rel- fezes
 ‘fezes ou fezes dele’

- (31) h- ur
 Rel- pus
 ‘pus’

- (32) Ø- krẽ
 Rel- cabeça
 ‘cabeça ou cabeça dele’

1.1.1.4. Prefixos relacionais: uma análise alternativa

Tradicionalmente os estudos sobre línguas Tupí denominam os elementos que marcam os nomes possuíveis prefixos relacionais. Mais recentemente, Rodrigues (1993) propôs que esses prefixos poderiam ser tomados como uma evidência de relacionamento genético entre línguas Tupí, Macro-Jê e Karíb. Reanalizando os dados do Canela-Krahô, contidos no trabalho de Popjes e Popjes (1986), Rodrigues, em seu artigo, incentivou

pesquisadores de línguas do tronco Macro-Jê (e de outras línguas brasileiras)¹⁶ a buscar uma explicação para a ocorrência e a função dos prefixos relacionais nessas línguas.

Observando os dados da língua Parkatêjê, verificamos a existência de prefixos relacionais, os quais ocorrem com nomes e verbos. Para Araújo (1977:126) trata-se de uma questão fonético-fonológica, um caso de variação condicionada de certos fonemas ao seu ambiente de ocorrência.

Tanto com nomes quanto com verbos, a forma desses elementos é idêntica, bem como o parece ser sua função. A interpretação de Seki (2000:55), adotada neste trabalho, explicita o fenômeno com base no fato de a referência do possuidor ser específica ou indefinida, considerando sua função na construção, o tipo de referência expressa, assim como o tipo de construção. A meu ver, o mecanismo de ocorrência dos prefixos relacionais é um sistema bem desenvolvido na língua, que marca obrigatoriamente a relação entre o possuidor e o nome possuído, no caso dos nomes inalienáveis, da mesma forma que marca a relação entre os argumentos e os verbos intransitivos estativos e os verbos transitivos.

Nos nomes, portanto, esses prefixos marcam a relação entre o nome e seu possuidor, e o seu uso depende (i) do tipo de construção, (b) da função gramatical que o possuidor tem naquela construção e (c) do tipo de referência expressa (cf. Seki, 2000:55).

Seguindo a análise dos prefixos relacionais proposta por Seki para o Kamaiurá, temos o seguinte quadro para o Parkatêjê, em que estão reunidos os prefixos relacionais e seus alomorfes¹⁷:

¹⁶ Cf. Dourado (1993), Borges (1995), Santos (1997), Cabral (1997), Salanova (1999), Ribeiro (2001), entre outros.

¹⁷ Encontrei uma forma *iʔ-* para a terceira pessoa do singular, como em *iʔ-kĩn* 'cabelo dele', entretanto não consegui os contrastes necessários para incluir essa forma no quadro de prefixos relacionais.

Quadro 4: Prefixos relacionais com os nomes

Classe A		Classe B
Possuidor Especificado		Possuidor indefinido
Possuidor expresso na locução	Possuidor ≠ Sujeito ou deslocado de sua posição original	
ɜ- y- tʃ- Ø-	h- Ø-	h- Ø-
Referência a um possuidor expresso dentro da locução genitiva em relação sintagmática com o núcleo.	Referência a um possuidor conhecido pelo contexto ou expresso fora da locução genitiva.	Referência a um possuidor indefinido.

A análise, tradicionalmente adotada para a interpretação dos prefixos relacionais, é aquela apresentada nos trabalhos de Rodrigues (1990), que considera que o fato de o possuidor ser contíguo ou não-contíguo ao nome possuído condiciona a ocorrência dos prefixos relacionais de uma ou de outra classe. Os termos contigüidade e não-contigüidade, usados para designar a ocorrência dos prefixos relacionais, descrevem apenas parcialmente o fenômeno em questão, obscurecendo, num certo sentido, a função anafórica desses elementos.

Os prefixos relacionais da classe A, por exemplo, são aqueles que (a) fazem referência a um possuidor expresso dentro da locução genitiva em relação sintagmática com o núcleo. (cf. exemplos 25, 26, 27 e 28); (2) ou ainda aqueles que fazem referência a um possuidor conhecido pelo contexto ou expresso fora da locução genitiva (ou por ter sido deslocado de sua posição original ou por já ter sido mencionado anteriormente). Além disso, tais relacionais indicam se o possuidor é diferente do sujeito, como pode ser observado nos exemplos abaixo¹⁸:

- (33) wa mũ i- ɜ- õ rōkrɛ w̃r mō
 Eu 1 Rel- Pos casa Dir ir
 ‘eu vou para a minha casa’

¹⁸ O significado da partícula **mũ** ainda não está suficientemente claro, por isso a mesma aparece sem glosa. Mais detalhes sobre tal elemento estão na página 104.

- (34) wa mũ h- ð rōkrɛ wɪr mō
 Eu Rel- Pos casa Dir ir
 ‘eu vou para a casa dele’

Os prefixos relacionais da classe B são aqueles que fazem referência a um possuidor indefinido. São formalmente idênticos aos prefixos da classe A, nos casos em que a referência do possuidor é diferente da referência do sujeito, ou em que o possuidor foi deslocado de sua posição original. O que os distingue é o contexto. Os prefixos da classe B, usados com nomes inalienavelmente possuídos ou com compostos em que figuram esses nomes, assumem um significado citacional, somente definido com base no contexto de sua ocorrência, conforme já afirmei anteriormente.

- (35) h-ĩn ‘fezes’ ou ‘fezes dele’
 (36) h-apak ‘orelha’ ou ‘orelha dele’
 (37) h-ōkrɛ ‘garganta’ ou ‘garganta dele’
 (38) ø-krɪt ‘nariz’ ou ‘nariz dele’
 (39) ø-për ‘pé’ ou ‘pé dele’

A ocorrência dos prefixos relacionais é análoga à ocorrência desses elementos com os verbos, conforme será observado na seção que se refere a eles.

A ocorrência dos prefixos relacionais é uma característica tipológica que coloca a língua Parkatêjê entre as línguas consideradas com marcação no núcleo (isto é, do tipo “*head-marked*”), de acordo com o que propõe Nichols (1986:57-8), para quem a função da morfologia é identificar as relações sintáticas pela marcação apropriada no núcleo ou no dependente, além de evidenciar a dependência sintática – isto é, um mecanismo morfológico marca determinado núcleo como tendo um dependente, sem necessariamente especificar o tipo dessa dependência.

1.1.2. Número

A marcação de número em Parkatêjê é feita pelo acréscimo do formativo **mẽ**¹⁹ antes dos nomes cujos referentes são [+ humano], enquanto o singular é não-marcado.

(40) ʒũm mpɛ̃ mɐ pia?

Int homem Int Dub

‘quem é (aquele) homem?’

(41) ʒũm mẽ mpɛ̃ mɐ pia?

Int Pl homem Int Dub

‘quem são (aqueles) homens?’

O formativo **mẽ** também ocorre com certas formas pronominais, indicando suas formas plurais. Em certos contextos, **mẽ** é plural e em outros marca o traço [+humano] de determinados nomes. Não está claro ainda se se trata de duas formas homófonas ou se o morfema de plural desenvolveu-se historicamente a partir do primeiro significado. Estudos futuros poderão elucidar essa questão.

O exemplo abaixo ilustra a ocorrência de **mẽ** antecendo um nome, ao qual atribui o plural:

(42) mẽ ntia tɛm ton toʒo

Pl mulher Erg+Pl tatu caçar

‘as mulheres caçaram tatu’

Por outro lado, em um contexto negativo **mẽ** pode ocorrer com o sentido de ‘ninguém’. Nesse caso, **mẽ** está na posição da locução nominal, isto é, está ocorrendo no *slot* da locução nominal objeto, como pronome de terceira pessoa plural. As duas sentenças abaixo comparam essas ocorrências:

¹⁹Ocorrência semelhante é verificada em outras línguas Jê como, por exemplo, o Kayapó (Mêbêngokre) (notas pessoais de Borges, 1991-1995) e o Canela-Krahô (Popjes e Popjes, 1986).

- (43) wa pa ha mē tapa inũarɛ
 eu Enf Pot Pl sentir.saudades Neg
 ‘eu mesma não sinto saudades de ninguém’
- (44) wa pa ha i- pien tapa inũarɛ
 eu Enf Pot 1- marido sentir.saudades Neg
 ‘eu mesma não sinto saudades do meu marido’

Uma outra possibilidade é que, no exemplo (43), **mē**, por estar ocorrendo no lugar da LN objeto, seja interpretada como a terceira pessoa do plural ‘eles’, adquirindo o significado negativo de ‘ninguém’.

Os nomes, de uma maneira geral, podem ocorrer com os sufixos derivacionais –**rɛ** e –**ti**, os quais indicam tamanho, pequeno (diminutivo) e grande (aumentativo), respectivamente. Em alguns casos, o sufixo –**rɛ** pode indicar ‘magro; fino’ e –**ti** pode indicar ‘gordo; grosso’. Nos termos de parentesco, esses mesmos sufixos assumem uma dimensão cronológica, fazendo contraste entre a indicação de parentes mais velhos e mais novos. Entretanto, a dimensão física prepondera sobre a cronológica, de acordo com as observações de Araújo (em comunicação pessoal). Isto é, se a tia materna mais nova que a mãe for gorda, ela será chamada de **anēti**:

- (45) **anēti** ‘tia – qualquer irmã mais velha que a mãe’
 (46) **anērɛ** ‘tia – qualquer irmã mais nova que a mãe’

1.1.3. Estrutura dos nomes: uma proposta alternativa

Inúmeros compostos em Parkatêjê são formados a partir de raízes simples e, de acordo com o que foi observado por Araújo (1977), tais nomes podem constituir-se de itens lexicais pertencentes à mesma ou a diferentes classes de palavras. A análise de Araújo, embora cuidadosa, difere da aqui sucintamente apresentada, no que respeita à consideração de aspectos distribucionais e estruturais de outras classes de palavras da

língua que se combinam para a derivação de nomes por meio de composição e de outros critérios a seguir explicitados.

Primeiramente observa-se que, do ponto de vista semântico, o significado do nome composto não se reduz à simples soma dos itens lexicais que o constituem. Em geral, os compostos apresentam um significado distinto daquele de seus itens constituintes.

Um outro critério está relacionado ao padrão acentual. Em geral, nomes compostos apresentam um padrão acentual típico de raízes simples.

Além disso, verifiquei a estrutura interna de sintagmas com tais nomes compostos. Como exemplos, observem-se os itens lexicais abaixo, bem como os esquemas que os explicitam:

(i) **nome + nome = que ocorre como uma construção genitiva**

(47) parkrɛ 'canoa' *lit.* 'pau com buraco'
 par 'pau' + krɛ 'buraco'

(ii) **nome + descritivo²⁰ = que ocorre à semelhança de uma locução nominal**

(48) konkrirɛ 'lagoa' *lit.* 'água pequena'
 ko 'água' + nkrirɛ 'pequena'

Araújo cita ainda os nomes formados por composição de elementos de mesma ou de diferentes categorias gramaticais por meio do acréscimo dos sufixos derivacionais – tʃɛ e –kate. Ambos formam nomes. O primeiro combina-se com raízes verbais para designar o objeto com o qual se pratica a noção expressa pelo verbo, como nos exemplos abaixo:

²⁰ Araújo trata o que chamamos descritivos como adjetivos descritivos (cf. Araújo, 1989:61).

(iii) (nome) + verbo + -tʃɛ

- (49) pĕrkupu-tʃɛ ‘sapato’
 pĕr ‘pé’ + kupu ‘enrolar’ + Nom
- (50) amʒipupun-tʃɛ ‘espelho’
 amʒi ‘reflexivo’ + pupun ‘ver’ + Nom
- (51) kapõn-tʃɛ ‘vassoura’
 kapõn ‘varrer’ + Nom

Já o sufixo derivacional **-kate** combina-se com nomes indica o agente da noção que o verbo expressa, ou que se pode deduzir do nome ao qual se agrega, conforme os exemplos abaixo:

(iv) nome + sufixo agentivo

- (52) rɔpkate ‘caçador de onça’
 rɔp ‘onça’ + Agt
- (53) kotay kate ‘caçador de cupuaçu’
 kotay ‘cupuaçu’ + Agt

Os nomes próprios em Parkatêjê são compostos e seguem os padrões acima detalhados, tendo como característica particular o fato de serem nomes não-possuíveis. Tradicionalmente o nomeador escolhe uma característica de seu próprio caráter ou comportamento com a qual chamará seu nomeado (cf. Araújo e Ferreira 2001b, para uma compreensão do sistema de nomeação da língua). Alguns exemplos são apresentados a seguir:

- (54) Amrīkupati ‘corajosa’ *lit.* ‘não há medo’
 Amrī ‘negativo.existencial’ + kupati ‘ter.medo’

- (55) Kupēz̄ipok-rε ‘(aquele que gosta de) estar no meio dos *kupē*’
 Kupē ‘não-índio’ + z̄ipok-rε ‘estar.no.centro-Dim’
- (56) Kiyaprēm-rε ‘aquela que gosta de fazer o forno para assar kuputi’
 Kiya ‘forno para assar kuputi’ + prēm-rε ‘ter.vontade-Dim’

Existem, ainda, alguns nomes não possuíveis que são especificamente utilizados como vocativos. Como tal, não aparecem em funções nucleares. Alguns exemplos desses nomes são: *z̄e*, que é a forma de tratamento usada pelo Sol e pela Lua no mito da criação do mundo; os termos de parentesco - *ituware* ‘sobrinha/o’, *ituwa-hūm* ‘filho’, *ituwa-mēntia* ‘filha’, *kat̄iy* ‘tia’ e *keti* ‘tio’. É necessário ainda investigar mais aprofundadamente se esses nomes podem desempenhar outras funções nominais, para assim categorizá-los adequadamente.

1.2. Pronomes

A língua Parkatêjê tem duas séries de pronomes pessoais: uma de pronomes livres e outra de pronomes dependentes. Esses elementos pronominais, muito embora tenham algumas características da classe de nomes, como, por exemplo, seu comportamento sintático – eles recebem marcas de caso e a marcação de número, apresentam uma distribuição especial.

Essas duas séries de pronomes distinguem duas pessoas (1^a e 2^a) e três números (singular, dual, plural). Há duas formas para a primeira pessoa do plural, conforme o ouvinte esteja incluído (primeira inclusiva) ou não (primeira exclusiva). Na série de pronomes livres e na série de pronomes dependentes, não há distinção entre formas para o dual e formas para a primeira pessoa do plural inclusiva.

Todavia essa classe de palavras inclui, além dos pronomes livres e dependentes, o reflexivo e o recíproco, os demonstrativos, os indefinidos e os interrogativos, dada a

possibilidade de sua ocorrência paralela à dos nomes. Os pronomes livres e dependentes do Parkatêjê vêm resumidos no quadro abaixo:

Quadro 5: Pronomes livres e dependentes

Pronomes livres			Pronomes dependentes	
1ª	Singular		wa / pa	i-
	Dual		ku	ku-
	Pl.	Dual	ku...mẽ	ku...mẽ-
	Pl.	Incl.	mpa	mpa-
		Excl.	wa...mẽ	mẽ...i-
2ª	Singular		ka	a-
	Plural		ka...mẽ	mẽ...a-

Algumas observações acerca da ocorrência dos pronomes:

- (a) as formas plurais contêm a marca *mẽ* que segue as formas pronominais livres e que precede as formas pronominais dependentes;
- (b) alguns pronomes presentes nas duas classes são formalmente idênticos, todavia sua distribuição é distinta;
- (c) os pronomes podem ser usados para substituir locuções nominais;
- (d) à maneira dos descritivos, os pronomes podem modificar o nome (no caso dos demonstrativos e indefinidos).

1.2.1. Pronomes livres

Os pronomes livres ocorrem como argumento sujeito de verbos intransitivos ativos (S) e como sujeito de verbos transitivos (A), não ocorrendo como argumento objeto direto (O) de verbos transitivos nem como argumento nuclear objeto indireto locativo – distintamente dos nomes –, quando a língua está operando no sistema Nominativo/Acusativo, isto é, no tempo não-passado e aspecto não-perfectivo. Em sua

maioria, são constituídos de uma única série básica, que se combina com o formativo *mẽ* para marcar o não-singular. Os pronomes livres estão reunidos no quadro abaixo:

Quadro 6: Pronomes livres

Pronomes livres			
Pessoa	Singular	Não-singular	
1 ^a	wa	Dual	ku
		Pl. dual	ku...mẽ
		Exclusiva	wa...mẽ
		Inclusiva	mpa
2 ^a	ka	ka...mẽ	

A primeira pessoa do singular apresenta uma forma enfática **pa** que pode ocorrer seguindo ou precedendo o pronome livre **wa**. Ainda não se sabe qual é a diferença semântica entre essas ocorrências, ficando a questão a ser respondida em estudos posteriores. Não há formas de pronomes pessoais livres para a terceira pessoa. Essa lacuna, em relação aos pronomes livres, é suprida pelo uso dos demonstrativos, quando necessário. Quando se faz referência à terceira pessoa do plural, a forma **mẽ** aparece na posição em que deveria vir o pronome, a qual fica evidente pela comparação entre dados que envolvem as outras pessoas e a terceira.

Acredito que a primeira e a segunda pessoas do plural, constituídas pelas formas pronominais no singular e pelo formativo **mẽ**, são descontínuas, podendo ocorrer entre elas partículas aspecto-temporais e outros constituintes, como, por exemplo, adjuntos adverbiais.

1.2.2. Pronomes dependentes

Os pronomes dependentes têm distribuição diferente dos pronomes livres. Eles podem ocorrer em construções sintáticas nas seguintes funções:

- (a) marcando o possuidor de uma construção possessiva, com nomes alienáveis ou inalienáveis;
- (b) como argumento O de verbos transitivos;
- (c) como argumento S de verbos intransitivos não-ativos;
- (d) como argumento A, marcado pela posposição **tɛ** de caso ergativo, em orações transitivas de tempo passado e aspecto perfectivo – no sistema Ergativo/Absolutivo;
- (e) como argumento S de verbos S_{io} e como terceiro argumento de verbos bitransitivos, em ambos os casos, esses elementos aparecem marcados por posposições;
- (f) da mesma forma que para a série de pronomes livres, não há formas para a terceira pessoa dos pronomes dependentes.

Quando o sistema opera na base ergativo/absolutiva e o argumento A é de terceira pessoa, a posposição **tɛ** / **tɛm**, do singular e do plural, respectivamente, ocorre na mesma posição que com as outras pessoas, o que identifica a pessoa do sujeito. O mesmo acontece quando **mẽ**, que indica a terceira pessoa, aparece em contextos próprios de locuções verbais. Os prefixos relacionais da classe B também recuperam essa referência.

No quadro abaixo, resumimos os pronomes livres e os pronomes dependentes, de acordo com suas respectivas funções sintáticas:

Quadro 7: Elementos pronominais em suas funções sintáticas

ELEMENTOS PRONOMINAIS						
	S_p/A_{Nom}	A_{Erg}	O	S_o	O_{Posp}	Poss
1 singular	wa	i-tɛ	i-	i-	i-	i-
2 singular	ka	a-tɛ	a-	a-	a-	a-
1 dual (1 + 2)	ku	?	ku-	ku-	ku-	ku-
1 plural exclusivo	wa...mẽ	i-tɛm	mẽ i-	mẽ i-	mẽ i-	mẽ i-
1 plural inclusivo	mpa	mpa-tɛm	mpa-	mpa-		
1 dual plural	ku...mẽ	?	ku...mẽ	ku...mẽ		
2 plural	ka mẽ	ka mẽ - tɛm	mẽ a-	mẽ a-		

1.2.3. Pronomes reflexivo e recíproco

A língua Parkatêjê tem uma forma recíproca e uma forma reflexiva. O reflexivo indica que a ação expressa pelo verbo refere-se ao sujeito, o qual também é entendido como sendo o objeto da sentença. Isto é, a forma reflexiva indica que uma dada entidade preenche dois papéis semânticos e/ou relações gramaticais, de acordo com Payne (1997:198). O reflexivo em Parkatêjê tem a forma **amzi**.

- (57) mpa- tɛm kɛy tɔ amzi mɛ hɪr
 1Incl ErgPl faca Instr Refl Dat cortar
 ‘nós nos cortamos com a faca’

Já a forma recíproca, **aipên**, indica que dois participantes de uma sentença são igualmente agentes e pacientes, ou seja, eles agem igualmente um sobre o outro.

- (58) ma ku mɛ aipɛn wɪr ku-rɛ
 Exort Du Rec Dir Onc-jogar
 ‘Vamos jogar (a bola) um para o outro’

O fato em comum entre reflexivos e recíprocos é que ambos apontam para a correferencialidade entre os papéis semânticos de agente e paciente. Não está claro ainda o status desses elementos em Parkatêjê: se são prefixos ou formas livres. Estudos posteriores deverão esclarecer isso. No presente trabalho, está-se considerando-os formas livres. A princípio, as formas reflexiva e recíproca ocorrem somente com verbos transitivos, os quais assumem as propriedades morfossintáticas de verbos intransitivos. Em vários exemplos, a forma reflexiva ocorre incorporada à raiz verbal. Em alguns casos, como o do verbo **amzitɛy** ‘estar cheio/farto/satisfeito (de comida)’, é possível identificar os morfemas que o compõem - **amzi** ‘Refl.’ e **tɛy** ‘ser/estar duro’. Em outros casos, como o do verbo **amzizakɔp**, isso já não é possível (cf. capítulo sobre incorporação nominal):

(59) rɨ i-tɛ tɔ amʒitəy
 já 1-Erg estar.cheio
 ‘eu já estou cheia’ (depois de comer)

(60) wa amʒiʒakɔp
 eu pensar
 ‘eu penso’

As formas **amʒi** e **aipên**, reflexivo e recíproco do Parkatêjê, respectivamente, são idênticas às do Canela-Krahô e têm funções semelhantes em vários aspectos, de acordo com o que foi observado por Popjes e Popjes (1986:141-2).

Callow (1962:175) menciona a existência, em Apinajé, de dois tipos de verbos, os quais seriam compostos por duas ou mais raízes. Um desses subgrupos, denominado por ele grupo A, é formado de verbos constituídos pela forma *amnĩ* ‘self’ e de verbos de um morfema, como, por exemplo, *amnĩma* ‘pensar’, o qual é composto do reflexivo e do verbo *ma* ‘escutar, saber, entender algo’.

1.2.4. Pronomes demonstrativos

A língua Parkatêjê apresenta um sistema de pronomes demonstrativos que ocorrem em várias funções nominais. O sistema está organizado de acordo com o parâmetro de distância relativa em relação ao falante e/ou ouvinte.

O quadro abaixo apresenta os demonstrativos da língua:

Quadro 8: Pronomes demonstrativos

Demonstrativos		P. Dependentes	Distância	Segmentação
S	ita	i-	do ouvinte	i-ta
Pl	itaze			
	ata	a-	do falante	a-ta
	ta	Ø-	-	Ø-ta ~ tam

À primeira vista, os demonstrativos parecem ter relação com a série de pronomes dependentes, em virtude de sua forma. Os informantes tendem a dizer que **ita** refere-se a alguma coisa ou alguém que está próximo do falante e que **ata** refere-se a alguma coisa (ou alguém) que está distante do falante, mas ainda sob sua visão. Por essa razão, considero ser a função dêitica a função principal dos demonstrativos: a informação sobre a localização espaço-temporal de um dado objeto ou elemento. Isso parece bem plausível, se se levar em conta a forma dos demonstrativos e dos pronomes dependentes, porém, como veremos adiante, esta parece ser somente a regra geral, uma vez que esses elementos podem designar alguma coisa conhecida pelo falante e pelo ouvinte e que está somente em suas memórias e não mais diante dos olhos de ambos.

Da mesma forma que adjetivos e quantificadores, os demonstrativos nominais ocorrem em posição pós-nominal numa locução nominal plena. Com os pronomes dependentes, eles podem ocorrer como objeto de posposição, muito embora não se tenham encontrado exemplos em que apareçam como possuidor em uma locução genitiva.

Como a língua não tem formas de pronomes de terceira pessoa, algumas vezes **ta** pode substituí-los, se o contexto pragmático estiver claro para o falante. Mas ainda assim, o uso preferencial é o do zero. Parece-me que há um caso de distribuição complementar entre **ta** e outros nomes também.

O grupo de demonstrativos pode ocorrer como uma locução nominal com uma palavra interrogativa (ou indefinida). Uma locução nominal incluindo um demonstrativo pode ocorrer nas funções S_a, A e O.

No exemplo (61), o demonstrativo **ita** substitui o nome **tũmtũm** ‘capivara’. O contexto de sua ocorrência é o seguinte: o Sol caçou dois desses animais e deu o mais magro para a Lua, que ficou cobiçando o animal do Sol, porque este era mais gordo; a Lua começa a reclamar e a pedir ao Sol que lhe dê o gordo. Neste exemplo, o demonstrativo ocorre como uma locução nominal plena em função de objeto:

- (61) tama! rĩ ita a- mẽ hõr
 Espera! já Dem 2- Dat dar+Pas
 ‘Espera! Eu já te dei este.’

Nos exemplos (62) e (63), o demonstrativo aparece nas locuções nominais **ituwarɛ ita** ‘este sobrinho’ e **mpɔ ita** ‘esta coisa’, sendo que em (62) ele ocorre em função S. A ordem V-S é um recurso de ênfase, muito usado em textos.

- (62) mĩti kẽm: tayma ituwarɛ ita
 jacaré Posp desaparecer sobrinho Dem
 ‘O Jacaré (perguntou): onde está aquele sobrinho?’ *lit.* ‘O Jacaré (perguntou): Aquele sobrinho desapareceu?’

No exemplo (63), não há um verbo na primeira sentença do período, muito embora a estrutura seja a mesma de um verbo do tipo S_{io}, cujo significado é ‘Jê, me dá essa coisa’. Por essa razão analiso a locução nominal **mpɔ ita** ‘esta coisa’ como estando em função O:

- (63) ʒe, i- mẽ mpɔ ita
 Voc 1- Dat coisa Dem
 ‘Jê, me dá esta coisa’

No exemplo (64), o demonstrativo está ocorrendo em função A, estando marcado, inclusive, pelo caso ergativo:

- (64) ita tɛ i- kakwĩn
 Dem Erg 1- bater
 ‘Isto me bateu’

O exemplo (65), em que aparece o **ta**, foi registrado numa situação real de comunicação. Durante minha primeira viagem ao campo, os Parkatêjê resolveram realizar a “Festa do Milho Verde”, que não faziam já havia bastante tempo. Como parte da preparação para a festa, todos deveriam ter os cabelos cortados e o corpo pintado de urucum. Assim sendo, fui convidada a ter o cabelo cortado, o que todos viram, e o Japenprãmti foi o responsável pelo corte. Depois, algumas mulheres perguntaram-me quem havia cortado meu cabelo. Como ele estava bem perto de nós, apontei-o e perguntei como deveria dizer na língua ‘ele que cortou pra mim’. Assim obtive o exemplo (65), um dos únicos dados do corpus em que o **ta** ocorre como pronome de terceira pessoa:

- (65) ta pe i- mē tɔho
 Dem 1- Dat cortar.a.franja
 ‘ele cortou minha franja’

O exemplo (66) foi obtido numa conversa espontânea com o Capitão Krôhokrenhũm, que fez menção a um cachorro muito velho e querido que ele tivera. O exemplo é um predicado nominal, pois o verbo **pēr** ‘farejar’ está nominalizado pelo sufixo **-kate**. A forma verbal nominalizada é usada predicativamente, portanto a locução nominal contendo o demonstrativo está em função S:

- (66) rɔp ita kukrɨt pēr-kate
 cachorro Dem anta farejar-Nom
 ‘este cachorro é farejador de anta’

No exemplo (67) o demonstrativo ocorre modificando o nome indefinido **mpo**:

- (67) mpo ita kutʃuey nĩε
 Ind Dem cheirar.bem Intens
 ‘esta coisa está cheirando muito’

No exemplo (68), o demonstrativo está em função O, ocorrendo sozinho como uma locução nominal plena:

- (68) zũm tε ita pĩr
 Int Erg Dem matar
 ‘Quem matou isso?’

No exemplo (69), o demonstrativo aparece em função de sujeito e foi coletado durante uma aula de Parkatêjê para crianças. O professor Piare estava mostrando alguns instrumentos tradicionais. Nota-se novamente que a posição do demonstrativo não é pós-nominal, mas sim pré-nominal. Caso o demonstrativo estivesse em posição pós-nominal, a interpretação seria “esta faca”, como uma locução nominal, como no exemplo (70):

- (69) ita kəy
 Dem faca
 ‘Isto é faca’

- (70) kəy ita
 faca Dem
 ‘esta faca’

Os demonstrativos também podem ser usados para designar algum evento, fato ou pessoa conhecidos do falante e do ouvinte, como mencionamos anteriormente. Um dia, uma de minhas muitas “tias” da aldeia resolveu me ensinar algumas palavras relacionadas a partes sexuais do corpo humano. Depois, ela me pediu que não contasse nada a

ninguém. Então eu lhe perguntei como dizer “eu vou guardar isso comigo”, e ela deu-me o correspondente a “eu vou esconder isso”. A forma do demonstrativo usada não foi **ita**, mas **ata**, conforme pode ser visto no exemplo (71):

- (71) wa mũ ata amtʃu
 eu Dem esconder
 ‘eu vou esconder aquilo’

A forma **ata** aparece também em um período do texto mítico do Sol e da Lua. A situação é a seguinte: a Lua adoece e morre, e o Sol cuida de toda o ritual de preparação para o funeral – ele corta o cabelo dela, pinta o corpo dela com urucum, coloca-a num pedaço especial de madeira e deixa-a lá, pois não podia enterrá-la; depois disso, o Sol pede à Lua que mantenha tal ritual e que, caso ele venha a falecer, faça com ele exatamente o que ele fez com ela. Nessa parte do texto, os dois demonstrativos **ita** e **ata** ocorrem, como pode ser observado no exemplo abaixo, o qual é um longo trecho, mas que vale a pena ser analisado:

- (72) pe pia katʃer mōr katɔr
 PD Dub lua ir+Pas sair+Pas
 ‘(Dizem que) A Lua saiu.’
 pe itakēm tɨk -rɛ
 PD hoje morrer+Pas Aten
 ‘Ela morreu naquele dia.’
 pɨt mũ tɔ mō nē kēm tɔho nē ku-krɛn
 sol fazer ir SS Posp cortar.franja SS Onc-pintar+Pa
 ku-pɛn mũ tɔ mō pɛrkrɛt nē ku-tʃi
 Onc-carregar+Pas fazer ir tronco SS Onc-colocar+Pas
 ‘O Sol foi (atrás dela), cortou seu cabelo, pintou seu corpo com urucum, carregou-a e colocou-a num tronco.’

pe pia aiku kēm: ʒe, wa apanē nē tî
 PD Dub PR Posp Voc eu adoecer SS morrer
 ita nēhi
 Dem mesmo

‘Então o Sol disse: Jê, eu estou doente e vou morrer. Faz isto mesmo comigo! (o que eu fiz para ti)’

pe pia aiku kēm: ʒe, wa ka mû ata nēhi
 PD Dub PR Posp Voc eu Fut Dem mesmo

‘(E a Lua prometeu a ele): Jê, eu vou fazer aquilo mesmo!’

Em alguns exemplos, encontrei o demonstrativo *ita* (ou uma forma homófona) marcado pela posposição *kēm*, que, em geral, é associada ao caso locativo. No exemplo (73), a expressão *ita kēm* tem o significado temporal relativo ao momento da enunciação:

(73) wa ka ita kēm mēōkrɛpoy
 eu Fut hoje cantar.ritualisticamente
 ‘eu vou cantar hoje’

Há ainda demonstrativos adverbiais, os quais serão tratados na seção dos advérbios.

1.2.5. Pronomes indefinidos

Elementos de várias ordens estão reunidos nessa subclasse que abrange: (i) a forma *mēkwə* ‘alguém/alguns’, (ii) os quantificadores (todos, muitos, poucos) e (iii) os numerais. Os critérios utilizados para juntar esses elementos são de base morfossintática e semântica.

Do ponto de vista do significado, esses elementos podem ser considerados ou como quantificadores ou como determinantes. Distribucionalmente, a forma *mēkwə*, por

exemplo, comporta-se como um pronominal, somente ocorrendo em posição de argumento nuclear:

- (74) mēkwə tɛm kuwe p̄r mēkwə tɛm
 alguns ErgPl arco Onc-pegar+Pas alguns ErgPl
 katōk p̄r
 espingarda Onc-pegar+Pas
 ‘alguns pegaram arcos, alguns pegaram espingarda’

- (75) i- tɛ mēkwə pupun
 1- Erg alguns Rel-ver+Pas
 ‘eu vi alguns’

Já os quantificadores e os numerais têm um comportamento misto – funcionando ora como pronominais, ora como modificadores de nomes. Não foram observadas quaisquer diferenças no uso dos quantificadores com relação a entidades contáveis ou não-contáveis, nem diferenças quanto à constituição dessas entidades (sólido ou líquido, por exemplo).

Os quantificadores que verifiquei em Parkatêjê são: **kunīnī** ‘tudo’ (**kunīnī** ‘todos’ para indivíduos não-animados; **mēkunīnī** para elementos animados); **kwə**, cujo sentido pode ser ‘vários; um pouco; um pedaço’, dependendo do tipo de nome com o qual tal quantificador se relaciona, daí a razão de esta análise considerá-lo um quantificador indefinido.

Em Parkatêjê, essas palavras são usadas como modificadores do nome em locuções nominal e adnominais, ocorrendo após o nome que elas modificam. Essas palavras constituem uma classe fechada de elementos que, como foi dito anteriormente, ocorrem em posição pós-nominal. Não há registros de ocorrências de tais palavras em locuções possessivas, mesmo tendo sido o núcleo nominal omitido; elas tampouco ocorrem com os sufixos **-rɛ** / **-ti**, à exceção do numeral **p̄t̄ʃit** ‘um ou sozinho’, que aparece em alguns contextos com **-rɛ**.

Observando os exemplos (76), (77) e (78), verifica-se que **kwə** aparece modificando nomes de animais em função O:

(76) mē mpî -tɛ kaprën kwə ʒ- apën
 Pl homem -Erg jabuti Quant Rel- achar
 ‘os homens acharam muitos jabutis’

(77) i- tɛm tɔ kra kwə koran
 1 ErgPl fazer paca Quant matar.com.tiro
 ‘nós matamos muitas pacas’

(78) i- tɛ pî-tëkti kwə ren
 1 Erg mutum Quant matar.com.flecha
 ‘eu matei vários mutuns’

Em (79) e (80), **kwə** aparece em estruturas com o dativo, que, embora não tenham o verbo ‘dar’, conferem esse sentido às construções. Em ambos os contextos, **kwə** refere-se ao núcleo nominal **kuputi** ‘um tipo de beiju’, o qual somente aparece na oração (80):

(79) i- mē kwə
 1- Dat Quant
 ‘me dá um pedaço’

(80) i- mē kupu kwə wa ku-ku
 1 Dat kuputi Quant eu Onc-comer
 ‘me dá kuputi para eu comer’

Na sentença (81), o quantificador **kwə** refere-se à locução nominal **he** ‘fio’, como um modificador:

- (81) i- mē he kwə
 1 Dat fio Quant
 ‘me dá um pedaço do fio’

No exemplo (82), o quantificador **kwə** refere-se à locução nominal **kotɨkrɛ** ‘café’:

- (82) airɔm, ma ku kotɨkrɛ kwə tɔikō
 NPr Exort Du café Quant beber
 ‘Airom, vamos tomar um pouco de café?’

Da mesma forma que **mēkwə**, o indefinido **mēkunĩnĩ** comporta-se como um pronominal, ocorrendo em posição de argumento nuclear:

- (83) mēkunĩnĩ i- tɛm Piare pupũn mē tɛ
 todos 1 ErgPl N.Pr. Rel-ver+Pas DS Erg
 mē i- pupun inũare
 1PlExcl Rel-ver+Pas Neg
 ‘todos vimos o Piare, mas ele não nos viu’

Não foi verificada a ocorrência de numerais nem de quantificadores com o sufixo nominalizador **-tʃɛ** nem com o sufixo agentivo **-kate**.

Até onde pude investigar, as palavras para numerais cardinais em Parkatêjê vão de um a três apenas: (1) **pɨ tʃit** ‘um’, algumas vezes usado com o sentido de ‘sozinho’, (2) **aikrut** ‘dois’ e (3) **hito** ‘três’.

pĩ t ʃit	‘um’
aikrut	‘dois’
hito	‘três’

Depois disso, em geral, os falantes referem-se a **kumɛy** ou **yaretete** ‘muitos’, ou ainda fazem uma justaposição de elementos, a fim de especificar a quantidade superior a três:

aikrut aikrut mẽ	‘quatro’	<i>lit.</i>	‘dois e dois’
aikrut hito mẽ	‘cinco’	<i>lit.</i>	‘dois e três’
hito hito mẽ	‘seis’	<i>lit.</i>	‘três e três’
aikrut aikrut hito mẽ	‘sete’	<i>lit.</i>	‘dois, dois e três’

Entretanto, atualmente, em razão do contato diário da comunidade indígena Parkatêjê com a língua portuguesa, há uma preferência pelo uso dos numerais em português, quando é necessário especificar numerais acima de três, talvez como uma forma de evitar as justaposições, conforme se pode observar no exemplo abaixo:

- (84) mẽ 3- õ krĩ kēm katirɛ kwatru
 Pl Rel- coisa aldeia Loc igarapé quatro
 ‘há quatro igarapés na nossa aldeia’

1.2.6. Pronomes e formas interrogativas

As palavras interrogativas em Parkatêjê formam uma classe fechada de formas livres e, dependendo do constituinte ao qual se ligam, podem receber algumas marcas próprias daquele tipo de constituinte, como, por exemplo, as posposições locativas, o dativo e o malefactivo. Esse conjunto de palavras abrange pronomes e advérbios.

Em Parkatêjê, são pronomes interrogativos as formas (a) **зӯм** ‘quem’ e (b) **mpɔ**, um nome indefinido, que em alguns contextos pode ser traduzido por ‘coisa’ e em contextos interrogativos é usado para ‘que’, substituindo nominais semanticamente inanimados. Da mesma forma que os nomes, ambos, **зӯм** e **mpɔ**, podem receber a marcação de caso pertinente e constituir o núcleo da locução nominal.

Verifiquei a ocorrência de **(ka)pia**, cuja função primordial é marcar um constituinte interrogativo. Com essa partícula, pode ocorrer um nome indefinido como **mpɔ**, por exemplo, em expressões do tipo **mpɔ ka pia** ou ainda **mpɔ pia** para se perguntar ‘o quê?’. Em outros contextos, **pia** assume um sentido dubitativo. Usando-se somente a forma **pia**, pode-se ainda interrogar um constituinte nominal, como nos exemplos abaixo:

(85) pia yarkore?
 Dub NPr
 ‘(onde está) Jarkore?’

(86) pia kotay?
 Dub cupuaçu
 ‘(onde está) cupuaçu?’

Os exemplos mostram ainda que, entre as partículas **ka** e **pia**, podem ocorrer outros morfemas, cuja função e sentido não estão bem compreendidos. Por isso, no presente estudo, mantive as duas formas separadas. No corpus analisado, todavia, não há exemplos de **ka** ocorrendo sozinho com o sentido de partícula interrogativa. Ainda assim descarta-se a possibilidade de ser esse morfema o pronome livre de segunda pessoa do singular, formalmente idênticos, por haver exemplos como o que está abaixo apresentado. No exemplo (87), embora apareça a forma **ka**, a referência não é à segunda pessoa do singular.

- (87) ka pia mē i- wɪr mōr
 Int Dub 1PIExcl Dir vir+Pas
 ‘quem chegou?’ *lit.* ‘quem veio a nós?’

Uma questão a ser ainda aprofundada em estudos posteriores é o mecanismo de marcação de pessoa utilizado pela língua em interrogativas, visto que, em muitos casos, aparentemente a questão se resolve pelo contexto pragmático.

Há uma subclasse de palavras interrogativas para lugar, com formas distintas, dependendo da especificação do lugar, marcadas por posposições. O comportamento morfossintático dessas palavras é adverbial. Há ainda a partícula *ya*, usada tanto para perguntas sim/não quanto para perguntas alternativas.

No quadro abaixo, pode-se observar o conjunto brevemente descrito acima:

Quadro 9: Formas interrogativas

Formas interrogativas	
ʒũm	‘quem?’
ʒõrĩ	‘onde?’
ʒõpĩ	‘de onde?’
ʒõnẽ	‘para onde?’
mpɔ nẽ	‘por quê?’
mpɔ (ka) pia	‘o que?’
mẽ ke pia	‘quando?’
mẽ pia	‘o que é?’
mẽ nẽ pia	‘de que modo?’
mẽ ka pia	‘qual?’

A palavra *ʒũm* é um pronome interrogativo cujo referente tem o traço semântico [+ humano]. Tal elemento pode substituir o possuidor de uma locução possessiva (como em (88)), o núcleo de uma locução nominal em função de sujeito A (como em (89) em que recebe a marca de caso ergativo *tɛ*), a locução nominal em

função S (como em (90)) e a locução nominal objeto (que aparece marcada pelas partículas **ka pia** em (91)):

(88) ʒũm ʒ- õ kre?
 Int Rel- Pos casa
 ‘de quem é essa casa?’

(89) ʒũm tɛ tɔ kra koran?
 Int Erg paca matar
 ‘quem matou paca?’

(90) ʒũm mũ mõr
 Int ir+Pas
 ‘quem foi?’ (para Marabá)

(91) ʒũm ka pia a- tɛ hõpun
 Int Int Dub 2- Erg Rel-ver+Pas
 ‘quem tu viste?’

O pronome interrogativo **ʒũm** pode vir modificado por **apiri** (que com verbos ocorre como partícula de aspecto iterativo), como no exemplo (92), bem como pela partícula enfática **nare** como em (93).

(92) apiri ʒũm
 Iter Int
 ‘quem mais?’ para a pergunta ‘quem mais veio de Marabá no caminhão?’

(93) ʒũm nare?
 Int Enf
 ‘quem mesmo?’

Em resumo, **ʒũm** apresenta características morfossintáticas intermediárias entre as características de nomes e pronomes.

Encontrei três formas na língua para fazer perguntas relacionadas à noção de lugar: (i) **ʒõrĩ** ‘onde’, (ii) **ʒõpĩn** ‘de onde’ e (iii) **ʒonã** ‘para onde’. Elas ocorrem com as partículas interrogativas **ka pia** e, da mesma forma que **ʒũm**, ocorrem em posição sentencial inicial. No exemplo (99), o nome **krĩ** ‘aldeia’ aparece modificado por **ʒõpin**, cuja posição nesse caso é pós-nominal, em concordância com a ocorrência de outros modificadores na língua. O sentido de tal locução é ‘de qual aldeia’.

- (94) ʒõrĩ ka pe pia a- kato?
 onde Int Dub 2 nascer
 ‘onde tu nasceste?’
- (95) ʒõrĩ pia kato?
 onde Dub nascer
 ‘onde ela nasceu?’
- (96) ʒõpĩn pe pia mō?
 Int Dub ir
 ‘de onde ela veio?’
- (97) ʒõrĩ ka pia a- tɛ tɔ koran?
 onde Int Dub 2- Erg fazer matar
 ‘onde tu mataste?’ (a paca)
- (98) ʒõrĩ ka pia apu mō?
 lugar Int Dub Cont ir
 ‘de onde tu vens vindo?’

- (99) krĩ ʒõpĩn ka pia mõ?
 aldeia Int Int Dub ir
 ‘de qual aldeia tu vieste?’

De acordo com o que mencionei no início desta seção, há, em Parkatêjê, dois conjuntos de partículas interrogativas: (i) **ka pia** e (ii) **ya**. Ambas ocorrem preferencialmente em primeira posição. O uso de **ya** parece ser mais restrito.

Ao que tudo indica, **ka pia**, conforme já observei acima, parece poder incidir em quaisquer constituintes que estejam em seu escopo.

Os exemplos de (100) a (104) ilustram o fato de **ka pia** ser um mecanismo usado, em conjunto com o padrão entonacional apropriado, para marcar sentenças interrogativas. Todas as orações estão com os seus argumentos presentes, sendo atestada a presença de **ka pia** como recurso parcial de marcação de sentenças interrogativas:

- (100) ka pia tumtum a-krẽ inũarɛ?
 Int Dub capivara 2-comer Neg
 ‘tu não comes capivara?’

- (101) ka pia a- rĩ belem wĩr mõr?
 Int Dub 2- já NPr Dir ir+Pas
 ‘tu já foste a Belém?’

- (102) ka pia a- rĩ rɔp krɔri pupũn?
 Int Dub 2- já onça pintada Rel-ver+Pas
 ‘tu já viste onça pintada?’

- (103) rɔp krɔri ka pia a- rĩ hõmpun?
 onça pintada Int Dub 2 já Rel-ver+Pas
 ‘onça pintada, tu já viste?’

- (104) ka pia itapa apɨ nẽ mẽ i- wɨr mō
 Int Dub sentir.saudades voltar Loc 1PIExcl Dir ir
 ‘vocếs vieram nos ver porque estavam com saudades?’ *lit.* ‘vocếs voltaram por sentir saudades e vieram a nós?’

Conforme mencionei também no início desta seção, **ka pia**, ocorrendo com uma palavra indefinida como **mpɔ**, adquire o sentido ‘que?’.

- (105) mpɔ wɨr ka pia arɛ a- mũ tẽ?
 Ind Dir Int Dub Enf 2- ir
 ‘o que tu vais fazer lá?’ (em Belém)
- (106) mpɔ ka pia a- tɛ ku- krẽr ita kẽm?
 Ind Int Dub 2- Erg Onc- comer+Pas hoje
 ‘o que tu comeste hoje?’
- (107) mpɔ ka pia arɛ a-krẽ apẽ nẽ?
 Ind Int Dub Enf 2-comer amanhã
 ‘o que tu vais comer amanhã?’
- (108) mpɔ ka pia arɛ koran prẽm?
 Ind Int Dub Enf matar querer
 ‘o que tu queres matar?’ (na caçada)
- (109) mpɔ ka pia y-arẽn?
 Ind Int Dub Rel-dizer
 ‘o que ela disse?’

Já para perguntas relacionadas à noção temporal ‘quando’, temos a ocorrência de **mẽ ke pia**, que parece ter um padrão de ocorrência diferente do padrão de **ka pia** no que

se refere à sua distribuição. De acordo com o que foi visto acima, **ka pia** ocorre à direita do constituinte ao qual se refere, enquanto o conjunto, **mē ke pia**, ocorre à esquerda dos constituintes que são alvo da interrogação, como se pode verificar no exemplo (110):

- (110) mē ke pia aikati ka ka amnē mō?
 Int Dub dia tu Fut para.cá ir
 ‘que dia tu vens para cá?’

Para se perguntar sobre a razão ou o motivo de determinado evento ou ação, usa-se **mpɔ nē** ‘por quê?’

- (111) mpɔ nē ka pia arɛ apu mra?
 Ind Enf Int Dub Enf Cont chorar
 ‘Por que tu estás chorando?’

- (112) mpɔ nē ka pia arɛ aiken?
 Ind Int Dub Enf rir
 ‘Por que elas estão rindo?’

- (113) mpɔ nē pia arɛ marilia kaprĩ-rɛ?
 Ind Dub Enf NPr estar.triste
 ‘Por que a Marília está triste?’

A palavra **mpɔ** é usada em questões do tipo ‘que’, tanto para responder a um chamamento quanto para identificar objetos. Se alguém chama uma outra pessoa, comumente essa responde ‘**mpɔ?**’, no sentido de ‘o que é?’.

- (114) mpɔ narɛ?
 Ind Enf
 ‘o que mesmo?’

Quando **mpɔ** é usada como recurso para perguntar sobre a identificação de objetos, essa palavra virá associada a **mẽ pia**. Uma hipótese quanto ao sentido literal dessa construção é algo do tipo ‘para coisa, questão?’. Trata-se de uma forma perifrástica, como, aliás, todas as formas interrogativas em Parkatêjê, que são constituídos de mais de um morfema, tornando, muitas vezes, árdua a tarefa de ‘decifrar-lhes’ o sentido isolado.

(115) mpɔ mẽ pia?

Ind Dat Dub

‘o que é?’

Para fazer perguntas sobre a identidade de pessoas, usa-se a palavra interrogativa **zũm**, também associada a **mẽ pia**:

(116) zũm mpɛ mẽ pia?

Int homem Dat Dub

‘quem é (esse) homem?’

Já para a noção ‘de que modo?’, usam-se, em Parkatêjê, as formas **mẽ na**, associadas ou não a **(ka) pia**. Ainda não está completamente clara a significação e o uso dessas formas, havendo necessidade de investigá-las mais criteriosamente.

(117) mẽ na tɛ tɔ?

Erg fazer

‘como ele foi feito?’

(118) mẽ ka pia mẽ por nẽ tɔ?

Int Dub Pl bolo fazer

‘como se faz bolo?’

A outra partícula interrogativa da língua é *ya*, que ocorre sempre em primeira posição e parece ser usada tanto para perguntas do tipo sim/não quanto para perguntas alternativas – aquelas em que se oferecem duas possibilidades ao interlocutor. Como já foi expresso anteriormente, o uso dessa partícula parece ser restrito a esses dois tipos de ambientes, sendo ainda possível que orações alternativas apareçam marcadas somente pelo padrão de entonação ascendente-descendente.

- (119) *ya rĩ apĩ mē a- katɔr?*
 Int já voltar Loc 2- chegar+Pas
 ‘você já voltou?’ *lit.* ‘você já voltou e chegou?’
- (120) *ya kĩmē ʒĩ ka a- tɛ tɔ koran?*
 Int Cont estar.sentado tu 2- Erg fazer matar+Pas
 ‘ela estava sentada (quando) tu a mataste?’ (a paca)
- (121) *ya a- tɛ yat ʃu koran?*
 Int 2- Erg veado matar+Pas
 ‘tu mataste veado?’
- (122) *ya a- tɛ nō pĩr inũarɛ?*
 Int 2- Erg um matar+Pas Neg
 ‘tu não mataste nenhum (bicho)?’
- (123) *ya a- tɛ mpɔ pĩr*
 Int 2- Erg Ind matar+Pas
 ‘tu mataste (alguma) coisa?’
- (124) *ya mũ a- tɛ prĩnti nō kupan?*
 Int 2- Erg piquiá um roer
 ‘tu comeste algum piquiá?’

1.3. Verbos

Os verbos em Parkatêjê ocorrem prototipicamente como núcleos de predicados e estão associados às categorias de tempo, aspecto e modo, as quais não são marcadas na raiz verbal, mas são codificadas por partículas que ocupam determinadas posições na sentença em relação ao constituinte verbal. Partículas pós-verbais indicam negação e ênfase.

O verbo recebe os sufixos de aumentativo ou diminutivo que podem referir-se às propriedades do sujeito ou do objeto, por exemplo, como um atenuativo, dependendo do tipo de verbo ao qual se agregam, ou ainda indicar ênfase na ação verbal. Os verbos podem sofrer derivações que mudam a sua valência (operações de causativização, construções reflexiva e recíproca e passivização) e participar de construções seriais. Propriedades morfosintáticas e semânticas permitem distinguir duas classes maiores de verbos em Parkatêjê: os ativos e os estativos ou descritivos ou ainda não-ativos, o que Araújo (1989:84) chamou de divisão binária dos verbos. Ainda segundo Araújo (1989:104), “dentre os (verbos) ativos há, ainda, uma divisão binária entre os que têm forma longa quando a sentença é marcada para tempo passado/aspecto completo e os que têm forma única”.

Pelo número de argumentos que admitem, distinguem-se a subclasse de verbos intransitivos – que apresenta um só argumento nominal (S) e que inclui uma subclasse de verbos ativos e todos os descritivos – e a subclasse dos verbos transitivos (ativos) - que, além de um nominal em função de sujeito (A), admite um segundo nominal em função de objeto (O).

Os verbos ativos do Parkatêjê apresentam propriedades também observadas em outras línguas Jê. Apresentam duas formas, as chamadas formas longas e formas curtas. A existência dessas formas é atestada em línguas como o Apinajé (Callow, 1962), o Kayapó (Trapp, 1968²¹; Ferreira, 1994; Reis Silva e Salanova, 1998), o Canela-Krahô (Popjes e Popjes, 1986), o Suyá (Santos, 1997), o Panará (Dourado, 2001) e o Apaniêkrá (Alves, 2002). Para a análise do Parkatêjê, a terminologia parece um tanto confusa

²¹ Trapp (1968) trata essas formas como ativas e descritivas. Ao que tudo indica, para ele, as formas curtas seriam as ativas e as longas, as descritivas.

porque em certos contextos onde se espera que ocorra a forma “longa”, ocorre justamente uma forma mais curta, como é o caso do verbo **yarên / arên** ‘dizer’, em alguns contextos a serem melhor definidos. Além disso, alguns verbos, aparentemente, apresentam pelo menos três formas. No presente trabalho, defenderei que determinados verbos apresentam duas formas distintas, enquanto outros têm duas formas idênticas, que ocorrem em contextos diferentes, à maneira das primeiras. À primeira vista, a oposição entre essas formas parece referir-se à categoria de tempo ou mesmo à categoria aspecto-temporal, pelo menos é o que se depreende dos dados da língua Parkatêjê. Os contextos de ocorrência da forma longa são aqueles do passado perfectivo, em que o evento é compreendido como concluído, enquanto a forma curta marca o evento ainda em andamento. Os exemplos abaixo provêm de elicitación formal do arquivo da Profa. Leopoldina Araújo, posteriormente novamente elicitado por mim:

(125) i-te kotĩkti nẽ ton
 1-Erg café fazer+Pas
 ‘eu fiz café’ *lit.* ‘eu passei/coei café’

(126) wa kotĩkti nẽ to
 eu café fazer
 ‘eu faço café’

(127) krohokrenhum nkrɛr
 NPr cantar+Pas
 ‘Krôhôkrenhũm cantou’

(128) krohokrenhum nkrɛ
 NPr cantar
 ‘Krôhôkrenhũm canta’

Verifica-se ainda a existência dos chamados “prefixos relacionais” em línguas como o Kayapó (Borges, 1995 e 1996; Salanova, 1999), o Panará (Dourado, 1993), o

Suyá (Santos, 1997), o Canela-Krahô, embora Popjes e Popjes (1986) ofereçam uma outra análise para a ocorrência, que foi revista por Rodrigues (1990). Uma análise cuidadosa de uma língua como o Parkatêjê revela que esses prefixos relacionais fazem parte de um sistema bem desenvolvido de marcação obrigatória da relação entre núcleos e argumentos (o nome possuído e o possuidor; o objeto direto e o verbo transitivo e o sujeito e o verbo descritivo (S_o e S_{io})), mesmo que esses argumentos sejam indefinidos ou indeterminados.

Os verbos também se diferenciam em função de sua ocorrência com os elementos pronominais: se ocorrem com os pronomes livres, são verbos ativos, e se ocorrem com os pronomes dependentes, são verbos estativos ou descritivos. A ocorrência dos prefixos relacionais com os verbos se dá de maneira análoga à ocorrência desses elementos com os nomes.

Há construções seriais na língua, as quais são constituídas de dois verbos, indicando diferentes possibilidades semânticas ligadas a nuances aspectuais e modais. Alguns verbos admitem incorporação de nomes e posposições²². Neste trabalho, descreverei a incorporação de nomes, mas não ainda a de posposições, embora tenha evidências muito claras de que essa ocorrência é produtiva na língua.

1.3.1. Classes de verbos: intransitivos, intransitivos estendidos, transitivos e transitivos estendidos e verbos posicionais

Nesta seção, descreverei minha proposta de análise das classes de verbos em Parkatêjê.

1.3.2. Verbos intransitivos

Verbos intransitivos em Parkatêjê podem ser basicamente de dois tipos: os intransitivos simples, cujo papel nuclear corresponde ao sujeito (S), e os intransitivos estendidos, que, além do sujeito, apresentam um constituinte oblíquo.

²² Dourado (2001) é o primeiro trabalho a descrever fenômenos de incorporação de posposições e de construções seriais em uma língua Jê.

1.3.3. Verbos ativos e verbos descritivos

Semanticamente, os verbos intransitivos podem ser de dois tipos: os verbos ativos (ou de ação), e os verbos descritivos (estativos ou não-ativos), conforme sua possibilidade de ocorrência com os pronomes livres (verbos ativos) ou com os pronomes dependentes (verbos não-ativos). No decorrer do trabalho, os verbos ativos serão representados por verbos S_a , os verbos descritivos, por S_o e os verbos do tipo ‘gostar’, ‘ter.sede’ por S_{io} , de acordo com Dixon (1991:268).

De um modo geral, essa distinção formal se correlaciona semanticamente. Os verbos ativos são aqueles cujo sujeito manifesta volição ou controle, ao passo que os sujeitos de verbos descritivos não apresentam essa característica.

Dois exemplos de verbos ativos são: **tẽ** e **mõ**, dois verbos S_a para a noção ‘ir’²³. A diferença semântica entre eles ainda não está clara, visto que ambos ocorrem em muitos contextos semelhantes. Uma das diferenças observadas entre tais verbos é o fato de **mõ** poder ocorrer em construções verbais seriais, enquanto **tẽ** não ocorre nesses contextos. A diferença entre ‘ir’ e ‘vir’ é marcada por adjuntos adverbiais, do tipo **amnẽ** ‘para.cá’.

(129) wa mũ tẽ
 eu ir
 ‘eu vou’

(130) wa mũ mõ
 eu ir
 ‘eu vou’

²³ Araújo (em comunicação pessoal e em notas de seu arquivo) explica que os informantes argumentam que quando se diz **tẽ** é ‘porque se vai e não volta’ e quando se diz **mõ** significa o contrário, ou seja, a “ida” a algum lugar é breve. Alguns informantes chegaram a me dar a mesma explicação, porém acredito que deve haver outras razões para a existência dos dois verbos. Uma delas é que, numa escala de intransitividade, **tẽ** pode ser mais intransitivo que **mõ**, daí a razão de o primeiro não poder fazer parte de construções seriais verbais, por exemplo.

Outros verbos intransitivos ativos são: **prōt** ‘correr’, **hōkreḗpoy** ‘cantar ritualisticamente’, **kato** ‘sair’, **krēmēn** ‘cortar todo o cabelo’. Os verbos posicionais semanticamente descrevem a posição física que algum objeto ou entidade pode assumir e comportam-se em Parkatêjê como S_a. Eles são os seguintes:

nō	‘estar.em.posição.horizontal’
tʃə	‘estar.em.posição.vertical’
ʒə	‘estar.em.posição.sentada’
kuʔuve	‘estar.de.quatro’ (à semelhança de animais quadrúpedes)

Da mesma forma que os verbos ativos, eles podem coocorrer com as partículas aspecto-temporais. Além disso, os verbos posicionais ocorrem como elementos constituintes de construções seriais verbais, indicando noções aspectuais.

Os verbos S_o são aqueles que denotam estados e/ou qualidades, como **mpɛy** ‘ser.bom’ ou ‘ser.bonito’, **riḗti** ‘ser.alto’, **kanē** ‘estar.doente’, **nkri:k** ‘estar.aborrecido’, **kchɔk** ‘ser.ruim’, **kranē** ‘ser.baixo’, **akoto** ‘ser.baixo’, **nkrire** ‘ser. pequeno’, **h-ukaprīn** ‘ser.bom’, **h-ihire** ‘ser.magro’, **h-ikoto** ‘ser.gordo’, **təyti** ‘ser.duro’, **rɛrɛk** ‘ser.mole’, **karōti** ‘ser.limpo’, **pōk** ‘ser.sujo’, **kakro** ‘estar.quente’, **ntuwa** ‘ser.novo’ e **tūm** ‘ser.velho’.

- (131) a- krəyapap ateti
 2- nuca ser.enrugada
 ‘a tua nuca é enrugada!’

- (132) a- mpɛy
 2- ser.bom
 ‘tu és bom’

1.3.4. Descritivos e verbos

Conceitualmente os verbos descritivos do Parkatêjê correspondem, grosso modo, às noções expressas por adjetivos em línguas indo-européias, sendo que a maioria deles pode ocorrer como modificadores tanto de nomes quanto de verbos, o que Araújo (1989:103) trata como função especificadora (de adjetivo propriamente dita) e como atributiva (de verbo). Por essa razão, a tradução com os verbos ‘ser’ e ‘estar’ da língua portuguesa pode, às vezes, obscurecer o sentido em Parkatêjê.

Por suas características, os descritivos não apresentam propriedades morfológicas e sintáticas peculiares que permitam suficientemente seu tratamento como uma classe de “adjetivos”, o que diferencia a análise ora apresentada da de Araújo (1989: 61-62 e 103, em que ela inclui os numerais como ‘adjetivos’) bem como da de Ferreira (2001c:161).

Embora ocorram com a série de pronomes dependentes da língua, à maneira dos nomes nas locuções genitivas, os verbos descritivos são entendidos nessas construções como predicados estativos.

Os descritivos, quando em uma configuração de predicado verbal, podem compartilhar propriedades morfossintáticas com os verbos – em particular os intransitivos: (i) ocorrem com partículas de aspecto, comuns a verbos intransitivos ativos e transitivos (como em (133) e (134)); (ii) recebem a mesma forma de negação que os verbos ativos (como em (135)); (iii) algumas formas imperativas desses verbos também assemelham-se às dos verbos ativos (como em (136)):

(133) rî i- tûm -rɛ
 já 1- ser.velho Aten
 ‘eu já estou velho’

(134) rî i- kator
 já 1- chegar+Pas
 ‘eu já cheguei’

(135) i- nkrík inũare
 1- estar.zangado Neg
 ‘eu não estou zangado’

(136) mũ a- nkrík inũare
 Rog 2- estar.zangado Neg
 ‘não fica zangado’

Todavia, os descritivos exibem pelo menos uma diferença significativa em relação aos verbos ativos: eles podem funcionar como modificadores verbais. (cf. exemplo (176) em que o verbo **tik**, em sua forma longa, aparece funcionando como descritivo)

1.3.5. Descritivos e nomes

À semelhança dos nomes, os descritivos ocorrem com os pronomes dependentes e com os prefixos relacionais. Estes últimos também ocorrem com os verbos transitivos, conforme será mostrado adiante.

Os descritivos podem ocorrer como modificadores de nomes, mais geralmente formando compostos com esses elementos.

(137) ko.tíkrε
 água.ser.escuro
 ‘café’ *lit.* ‘água escura’

Em contextos especialmente elicitados, encontraram-se exemplos de uma locução nominal formada por um descritivo como seu único elemento constituinte.

(138) i- mē ntuwa hõ
 1- Dat nova dar
 ‘me dá a nova’ para o contexto ‘me dá a faca nova’

Retomando os primitivos teóricos, que ocorrem como locuções nominais em funções nucleares com verbos intransitivos (S) e com verbos transitivos (A e O), Onishi (2001:2-3) argumenta que, quase toda língua, independentemente do tipo de padrão de marcação de caso em que se agrupe, apresenta um certo grupo de predicados que requer um tipo de marcação não-canônica sobre determinada locução nominal nuclear. A forma pela qual esse argumento deve ser tratado, se S, A, O ou E²⁴, é uma questão bastante controversa, que varia de língua para língua, dependendo de seus próprios critérios morfossintáticos e semânticos.

Em Parkatêjê, há uma subclasse de verbos de marcação não-canônica. Com base nos critérios observados na língua e nas observações tipológicas de Onishi (2001), pode-se dizer que tais verbos comportam-se como intransitivos, sendo uma subclasse dos verbos estativos.

Essa divisão interna entre aqueles verbos se explica tanto morfossintática quanto semanticamente: (i) os verbos que são do tipo S_o, isto é, que ocorrem somente com os pronomes dependentes, semanticamente designam estados e qualidades, como já visto anteriormente; (ii) os verbos do tipo S_{io}, são aqueles que ocorrem com os pronomes dependentes marcados por posposição do caso dativo, ou seja, o único argumento de verbos desse tipo recebe marcação não-canônica.

Onishi (2001:25) apresenta uma classificação semântica para os tipos de predicados de verbos de marcação não-canônica. Aqueles verificados em Parkatêjê pertencem à classe Ia e à classe Ib. A classe Ia contém verbos de um lugar com o S afetado e expressam estados fisiológicos/eventos, tais como: **krâ** ‘estar.com.frio’, **kakro** ‘estar.com.calor’, **koru** ‘ter.sede’, **h-ēn** ‘ter.dor’. A classe Ib exprime sentimentos e experiências psicológicas: **kupati** ‘estar.com.medo’, **kīn** ‘gostar’, **h-ēn** ‘achar (algo) saboroso’ e **h-ape** ‘ter.piedade’. Verbos como **h-ēn** ‘ter.dor’, **kupati** ‘estar.com.medo’, **kīn** ‘gostar’, **h-ēn** ‘achar (algo) saboroso’ e **h-ape** ‘ter.piedade’ podem aparecer em

²⁴ Estou utilizando o símbolo E (*Extension to core*) para os argumentos não-A e não-O de um verbo transitivo estendido, segundo Dixon (1991).

estruturas sentenciais com uma locução nominal em função de objeto, da mesma maneira que o verbo **prēm**, conforme será visto adiante.

Esses predicados requerem pelos menos uma locução nominal marcada não-canonicamente, a qual indica o Paciente/Experienciador, que é fisicamente afetado pelo estado ou evento descrito pelo predicado.

Conforme Onishi (2001), o status dos argumentos marcados não-canonicamente é determinado pelas várias propriedades sintáticas que eles exibem. Em Parkatêjê, observo que o argumento dos verbos S_{io} ocorre de maneira paralela aos argumentos E de verbos bitransitivos como ‘dar’. A marcação de caso é idêntica, bem como a semântica desses argumentos. Observem-se os exemplos (139) e (140) – o primeiro focalizando o argumento de um verbo S_{io} e o segundo, o argumento E de um predicado de um verbo como ‘dar’, que é bitransitivo:

(139) i- mē prēm nĩɛ
 1- Dat ter.fome Intens
 ‘eu estou com muita fome’

(140) Jorge aĩku i- mē ho hõr
 Jorge PR 1- Dat folha dar+Pas
 ‘Jorge dava dinheiro para mim’

Conforme a tipologia sugerida por Onishi (2001), para predicados dessa natureza, a classe III reúne uma série de cinco subtipos de verbos secundários de dois lugares com significados modais. Em Parkatêjê, nessa classe, inclui-se o verbo **prēm**, em sua acepção ‘ter.vontade (de algo)’ ou ainda ‘querer’, que, de acordo com Onishi (2001:31), é um tipo de verbo comumente expresso por predicados com argumentos marcados não-canonicamente²⁵. O verbo em questão ocorre em construções verbais seriais com o sentido desiderativo. Para esse autor, verbos dessa natureza pedem uma oração

²⁵ “wanting is commonly expressed by predicate(s) with non-canonically marked arguments” (cf. Onishi, 2001:31)

complemento cujo argumento A ou S é correferente com o argumento A da oração principal ou ainda uma oração complemento com A ou S não-correferencial. Tais fatos, porém, necessitam ainda ser mais aprofundados futuramente. Contudo já se pode afirmar que o verbo **prēm** pode ocorrer em diferentes construções:

(1) como verbo intransitivo, sem complemento:

(141) i-mē prēm
 1-Dat ter.fome
 ‘eu tenho fome’

(2) com uma locução nominal funcionando como seu complemento, especificando o seu significado:

(142) i-mē tεp prēm
 1-Dat peixe ter.fome
 ‘eu estou com vontade de comer peixe’ *lit.* ‘eu tenho fome de peixe’

(3) com outros verbos – o sentido do verbo **prēm** parece então ser completado pelo verbo com o qual ocorre. Disponho de dois exemplos desse tipo de construção verbal serial, cujo sentido é intenção – (em (143) e (144), o sentido é intenção):

(143) i-mē tek prēm
 1- Dat jogar ter.vontade
 ‘eu estou com vontade de jogar’

(144) mp○ ka pia arε koran prēm
 Ind Int Dub Enf matar querer
 ‘...o que tu queres matar ?...’

Para Onishi (2001:31), quando significados modais são expressos por verbos lexicais, como é o caso do Parkatêjê, é geralmente difícil determinar seu status de transitividade.

A classe V proposta por Onishi engloba verbos de posse, (não-)existência, falta e insuficiência. Em Parkatêjê, conforme será visto no capítulo sobre a sintaxe da língua, uma construção que envolve um argumento não-marcado canonicamente, por si só, dependendo do contexto, parece evidenciar o sentido de posse e/ou existência²⁶ (como no exemplo (145)), ou ainda de pedido, solicitação (como no exemplo (146)):

- (145) katîy mē ã?ãre nîre
 tia Dat galinha Enf
 ‘tia tem muita galinha’ ou ‘para tia, muita galinha’

- (146) i-mē kaper
 1-Dat bacaba
 ‘me dá bacaba’ *lit.* ‘para mim, bacaba’

Esses predicados podem ser negados de várias maneiras. Ambos podem receber a partícula **inūare** de negação, entretanto, no caso do exemplo (146), a ocorrência dessa partícula de negação ocasionará uma interpretação semântica diferente da oração na afirmativa. O predicado passará a ter somente o sentido existencial:

- (147) i-mē kaper inūare
 1-Dat bacaba Neg
 ‘eu não tenho bacaba’ *lit.* ‘para mim, não (existe) bacaba’

Há, em Parkatêjê, um verbo existencial negativo **amrî**. Nos exemplos que por ora tenho analisado, **amrî** ocorre somente com um argumento, o qual é o sujeito da construção:

²⁶ Cf. Araújo (1989:88).

- (148) ko amrĩ arɛ
 água NegExist Enf
 ‘não tem água’ *lit.* ‘água não existe’
- (149) a- kra amrĩ arɛ
 2 filho NegExist Enf.
 ‘tu não tens filho’ *lit.* ‘teu filho não existe’

Os dados da língua revelam vários tipos de construção com **amrĩ**. Em um tipo, o verbo **amrĩ** ocorre com o pronome dependente marcado por um caso – o malefativo, em (150) – o que estaria em concordância com a análise de Onishi (2001). O exemplo (150) foi retirado de um diálogo espontâneo travado entre a Profª. Leopoldina e uma falante da primeira geração da língua, a Kuxuati. O sentido da construção é de posse. Observe-se que o sujeito da primeira oração tem o mesmo referente da locução nominal sujeito do verbo transitivo **nēwə** ‘pedir’ da segunda oração, evidenciado pela marca da *switch-reference*. O exemplo (150) foi obtido espontaneamente e em seguida elicitado para fins de análise:

- (150) i- pe amrĩ arɛ nē wa narɛ
 1 Mal NegExist Enf. SS eu mesmo
 a- nēwə
 2 pedir
 ‘eu não tenho e eu peço mesmo para ti’ *lit.* ‘em detrimento de mim não existe e eu peço mesmo para ti’

- (151) intʃe pe amrĩ arɛ
 mãe de Ego Mal NegExist Enf
 ‘eu não tenho mãe’

Uma outra construção é aquela em que **amrĩ** ocorre com um pronome, sem nenhum tipo de marcação. O sentido dessa construção é existencial, e o predicado é intransitivo. O exemplo é retirado de um longo texto sobre o mito de criação narrado por

Krôhokrenhũm à professora Leopoldina Araújo, chamada na aldeia por todos de *Katyi*. Como tradicionalmente se sabe, inícios de narrativas desse cunho não são facilmente analisáveis, porém é válido verificar a ocorrência de **amrĩ** em tal construção:

- (152) hĩ, katĩy. Pe pia aiku mēmKateze ita aiku
 sim Katyi. PD Dub PR antigos Dem PR
 pia mpa- amrĩ arɛ
 Dub 1PIIncl- NegExist Enf
 ‘Sim, Katyi. Dizem esses antigos, dizem (que) nós não existíamos’ *lit.* ‘Sim, Katyi. Dizem que (foi assim), esses antigos (contavam que) nós não existíamos’

Nos exemplos em que **amrĩ** aparece com o morfema de negação, o sentido da construção passa a ser afirmativo. O contexto em que o exemplo foi obtido é o seguinte: alguém pergunta a determinado indivíduo onde ele tem andado, pois não foi mais visto pelas pessoas da aldeia e obtém como resposta o enunciado (153). Os auxiliares de pesquisa concordam unanimemente com o contexto e o sentido em que o exemplo abaixo foi elicitado:

- (153) i- amrĩ inũarɛ
 1- NegExist Neg.
 ‘eu estou sempre presente’

De acordo com Onishi (2001:34), o conceito posse é comumente expresso por uma cópula existencial. Os predicados desse tipo requerem um possuidor marcado pelo caso oblíquo e um possuído, o qual é sempre não-marcado ou marcado pelo caso nominativo. Ambos – possuidor e possuído – podem exibir características de A / S. Assim não é tarefa simples decidir se os predicados desse tipo devem ser vistos como intransitivos (com um S não-canonicamente marcado e um E nominativo ou, talvez, um E e um S nominativos) ou transitivos (com um O nominativo). No caso da língua Parkatêjê, podem-se fazer algumas observações em relação ao que considero um verbo existencial negativo.

Nos exemplos (148) e (149), **amrĩ** aparece como um verbo intransitivo com locuções nominais plenas em função S, sendo a ordem dos constituintes fixa. Nos exemplos (150) e (151), **amrĩ** aparece como um verbo de marcação não-canônica, com uma evidência de que **i-pe** ‘1-Mal’ é o sujeito da primeira oração, devido à marca da *switch-reference* no dado (150). Da mesma forma, o exemplo (151), apresenta um único argumento marcado novamente pelo malefactivo. No exemplo (152), da mesma forma que nos exemplo (148) e (149), **amrĩ** tem características de verbo intransitivo, aparecendo, nesse caso, com um pronome dependente, sem que este esteja marcado por posição alguma; (iv) no exemplo (153), **amrĩ** comporta-se tal qual em (152), não sendo possível aí a ocorrência de pronomes livres. De qualquer forma, é consistente a análise de que em todos esses casos **amrĩ** é um verbo intransitivo. Inúmeros fatores sugeridos por Onishi (2001:36) devem ainda ser investigados futuramente, tais como parâmetros semânticos de controle/volição, estatividade e modalidade e voz, entre outros.

As generalizações tipológicas sugeridas por Onishi (2001:43) são adequadas à língua Parkatêjê: ele afirma que, se uma língua tem a classe IIIa (verbos como ‘querer’), ela também tem a classe Ib (verbos de sentimentos e experiências psicológicas); se essa língua tem predicados IIIa e Ib requerendo argumentos canonicamente não-marcados, então a classe Ia (que inclui verbos de estados fisiológicos), da mesma forma, requererá argumentos dessa natureza.

Quadro 10: Tipos de verbos Sio existentes em Parkatêjê

Verbos Sio	
Ia	Verbos de sentimentos e experiências psicológicas
Ib	Verbos de estados fisiológicos
IIIa	Verbos como ‘querer’

1.3.6. Predicados Estendidos

Alguns verbos S_a podem ocorrer como predicados estendidos, isto é, podem apresentar um outro argumento além do sujeito, conforme se pode verificar nos exemplos (155) e (156). Em (154), o verbo **tẽ** aparece sem o oblíquo e em (155) aparece com o

oblíquo, marcado pelo caso locativo. Em (156), o predicado intransitivo apresenta seu argumento estendido – **ariat ʃ ě kēm** ‘rede Loc’.

(154) wa mũ tẽ
 eu ir
 ‘eu já vou’

(155) wa mũ kanɛla ʒ-ōkrĩ wĩr tẽ
 eu Canela Rel-aldeia Dir ir
 ‘eu vou para a aldeia dos Canela’

(156) wa ka ariat ʃ ě kēm nō hō
 eu Fut rede Loc deitar dormir
 ‘eu vou dormir na rede’ *lit.* ‘eu vou deitar-dormir na rede’

A estrutura argumental dos verbos descritivos não prevê sua ocorrência em construções estendidas, entretanto, verifica-se que os verbos S_o e os verbos S_{io} ocorrem em construções que podem ser ditas estendidas. No que se refere aos verbos S_{io} , ocorrências como as do verbo **prēm**, anteriormente discutidas, podem ser assim analisadas alternativamente, em estudos futuros.

Alguns verbos S_o podem ocorrer numa estrutura como a do exemplo abaixo, em que o sujeito é não-marcado, e o nome em função de argumento estendido é marcado por uma posposição, dependendo do tipo de caso:

(157) p̄t kat ʃ er kēm nkr̄k
 sol lua Loc estar.zangado
 ‘...o Sol está zangado com a Lua...’ *lit.* ‘o Sol zangou na Lua’

No quadro abaixo, estão sumarizadas as informações sobre os verbos intransitivos da língua Parkatêjê, levando em consideração seu tipo, o tipo de predicado, as formas

verbais, a ocorrência do sujeito pronominal, a semântica do verbo e a ocorrência com prefixos relacionais.

Quadro 11: Características básicas dos verbos intransitivos em Parkatêjê

Verbos intransitivos			
	Verbos ativos	Verbos descritivos	
	Sa	So	Sio
Sujeito pronominal	Pronome livre	Pronome dependente	Pronome dependente + posposição
Prefixos relacionais	Não atestados	atestados	atestados
Semântica	Ação	Qualidades e estados	Estados fisiológicos; sentimentos
Formas verbais	Formas distintas	Formas idênticas	Formas idênticas
Predicados	Simplex/estendidos	Simplex/estendidos	Simplex/estendidos

1.3.7. Verbos transitivos

Os verbos transitivos²⁷ são verbos que têm dois argumentos nucleares: o sujeito (A) e o objeto (O). Em Parkatêjê, os verbos transitivos também podem ser simples ou estendidos: os simples terão somente os argumentos anteriormente mencionados, enquanto os transitivos estendidos, além do sujeito e do objeto, terão um terceiro argumento, que será um constituinte oblíquo, marcado por posposição.

Morfossintaticamente pode-se dizer que há subclasses de verbos transitivos, sendo as principais: (i) a dos verbos que ocorrem com os prefixos relacionais e (ii) a dos verbos que formam a classe **ku-**.

Os verbos transitivos estendidos são verbos que apresentam, além de seus argumentos usuais, um constituinte oblíquo obrigatório. Alguns verbos transitivos estendidos são: **ku-hõ** 'dar' e **kupe** 'mostrar'.

²⁷ Araújo (1989 e em comunicação pessoal) assume que a transitividade é "dependência", termo que ela usa para referir-se também aos nomes inalienáveis, no sentido de que os verbos transitivos exigem como complemento não só um objeto direto, mas outros argumentos essenciais. A meu ver, essa observação é válida porque parece ter relação com o que estou tratando como predicados transitivos estendidos.

1.3.8. Os prefixos relacionais com os verbos

Em geral, as locuções nominais sujeito de verbos intransitivos (S) e objeto dos verbos transitivos (O) devem necessariamente ser expressas, significando que seu deslocamento de sua posição canônica para uma outra posição ou o seu apagamento ocasionam o aparecimento de uma forma, uma marca específica no verbo, que remete, que faz uma referência anafórica a esse item ausente ou omitido. Essa referência, da mesma maneira que nas construções genitivas, é feita, em Parkatêjê, pelos prefixos relacionais.

Alguns verbos que ocorrem com os prefixos relacionais são os seguintes:

- (a) verbos transitivos: **h-itɛp** ~ **ʒ-itɛp** ‘cortar’, **h-ipro** ~ **ʒ-ipro** ‘fazer (flecha)’, **h-apîn** ~ **ʒ-apîn** ‘jogar bola com a mão’, **h-ôhik** ~ **ʒ-ôhik**²⁸ ‘amarrar uma coisa em cima da outra’, **h-at ʃwîr** ~ **ʒ-at ʃwîr** ‘furar com faca’, **h-arên** ~ **arên** (~ **y-arên**) ‘dizer/contar/narrar algo’, **h-akrɛ** ~ **ʒ-akrɛ** ‘passar na frente do corredor do outro time na corrida de tora’;
- (b) verbos S_{io}: **h-ape** ~ **y-ape** ‘ter.piedade/dó’, **h-ën** ~ **t ʃ-ën** ‘achar (um alimento) saboroso’, **h-ën** ~ **t ʃ-ën** ‘sentir dor’;
- (c) verbos S_o: **h-ikot** ~ **ʒ-ikot** ‘estar inchado’, **h-ukaprîn** ~ **ʒ-ukaprîn** ‘ser.generoso’

Seguindo o quadro de prefixos relacionais que propus para os nomes, apresento abaixo um quadro para a ocorrência desses prefixos com os verbos.

²⁸ Os Parkatêjê têm várias técnicas para amarrar objetos uns a outros. Essa maneira expressa pelo verbo *h-ôhik* é uma técnica especial de amarrar jabutis uns em cima dos outros, durante a caçada no mato, para facilitar o transporte desses animais para a aldeia.

Quadro 12: Prefixos relacionais com os verbos

Classe A		Classe B
S _o , S _{io} e O Especificados		S _o , S _{io} e O indefinidos
S _o ; S _{io} e O expressos na locução verbal	S _o ; S _{io} e O deslocados de sua posição original	
ʒ- y- tʃ- Ø-	h- Ø-	h- Ø-
Referência a um S _o ; S _{io} e O expressos dentro da locução verbal em relação sintagmática com o núcleo.	Referência a um S _o ; S _{io} e O conhecidos pelo contexto ou deslocados para fora da locução verbal.	Referência a um S _o ; S _{io} e O indefinidos.

Embora as marcas de S_o, S_{io} e O especificados da classe A – que, ou estão deslocados de sua posição original, ou são conhecidos pelo contexto – e as marcas de S_o, S_{io} e O da classe B – isto é, S_o, S_{io} e O indefinidos – sejam formalmente idênticas, serão distinguidas pelo contexto.

No exemplo (158), temos o verbo transitivo ‘cortar’ – ʒ-itɛp – com sua forma em [ʒ], porque seu complemento O – pɛrtʃo ‘castanha’ – está expresso na locução verbal e em relação sintagmática com o referido verbo. Em contrapartida, no exemplo seguinte (159), a forma do verbo é h-itɛp, porque o argumento O não está em sua posição original.

(158) mĩ, Piare. ka ka to pɛrtʃo ʒ-itɛp
 pega Piare 2 Fut castanha Rel-cortar
 nẽ pẽn i-mẽ hõ
 SS carregar 1-Dat dar
 ‘...pega, Piare. Tu vais cortar castanha e carregar para me dar (pagar)...’

(159) ãntʃum tɛ h-itɛp
 pai de Ego Erg Rel-cortar
 ‘meu pai cortou (a/as)’

Há ainda, em Parkatêjê, verbos como **pupun** / **hōpun** ‘ver’ e **putīti** / **hōtīti** ‘estar.pesado’, cujas formas mudam em uma sílaba inteira. A motivação de tal mudança é a mesma que a dos prefixos relacionais, isto é, (i) especificação ou não de S e de O, (ii) presença desses argumentos na locução pertinente, em relação sintagmática com o núcleo ou não.

(160) i-tε Piare pupun
 1-Erg Piare Rel-ver
 ‘eu vi o Piare’

(161) i-tε hōpun
 1-Erg Rel-ver
 ‘eu o vi’

(162) Apiri aikati. Pe apiri h-în pupun
 Iter amanhã PD Iter Rel-fezes Rel-ver
 ‘Novamente amanheceu. Novamente, (ela, a Lua) viu as fezes dele (do Sol) de novo...’

(163) pia kokōnōre amñē apər mē. Pe hōpun
 Dub cabaça para.cá baixo Loc PD Rel-ver+Pas
 wər pîp nē ku-pən
 Dir cair SS Onc-carregar+Pas
 ‘Dizem (que) a cabaça vinha vindo (rio) abaixo, para cá. Aí, ele (a) viu quando ela caiu e a carregou...’ *lit.* ‘Dizem a cabaça para cá, para baixo. Aí ele a viu cair e a carregou’

1.3.9. Verbos da Classe **ku-**

Na literatura acerca das línguas Jê, encontram-se referências à existência de uma classe de verbos, os chamados “ku-verbs”, de acordo com a terminologia usada por Stout (1975) para denominar esses verbos em Kayapó; uma classe semelhante de verbos

também é mencionada por Callow (1962:178) para o Apinajé, por Santos (1997:79) para o Suyá, e por Reis Silva e Salanova (1998) para o Kayapó²⁹.

Stout (1975) afirma que o morfema **ku-** desses verbos, pelo menos em Kayapó, funciona como um morfema intransitivizador, isto é, se o argumento O de um verbo **ku-** está expresso na locução nominal, o morfema não aparece junto à raiz verbal. Entretanto, se o argumento O do verbo, ou não é expresso, ou é deslocado de sua posição original, o morfema **ku-** preenche aquela posição vazia. O morfema **ku-** ocorre com todas as pessoas do verbo, à exceção da segunda pessoa em que é substituído pelo morfema **a-**, o qual é formalmente idêntico ao prefixo de segunda pessoa em Kayapó, que é **a-**.

Popjes e Popjes (1986) apresentam uma divisão das raízes verbais transitivas em Canela-Krahô, com base na forma de seu prefixo de terceira pessoa, sendo *cu*³⁰ considerado um prefixo de terceira pessoa, que ocorre com um subgrupo de raízes somente com tempo não-passado e que alterna com $\emptyset$, *im-*, *in-* ou *ih-* no tempo passado. Ao que tudo indica, essas várias ocorrências dos prefixos são de ordem morfofonêmica e estão relacionadas com o fonema inicial da raiz verbal, embora isso não esteja explícito no texto daqueles autores.

Alves (2002:86) inclui no quadro de pronomes do Apãniekrá um pronome forma presa **ku-**, como um dos vários alomorfes para a terceira pessoa, naquela língua. Callow (1962:178) também fornece uma relação de verbos com **ku-** em Apinajé (alguns dos quais são cognatos com essa classe de verbos nas outras línguas do mesmo tronco). Contudo, nada indica nos dois trabalhos mencionados, se se trata do mesmo **ku-** que ocorre com certas raízes verbais em línguas Jê.

Em Parkatêjê, verifica-se a existência de uma classe de verbos com o morfema **ku-**. A ocorrência dessa classe de verbo é bem semelhante às ocorrências descritas para outras línguas da família.

Alguns verbos da classe **ku-** são: **ku-pĩ** ‘matar com flecha’, **ku-krē** ‘comer’, **ku-pĩ** ‘pegar; comprar’, **ku-prē** ‘tirar a cobertura da *kia* do *kuputi*’, **ku-pa** ‘carregar’, **ku-**

²⁹ Salanova, em manuscrito sobre o Kayapó, sugeriu que **ku-** fosse um classificador para animais grandes, pelo fato de vários nomes de animais começarem por tal sílaba, entretanto tal hipótese não se sustenta, visto que há animais menores, cujos nomes também começam por **ku-**.

³⁰ Estamos utilizando a mesma forma de transcrição dos dados utilizada pelos autores, a qual é a ortografia prática adotada para a língua Canela-Krahô.

ku ‘comer’, **ku-põ** ‘cheirar’, **ku-ho** ‘comer.sem.muita.mastigação (peixe, ingá, cupuaçu, açai, bacaba)’, **ku-hõ** ‘dar’, **ku-nĩ** ‘praticar.sexo’.

A classe desses verbos é fechada; o morfema **ku-** não é produtivo, no sentido de não poder ocorrer com outras raízes verbais, senão aquelas que constituem tal classe. Pode-se descrever, grosso modo, a ocorrência de um verbo dessa classe como sendo um caso de distribuição complementar entre o morfema **ku-** e o argumento O dessa raiz verbal, isto é, se o argumento O está expresso, o morfema é omitido; se o morfema está expresso é porque o argumento O ou foi apagado, ou foi deslocado de sua posição original, como no exemplo (164). Nesse exemplo, a locução nominal **kat ʃer** ‘lua’ está expressa na primeira oração como S, mas não está expressa na segunda, na qual funciona como objeto direto; na segunda oração, **pĩt** ‘sol’ funciona como argumento A e o verbo aparece com o morfema **ku-**, que retoma a referência à locução nominal **kat ʃer** ‘lua’:

- (164) **Kat ʃer** **anẽ** **nõ** **tĩk.** **Pe** **pĩt** **ku-pĩ**
 lua **Adit** **Enf** **morrer+Pas.** **PD** **sol** **Onc-pegar**
 to mõ
 ir
 ‘A Lua morreu também, o Sol a pegou para levar’

Outros exemplos elicitados são os seguintes:

- (165) **i-tɛ** **kay** **pĩr**
 1-Erg cesta pegar+Pas
 ‘eu peguei a cesta’
- (166) **i-tɛ** **ku-pĩr**
 1-Erg Onc-pegar+Pas
 ‘eu a peguei’

De certo modo, verifica-se um paralelo entre os verbos que ocorrem com os prefixos relacionais e os verbos que ocorrem com o morfema **ku-**, já que estes são verbos transitivos que apresentam uma determinada forma se o seu objeto está manifesto em sua posição canônica e uma outra forma se tal objeto está apagado ou fora de sua posição canônica.

No subconjunto de verbos que ocorrem com os prefixos relacionais, encontram-se verbos de todas as classes, com exceção de verbos da classe **ku-**. Tal fato pode evidenciar um caso de distribuição complementar entre as demais classes de verbos e os verbos **ku-**.

Como já foi dito anteriormente, o morfema **ku-** substituirá (ou preencherá) o lugar de um dos argumentos do verbo – somente o do argumento O na locução verbal – diferentemente da expressão dos prefixos relacionais, que engloba diferentes argumentos, isto é, no caso dos intransitivos descritivos, o argumento a que me refiro é o sujeito (S); no caso dos transitivos, o argumento é o objeto (O). Portanto, a meu ver, o fenômeno da ocorrência dos prefixos relacionais é, em Parkatêjê, um fenômeno mais amplo e abrangente que a ocorrência dos verbos com o morfema **ku-**, visto que aquele, além de incluir outras classes de palavras, inclui também outros tipos de estrutura, a saber, locuções nominais e verbais.

Ainda assim, o ponto de intersecção entre a ocorrência de **ku-** e a dos prefixos relacionais é a relação semelhante que esses dois tipos de ocorrência têm com seus elementos adjacentes. A diferença entre eles está, como já mencionei, no fato de que **ku-** tem uma ocorrência restrita, enquanto a ocorrência dos prefixos relacionais é uma mais abrangente. De qualquer modo, ambas as ocorrências são mecanismos que a língua apresenta a fim de reorganizar suas relações gramaticais quando um dos argumentos do predicado não está explicitado.

O verbo com o morfema **ku-** não apresenta uma locução nominal como objeto direto. Essa posição é preenchida por aquele morfema. Ainda assim, o verbo mantém-se como transitivo, visto que suas características de transitivo permanecem inalteradas. Numa oração de tempo passado e aspecto perfectivo, envolvendo quaisquer verbos da classe **ku-**, a língua operará na base Ergativo-Absolutiva, isto é, o sujeito será marcado por **te** (caso Ergativo) e o objeto por **Ø** (caso Absolutivo), evidenciando, dessa forma, a transitividade do verbo.

Um aspecto ligado aos verbos da classe **ku-** que precisa ser investigado com mais detalhes é o fato de ter sido encontrado, em certos dados elicitados, o morfema **i-** parecendo estar em variação com o morfema **ku-**, sendo aquele formalmente idêntico ao pronome dependente da primeira pessoa. Devido a esse fato, pode-se questionar se o formativo **ku-** está relacionado à concordância. Contudo, até o presente, não há evidências em Parkatêjê de que esse morfema designe a terceira pessoa.

Uma possibilidade de análise é que **ku-** funcione como uma marca de objeto genérico, que idiossincrasicamente ocorre com uma determinada classe de verbos em determinados contextos (a serem mais bem definidos futuramente). Nos demais contextos, pronomes dependentes ocupam a mesma posição que aquele morfema junto à raiz verbal.

Os exemplos de (167) a (171) mostram a ocorrência do morfema **ku-**. O dado (167) é retirado do texto mítico sobre a criação do mundo, em que a Lua pede ao Sol que lhe dê o fruto inajá, o qual não é citado nominalmente, mas é designado pela expressão **mpo ita** ‘essa coisa (Ind Dem)’. Nessa primeira oração, tal expressão funciona como um argumento. Em tal oração o verbo ‘dar’ não ocorre literalmente. (ver seção referente a verbos S_{10}). A referência a esse argumento no verbo **h-akre** ‘Rel-tirar’ é indicada pelo prefixo relacional **y-**, por estar expresso dentro da locução verbal em relação sintagmática com o núcleo. A oração seguinte apresenta o pronome livre **wa** ‘eu’ como argumento A de dois verbos com **ku-**, isto é, verbos transitivos, nos quais a presença desse morfema aponta para a expressão **mpo ita** ‘essa coisa (Ind Dem)’ mencionada na primeira oração do período.

- (167) ζe , $i-m\bar{e}$ mpo ita $y-akre$. wa $ku-p\ddot{i}$ $n\bar{e}$ $ku-kr\ddot{e}$
 Voc, 1-Dat coisa Dem Rel-tirar eu Onc-pegar SS Onc-comer
 ‘Jê, me dá essa coisa pra eu tirar. Eu a pego e a como.’ *lit.* ‘Jê, para mim, essa coisa, eu a tiro. Eu a pego e a como.’

Os dados de (168) a (171) foram elicitados e ilustram a ocorrência do verbo **ku-pĩ**, cujo sentido é ‘matar com flecha’:

(168) wa i-tɛ kro tɔ pĩr
 Eu 1-Erg porco matar+Pas
 ‘eu matei porco’

(169) wa i-tɛ tɔ i-pĩr
 eu 1-Erg ?-matar+Pas
 ‘eu matei’ ou ‘eu o matei’

(170) zũm tɛ ita pĩr?
 Int Erg Dem matar+Pas
 ‘quem matou este?’

(171) mũ tɛ i-pĩr
 Erg ?-matar +Pas
 ‘ele matou’ ou ‘ele o matou’

Nesses exemplos, há algumas questões cruciais a serem investigadas. Primeiro, o significado de *tɔ*, o qual ainda não está claro. Segundo, o aparecimento de um morfema *i-* nos dados (169) e (171), nos quais o objeto é omitido, que, à primeira vista, parece estar em distribuição complementar com *ku-*, muito embora eu ainda não possa explicitar as diferenças semânticas e/ou morfossintáticas entre essas construções e o exemplo (168). Estas são as razões principais pelas quais não considerei o morfema **ku-** que ocorre com esses verbos um dos alomorfes dos prefixos relacionais, já que o mecanismo de substituição desse morfema por *i-*, aparentemente, não está relacionado apenas com a presença ou não do argumento objeto, mas com outros mecanismos ainda desconhecidos no momento, que podem ter relação com volição, controle, voz, entre outros fenômenos.

Os verbos da classe **ku-** apresentam duas formas, da mesma forma que os outros verbos transitivos ativos. O verbo **ku-krê** ‘comer’, quando ocorre em sentenças onde está presente o argumento O, será a forma **krêr** no passado (como em (172)) e **krê** em outros tempos.

(172) mū tɛ krɔɛ krēr
 Erg caititu comer+Pas
 ‘ele comeu caititu’

(173) mū tɛ ku-krēr
 Erg Onc-comer+Pas
 ‘ele comeu’

Uma observação final sobre os verbos da classe **ku-** é que, além da possibilidade de ocorrerem com o morfema **ku-**, tais verbos também admitem pronomes dependentes como objeto, os quais aparecem na mesma posição em que aparece o morfema **ku-**, sem nenhum valor de correferência com o sujeito, isto é, sujeito e objeto têm referentes não-idênticos.

(174) wa ka a- krē inūarɛ
 eu Fut 2- comer Neg
 ‘eu não vou te comer’

(175) wa i-tɛ a-pēr
 eu 1-Erg 2-Onc-cheirar+Pas
 ‘eu te cheirei’

1.3.10. Tipos semânticos – verbos ‘matar’ e ‘comer’

De acordo com Dixon (1999:331), um verbo prototípico descreve uma ação que envolve um certo número de participantes. As línguas, nesse caso, diferenciam-se: (i) se os verbos são tomados para descrever um tipo de ação com respeito aos tipos de participantes que são envolvidos ou (ii) se os verbos são tomados para descrever um tipo de ação por si. As línguas do tipo descrito em (i) podem ser referidas como línguas em

que os verbos levam em consideração o “tipo da natureza do argumento” e aquelas descritas em (ii) como de “tipo da natureza da ação”.

Araújo (1989:88) propõe a existência de verbos que “se organizam de acordo com as características do seu objeto”. É o caso de alguns verbos específicos de ações como ‘comer’ e ‘matar’. A meu ver, entretanto, do ponto de vista semântico esses verbos descrevem tanto a natureza da ação quanto o tipo de objeto envolvido, pois, de certa forma, com alguns verbos torna-se até bastante complicado separar esses dois aspectos.

Verbos como **ku-krên** e **ku-ku** referem-se ao ato de comer, em geral, que exige o ato de mastigação regular. Até o presente, tais verbos parecem sinônimos. Além deles, porém, há outros verbos cuja ocorrência depende do objeto da ação da noção ‘comer’. Assim o verbo **kām-tʃə** é usado para descrever a ação de comer coisas como milho, jabuti (caça abundante na região) e **kupa**, uma espécie de cipó também bastante apreciado pelos Parkatêjê. Tais alimentos exigem mastigação semelhante, isto é, vigorosa, em certo sentido. Já o verbo **him-tʃə** é usado para comer alimentos como castanhas em geral, coco, sapucaia, amendoim, os quais exigem um tipo de mastigação que triture, reduza a pedaços minúsculos a polpa desses frutos. Na verdade, a raiz verbal é **tʃə**, mas a essa raiz se incorporam posposições, que, talvez, estejam relacionadas à semântica da ação expressa pelo verbo e que necessitam ainda ser investigadas mais a fundo. Araújo (1989:111) afirma que “xâr é ‘morder’ e **kýmē xâr** é ‘mastigar’ (carnes duras).”

O verbo **kuho**, por sua vez, descreve a ação de comer que envolve a ação de sucção. São objetos desse verbo frutos como cacau, cupuaçu, manga e ingá, além do ato da criança lactente ao se alimentar do seio materno.

Todos os auxiliares de pesquisa concordam com a idéia, levantada por um deles, de que, caso um determinado tipo de alimento – cupuaçu, por exemplo – seja misturado a um outro como farinha, o verbo a ser usado mudará para um dos dois verbos genéricos (**ku-krên** e/ou **ku-ku**), porque a natureza da ação muda.

Da mesma forma, os verbos que descrevem a ação de matar já trazem lexicalmente a noção do objeto com o qual determinado indivíduo ou animal é morto e por assim dizer o tipo de ação envolvida. Assim, **ku-pī** é matar com flecha ou com

taquara; **kora** é matar com arma de fogo; **kēm-tʃwĩ** é matar furando, com flecha ou faca; **mēn** ‘matar (derrubando de árvores ou do alto)’.

Um argumento para minha hipótese de que esses verbos especificamente encerram tanto o tipo da natureza do argumento quanto o tipo da natureza da ação reside no fato de que os verbos para o conceito de ‘matar’, embora descrevam a natureza da ação empreendida no ato em si, também descrevem o tipo do argumento envolvido, o que, à primeira vista, parece ter regularidade semântica. Por exemplo, um verbo como **mēn** é usado para descrever a ação de derrubar animais como guariba, gavião e mutum, isto é, animais que vivem nos altos lugares, por assim dizer. Já um verbo com **h-atʃwĩ** ‘furar’ terá como objetos animais menores tipo cotia bem como peixes, em geral, isto é, animais que vivem em lugares baixos.

1.3.11. Categorias de tempo, aspecto e modo

1.3.12. Formas dos verbos ativos

Segundo Araújo (1989:104), “dentre os verbos ativos há, ainda, uma divisão binária entre os que têm forma longa quando a sentença é marcada para tempo passado/aspecto completo e os que têm forma única”.

De acordo com os dados que analisei, em Parkatêjê, alguns verbos ativos apresentam duas formas, as quais ocorrem em diferentes ambientes. Formas longas ocorrem em orações de tempo passado e aspecto perfectivo, enquanto as formas curtas ocorrem com os demais tempos e aspectos. Os verbos não-ativos, S_o e S_{io} , apresentam formas idênticas à semelhança de alguns verbos ativos, cuja raiz não sofre quaisquer alterações. Com tais verbos, a indicação de tempo faz-se por meio de palavras adverbiais e de partículas que ocorrem com verbos ativos.

As formas dos verbos ativos combinam-se com partículas que marcam as noções de tempo e aspecto da língua. Como é característico das línguas Jê, as partículas são palavras encontradas ao longo da locução verbal, visto que as noções por elas identificadas não são codificadas na raiz verbal. Araújo (1989:93) afirma que “em relação

ao verbo, o aspecto é mais marcado que o tempo, mas sob forma de partículas, isto é, formas dependentes”.

As distintas ocorrências, morfossintática e semanticamente marcadas por essas formas verbais, conduzem-nos a um plano maior relacionado à cisão entre absolutivo-ergativo de um lado e nominativo-acusativo de outro, cisão esta que opera na língua tendo como fator condicionante as categorias de tempo e aspecto. Como visto anteriormente, a língua Parkatêjê apresenta duas séries de formas pronominais, uma de pronomes livres e outra de pronomes dependentes. Esses últimos são os mesmos que marcam o possuidor em construções genitivas, que marcam o objeto direto em locuções verbais e que ocorrem como argumento único dos verbos S_o e S_{io} . Assim, de modo geral, as formas longas ocorrem quando o sistema está operando como Abs-Erg, isto é, no tempo passado e aspecto perfectivo, enquanto as formas curtas ocorrem quando o sistema é Nom-Acu, ou seja, tempo não-passado e aspecto não-perfectivo.

A hipótese levantada para o Suyá por Santos (1997:72-4), e que deverá ser ainda aprofundada no que se refere aos dados do Parkatêjê, é a de que as formas longas são formas nominalizadas. Em Parkatêjê, há alguns exemplos em que a forma longa de um verbo ativo funciona como modificador de um nome. No exemplo (176), há uma oração transitiva estendida, em que o constituinte oblíquo está marcado pela posposição **kot** e a locução nominal objeto direto é constituída internamente do nome **tɛp** ‘peixe’, o qual está sendo modificado pela forma verbal **tɛk** ‘morrer+Pas’, que pode ser interpretada como ‘morto’:

(176) tʃōti [ko ntuwa kot] [tɛp tɛk] ku

urubu água nova Com peixe morrer comer

‘o urubu comia peixe morto na enchente’ *lit.* ‘com as águas novas, os urubus comiam peixe morto’

1.3.13. Formas longas

Araújo (1989:94) afirma que: “verbos constituídos por base, apenas, e terminados em vogal, têm uma forma longa quando o tempo/aspecto da sentença é passado/completo; verbos constituídos de dois elementos, mesmo terminados em vogal dispõem de apenas uma forma”. (*sic*)

Entretanto, verifiquei que não há um mecanismo único para a formação das chamadas formas longas dos verbos³¹. Em geral, elas são formadas a partir do acréscimo de uma consoante vibrante lateral sonora e da cópia da vogal da raiz verbal, que não é pronunciada plenamente, por isso a ortografia prática da língua proposta por Araújo (1977) não considera essas vogais cópias da raiz na escrita. No momento, não proporei regras para a formação dessas formas, todavia, com base nos dados de que disponho, acredito que não seja possível formular uma única regra, já que esse fenômeno mostra evidências de ser condicionado lexicalmente. Exemplos de verbos com formas longas e curtas são apresentados a seguir:

(177) rî i- kato
 Já 1- chegar
 ‘eu chego já’

(178) pe tʃõti kot kator^a ku-krër
 PD urubu Com chegar+Pas Onc-comer+Pas
 ‘Aí o Urubu chegou com ele e o comeu’

Certas raízes verbais homófonas em sua forma curta como tɔ ‘dançar’ e ‘fazer’ apresentam formas longas distintas. A primeira apresenta sua forma longa com o acréscimo da consoante vibrante lateral /r/ e a cópia da vogal da raiz (tɔr^b), e a segunda

³¹ Da mesma forma que os verbos, alguns nomes apresentam opcionalmente, em alguns contextos, uma vogal final não plenamente pronunciada depois da consoante que, em geral, lhes trava a última sílaba. Araújo tratou dessa questão em seu trabalho de 1977. Não está claro ainda em que contextos esse tipo de fenômeno ocorre. Cf. Araújo (1989:93-94; 1977:177) para a interpretação de segmentos e pares de segmentos problemáticos.

apresenta sua forma longa com a consoante nasal alveolar /n/ mais a cópia da vogal da raiz (ton^u):

(179) mē ka pia tɔ?
 Int Int Dub fazer
 ‘como tu fazes?’

(180) zūm tɛ nē tɔn?
 Int Erg fazer+Pas
 ‘quem fez?’

(181) mē mpî tɔ
 Pl homem dançar
 ‘os homens dançam’

(182) mē mpî tɔr
 Pl homem dançar+Pas
 ‘os homens dançaram’

Até o momento, registrei a ocorrência de dois verbos terminados em vogal: **tî** ‘morrer’ e **pe** ‘traquear’ – verbos não-ativos – cuja forma do passado é com /k/ final: **tîk** e **pek**, no que seria sua forma longa ou estendida. Os exemplos que tenho com **pek** são de conversações livres dos falantes entre si. Seki (em comunicação pessoal) afirma haver também em Suyá verbos com um **k** final (cf. Santos, 1997:68-72). Entretanto, muito há ainda a ser verificado em relação a essa questão.

Com a finalidade de sistematizar as informações de que disponho acerca dos verbos em Parkatêjê, apresento o quadro 13, no qual procurei organizar alguns exemplos de raízes verbais, de acordo com a ocorrência de suas formas. Convencionei chamar de classe A as raízes verbais cujas formas se mantêm iguais e classe B as que se diferenciam em formas estendidas e não-estendidas nos contextos apropriados.

Quadro 13: Formas estendidas e não-estendidas de alguns verbos

Classe A			Classe B		
FE	FNE	Glossa	FE	FNE	Glossa
prōt	prōt	‘correr’	ku-pīr	ku-pī	‘matar’
ku-tʃi	ku-tʃi	‘colocar’	ku-hōr	ku-hō	‘dar’
ntoy	ntoy	‘trotar’	prer	prɛ	‘amarrar’
to hiho	lho	‘cortar o cabelo’ ³²	ku-pār	ku-pā	‘pegar’
pāp	pāp	‘cair’	ku-krēr	ku-krē	‘comer’
yapie	yapie	‘crescer (cabelo)’	par	pa	‘escutar’
kakok	kakok	‘conversar’	kator	kato	‘nascer; chegar’
kīn	kīn	‘gostar; achar bonito’	tōr	tō	‘voar’
arīk	arīk	‘calar’	tōr	tō	‘dançar’
krɛ	krɛ	‘furar; fazer buraco’	h-ōpar	hōpa	‘recrear’
ku-ku	ku-ku	‘comer’	ku-pēr	ku-pē	‘cheirar’
tʃə	tʃə	‘estar.em.pé’	pɛn	pɛ	‘acabar’
kupu	kupu	‘enrolar; fazer kuputi’	h-apoy	apoy	‘nascer; chegar’
kakrō	kakrō	‘estar.quente; estar.com.febre’	y-arēn/h- arēn	arēn	‘dizer’
krī	krī	‘estar.com.frio’	y-/h- atʃwār	atʃwār	‘furar’
koru	koru	‘estar.com.sede’	y-/h- apin	apin	‘subir; voltar’
kupati	kupati	‘ter.medo’	koran	kora	‘matar’
amrī	amrī	‘Neg.Exist.’	ton	tō	‘fazer’
kaka	kaka	‘não.querer’	prōn	prō	‘pegar.na.unha’
ikak	ikak	‘tossir’	tʃet	tʃe	‘assar; queimar’
krītatī	krītatī	‘espirrar’	kōm	kō	‘beber; ingerir’
awrī	awrī	‘chover’	tāk	tā	‘morrer’
tatak	tatak	‘trovejar’	pok	po	‘queimar’

³² Cortar o cabelo para o funeral.

akotʃe	akotʃe	‘relampejar’	pek	pe	‘traquear’
kapi	kapi	‘experimentar’			
kukrën	kukrën	‘pintar o corpo com urucu’			

1.4. Partículas

Os elementos que estou chamando de partículas em Parkatêjê não formam uma classe internamente coerente, sendo assim definidos por exclusão de outras categorias internamente coerentes. Tradicionalmente tal termo tem sido utilizado para designar uma forma que não se encaixa em qualquer outra classe de palavras, por assim dizer, “padrão”.

As partículas constituem uma classe fechada de elementos não-flexionáveis, cuja função é operacionalizar significados aspectuais, temporais e modais. Neste trabalho, são consideradas formas dependentes, por não ser possível seu enunciado isolado, fora de um contexto. As partículas têm, em geral, uma posição fixa na oração, precedendo ou seguindo palavras de diferentes categorias morfossintáticas.

1.4.1. Partículas de tempo

Em algumas sentenças com verbos ativos, os quais têm duas formas, quando se têm palavras adverbiais que fazem referência ao tempo, as partículas podem ser omitidas, conforme veremos no decorrer da seção, e a identificação do tempo em relação ao momento da enunciação pode ser feita pelo contexto ou pelas palavras adverbiais.

1.4.1.1. Tempo Passado

Araújo (1989:54) observou: “a presença de uma partícula TE, após o sujeito, seja ele nominal livre, pronominal claro ou manifesto por Ø. Esta marca ocorre com verbo transitivo direto e poderia ser vista como uma antiga posposição, usada para sinalizar o sujeito aposentado numa voz passiva onde hoje em dia a morfologia passiva do verbo não

é mais presente. Neste caso, te seria uma espécie de sinal de caso ergativo, pois só ocorre com sujeito de verbo intransitivo e não de verbos intransitivos”. (*sic*)

Em minha análise, a partícula para marcação de tempo passado recente é zero em contraste com as outras partículas referentes a outros tempos, que podem ser vistas no quadro 14 no final desta seção.

Ainda de acordo com Araújo (1989:54), o exemplo (183), transcrito tal qual está em sua tese de doutorado, é uma evidência de que te (em minha transcrição) é uma “marca de tempo passado e/ou aspecto acabado, somente ocorrendo quando o sujeito é agente da ação verbal”. Em sua análise, a referida pesquisadora afirma que a oração em questão “faz um relato remoto, o qual é indicado pelo argumento temporal ajkumẽ ‘antigamente’ e, como nesse caso a noção de passado já está expressa pelo temporal e o aspecto não vem ao caso, a marca é apagada. Note-se que um temporal relativo a um fato hodierno não leva ao desaparecimento da partícula te.” (*sic*)

Ela não descarta, entretanto, “a possibilidade de de que tal marca seja usada para marcar o Agente de verbos com alta transitividade”. (cf. Araújo 1989:55). Os exemplos de Araújo estão reproduzidos em (183) e (184):

(183) ajkumẽ mamkatêjê mpokahônxa pupu inõre
 antigamente os primeiros panela ver Neg.
 Antigamente os nossos avós não conheciam panela.

(184) nõ kẽm wa i te Kruwati pupun
 ontem la laT/A Kruwati ver
 Ontem eu vi Kruwati.

Minha observação, nesse ponto, é a seguinte: se te é marca de tempo passado, essa marca deveria ocorrer também com verbos intransitivos ativos, o que não acontece.

Popjes e Popjes (1986:128-9 e 180) analisam o te do Canela-Krahô como uma posposição que marca o passado recente nas sentenças transitivas. A ocorrência de te em Canela-Krahô é semelhante àquela ocorrência do Parkatêjê, inclusive quanto à ocorrência

somente ocorre com os verbos transitivos. Da mesma forma, Alves (2002:89) interpreta *te* como “marcador de caso ergativo” no tempo passado.

Minha interpretação é a de que há, pelo menos, dois tempos passados na língua, um recente e outro remoto. O passado recente combinado com o aspecto perfectivo em orações com verbos intransitivos ativos não tem marca explícita, isto é, não há partículas específicas a eles relacionadas. O reconhecimento de tal tempo e aspecto, nesse caso, dá-se pelas formas dos verbos, conforme foi dito anteriormente. A forma longa do verbo marca a ocorrência do tempo passado recente e do aspecto perfectivo:

(185) *mẽ mpî tɔ*
 Pl homem dançar
 ‘os homens dançam’

(186) *mẽ mpî tɔr*
 Pl homem dançar+Pas
 ‘os homens dançaram’

Segundo Popjes e Popjes (1986:128-9), o tempo passado remoto, que eles denominam distante, é indicado por *pê* mais a forma curta do verbo. Há, na língua Parkatêjê, uma partícula *pe*, tal qual em Canela-Krahô, entretanto, essa partícula parece referir-se ao discurso. Nos textos míticos, há um uso expressivo da partícula *pe*, contudo até o presente eu não tenho nenhuma evidência de que se trata de uma marca de passado remoto.

Em Parkatêjê, eu acredito, porém, que o tempo passado remoto é marcado pela partícula *aiku*:

(187) *pe nare ʒɔhʒi aiku i-mẽ ku-hôr*
 PD mesmo Jorge PR 1-para Onc-dar+Pas
 ‘era assim mesmo que o Jorge me dava (dinheiro)’

O exemplo (188) me foi fornecido pela Profa. Leopoldina e foi obtido em um diálogo espontâneo entre ela e o Jökãtytÿre em Belém:

- (188) amrĩ arɛ aiku kurmẽ nẽ tɔn
 NegEx Enf PR ? fazer+Pas
 ‘não existia. Acabaram de fazer’

Observei, nos textos, que em períodos longos, constituídos de várias orações, algumas vezes a marca de tempo passado remoto, **aiku**, vem somente na primeira oração. No fragmento de texto abaixo, pode-se verificar esse tipo de ocorrência:

- (189) pe pia aiku kēm kaka aperi nẽwër
 PD Dub PR Posp não.querer Iter pedir+Pas
 ‘Dizem que (a Lua) não quis e pediu de novo’

- (190) pe aiku mēkwə pe h-ĩ amrĩ arɛ
 PD PR alguns Mal Rel-semente NegExist Enf
 ‘alguns não tinham semente’ lit. ‘em detrimento de alguns, não havia semente’

1.4.1.2. Tempo futuro

Como marca de futuro imediato, encontramos a partícula **ka**, que ocorre seguindo o sujeito da sentença, isto é, em segunda posição:

- (191) wa ka pĩka pe nõ hõ
 eu Fut terra Loc deitar dormir
 ‘eu vou dormir no chão’

- (192) ka ka kēmtayhɔ mpɛy -ti
 tu Fut escrever ser.bonito -Enf
 ‘tu vais escrever muito bonito’

Popjes e Popjes (1986:179) afirmam que o tempo futuro em Canela-Krahô é expresso pelo morfema *ha*, que também ocorre seguindo o sujeito. De acordo com eles, o morfema *ha* flutua com *kra* nos demais dialetos daquela língua. Os dados de Alves (2002:87) sobre o Apãniekrá apresentam *ha* como marca de futuro.

1.4.2. Partículas de aspecto

A noção de aspecto em Parkatêjê não é expressa por um mecanismo uniforme, mas por vários. As partículas que marcam aspecto vêm combinadas com as partículas de tempo. Algumas vezes, é possível identificar somente as partículas de aspecto nas orações e, a partir do conjunto, ou do contexto ou da própria oração, inferir a referência temporal que está sendo feita.

1.4.2.1. Aspecto continuativo

A partícula **apu** marca o aspecto continuativo na sentença. Em Canela-Krahô uma marca idêntica é usada nas mesmas circunstâncias (Popjes e Popjes, 1986:180):

(193) i- pien apu i- kahîr mē amt̃ʃu nē
 1- marido Cont 1- bater+Pas DS esconder SS
 mû mō
 Dir ir
 ‘meu marido estava me batendo, eu me escondi e fugi’

(194) apu awrî
 Cont chover
 ‘está chovendo’

1.4.2.2. Aspecto não-completado

Uma oração expressando uma ação não-completada, mas em processo de completção terá incluída em sua estrutura a partícula **kormē**, cujo sentido é ‘ainda’. Tal partícula pode coocorrer com **hē**, marca de aspecto potencial. De acordo com Popjes e Popjes (1986:181), **cormã** é usado também em Canela-Krahô para exprimir ações a serem ainda completadas. No exemplo (195), retirado de um diálogo entre dois falantes, vemos o uso dessas formas.

- (195) A. a- rî tε tɔ pε?
 2- já Erg acabar
 ‘tu já acabaste?’
- B. kormē (hēn)
 Incompl Pot
 ‘ainda não’

1.4.2.3. Aspecto de ‘ação recentemente completada’

Se a ação expressa pelo verbo acabou de ser completada, tal noção é expressa pela partícula **kurmē**:

- (196) kurmē ka a- katɔr
 Rcompl tu 2- chegar+Pas
 ‘tu acabaste de chegar’
- (197) i- tε kurmē tɔkrε
 1- Erg Rcompl cavar
 ‘eu acabei de cavar’

1.4.2.4. Aspecto completivo

A marca de aspecto completivo parece ser zero, tal qual a do tempo passado. Uma evidência que pode ser observada em determinadas raízes verbais refere-se às formas longas bem como ao contexto.

(198) rî mû ita mōn hî aikati ʒito
 já Dem ir+Pas viajar dia três
 ‘ele já viajou há três dias’

(199) pe pia pît tûmtûm koran
 PD Dub sol capivara matar+Pas
 ‘Dizem que o Sol matou capivara’

1.4.2.5. Aspecto perdurativo

O aspecto perdurativo tem as partículas descontínuas **tîm (...nə)** como marcas, que indicam que o sujeito permanece em uma dada situação com frequência. Em alguns exemplos, aparece somente a marca **tîm**, em outros parece haver uma ocorrência das duas formas. As diferenças entre essas ocorrências, no entanto, deverão ser ainda mais bem investigadas.

(200) pe pia tîm ri aiku wîr atɔr arɛ hi
 PD Dub Perd Enf PR Dir pedir Enf Fin
 ‘Dizem (que a Lua) permaneceu pedindo mesmo’

(201) A. ya kormē a- tu tʃ-ēnʔ
 Int Incompl 2- barriga Rel-doer
 ‘a tua barriga ainda dói?’

B. i- tu tʃ-ɔn tɨm nē hē
 1- barriga Rel-dor Perd Perd Pot
 ‘a minha barriga permanece doendo’ *lit.* ‘a dor da minha barriga permanece’

(202) Marília tɨm nē hapōn
 N.Pr. Perd Perd comer
 ‘Marília não pára de comer’

(203) wa tɨm nē i- kak hi
 eu Perd Perd 1- tossir Fin
 ‘eu não paro de tossir’ *lit.* ‘eu permaneço tossindo’

1.4.2.6. Aspecto iterativo

O aspecto iterativo, marcado pela partícula **apiri**, indica uma ação que se repete:

(204) matwɨn matwɨn matwɨn apiri
 acampar+Pas acampar+Pas acampar+Pas Iter
 matwɨn
 acampar+Pas
 ‘Acamparam, acamparam, acamparam novamente acamparam’

(205) Apiri aikati. Pe apiri h-ĩn pupun
 Iter dia Loc Iter Rel-fezes ver+Pas
 ‘Novamente amanheceu. Novamente (ela, a Lua) viu as fezes (dele, do Sol)’

1.4.2.7. Aspecto frustrativo

A partícula de aspecto frustrativo **apte** indica uma ação que não aconteceu devido a algum impedimento para sua realização. Algumas vezes em português fica bem

traduzida pelo imperfeito do verbo querer ‘quereria’ bem como por ‘quase’. Falta-nos verificar se essa forma pode ocorrer com todos os tipos de verbos (ativos e estativos).

(206) kupē aptε mē mpa ʒ-ĩ prēm
 não-índio Frustr 1PIIncl Rel-carne querer
 ‘há *kupēs* que queriam ser índios’ *lit.* ‘*kupēs* queriam (ter) a nossa carne’

(207) wa aptε amʒitatwə nē mū kot mōr
 eu Frustr estar.só SS Com ir
 ‘eu me senti só e fui com ele’

1.4.2.8. Mudanças na raiz verbal relacionadas ao aspecto

Algumas raízes verbais apresentam mudanças em sua forma por duplicação de sílabas, o que expressa atividade repetida ou plural. Algumas raízes parecem ter formas supletivas. No momento, não disponho de dados suficientes para tratar desse fenômeno de maneira mais detalhada. Trabalhos posteriores abordarão essa ocorrência de forma mais abrangente.

Orações com verbos cuja noção é quebrar em que o objeto é singular é exemplificada em (208) e (209):

(208) ʒūm tε kruwa kwīn
 Int Erg flecha quebrar
 ‘quem quebrou (a) flecha?’

(209) wa kotαΥ katε
 eu cupuaçu quebrar
 ‘eu quebro cupuaçu’

Contudo, como se depreende dos exemplos abaixo a duplicação parece implicar na pluralidade do objeto, como se pode observar nos exemplos (210), (211) e (212):

- (210) zũm tɛ narɛ mpa pe kruwa kĕkĕn
 Int Erg mesmo 1PIExc Mal flecha quebrar+PI
 ‘quem mesmo quebrou as nossas flechas?’
- (211) Pe magwari kĕm hõprĩti tɛ rõtĩzõ kĕkĕn
 PD NPr Loc NPr Erg folha quebrar+PI
 ‘lá no Maguari, o Hõpryti quebrou muitas folhas (de palmeira) ’
- (212) i- tɛ kotɔɔ kahekek
 1- Erg cupuaçu quebrar+PI
 ‘eu quebrei muitos cupuaçus’

Já em outras situações, a duplicação indica a intensificação da ação expressa pelo verbo. Observe-se o contraste entre os exemplos (213) e (214).

- (213) i- tɛ rɔp kaprek
 1- Erg cachorro bater
 ‘eu bati no cachorro’
- (214) a- kra tɛ rɔp kapreprek
 2- filho Erg cachorro bater+PI
 ‘teu filho bateu várias vezes / muito no cachorro’

Algumas formas verbais já são formalmente duplicadas, tais como tʃotʃop ‘coçar’ e tatak ‘trovejar’. Araújo (1989:121) afirma que as duplicações nominais podem ser classificadas em onomatopaicas e não-onomatopaicas. Por exemplo, ‘arraia’ é tʃetʃetɛɛ em Parkatêjê, e a motivação de tal denominação está ligada ao verbo ‘queimar’ tʃet – “explicável pela sensação da ferrada da arraia”.

Popjes e Popjes (1986:183) afirmam que em Canela-Krahô há verbos que têm formas especiais para o aspecto repetitivo, enquanto uma outra classe de verbos marca inerentemente o aspecto repetitivo pela duplicação da raiz. Dourado (2001:33) aponta a existência de verbos que possuem formas supletivas para o plural em Panará.

De acordo com Seki (2000:132-133), uma das maneiras pelas quais o aspecto pode ser marcado em Kamaiurá é pela duplicação do radical verbal, que tem efeitos distintos conforme a natureza do verbo. Os principais aspectos assinalados por esse fenômeno são: (a) iterativo e sucessivo, que se aplicam a verbos ativos, e (b) intensivo, que se aplica a verbos descritivos.

Da mesma forma, Dixon e Vogel (1996) relatam que em Jarawara, um dos dialetos da língua Madi, falado no Amazonas, a duplicação é um processo que se aplica produtivamente a verbos, havendo também exemplos de nomes duplicados que formam verbos. É possível distinguir pelo menos quatro funções do processo da duplicação na língua: (i) a de modificação semântica de um verbo; (ii) a de marcação do passado iterativo; (iii) a de causativização; (iv) a de derivação de classe de palavras do tipo nominalização e verbalização.

Há ainda a necessidade de um maior aprofundamento na pesquisa desse tipo de ocorrência em Parkatêjê.

1.4.3. Partículas de intensidade

Há duas formas, em princípio, relacionadas à expressão de intensidade: a partícula **nĩɾɛ** e o sufixo **-ti**. O uso dessas duas formas não parece ser exclusivo de um ou de outro ambiente, podendo mesmo haver coocorrência dos dois, porém percebe-se nos dados uma preferência, em alguns contextos, por **nĩɾɛ** com verbos S_o e verbos S_{io} , enquanto **-ti** ocorre mais com verbos ativos. O sufixo **-ɾɛ** também terá ocorrência semelhante. Os sufixos **-ɾɛ** e **-ti**, quando ocorrem com nomes, apresentam a noção de dimensão, sendo que **-ɾɛ** marca o diminutivo e **-ti**, o aumentativo. Araújo (1989:92) afirma que “substantivos e verbos estativos têm em comum o combinar-se com o sufixo de tamanho,

embora este tenha função derivacional junto às bases nominais e enfática ou de acordo junto às verbo-estativas adjetivas”.

Uma outra partícula, que, creio eu, marca ênfase e intensidade em outros contextos, é **arɛ**. Em alguns casos, portanto, parece não estar ocorrendo **-rɛ**, mas a forma **arɛ**, que, aparentemente, faz parte de vários itens funcionais em Parkatêjê, como da negação (**inũarɛ** ~ **nõrɛ**), e ocorre juntamente, em alguns exemplos, com a partícula dubitativa **pia**.

A posição de ocorrência de **nĩrɛ** e de **-ti/-rɛ** é sempre pós-verbal. Por isso, estou considerando **nĩrɛ** uma partícula. Nenhum desses elementos ocorre com os pronomes livres ou com os pronomes dependentes.

Os exemplos (215) e (216) apresentam verbos S_o e S_{io} associados a **nĩrɛ**:

(215) i- kra mē p̄pt̄ʃo kĩn nĩrɛ
 1- filho Dat banana gostar muito
 ‘Meu filho gosta muito de banana’

(216) i- nkr̄k nĩrɛ
 1- estar.zangado muito
 ‘eu estou muito zangado’

Parece haver, todavia, uma diferença semântica entre tais formas: o escopo de **nĩrɛ** é a ação ou o estado expresso pelo verbo, enquanto que o escopo de **-ti** poderá ser tanto o sujeito ou o objeto quanto a ação ou o estado expressos pelo verbo. Nos exemplos (217) e (218), o sufixo **-ti** está intensificando a ação expressa pelo verbo **krē** e a qualidade expressa pelo descritivo **mpey**:

(217) ma ku mē kro krē -ti
 Exort Du porco comer -Intens
 ‘vamos comer muito porco!’

- (218) Kat ʃer aiku kēmhey tɔ mō
 lua PR mentir fazer ir
 keti, a-krēyapap mpɛy -ti
 Voc 2-nuca ser.bonito -Intens
 ‘A Lua mentiu para ele levá-la: Tio, a tua nuca é muito bonita!’

No exemplo (219), o sufixo **-ti** intensifica o estado fisiológico expresso pelo verbo S_{io} **kakrɔ**. Nos exemplos (220) e (221), os sufixos **-ti** e **-rɛ** referem-se às propriedades do sujeito, apontando sua dimensão física:

- (219) i- mē kakrɔ -ti
 1- Dat estar.quente -Intens
 ‘eu estou com muito calor’ ou ‘eu estou com muita febre’

- (220) mū tɪk -ti
 morrer -Aum
 ‘ele morreu’ (um bicho ou uma pessoa gorda)

- (221) mū tɪk -rɛ
 morrer -Dim
 ‘ele morreu’ (uma pessoa ou um bicho magro)

1.4.4. Partículas de modo

1.4.4.1. Negação

A negação sentencial em Parkatêjê é expressa pela partícula **inū**, que apresenta as formas variantes **inō** e **nō**. Em geral, essa partícula vem acompanhada pela partícula de ênfase **arɛ**, à qual aparece ligada na maioria das vezes. Há, nos dados, em um texto mítico, uma ocorrência da negação na forma **inō**, o que me levou a formular a hipótese de

que a forma da negação por si é **inõ**, sendo **arε** um enfático, que ocorre em perguntas interrogativas e outros contextos. Entretanto, como já considero **arε** parte da partícula de negação, não a estou segmentando, neste trabalho.

Da mesma forma que a partícula de intensidade, a partícula de negação tem uma ocorrência restrita, aparecendo sempre em posição pós-verbal. Essa partícula não ocorre com os pronomes livres nem com os presos, tampouco aparece em orações existenciais. Pode ocorrer com nomes e com verbos ativos e não-ativos, S_o ou S_{io} , bem como as partículas de tempo e aspecto combinadas entre si, tais como, por exemplo, o tempo passado, o aspecto completivo.

(222) kormẽ i-tε hõpun inũarε
ainda 1-Erg Rel-ver-Pas Neg
‘eu ainda não o/a vi’

(223) h-arkwa nõrε
Rel-boca Neg
‘ele é mudo’ *lit.* ‘ele não tem boca’

(224) int ʃe, mra inũarε
mãe de Ego chorar Neg
‘mamãe, não chora!’

(225) i-nkrĩk nõrε
1-estar.zangado Neg
‘eu não estou zangado’

1.4.4.2. Imperativo

Em Parkatêjê, há pelo menos três formas de imperativo: o imperativo, o exortativo e o rogativo. A primeira é feita por meio da expressão formada pelo verbo e pelo pronome dependente a ele preso, referindo-se à segunda pessoa singular ou plural. O

exortativo é marcado pela partícula **ma** ocorrendo antes da raiz verbal, em primeira posição. A terceira envolve a partícula **mũ**, que marca o imperativo rogativo.

A partícula **ma** funciona como uma partícula “convitativo-interrogativa” em certos contextos, como nos exemplos (226) e (227). Tal partícula é não apenas uma partícula interrogativa que cria ambientes de orações polares, mas também um imperativo que convida o ouvinte a praticar a ação descrita pelo verbo, incluindo necessariamente a pessoa que enuncia a oração. Em outras palavras, a forma imperativa do verbo sem partícula exclui o falante da ação expressa pelo verbo, enquanto que a partícula **ma** inclui o próprio falante na prática da ação verbal, além solicitar a participação do interlocutor:

(226) **ma** **kumẽ** **ku-krẽ**
 Exort DuPl Onc-comer
 ‘vamos comer?’

(227) **ma** **kumẽ** **kẽmpa**
 Exort DuPl escutar
 ‘vamos escutar?’

Já a partícula **mũ**, quando aparece em contextos de verbos, tanto ativos quanto não-ativos, vindo na primeira posição, parece funcionar como uma marca de imperativo rogativo, que atenua o pedido ou a ordem dada:

(228) **mũ** **nkrĩk** **inũarɛ**
 Rog estar.zangado Neg
 ‘não fica zangado’

1.4.4.3. A partícula **mũ**

A partícula **mũ** aparece em contextos tão diversificados, que ainda não compreendi completamente o significado e a função de todos. Verifiquei nos dados sua ampla ocorrência em inúmeros e diferentes contextos, entre os quais os abaixo exemplificados:

Em Parkatêjê, mû: (a) pode ocorrer nos sistemas Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo, ocorrências evidenciadas pelas formas estendidas e não-estendidas dos verbos; (b) ocorre com verbos ativos e descritivos; (c) ocorre como uma marca de imperativo rogativo. Dessa forma, deve ser aprofundada a análise da partícula mû, pois parece não estar relacionada com o tempo – ocorre com noções de passado e futuro – nem com o modo.

Araújo (1989:107-108) inclui mû na classe de palavras ‘relatores’ como um ‘introdutor de relato’.

No quadro abaixo, sumariei os vários tipos de partículas, marcando sua possibilidade de coocorrência:

Quadro 14: Combinação das partículas de tempo e aspecto

Partículas de tempo →		Passado		Presente	Futuro
		rmt	rct		
Partículas de aspecto ↓		aiku	∅	∅	ka
Continuativo	apu	√	√	√	
Potencial	hã ~ha				√
Incompleto	kormē			√	
Frustrativo	aptε	√	√		
Iterativo	apiri reduplicação de raízes verbais	√	√	√	
Completada	∅	√	√	√	
Completação recente	kurmē		√		
Perdurativo	t̃m...nē	√	√	√	
Final	hi		√		

1.4.5. Partículas evidenciais

Além do conjunto de partículas funcionais acima apresentado, que em Parkatêjê marca noções aspectuais, modais e temporais, verifiquei a ocorrência de um conjunto de itens relacionados à evidencialidade, que, de acordo com Aikhenvald (2001, a aparecer), é uma categoria gramatical obrigatória cujo sentido primário é a fonte de informação, seguindo a terminologia de Chafe (1986) em seu sentido amplo – se o narrador realmente viu o que está sendo descrito ou faz inferências sobre o fato com base em alguma evidência ou se alguém lhe contou o fato.

Aikhenvald (2001, a aparecer) nota que toda língua tem alguma forma de fazer referência à fonte da informação, mas isso não implica que toda língua tenha evidencialidade como uma categoria gramatical. Línguas como o japonês, o inglês e o português utilizam significados lexicais para a especificação opcional da fonte do conhecimento.

Ainda de acordo com Aikhenvald, em algumas línguas, os significados relacionados à fonte da informação são obrigatórios de alguma forma, mas eles não formam uma categoria gramatical única. A codificação da evidencialidade é distinta da evidencialidade expressa por um sistema único e coeso.

Em Parkatêjê, há um conjunto de partículas usadas com essa finalidade. Entre elas, há uma forma que parece marcar a atitude do falante a dado fato inesperado, isto é, uma forma que expressa miratividade, nos termos de Delancey (1997).

De acordo com essa análise preliminar, a língua apresenta dois termos reportativos. Um deles, **pe pia**, constitui-se de uma partícula discursiva inicial **pe** e da partícula dubitativa que a segue. Tal forma somente apareceu em textos míticos antigos, no início da oração, enquanto a outra forma – **pia t ʃwɛn** – aparece em outros textos.

(233)	pe	pia	mĩti	kõm	amʒi	y-arên:	Ituware,	wa	ka
	PD	Dub	jacaré	Posp	Refl	Rel-dizer.	Voc	eu	Fut
	a-krê		inũarɛ		i-	kupa		inũarɛ	
	2-comer		Neg		1-	ter.medo		Neg	

‘Dizem que o Jacaré mesmo disse: sobrinho, eu não vou te comer, não tem medo de mim’

(234) pia tʃwɛn aiku mpa amriare. Pe mɔr mɛ pɨt
 Dub Evi PR 1PIIncl Neg.Exist PD Evi Posp sol
 mɛ katʃer
 Conj lua

‘Dizem que nós não existíamos. Parece que aí o Sol e a Lua, os dois’

Embora claramente constituídos de dois elementos, nem **pe pia** nem **pia tʃwɛn** ocorrem isoladamente. Além disso, esses termos ocorrem entre as partículas de tempo e aspecto no início da sentença, ou antes destas, introduzindo o enunciado. Sua ocorrência em outro ponto da oração não foi atestada, mesmo em dados elicitados. Tais termos podem coocorrer com o inferencial **mɔr**. Tal combinação tem a finalidade de distanciar o falante da responsabilidade com relação ao fato que foi por ele contado.

O termo **pia** ocorre também nas expressões interrogativas da língua, parecendo comportar-se, em alguns outros contextos como uma partícula interrogativa por si só. Tenho tratado tal partícula como dubitativa³³, devido ao significado que tal partícula imprime aos contextos nos quais ocorre. Esse termo dubitativo pode combinar-se com outras partículas para constituir os termos reportativos, ou pode ocorrer por si só, conforme já descrevi.

À primeira vista, a marcação da fonte da informação nessa língua depende da escolha do falante. A informação obtida diretamente pelo falante, em primeira mão, por meio de quaisquer sentidos, é não-marcada, exceto se o falante deseja aludir a tal fato afirmando/confirmando sua ocorrência, da qual ele foi uma testemunha ocular. Para isso, ele faz uso da partícula **het**. Esse termo não aparece em outros contextos combinado com nenhum outro termo evidencial, porém encontrei **het** coocorrendo com o termo reportativo **pe pia**, num trecho do texto mítico sobre o Sol e a Lua. Ao que tudo indica,

³³Araújo (em comunicação pessoal) também interpretou essa partícula com esse significado, embora não tenha publicado essa sua hipótese.

essa partícula, nesse trecho em particular, enfatiza o posicionamento da Lua em relação ao Sol.

(235) pe pia het aiku (katʃer) kēm: ʒe wa ka mū
 PD Dub Evi PR (lua) Loc: Voc eu Fut
 ata nēhi
 Dem mesmo

‘Dizem (que) a Lua (disse): Jê, eu (vou fazer) aquilo mesmo’ *lit.* ‘Diz que a Lua (deu certeza para ele): Jê, eu vou fazer aquilo mesmo’

Como Aikhenvald (2001, a aparecer), postulo que no sistema da língua há um termo reportativo e outros. Esse reportativo que alude aos dados adquiridos por meio do relato de alguém, sem nenhuma indicação acerca da verdade do enunciado. Nota-se, conforme já disse anteriormente, a existência de dois termos reportativos – um que se refere ao passado remoto e outro, ao passado recente. Essa foi a única diferença verificada na ocorrência desses termos.

Dentro desse conjunto, além do reportativo – que comporta, na verdade, dois termos de acordo com o tempo do enunciado – há (i) uma partícula de dúvida (**pia**) e (ii) um termo inferencial – o qual é usado com base em resultados visíveis ou em referência não-especificada e/ou com base em experiências prévias de situações similares.

Da mesma forma que o reportativo, o inferencial ocorre entre as partículas de tempo e aspecto no início da sentença, ou antes destas, introduzindo o enunciado. Em alguns exemplos, o inferencial aparece marcado pela posposição **mē** e em outros, pela posposição **pe**. Até o presente não me foi possível identificar a diferença de significado entre uma e outra ocorrência, mas o fato do termo inferencial ocorrer marcado por posposição assemelha-se substancialmente ao comportamento dos adverbiais espaço-temporais, que, em alguns casos, ocorrem também com uma ou outra posposição, dependendo do seu significado.

(236) pia tʃwēn ri ʒūm mū ita tik mēr mē
 Dub Mir já Int Dem estar.prenha Evi Posp

mē h-arēn

Pl Rel-contar

‘dizem que estão contando que parece que aquela pessoa está prenha’

(237) mēr pe mama mē aikrepoti

Evi Posp antes Pl casa.grande

‘Provavelmente antes eles (roçaram o terreno para) fazer a casa grande’

O termo $t\int\ddot{e}mta$ (arε) pode aparecer com ou sem a ênfase, arε, e é usado em contextos em que a informação nova não é esperada. Dessa forma, $t\int\ddot{e}mta$ indica miratividade, nos termos de DeLancey (1997), conforme pode-se observar no exemplo abaixo:

(238) pe pia: $t\int\ddot{e}mta!$ mēkrare ita amñē mō!

PD Dub Mir criança Dem para.cá ir

‘Dizem (que o Sol) se surpreendeu: essa criança vem para cá!’

Estudos recentes têm discutido o quanto as noções de evidencialidade e miratividade estão relacionadas (cf. Dendale e Tasmowski 2001; Chafe e Nichols 1986). O domínio semântico da evidencialidade cobre a fonte da informação sobre as asserções. Porém, como Willet (1988:51) aponta, não há um consenso no que se refere aos limites nocionais da evidencialidade (DeLancey, 1997). Os estudos mais recentes têm afirmado que a miratividade (ou admirativo, na terminologia francesa), embora relacionada à evidencialidade, é uma categoria conceitual independente (cf. DeLancey, 1997)

De acordo com Dendale e Tasmowski (2001:343), miratividade é “um subdomínio situado entre evidencialidade (fonte direta da informação) e modalidade (atitude do falante: surpresa)”.

No quadro abaixo, vê-se o grupo de evidenciais que me foi possível identificar até o presente momento.

Quadro 15: Evidenciais

Partícula	Significado	Categoria	Especificação	Tipo de sentença
pe pia	‘dizem que’	Evidencialidade (ouvir-dizer)	Reportativo	Declarativa (passado remoto)
pia t ʃwɛn	‘dizem que’	Evidencialidade (ouvir-dizer)	Reportativo	Declarativa (passado recente); interrogativa (futuro próximo/passado recente)
pia	‘dúvida’	Validacionalidade (incerteza)	Dubidativo	Declarativa (passado recente); interrogativa (futuro próximo; passado recente)
mõr	‘parece que; talvez’	Validacionalidade (inferência)	Inferencial	Declarativa (presente; passado recente)
het	‘com certeza’	Validacionalidade (certeza)	Visual/Não visual	Declarativa (passado remoto e recente)

Das relações dos evidenciais com outras categorias, posso dizer que: (i) todos os evidenciais ocorrem nas orações declarativas – nas orações dependentes, foi atestada a ocorrência do reportativo, do inferencial, bem como do validacional; (ii) os termos reportativo, validacional e inferencial ocorrem também nas negativas; (iii) tais termos somente foram encontrados em referência a uma terceira pessoa, e nunca sendo usados pela primeira pessoa referindo-se a si mesma; (iv) nas interrogativas, parece haver restrição de uso dos evidenciais, tendo sido atestada somente a ocorrência do dubitativo; (v) não foi atestada a ocorrência de nenhum desses termos nas sentenças imperativas.

Para resumir a semântica dos termos evidenciais na língua, apresento o quadro abaixo:

Quadro 16: Semântica dos evidenciais

Termo	Uso
Reportativo	Para relatar eventos que o falante ouviu.
Inferencial	Para referir-se a situações às quais o falante tem acesso por meio de resultados de um evento visíveis/audíveis ou de qualquer outra ordem.
Validacional	Para validar determinado evento ao qual o falante assistiu, do qual participou ou de cuja ocorrência ele está convencido.

De acordo com Aikhenvald (2001, a aparecer), a existência da evidencialidade pressupõe a necessidade de citar explicitamente a fonte de dada informação e pode coexistir com determinadas atitudes e práticas culturais. Assim sendo, ainda é necessário verificar certos contextos em que os evidenciais podem aparecer, tais como o vocabulário utilizado pelos pajés, já que, em princípio, estes teriam alguns momentos de estados de onisciência; a narração de sonhos, os quais não pertencem supostamente ao ‘mundo real’; a descrição de estados doentios de outrem, etc. Além disso, é preciso verificar a ocorrência desses evidenciais com a modalidade na língua.

1.5. Posposições

As posposições em Parkatêjê constituem uma classe fechada de elementos, que ocorrem, de um modo geral, precedido de seu objeto, o qual pode ser um elemento pronominal ou um nominal.

Assim como os nomes inalienavelmente possuídos e os verbos não-ativos, as posposições ocorrem com os pronomes dependentes, nunca com os pronomes livres.

A função primordial das posposições é relacionar seu objeto com o verbo ou a outro elemento da construção sintática, marcando noções semânticas espaço-temporais, locais e não-locais. Em geral, elas aparecem marcando uma locução nominal adjunto, isto é, os argumentos E, visto que as locuções nominais complementos são não-marcadas morfologicamente.

De acordo com Lyons (1968), as posposições ocorrem em funções semânticas, que podem ser locais e não-locais. Assim é comum, em Parkatêjê, as posposições ocorrerem com nomes, imprimindo-lhes funções espaço-temporais diferentes tais como (i) indicações de tempo como: **ita kēm** ‘hoje’ que literalmente parece ser ‘demonstrativo + locativo’, isto é, algo como ‘em este’, ou ainda **nō kēm** ‘ontem’, e (ii) indicações locativas.

Como observado por Dourado (2001:53) para o Panará, também em Parkatêjê, posposições homônimas podem ter diferentes funções: (a) marcar um objeto indireto; (b) marcar um adjunto adverbial; (c) marcar o sistema de *switch-reference*, no caso

específico de *mẽ* e *nẽ*. Neste último caso, tais elementos são entendidos como conjunções coordenativas. As posposições podem ainda marcar tematicamente argumentos nucleares (os casos gramaticais) e elementos periféricos (os casos semânticos).

Tradicionalmente a marca *tɛ* do caso ergativo tem sido considerada uma posposição. Entretanto, conceitualmente posposições são elementos não-flexionais, e em Parkatêjê *tɛ* marca o sujeito ergativo singular e *tɛm*, o sujeito ergativo plural³⁴. Embora se aponte tal diferença em relação às outras posposições, optou-se por manter-se esse elemento na referida classe de palavras.

Dourado (2001:54) observa que, apesar de haver certa identidade semântica entre as posposições que marcam os oblíquos, essas apresentam um papel temático mais específico que a posposição que marca o sujeito ergativo. Tal observação é válida para o Parkatêjê.

O quadro 17, inspirado em Dourado (2001), apresenta as posposições do Parkatêjê:

Quadro 17: Posposições

Caso sintático	Posposição	Caso semântico	Posposição
Comitativo	<i>kot</i> ‘com’	Ablativo	<i>pe</i> ‘em’
Dativo/Benefactivo	<i>mẽ</i> ‘para’	Alativo (direcional)	<i>nẽ</i> ‘para onde’
Ergativo	<i>tɛ/tɛm</i>	Locativo (estático)	<i>rĩ</i> ‘onde’
Instrumental	<i>tɔ</i>	Essivo	<i>pĩ</i> ‘de onde’
Malefactivo	<i>pe</i>	Direcional (em movimento)	<i>wír</i> ‘em direção’
		Locativo (continente)	<i>mẽ</i>
		Locativo (estático pontual)	<i>kẽm</i> ‘dentro/em’

³⁴ Seki e eu, durante os períodos de orientação desta tese, conversamos sobre a origem dessas formas. Para ela, historicamente *tɛm* pode ter-se originado de *tɛ* + *mẽ* e depois se fundiu em *tɛm*.

A seguir, descrevo as funções gramaticais, semânticas e locativas das posições, de acordo com Lyons (1979:310):

1) **mē** ‘Dativo’

a) objeto indireto, com verbos como **ku-hō** ‘dar’

(239) int ſũm tɛ int ſe mē kat ſët hõr
 pai de ego Erg mãe de ego Dat roupa dar+Pas
 ‘meu pai deu roupa para minha mãe’

b) benefactivo

(240) ʒe i- mē twîm -ti kwɛ
 Voc 1- Dat gordo -Intens Quant
 ‘Jê, me dá um pedaço gordo!’ *lit.* ‘Jê, para mim, um pouco/um pedaço gordo’

c) direcional ou locacional

(241) pia kōkōnore amnē apar mē
 Dub cabaça para.cá baixo Loc
 ‘a cabaça vinha rio abaixo, para cá’ *lit.* ‘a cabaça para cá, para baixo’

(242) A. yõrĩ ka pia a- tɛ tɔ koran?
 onde Int Dub 2- Erg matar
 ‘onde tu mataste?’

B. kəy mē , wa i- tɛ tɔ koran
 acima Loc eu 1 Erg matar
 ‘eu matei acima (do rio)’

- (243) a- y- ã krĩ awrĩ mẽ ?
 2- Rel- Pos aldeia longe Loc
 ‘a tua aldeia é longe?’

2) **kēm** ‘Locativo (pontual)’

- (244) pe pia kapranĩ katiti ko kēm tʃə
 PD Dub jabuti grande água Loc estar.em.pé
 ‘Dizem que jabuti grande estava no rio’

- (245) wa ka ariat ʃë kēm nō hōr
 eu Fut rede Loc deitar dormir
 ‘eu vou dormir na rede’ *lit.* ‘eu vou deitar-dormir na rede’

3) **kot** ‘Comitativo’

- (246) nō hōr nē intʃe kot amti
 deitar dormir SS mamãe Com sonhar
 ‘deita, dorme e sonha com a mamãe’

- (247) wa mū a-kot tē
 eu 2-Com ir
 ‘eu vou contigo’

4) **tɛ/ tɛm** ‘Ergativo’

- (248) pe pia pĩt kēm: a- tɛ ita to!
 PR Dub sol Loc 2- Erg Dem fazer
 ‘o Sol disse: você fez isto!’

5) to 'Instrumental'

- (249) poti to te to kukrɨt y-apok
 taquara Instr Erg fazer anta Rel-furar
 'com taquara, ele furou a anta'

- (250) intʃe te kra ʒ-uahi mē krohokrɛ te wahirɛ
 mãe Erg filho Rel-segurar DS NPr Erg agulha
 to katʃwir
 Instr furar+Pas
 'a mãe segurou o filho e a Krohokre aplicou a injeção' *lit.* 'a mãe segurou o
 filho e a Krôhókre furou com a agulha'

6) pe 'em'

- (251) Apiri aikati pe. Apiri h-ĩn pupũn
 Iter dia Loc Iter Rel-fezes Rel-ver
 'Novamente amanheceu. Novamente ela (a Lua) viu as fezes dele (do Sol)'

- (252) wa ka pɨka pe nõ hõr
 eu Fut terra Loc deitar dormir
 'eu vou dormir no chão' *lit.* 'eu vou deitar-dormir no chão'

- (253) ʒomprɛrɛ te kamtere pupũn aikrɛ katut pe
 NPr Erg menino Rel-ver+Pas casa atrás Loc
 'Jõmprare viu o filho dela atrás da casa'

- (254) i- te ʒomprɛrɛ pupũn aikrɛ y- arkwa pe
 1 Erg NPr Rel-ver+Pas casa Rel- boca Loc
 'eu vi a Jõmprara na frente da casa'

7) **wĩr** ‘em direção a’ (envolvendo movimento)

(255) pe pia aiku aptε kakro -ti mrarε nã mũ ko
 PD Dub PR Frustr quente -Enf chorar SS água
 wĩr tʃö
 Dir estar.em.pé
 ‘(por causa) quentura, ela (a Lua) chorou e foi para a água.’

Posposições como **nẽ**, **rĩ** e **pĩ** foram encontradas somente compondo os interrogativos adverbiais que referem a lugar; já **nẽ**, também aparece com outros itens compondo palavras relacionadas a tempo, como é o caso de **apẽ**, cujo sentido parece ser ‘o dia seguinte’. Esse nome pode, no entanto, vir marcado por diferentes posposições, sem que tenha sido possível, até o presente, determinar ou mesmo compreender a diferença semântica entre essas ocorrências. Por exemplo: **apẽ nẽ**; **apẽ pe**; **apẽ mẽ**; todas essas ocorrências traduzidas como ‘amanhã’ ou ‘o dia seguinte’. É preciso investigar melhor a diferença semântica de cada uma dessas expressões temporais.

Nos textos narrativos, sejam eles míticos ou de outra sorte, as posposições marcam as tomadas de turno, em que entram as falas diretas de cada participante no texto. Até o momento me foi possível verificar essa marcação somente com as posposições **kẽm** e **mẽ**.

A posposição **kẽm** marca a tomada de turno do participante que não aquele que acabou de se pronunciar, isto é, essa posposição marca a distância do falante e a proximidade em relação ao ouvinte. Além dessa ocorrência nos textos, observei também nos diálogos espontâneos o traço semântico acima referido – o distanciamento do falante em relação ao que está sendo enunciado. Durante um episódio de treino de um jogo de futebol do time feminino, elas treinavam falando na língua, a fim de não poderem ser compreendidas pelo time adversário. Então se ouvia muito **mũ kẽm mẽn**, cujo sentido é ‘joga pra lá (pra longe de ti)’, ou seja, para longe da fonte onde a ação foi iniciada.

Já a posposição **mē** indica proximidade do falante e distância do ouvinte. Aparentemente, portanto, essas posposições evidenciam dêixis, todavia inúmeros aspectos semânticos relacionados às posposições devem ainda ser mais bem compreendidos em estudos subseqüentes.

1.6. Advérbios

De acordo com Payne (1997:69), a classe de advérbios é uma classe bastante heterogênea. Conforme Givón (1984:77) esta é uma classe lexical mista semântica, morfológica e sintaticamente. As características morfológicas e semânticas dos advérbios variam geralmente em função dos itens lexicais dos quais são derivados. Além disso, muitos advérbios são construções sentenciais plenas ao invés de itens lexicais unitários.

Ainda de acordo com Payne (1997:69), do ponto de vista do significado, advérbios não podem ser identificados em termos de uma escala de estabilidade no tempo ou de qualquer outro parâmetro semântico bem definido.

Em Parkatêjê, termos de diferentes classes podem funcionar como adverbiais. Dada essa abrangência e heterogeneidade, figuram como advérbios palavras que indicam expressões dêiticas entre outras noções.

O rótulo ‘advérbio’ justifica-se formalmente com base nas propriedades distribucionais do termo em questão, o qual se caracteriza por sua mobilidade dentro da sentença e por sua função de modificador de verbos.

Como também observado por Dourado (2001:37-38) em Panará, vários advérbios em Parkatêjê são derivados de nomes. Por exemplo, nomes inalienavelmente possuídos, como **katut** ‘costas’ ou **h-arkwa** ‘Rel-boca’, podem ocorrer como modificadores verbais, assumindo os significados ‘atrás’ e ‘frente’, respectivamente.

Os descritivos podem figurar como modificadores verbais, cujo sentido, nesse caso, é consistentemente de advérbios de modo do tipo ‘bem’, ‘mal’. Os numerais e as palavras de quantificação são também usados como modificadores verbais. Os demonstrativos locativos funcionam como formas adverbiais.

1.6.1. Subclasses de advérbios

1.6.1.1. Locativos: incluem formas dêiticas, em sua maioria, relacionadas aos demonstrativos, bem como nomes relacionados a partes de um corpo, como já visto acima, sendo marcados por posições, formando expressões adverbiais.

Quadro 18: Advérbios locativos

itar	'aqui'
kapēn	'perto'
amnē	'para.cá'
kri	'lá'
awrî	'longe'
kəy	'alto'

(256) a- pî nē itar a- tʃi
 2- pegar SS aqui 2- pôr
 'pega e põe aqui'

(257) amnē tē nē itar ʒē
 para.cá ir SS aqui sentar
 'vem para cá e senta aqui!'

1.6.1.2. Temporais: nomes relacionados a tempo, referentes a partes de um dia e a períodos mais curtos ou mais longos de tempo, marcados, em sua maioria, por posições.

Quadro 19: Advérbios temporais

Adverbial	Glossa
nō kēm	‘ontem’
apē nē	‘amanhã’
ita kēm	‘hoje’
aikati	dia
aikapēt	noite
kokrēn	cedo
mama	antes

Os parkatêjê, até onde pude investigar, falam da extensão do tempo, se for necessário, explicitando o momento inicial e o momento final da ação. Não consegui obter expressões como ‘a noite toda’, ‘o dia todo’, ‘um ano inteiro’, ‘um dia inteiro’, ‘dois meses’, tampouco me foi possível averiguar se já houve uma forma de marcar o tempo do calendário com os nomes dos dias da semana e dos meses do ano, e o tempo do relógio em horas e minutos. Os parkatêjê tinham sua maneira própria de contar o tempo, que não era por meio das noções de mês ou ano, segundo os informantes mais idosos, mas sim por meio dos verões. Entretanto eles já não sabem explicitar ao certo qual era essa maneira de contar o tempo, visto que já não recordam esse método.

1.7. Conjunções

De acordo com a definição encontrada em Trask (1993:56), a conjunção pertence a uma categoria lexical fechada, cujos membros servem para construir estruturas coordenadas. Segundo Matthews (1997:68), conjunção é a palavra que junta duas unidades sintáticas.

Em Parkatêjê, há um pequeno número de conjunções, as quais não foi possível investigar profundamente, pelo fato de ainda não ter sido feito um estudo da sintaxe

das orações dependentes. Entretanto posso afirmar que a forma **mê** funciona como elemento conector de duas locuções. As conjunções **mê** e **nê** coordenam orações, marcando também o fenômeno de *switch-reference*, designando sujeitos diferentes e sujeitos idênticos, respectivamente. Araújo (1989:107) apresenta uma classe de relatores em Parkatêjê e afirma que **nê** marca seqüência. Outra conjunção encontrada foi **nêm** que exprime causa, da qual tratarei em trabalhos posteriores.

1.8. Interjeições

As poucas interjeições que pude coletar são as que seguem abaixo, sendo necessário, contudo, aprofundar o estudo dessa classe de palavras.

Okí = palavra utilizada com entonação de palavra interrogativa, denotando o espanto, a surpresa do falante diante de algo que é novo ou inesperado.

Ko(koko) = palavra utilizada com a sílaba duplicada, a qual pode codificar um aviso do tipo ‘cuidado!’, um chamado de atenção, uma advertência para determinado fato inesperado.

Krêmpo nê! = em geral, essa locução é usada quando alguém faz alguma coisa diferente do esperado. Por exemplo, joga flecha e erra. A meu ver, trata-se de uma ironia do tipo “isso mesmo”, com tom de repreensão.

Muxoxo + estalo de língua – traço da cultura cabocla influenciando a cultura indígena ou é um traço da cultura indígena presente na cultura cabocla.

Capítulo 2

Aspectos da sintaxe

Neste capítulo, pretendo apresentar, de modo sucinto, os diferentes tipos sentenciais encontrados em Parkatêjê. Na primeira seção, descreverei os subconstituintes pertinentes, tais como a locução nominal, a locução verbal e a locução posposicional. Na segunda seção, descreverei o tipo sentencial prototípico, isto é, o tipo sentencial verbal básico, a oração independente, a qual pode apresentar-se de várias maneiras conforme sua constituição interna, se predicado verbal ou se predicado nominal. Para isso, apresentarei as principais características dos predicados verbais e não-verbais.

2.1. Locução nominal

Uma locução nominal em Parkatêjê pode funcionar como sujeito, objeto de verbos transitivos e objeto de posposições, e também como predicado em orações não-verbais.

O núcleo de tal locução pode ser um nome (simples ou derivado) ou um pronome livre, os quais por si só podem constituir a locução. O nome pode ainda ser modificado por outros nomes, descritivos, demonstrativos, quantificadores e numerais, os quais sempre aparecem em posição pós-nominal. Se o núcleo nominal é omitido, tais elementos podem ocupar sua posição estrutural na locução. O mesmo não é verdadeiro no que se refere aos pronomes.

2.1.1. Estrutura da locução nominal

Em sua forma mais simples, a locução nominal, em Parkatêjê, é constituída apenas do núcleo, que pode ser um nome ou um pronome.

- (258) mp̄i ‘homem’
 (259) kukr̄it ‘anta’
 (260) wa ‘eu’
 (261) mpa ‘nós (exclusivo)’

Todavia, o nome, mas não o pronome, pode vir acompanhado de outros modificadores: descritivos, demonstrativos, quantificadores e outros nomes sintáticos (locução expandida), os quais vêm em posição pós-núcleo:

- (262) aykr̄ε ita ‘esta casa’
 (263) ntia mpey ‘tia boa’

Se o núcleo nominal tiver sido omitido por quaisquer razões e o contexto estiver suficientemente claro, esses elementos modificadores podem ocupar sua posição estrutural na locução.

De um modo geral, em Parkatêjê, uma locução nominal possui, no máximo, dois modificadores, contudo em contextos especialmente elicitados, é possível encontrar uma locução em que aparecem mais modificadores na ordem mostrada abaixo:

[NOME Descritivo Quantificador Demonstrativo]

Os exemplos abaixo tem suas locuções nominais A codificadas pelo pronome dependente a- ‘2ª pessoa’ em (264) e pelo nome **ton** ‘tatu’ em (265), ambos marcados pela posposição **te** do caso ergativo. Já ambas locuções O são codificadas por elementos pronominais presos ao verbo: em (264), o prefixo relacional no verbo remete a um referente já mencionado, conhecido pelo contexto ou indeterminado e em (265), o pronome dependente **i-** marca a 1ª pessoa.

(264) a- tɛ hõpũn
 2- Erg Rel-ver
 ‘Tu viste ele’

(265) ton tɛ i- katʃwĩr
 tatu Erg 1- furar
 ‘o tatu me furou’

Nas sentenças (266) e (267) o demonstrativo **ita** ocorre como locução nominal em função S_a e como O, respectivamente:

(266) pe pia ita amnẽ apar mẽ mõ
 PD Dub Dem para.cá baixo Loc ir
 ‘Diz que isto (a cabaça) veio para cá para baixo’

(267) a- tɛ ita tɔ
 2- Erg Dem fazer
 ‘tu fizeste isto’

A sentença (268) inclui um exemplo com o quantificador indefinido **kwə** como locução nominal O, em que o núcleo nominal foi omitido:

(268) i- mẽ kwə
 1- Dat Quant
 ‘me dá um pouco (ou um pedaço)’

2.1.2. Locução genitiva

Entre as locuções com modificadores, a locução nominal genitiva distingue-se, não somente pela natureza da relação expressa, mas também por outras características tipológicas. Tais características são:

- (i) o seu núcleo só pode ser um nome possuído (alienável e inalienável);
- (ii) o seu modificador (o possuidor) precede o núcleo;
- (iii) o possuidor pode ser expresso por um nome ou por um pronome dependente;
- (iv) a relação sintática entre núcleo (modificado) e possuidor (modificador) é marcada pelos prefixos relacionais, conforme já visto no capítulo sobre classes de palavras.

Como já foi visto anteriormente, tanto os nomes alienáveis quanto os inalienavelmente possuídos apresentarão os prefixos relacionais. No caso dos nomes alienáveis, a expressão da posse é marcada pelo prefixo relacional e pelo nome inalienável ã ‘coisa’, o qual, por si, é o núcleo dessa locução nominal. Esses dois elementos podem ser precedidos por um pronome dependente ou por um nome.

A posse envolvendo nomes alienáveis também pode ser expressa pelo formativo **tekie**, quando os objetos não pertencem originalmente à cultura dos parkatêjê, ou quando a posse se refere a certos nomes não-possuíveis, como nomes de animais. Uma investigação mais detalhada a fim de determinar o significado e a função de **tekie** é ainda necessária, porém.

Em (269) há um exemplo de locução nominal possessiva envolvendo um nome inalienável; em (270), um exemplo de locução com nome alienável com o formativo **tekie**, fazendo referência ao possuidor.

(269) i- kra
 1- filho
 ‘meu filho’

(270) A. 3ũm 3- ã makina?
 Int Rel- Pos máquina
 ‘quem é o possuidor (dessa) máquina (de costura)?’

B. madalena tekie
 M. Poss
 ‘(é posse da) Madalena.’

2.1.3. Conjunção e disjunção de locuções nominais

Em Parkatêjê, há mecanismos para fazer a conjunção ou a disjunção de locuções nominais.

A conjunção de locuções nominais se dá mediante **mê**, o qual é usado de maneira aditiva. Uma questão que se coloca é se essa forma **mê** é homônima da forma que marca o plural em nomes e em pronomes, visto que o conteúdo que subjaz às duas é bastante semelhante. **Mê**, neste caso, funcionaria como uma conjunção. Em dialetos do interior do Pará, por exemplo, é comum se ouvir “Maria mais eu” ou “o Pedro mais eles”; em outros dialetos, seria “Maria e eu” ou “o Pedro e eles”.

Como foi visto no capítulo acerca de classes de palavras, na seção de pronomes, não há formas livres para expressar a terceira pessoa, entretanto, em contextos próprios de locuções verbais, **mê** recupera essa referência. Dessa forma, é possível interpretar esse **mê**, coordenando locuções, como um indicador de terceira pessoa plural, operando como conjunção associativa das locuções, tendo valor inclusivo.

Nesse caso, locuções como **int̩ ŷũm mê mẽikiyeye** ou **kukr̩t mê kup̩t** teriam traduções como ‘meu pai e meus irmãos eles’ e ‘anta e guariba eles’, respectivamente.

Esse tipo de articulação é bastante comum em línguas australianas e nos principais crioulos australianos, a saber, Roper River Creole (Kriol) e Torres Strait Creole, bem como em outras línguas do mundo.

Dunn (1999:172) afirma que, em Chukchi, o tipo mais comum de conjunção de nominais é a construção de conjunção associativa, a qual é formada por um núcleo nominal plural, que em geral é um pronome pessoal plural com sentido coletivo, acompanhado por outro nominal ou nominais.

Blake (1987:93) descreve esse tipo de construção – denominada construção inclusiva³⁵ – da seguinte forma: “na construção inclusiva um pronome não singular acompanhado por um ou mais nominais completam a informação fornecida pelo pronome”. Evans (a sair) refere-as como “Construções ‘subset and superset’”. Há ainda exemplos de ocorrências semelhantes em Dyrbal e Fijian (Dixon, 1972 e 1989, respectivamente).

Os dados do Parkatêjê são os seguintes:

- (271) int ŷũm mē mēikiyeye tɛm mĩɛ koran nē
 meu.pai Conj irmãos ErgPl jacaré matar SS
 tɛm kukrɨt koran
 ErgPl anta matar
 ‘meu pai e meus irmãos mataram jacaré e mataram anta’

- (272) int ŷũm tɛ kukrɨt mē kupɨt koran
 meu.pai Erg anta Conj guariba matar
 ‘meu pai matou anta e guariba’

Ao que tudo indica, **mē** ocorre entre dois enumerandos, ou seja, quando existem dois elementos, **mē** ocorre entre eles. Se houver mais de dois elementos, a ocorrência é a mesma, **mē** estará sempre antes do último elemento, o que cria uma frase cindida com relação à conjunção das locuções nominais. Ou seja, parte da conjunção das locuções é realizada com **mē** e parte é realizada apenas pela entonação, fenômeno ao qual se refere Mithun (1988:337) como *comma intonation*. O exemplo abaixo oferece um exemplo desse tipo de ocorrência na língua:

- (273) piarɛ tɛ kukoy kukrɨt kra mē kro koran
 NPr Erg macaco anta paca Conj porco matar
 ‘Piare matou macaco, anta, paca e porco’

³⁵ Blake (1987:93): “in the inclusive construction a non-singular pronoun accompanied by one or more nominals supplementing the information supplied by the pronoun”.

O exemplo (274), embora tenha várias locuções nominais conjugadas, as quais têm o traço [+animado], não traz **mē** como elemento conjuntivo, talvez pelo fato de cada uma dessas locuções ter o nome **mpo** ‘coisa’, o qual é indefinido, como parte do nome composto. Nesse caso, as locuções nominais são coordenadas somente por meio de justaposição, como no exemplo abaixo:

(274) kōrmē kēm mpopr̄r̄ε mpoYara mpoʒōkra nē
 ainda Loc Ind.caminho Ind.asa Ind.mão SS
 kokēm̄po

água.Loc.coisa

‘ainda (existem vários) animais (na nossa aldeia): aves, animais como macacos em geral (que andam com as mãos no chão) e animais da água’

Há outros exemplos em que aparece **mē** em locuções nominais, mas essas têm o traço [-animado]:

(275) aiku mē amkr̄ē kēm krerore mē p̄p̄pp̄r̄ mē
 PR Pl verão Loc cará Conj banana.brava Conj
 prerkr̄ē mē kupa mē kw̄ert̄ʃ̄ē mē kūnhak
 tajoba Conj cipó Conj maniva Conj abóbora
 mē ronh̄ēkp̄r̄tih̄ō.

‘No verão, essas coisas eles plantavam mesmo: cará, banana-brava, tajoba, cipó-kupa, maniva, mamão e abóbora.’

(276) pōh̄i mē kah̄i mē p̄nkr̄it̄reh̄i itaʒe aiku
 milho Conj amendoim Conj fava DemPl PR
 mē ta y-apr̄inti
 3Pl chuva Rel-esperar

‘milho, amendoim e fava – essas coisas, eles esperavam a chuva (para plantar)’

Já a disjunção de locuções nominais, em que se exclui uma delas, faz-se com o morfema *ri*, o qual é um morfema enfático com duas funções, a de ênfase propriamente dita e a de disjunção:

- (277) A. *ya* *ntia* *ri* *mp̣* *ri*?
- Int mulher Enf homem Enf
- ‘teu filho é homem ou mulher?’ *lit.* ‘mulher mesmo, homem mesmo?’
- B. *mp̣* *ri*
- homem Enf
- ‘é homem mesmo’

2.2. Locução verbal

De acordo com o que foi visto na seção sobre verbos, uma locução verbal pode ser constituída somente por um verbo (intransitivo (*S_a*, *S_o* e *S_{io}*) ou transitivo), ou por um verbo mais um modificador, que pode ser uma locução posposicional, um advérbio ou um descritivo, pela negação ou ainda pelos sufixos de aumentativo e diminutivo, que, quando presos ao verbo, têm escopo sobre a locução verbal. Da mesma forma que os nomes inalienáveis, os verbos intransitivos dos tipos *S_o*, *S_{io}* e transitivos subdividem-se em classes lexicais em relação aos prefixos relacionais.

2.2.1. Estrutura da locução verbal

A locução nominal sujeito dos verbos intransitivos não-ativos será expressa pelos pronomes dependentes diretamente afixados à raiz verbal, ou por uma locução nominal plena, que se anteporá à raiz verbal. Nos verbos intransitivos do tipo *S_{io}*, o argumento S apresenta uma marcação não-canônica, isto é, os pronomes dependentes ou a locução nominal em função S são marcados por posposição.

A locução nominal objeto (de verbos transitivos) poderá ser expressa por um pronome dependente, que se afixará diretamente à raiz verbal, ou por uma locução nominal plena, que se anteporá à raiz verbal.

Assim como ocorre, com os verbos intransitivos, em uma oração com um verbo transitivo estendido, o constituinte oblíquo é obrigatório e será marcado pelo caso locativo. Também verbos transitivos cujos argumentos E apresentam marcação não-canônica terão sua segunda locução nominal objeto marcada por uma posposição.

2.3. Locução posposicional

Uma locução posposicional em Parkatêjê pode ser constituída por um nome, por um pronome dependente ou por um nome marcado por uma posposição, em função adverbial.

Esse tipo de locução tem como núcleo uma posposição, descritas no capítulo anterior. Uma posposição deve sempre vir precedida de seu objeto.

Posso dizer que todos os nomes podem ocorrer como objeto de uma posposição. Dos elementos pronominais, porém, somente os pronomes dependentes podem ocorrer nessa posição.

Dependendo da combinação desses elementos, teremos as diferentes possibilidades semânticas de locução posposicional. Por exemplo, um nominal marcado por uma posposição poderá ter um sentido locativo. Um pronome dependente pode ser marcado por uma posposição que indique ou o dativo ou o comitativo, por exemplo. Assim é possível postular a existência de dois tipos de locuções posposicionais na língua: (i) aquelas requeridas pela estrutura argumental do verbo, como é o caso do sujeito de verbo transitivo marcado pelo caso ergativo ou do sujeito de marcação não-canônica, bem como do objeto indireto; (ii) aquelas que ocorrem como adjuntos adverbiais de vários tipos.

Os exemplos (278) e (279) apresentam locuções posposicionais do tipo (ii) acima mencionado, e o exemplo (280) tem uma locução requerida pela estrutura argumental do verbo:

(278) pe pia ko mē p̄p

PD Dub água Loc cair

‘Diz que ela (a Lua) caiu na água’

(279) pe magwari kēm hōpr̄iti tε rōtiho

PD NPr Loc NPr Erg folha.de.tucumã

kēkēn

quebrar+Pl

‘No Maguari, Hōpr̄iti quebrou muitas folhas de tucumã’

(280) i- mē kr̄i

1- Dat frio

‘eu estou com frio’

Passo, agora, a examinar as estruturas oracionais da língua, tendo em vista a descrição dos subconstituintes acima apresentados.

2.4. Orações independentes

Em Parkatêjê, há dois tipos sentenciais básicos de orações independentes:

- (a) oração com predicado verbal;
- (b) oração com predicado não-verbal.

A diferenciação entre esses dois tipos faz-se com base em um conjunto de características, entre as quais: (i) a forma pela qual o predicado é manifesto, se por palavra nominal ou verbal; (ii) a natureza e o número dos argumentos nucleares possíveis; (iii) os mecanismos utilizados para expressar as categorias de pessoa, tempo e aspecto.

2.5. Orações com predicado verbal

As orações com predicado verbal se caracterizam principalmente pela presença do verbo como núcleo do predicado. As orações com predicados verbais podem ser intransitivas, intransitivas estendidas, transitivas e transitivas estendidas.

Nas orações de um argumento, cujo verbo é semanticamente intransitivo, o elemento marcado junto ao verbo é o sujeito. Nas orações de dois argumentos, cujo verbo é semanticamente transitivo, o elemento junto ao verbo é sempre o objeto direto. Se está presente um outro objeto, este é marcado não-canonicamente, por uma posposição.

Dependendo do tipo de marcação do sujeito e da forma do verbo, distinguem-se diferentes subtipos de construções, os quais são abaixo descritos.

2.5.1. Oração intransitiva

Uma oração intransitiva é aquela constituída de um predicado verbal que apresenta somente um argumento nuclear, o qual é o sujeito (S). Assim sendo, uma oração desse tipo apresenta a seguinte estrutura: [S V].

O núcleo do predicado pode ser um verbo ativo (em sua forma estendida ou não-estendida) ou um verbo estativo, o que condicionará a forma de expressão do sujeito, quando este for expreso por um elemento pronominal. Essa diferença na expressão do sujeito dos verbos intransitivos é explicada como uma cisão no sistema de marcação de caso na língua, mencionada na literatura como *Split-S* ou S-cindido (Dixon, 1994:74).

2.5.2. Oração intransitiva ativa/S_a

Uma oração intransitiva ativa é aquela cujo núcleo do predicado é um verbo ativo, em sua forma estendida ou não-estendida, a qual terá seu sujeito manifesto por um pronome livre ou por um nome.

(281) ka ka amnẽ wẽr mõ
 tu Fut para.cá Dir ir
 ‘tu virás para cá’

(282) yat ʃu ita ntɔy nĩɛ
 veado Dem correr Intens
 ‘esse veado corre demais’

(283) Ayãnã itar akar
 NPr aqui capinar
 ‘Ayãnã capinou aqui’

2.5.3. Oração intransitiva descritiva/S_o

Uma oração intransitiva descritiva é aquela que apresenta um verbo intransitivo não-ativo no núcleo. O único argumento desse verbo é S_o.

Os verbos descritivos apresentam uma subdivisão interna, a qual, conforme já visto, pode ser explicada da seguinte maneira: verbos do tipo S_o são aqueles verbos descritivos que expressam noções do tipo ‘eu sou bom’, ‘eu sou bonito’, ‘eu sou forte’, ou seja, expressam propriedades e qualidades. Esses predicados caracterizam-se pela presença de um sujeito expresso por meio de um pronome dependente preso ao verbo (nunca por um pronome livre), ou ainda por uma locução nominal plena.

(284) i- mpɛy
 1- ser.bom
 ‘eu sou bom’

(285) t ʃontapti tɛy
 NPr ser.forte
 ‘Xôntapti é forte’

O outro subgrupo de verbos descritivos exprime noções como ‘estar.com.frio’, ‘estar.com.sede’, ‘estar com medo’, isto é, expressa propriedades físicas transitórias, sentimentos e experiências psicológicas. Esses predicados também terão seu sujeito codificado por um pronome dependente ou por um nome, porém esse constituinte virá obrigatoriamente marcado por uma posposição. Santos (1997:122) refere-se a uma ocorrência similar no Suyá, tratando-a como um subtipo de oração intransitiva. Popjes e Popjes (1986:130) analisam ocorrências desse tipo em Canela-Krahô como transitivas estativas, isto é, elas seriam uma forma especial de transitivas diretamente relacionadas com sentenças estativas. A marcação com **mã** indicaria estado temporário.

(286) i- mǎ krí
 1- Dat frio
 ‘eu estou.com.frio’

(287) ʒõmprare mǎ prēm
 NPr Dat ter.fome
 ‘Jõmprare está com fome’

O quadro 20 sumariza a ocorrência das orações intransitivas simples, acima descritas:

Quadro 20: Orações intransitivas simples

Intransitivas simples					
Verbo ativo		Verbo estativo			
S _a		S _o		S _{io}	
Sujeito	Forma verbal	Sujeito	Forma verbal	Sujeito	Forma verbal
pronome livre locução nominal	formas aspecto- temporais distintas	pronome dependente ou locução nominal	formas aspecto- temporais idênticas	pronome dependente ou locução nominal marcados não- canonicamente	formas aspecto- temporais idênticas
Pro	V	PDep – V		PDep-mê V	
LN	V	LN V		LN-mê V	

2.5.4. Orações intransitivas estendidas

De acordo com a descrição dos verbos intransitivos estendidos, depreende-se que orações intransitivas estendidas são predicados que, além do sujeito, requerem um constituinte oblíquo, tendo assim uma estrutura do tipo Suj – Obl – Pred VS_a:

(288) Ton mũ magwari kēm nō hōr
 NPr NPr Loc deitar dormir+Pas

‘Ton dormiu no Maguari’

(289) ka mũ h-ōrōkrε wēr tēn
 tu Rel-casa Dir ir+Pas

‘tu foste para a casa dele’

Predicados com verbos S_o e S_{io} , da mesma forma que os predicados com verbos ativos, podem apresentar um constituinte oblíquo. As estruturas sentenciais com verbos S_o e verbos S_{io} serão, respectivamente:

Suj-Obl-Pred [VS_o]

Suj-mẽ - Obl- Pred [VS_{io}]

Observe-se que os predicados com verbos intrnsitivos ativos e os predicados com verbos intransitivos estativos (S_o) têm seu constituinte oblíquo marcado por posposição, enquanto os predicados S_{io} apresentam seu constituinte oblíquo sem nenhuma marcação, conforme os exemplos (290) e (291), respectivamente:

(290) p̄it kat̄ʃer kēm nkr̄ik
 sol lua Loc estar.zangado
 ‘...o Sol está zangado com a Lua...’ *lit.* ‘o Sol zangou na Lua’

(291) kat̄iy mē rop pati
 NPr Dat cachorro ter.medo
 ‘A Katyi tem medo de cachorro’

Assim, a única diferença entre as orações intransitivas simples e essas orações estendidas é a presença do constituinte oblíquo, o qual consiste em uma locução posposicional, cujo objeto pode ser um nome ou um pronome dependente.

2.5.5. Oração transitiva simples

Uma oração transitiva simples é constituída por um predicado, cujo núcleo é um verbo transitivo, o qual apresenta dois argumentos, a saber, o sujeito (A) e o objeto (O). A estrutura desse tipo de oração é A-O-V.

O sujeito pode ser codificado por uma locução nominal constituída por um elemento pronominal ou por um nome. Com relação à ocorrência dos elementos pronominais em predicados transitivos, verifica-se uma cisão no sistema de marcação de

caso da língua, que resumidamente se manifesta da seguinte forma: sentenças transitivas cujo tempo e aspecto estão no passado perfectivo codificam seu sujeito com os pronomes dependentes marcados por *te* do caso ergativo, enquanto nos outros tempos, aspectos e modos, o sujeito dessas mesmas sentenças é manifestado por pronomes livres. Conforme já visto, alguns verbos ativos apresentam uma forma estendida ou longa e outra não-estendida ou curta, as quais ocorrem no sistema ergativo-absolutivo e nominativo-acusativo, respectivamente. Além disso, a realização dos argumentos de um verbo transitivo pode ser dita obrigatória, visto que há marcas nos verbos (prefixos relacionais, morfema **ku-**), que sinalizam que o objeto foi apagado, movido de sua posição original ou mesmo que se trata de um objeto indefinido, mas exigido pela estrutura argumental daquele verbo.

(292) ka i-pupun
 você 1-Rel-ver
 ‘você me vê’

(293) mpa hõpun
 1PIIncl 3-Rel-ver
 ‘nós o vemos’

(294) i-*te* Samuεw pupun
 1-Erg Samuel 3-Rel-ver
 ‘eu vi o Samuel’

(295) Samuεw-*te* kokoy pupun
 Samuel-Erg macaco 3-Rel-ver
 ‘Samuel viu o macaco’

No quadro 21, está o sumário das possibilidades de ocorrência de orações transitivas simples em Parkatêjê:

Quadro 21: Orações transitivas simples

Orações transitivas simples			
Cisão por TAM	Sujeito (A)	Objeto (O)	Verbo
Passado/perfectivo	PDep + tɛ Nome+ tɛ	PDep no verbo Nome	Forma estendida
Não-passado/ não-perfectivo	Pronome livre Nome	Pdep no verbo Nome	Forma não- estendida

2.5.6. Oração transitiva estendida

Analogamente às orações intransitivas estendidas, as orações transitivas estendidas, além de seus argumentos A e O, apresentam um constituinte oblíquo, o qual se manifesta por uma locução posposicional, cujo objeto pode ser um pronome dependente ou um nome. As posições que ocorrem nesse tipo de construção são: **mē** ‘dativo’; **tɔ** ‘instrumental’; **kot** ‘comitativo’, **kēm** ‘locativo’, entre outras.

(296) i-ʒ-ōkra wa i-tɛ kəy tɔ h-ír
 1-Rel-mão eu 1-Erg faca Instr Rel-cortar+Pas
 ‘minha mão, eu cortei-a com a faca’

(297) Kut ʃuati tɛ airɔm kēm kukinere pupun
 NPr Erg mato Loc cotia Rel-ver
 ‘Kuxuati viu cotia no mato’

2.6. Orações com predicado não-verbal

Nesta seção, serão apresentadas orações com predicados não-verbais, isto é, orações que contêm não um verbo como seu núcleo, mas um outro tipo de locução, que pode ser nominal ou posposicional. Os elementos constituintes dessas orações são

justapostos, sem cópula. Além disso, nem seu núcleo nem seu argumento são marcados por tempo e aspecto.

As orações com predicado não-verbal podem ser dos seguintes tipos: (a) orações identificacionais; (b) orações equativas; (c) orações possessivas (ou existenciais); (d) orações locativas.

2.6.1. Orações identificacionais

Comumente, verifica-se a ocorrência de sentenças não-verbais para a expressão de relação de identidade, isto é, orações que possuem duas locuções nominais justapostas, uma em função de sujeito e a outra em função de predicado. A ordem de ocorrência desses elementos é fixa e é a seguinte: LN-PRO

LN-LN

- (298) Marília wa
 NPr eu
 ‘eu sou Marília’
- (299) parkateze wa
 turma.de.baixo eu
 ‘eu sou da turma de baixo’
- (300) poaireteti pien ka
 NPr marido tu
 ‘tu és marido da Poiarêti’
- (301) int ſũm way
 meu.pai pajé
 ‘meu pai é pajé’

2.6.2. Orações existenciais ou possessivas

De acordo com Payne (1997:126), geralmente, as línguas empregam estruturas existenciais ou locacionais para expressar a noção de posse. Uma oração possessiva na língua Parkatêjê é aquela que apresenta um nome ou pronome dependente marcado pela posposição *mē*, do caso dativo, e um outro argumento. A ordem dos constituintes é fixa:

PDep-*mē*-LN

- (302) i- *mē* *katōkrarε*
 1- Dat *espingarda*
 ‘eu tenho espingarda’ *lit.* ‘para mim, espingarda’

- (303) *Kat̩iy* *mē* *ēʔēre*
 tia Dat *galinha*
 ‘Katy tem galinha’ *lit.* ‘para Katy, galinha’

- (304) *Krohokrenhūm* *mē* *rɔp*
Krohokrenhūm Dat *cachorro*
 ‘Krohokrenhūm teve cachorro’ *lit.* ‘para Krohokrenhūm, cachorro’

Do ponto de vista estrutural, uma oração como a de (302), abaixo repetida em (305), é semelhante a uma oração como a do exemplo (306):

- (305) i- *mē* *katōkrarε*
 1- Dat *espingarda*
 ‘eu tenho espingarda’ *lit.* ‘para mim, espingarda’

- (306) i- *mē* *kakrɔti*
 1- Dat *estar.com.calor*
 ‘eu estou com calor’ ou ‘eu estou quente’ *lit.* ‘para mim, quentura/calor’

A diferença entre essas duas sentenças está fundamentalmente no tipo de elemento que ocupa o núcleo do predicado: se um nome ou se um verbo do tipo S_{i0} . Se há um nome no núcleo, a oração será não-verbal do tipo possessiva; caso o núcleo do predicado seja um verbo descritivo S_{i0} , a oração é intransitiva, com seu único argumento marcado não-canonicamente.

Apesar dessa diferença estrutural, a analogia entre as duas construções evidencia uma consistência semântica na língua, pois, literalmente, ambas as construções apresentam uma tradução existencial em sentido amplo: “para mim, (existe) espingarda” e “para mim, (existe) calor”.

Payne (1997:123) afirma que geralmente não há relações gramaticais evidentes em construções existenciais, como marcação de caso, concordância verbal, entre outras características. Esse autor também afirma que, geralmente, orações existenciais apresentam estratégias especiais de negação, como, por exemplo, os verbos com o sentido de “faltar” que existem em turco ou em russo. Isso parece ser verdade em Parkatêjê, já que a forma negativa desse tipo sentencial é feita com o verbo negativo existencial **amrĩ**:

(307) h-ako amrĩ arɛ
 borduna NegExist Enf
 ‘ele não tem borduna’ *lit.* ‘para ele, borduna, não existe’

(308) i- ʒ- õrõkrɛ amrĩ arɛ
 1 Rel casa NegExist Enf
 ‘eu não tenho minha casa’ *lit.* ‘minha casa, não existe’

Popjes e Popjes (1986:135) tratam as orações não-verbais desse tipo como orações existenciais e as verbais como pseudo-transitivas. Segundo eles, o complemento de uma oração existencial pode ser um pronome dependente, uma locução nominal ou uma locução locativa seguido pelos relatores: **mē** (para pessoa), **ri** e **kēm** (para locação). Minha análise, entretanto, mostra a existência de orações locativas propriamente ditas, as quais serão vistas posteriormente. Com relação às não-verbais, concordo com eles quando afirmam que a tradução para o inglês com o verbo *to have* (ter) pode ser confusa, pois em

Canela-Krahô, a ênfase não está na posse, mas na existência ou na disponibilidade de alguma coisa para alguém. A mesma observação parece aplicar-se à tradução em português com o verbo ‘ter’.

2.6.3. Orações equativas

Predicados de natureza equativa apresentam, em geral, duas locuções nominais justapostas, uma funcionando como sujeito e a outra, como complemento.

De acordo com Matthews (1997:116), uma construção equativa é aquela que afirma que dois referentes são idênticos.

(309) ita ken
Dem pedra
‘isto é pedra’

(310) ata kukrât
Dem anta
‘aquilo é anta’

(311) ita kuputi
Dem beiju
‘isto é beiju’

O que diferencia uma sentença equativa de uma sentença atributiva (*ascriptive*, de acordo com Trask, 1993:21) é o fato de a primeira não poder ter sua ordem invertida. De fato, em Parkatêjê, o demonstrativo posposto ao nome tem uma acepção de modificador, determinante. O exemplo (312) ilustra o que acabo de afirmar:

(312) kuputi ita tʃ-ën nĩɛ
kuputi Dem Rel-estar.gostoso Intens
‘este kuputi está muito gostoso’

Segundo Payne (1997:114), às vezes é difícil ou até impossível determinar qual nominal é o predicado e qual é o sujeito em orações equativas. No caso do Parkatêjê, a ordem é o critério usado para determiná-los.

2.6.4. Orações locativas

As orações locativas em Parkatêjê apresentam-se como predicados em que há duas locuções justapostas, sendo uma locução nominal, que funciona como sujeito, e a outra, uma locução posposicional.

- (313) i- tʃ-wa i- y- arkwa kēm
 1 Rel-dente 1 Rel- boca Loc
 ‘meu dente está na minha boca’
- (314) mē-ʒ-ōkrɛ kēm katirɛ kwatru
 Pl-Rel-aldeia Loc igarapé quatro
 ‘há quatro igarapés na nossa aldeia’
- (315) katurɛ ʒ- ōrōkrɛ y- arkwa mē kupē
 tia Rel- casa Rel boca Loc não-índio
 ʒ- ōtʃo
 Rel- fruta
 ‘tem uma mangueira na frente da casa da Kature’

No quadro 22, resumi as principais características dos predicados não-verbais:

Quadro 22: Características de predicados não-verbais

Orações				
	Identificacional	Existencial	Equativa	Locativa
Ordem	Pred Suj	S _{io} Pred	Suj Pred	Suj LPosp
Negação	inũarɛ	amrĩarɛ	inũarɛ	inũarɛ/ amrĩarɛ

2.6.5. Tipos de orações independentes

De acordo com Lyons (1979:745), há três tipos básicos de orações nas línguas: declarativas, interrogativas e imperativas (ou jussivas). Assim, partindo-se dessa perspectiva, podemos dizer que as orações independentes em Parkatêjê podem ainda ser descritas como (i) declarativas, (ii) interrogativas, (iii) negativas e (iv) imperativas.

2.6.6. Orações declarativas

De acordo com Palmer (1986:26), todas as línguas têm uma forma clara de indicar que o falante está fazendo uma afirmação que ele acredita ser verdadeira. A forma gramatical usada em tal caso seria o que comumente chama-se de oração declarativa.

Uma oração declarativa em Parkatêjê apresenta a ordem SOV/SV, presentes todos os seus constituintes sentenciais.

(316) nōkēm atō kaprī -rε
 ontem meu.irmão estar.triste Aten
 ‘ontem meu irmão estava muito triste’

(317) wa tεp prō nē tʃe nē ku-ho
 eu peixe pegar.com.a.mão SS assar SS Onc-comer
 ‘eu pego peixe com a mão, o asso e o como’

2.6.7. Declarativa com tópico deslocado

Algumas orações declarativas apresentam outras ordens em sua estrutura sentencial, sendo possível inferir que algum de seus constituintes foi deslocado de sua posição canônica para o início da oração à esquerda. Dependendo do tipo de verbo, que constitui o núcleo do predicado, em tais construções fica patente o deslocamento do constituinte, que aqui entendo como tópico. Com verbos transitivos, por exemplo, caso a locução nominal O seja deslocada de sua posição original, o verbo aparecerá com marcas

próprias de cada classe verbal (prefixos relacionais) e com o morfema **ku-**, evidenciando assim que houve uma alteração na ordem sentencial. O exemplo (318) mostra o verbo **h-ōpo** ‘descascar’ e a ocorrência dos prefixos relacionais, em duas instâncias:

- (318) kahî ita ʒ-ōpo kunîñî h-ōpo nē mē
 amendoim Dem Rel-descascar todos Rel-descascar SS Pl
 katʃuwa h-aratēk

Rel-pintar.com.urucum.em.formato.de.cruz

‘esse amendoim descascavam, todos o descascavam e pintavam o rosto com urucum em formato de cruz (com a finalidade de proteger e de obter bons fluidos sobre a roça)’

Os exemplos (319) e (320B) evidenciam a locução objeto direto topicalizada, aparecendo em primeira posição na sentença e o verbo marca essa alteração na estrutura sentencial: no exemplo (319) com o morfema **ku-** e no exemplo (320) com o prefixo relacional.

- (319) kukrît, wa i-tɛ ku-pîr
 anta, eu 1-Erg Onc-matar+Pas
 ‘anta, eu matei’

- (320) A. mpo ka pia hōpu?
 Ind Int Dub Rel-ver
 ‘o que tu estás olhando?’ lit. ‘o que tu olhas?’
 B. kowenere, wa apu hōpu
 Passarinho, eu Cont Rel-ver
 ‘passarinho, eu estou vendo’

Até o momento, os exemplos que tenho desse tipo de construção não envolvem nenhuma marca formal no constituinte deslocado, mas a entonação desse tipo de sentença declarativa é ligeiramente diferente daquela de uma declarativa afirmativa básica – o tom

ascendente põe ênfase no elemento à esquerda. Nas sentenças abaixo, após os nomes **kra** ‘paca’ e **yat ʃɨ** ‘veado’, há uma pausa, bem como no exemplo (319) acima, após o nome **kukrɨt** ‘anta’.

- (321) kra, (wa) i- tɛ tɔ koran
 paca eu 1- Erg fazer matar+Pas
 ‘paca, eu matei’
- (322) (wa) i- tɛ tɔ kra koran
 eu 1- Erg fazer paca matar+Pas
 ‘eu matei paca’
- (323) yat ʃɨ, (wa) i- tɛ ku-pĩr
 veado eu 1- Erg Onc-matar+Pas
 ‘veado, eu matei’
- (324) (wa) i- tɛ yat ʃɨ pĩr
 eu 1- Erg veado matar+Pas
 ‘eu matei veado’

2.6.8. Orações interrogativas

Sobre as interrogativas, Palmer (1986:30) afirma que, embora todas as línguas tenham mecanismos para fazer perguntas, há uma grande variação nas formas pelas quais as questões podem ser expressas, sendo necessário conhecer essas formas para chegar a uma tipologia de tal categoria

Segundo Palmer, algumas línguas têm um mecanismo sintático que não pertence a nenhum sistema modal – a inversão do sujeito e verbo auxiliar, como no inglês, por exemplo. Mecanismos semelhantes encontram-se em francês e alemão, embora envolvendo verbos que não são auxiliares. Outras línguas introduzem questões pelo uso de partículas ou clíticos (o latim, por exemplo). Outras ainda têm partículas

interrogativas, é o caso da língua tigrinya (Etiópia). As perguntas geralmente são indicadas por um padrão próprio de entonação, sendo que este é o único mecanismo regular em muitas línguas. Por fim, algumas línguas formulam suas questões por meio de mecanismos formais que estão dentro do sistema modal. Um exemplo desse tipo vem da língua serrano (uto-aztecan, Hill em comunicação pessoal) em que a partícula dubitativa é a única indicação de uma questão.

Há, em Parkatêjê, pelo menos três mecanismos diferentes para marcar uma sentença interrogativa: (i) uso do padrão entonacional sem o uso de quaisquer palavras ou partículas interrogativas; (ii) uso de partículas interrogativas sobre o constituinte que se quer questionar, com ou sem o uso de palavras interrogativas; (iii) uso de uma palavra interrogativa como ‘quem’, isto é, uma palavra de conteúdo. Os mecanismos (ii) e (iii) são também marcados pelo padrão entonacional.

Diferentemente das orações declarativas, as orações interrogativas, as perguntas polares e perguntas-eco são marcadas por uma entonação crescente, cujo ápice é o final da oração. (*cf.* Pronomes e formas interrogativas no item 1.2.6. deste trabalho)

(325) mpɔ kapia a- pien koran?
 Ind Int 2- marido matar
 ‘o que teu marido matou?’

As orações interrogativas em Parkatêjê podem ser de três tipos:

- (i) Oração interrogativa de conteúdo: este tipo de oração é aquele cuja resposta deve conter informação sobre o constituinte que foi interrogado. Por exemplo:

(326) A. ʒũm tɛ rɔp pĩr?
 Int Erg onça matar+Pas
 ‘quem matou onça?’
 B. int ʃũm
 ‘meu pai’

Assim sendo, as palavras interrogativas que ocorrem nesse tipo oracional, dependendo de seu status na estrutura argumental do predicado, são marcadas morfológicamente por caso. No exemplo anterior, vê-se que a palavra interrogativa **zũm** ‘quem’ aparece com a marca de caso ergativo.

- (ii) Oração interrogativa sim/não: esse tipo de oração exige resposta positiva ou negativa sobre o que foi questionado, a ocorrência de determinado evento, por exemplo. Para fazer esse tipo de pergunta, os falantes fazem uso principalmente de dois recursos: (a) a partícula interrogativa *ya*, que aparece sozinha em primeira posição, mais a entonação ascendente, ou (b) a entonação ascendente sem nenhuma partícula presente na sentença.

No exemplo (327), há uma oração interrogativa do tipo polar apenas marcada pelo padrão entonacional:

- (327) A. rĩ a-par pra?
 Já 2-neto andar
 ‘teu neto já anda?’
- B. rĩ pra
 Já andar
 ‘já anda’

Já na sentença (328), o deslocamento para a esquerda da locução nominal objeto da sentença, evidenciado pela forma verbal (com o prefixo relacional), indica que esse elemento está topicalizado:

- (328) rɔpkrɔri, ka pia rĩ hõmpu?
 onça pintada Int Dub já Rel-ver
 ‘onça pintada, você já viu?’

No exemplo (329), há uma interrogativa polar com a partícula **ya** em primeira posição e a entonação apropriada:

- (329) A. ya rî a- katɔr
 Int já 2- chegar
 ‘tu já chegaste?’
 B. hĩ. rî i- katɔr
 Sim. Já 1- chegar+Pas
 ‘sim, eu já cheguei’

2.6.9. Orações negativas

Há diferentes formas de negação em Parkatêjê: (i) há a negação sentencial e locucional realizada pela partícula de ordem de ocorrência fixa pós-verbal, **inũarɛ**, que varia com a forma **nõrɛ**; (ii) há a palavra **pa**, usada para a negação independente; (iii) há formas verbais intrinsecamente negativas, tais como o verbo existencial negativo **amrĩ**, o qual também apareceu em um exemplo com o sentido de “nada”, e o verbo **kaka** ‘não.querer’; (iv) além dessas formas, há a partícula aspectual **kormẽ**, que discursivamente pode ocorrer isolada, com o sentido negativo “ainda não”.

Cada uma delas será apresentada em seus respectivos exemplos de ocorrência.

(i) A forma **inũarɛ** ~ **nõrɛ**

- (330) a- pahẽm nõrɛ
 2- ter.vergonha Neg
 ‘tu não tens vergonha’
- (331) ka pia tumtum a-krẽ inũarɛ?
 Int Dub capivara 2-comer Neg
 ‘tu não comes capivara?’

(332) wa ka ʒə inũarɛ
 eu Fut sentar Neg
 ‘eu não sentarei’

(333) kormẽ ʒũm itaʒe pupun inũarɛ
 Incompl Int DemPl Rel-conhecer Neg
 ‘eu ainda não conheço essas pessoas’

(ii) A forma **pa** usada como resposta negativa a uma pergunta polar:

(334) A. ya rĩ ka Piare pupũn?
 Int já tu NPr Rel-ver+Pas
 ‘tu viste o Piare?’
 B. pa
 ‘não’

(iii) verbos intrinsecamente negativos

(335) rĩ tɛ h-itʃi kaka
 já Erg Rel-esposa não.querer
 ‘ele já deixou a mulher dele (mesmo)’ *lit.* ‘ele já não quis sua própria esposa’

(336) i-ʒ-õ kuwe amrĩ arɛ
 1-Rel-Poss arco NegExist Enf
 ‘eu não tenho arco’

(337) A. mpɔ tɔ ka pia arɛ apu anẽ?
 Ind fazer Int Dub Enf Cont
 ‘o que tu estás fazendo?’

B. amrĩ arɛ. Wa kēmʒə
 NegExist Enf Eu Loc-estar.sentado
 ‘Nada. Eu estou sentado’

(iv) A partícula aspectual kormē

(338) A. Ya rɪ sēw pawlu pupun?
 Int já São Paulo Rel-conhecer
 ‘tu já conheces São Paulo?’
 B. kormē
 ‘ainda não’

2.6.10. Orações imperativas

Palmer (1986:109) aponta algumas diferenças entre sentenças declarativas e imperativas, dentre as quais está o fato de o imperativo não ser geralmente utilizado nas sentenças subordinadas, nem nas situações em que o falante indica que não espera a ação. O imperativo não é marcado para a maioria das categorias associadas ao verbo, especialmente no que se refere a tempo e pessoa. De acordo com Palmer, a razão para a ausência de tempo é óbvia, visto que a ação requerida será sempre no futuro. Além disso, o modo imperativo é centrado no ouvinte.

As orações imperativas em Parkatêjê podem ser de dois tipos: (i) com marca morfológica de modo imperativo, em que há dois subtipos: o exortativo e o imperativo rogativo e (ii) sem marca morfológica. Os dois tipos apresentam um padrão entonacional distinto daquele visto nas declarativas.

As sentenças caracterizadas por uma marca específica de modo imperativo do tipo exortativo são aquelas em que o falante se inclui na execução da ação descrita pelo verbo:

(339) ma ku mē kuprõ nē mē mpɔ ʒ-ipey
 Exort Du Pl reunir SS Pl Ind Rel-realizar
 ‘vamos nos reunir e realizar as coisas’

- (340) ma ku mē kakok
 Exort Du Pl conversar
 ‘vamos conversar’

Aquelas do tipo imperativo rogativo são orações em que o falante solicita algo do ouvinte:

- (341) mū hō teten
 Rog Pot voar
 ‘deixa ela voar’ (a borboleta)
- (342) mū to tē
 Rog ir
 ‘vai!’
- (343) mū kuhî kēm hako
 Rog fogo Loc soprar
 ‘sopra o fogo!’

Já as orações sem marca morfológica referem-se somente às orações imperativas propriamente ditas, em que o falante dá ao ouvinte a ordem para a execução da ação descrita pelo verbo.

As formas verbais que ocorrem no imperativo são as não-estendidas ou curtas:

- (344) katîrε, a-t ʃē nō a- ʒē
 tia.magra 2-entrar SS 2- sentar
 ‘Tia, entra e senta’
- (345) to iripti!
 fazer ser.grande
 ‘faz maior!’

(professor na escola pedindo ao aluno que faça sua caligrafia em tamanho maior)

(346) amñẽ tẽ!
 para.cá ir
 ‘vem para cá’ ou ‘vem cá’

(347) mẽ a- arĩnkřĩ mẽ a- awpa!
 2Pl calar 2Pl escutar
 ‘calem-se e escutem!’

(348) a- nõ hõ
 2- deitar dormir
 ‘dorme!’ *lit.* ‘deita-dorme’

2.6.11. Orações exclamativas

Para a expressão de atitudes como surpresa, espanto, raiva ou deleite, são vários os mecanismos usados pelos Parkatêjê. A expressão corporal deles é bastante rica e diversa. No que se refere à expressão formal dessas atitudes, eles usam algumas palavras que estamos chamando de interjeições, em sentenças que, pelo seu contexto, diferente daquele das declarativas, interrogativas e imperativas, caem no conjunto do que tradicionalmente têm se chamado de frases exclamativas. O padrão de entonação usado na enunciação dessas frases não é uniforme e parece estar relacionado ao tipo de emoção expressa. Algumas dessas formas são descritas, a seguir, ainda preliminarmente:

(i) a forma **hapa**: é usada pelos parkatêjê para expressar tanto admiração, espanto, surpresa quanto para expressar desagrado. Pode ser um empréstimo da expressão “rapaz!”, usada como interjeição em algumas regiões do norte do país, e que foi adequado foneticamente para a língua Parkatêjê.

(ii) A duração na produção de algumas palavras tem função enfática. Por exemplo, se eles dizem que gostam muito de algo, como, por exemplo, **i-mẽ kra kĩn**

nĩɛ ‘eu gosto muito de paca’, em certos contextos de ênfase, a palavra **nĩɛ** terá uma duração maior que as outras palavras da sentença.

2.7. Orações complexas

Langacker, em um trabalho teórico sobre orações complexas, propriamente em um capítulo sobre sistemas sintáticos (1968:103), afirma que as orações gramaticais de uma língua formam um grupo infinito. De acordo com ele, os poderes da conceitualização humana são tais que pensamentos de quaisquer graus de complexidade podem ser formados.

Partindo-se desse princípio, uma oração complexa é aquela que envolve dois ou mais predicados. Neste capítulo pretendo descrever, ainda que preliminarmente, as formas pelas quais duas ou mais orações podem combinar-se para formar um período coordenado em Parkatêjê. Não considerarei aqui as orações com as construções verbais seriais, já que elas constituem um predicado só, muito embora sejam constituídas de vários verbos. Esta seção é dedicada à apresentação daquelas sentenças que analisei como coordenadas, isto é, em que a ligação se dá pelo uso das conjunções **mẽ** e **nẽ**, que também sinalizam a marcação de *switch-reference* na língua.

2.7.1. Coordenação e *switch-reference*

Tradicionalmente o termo *switch-reference* é usado para designar o fenômeno lingüístico em que se verifica a continuidade ou não do sujeito de uma sentença em outra, o qual é marcado por morfemas gramaticais.

Para Mixco (1997:221), a *switch-reference* canônica é geralmente a marcação de uma sentença para indicar se a oração imediatamente seguinte tem o mesmo sujeito ou um sujeito diferente.

Da mesma forma, Haiman e Munro (1983) afirmam que a *switch-reference* canônica é uma categoria flexional do verbo que indica se o sujeito de um verbo é idêntico ao sujeito de algum outro verbo. Do ponto de vista funcional, trata-se de

mecanismo para referência, relacionado não somente a mecanismos gramaticais que estritamente definem identidade, tais como a reflexivização ou *Equi-NP Deletion*, mas também com mecanismos outros que limitam as possíveis cadeias de referência nominal, tais como a obviação ou um sistema complexo de gênero. A ocorrência de *Equi-NP Deletion* constitui-se num critério para a determinação do sujeito. Formalmente, a *switch-reference* é quase sempre uma categoria verbal, similar à categoria de concordância verbal, cuja função básica é evitar a ambigüidade de referência.

Muito embora comumente a marcação da *switch-reference* nas línguas se faça por afixação verbal, como relatado para o Kipeá, há alguns exemplos de línguas em que esse fenômeno é marcado por um morfema independente. É o caso do sistema de *switch-reference* do Parkatêjê (bem como o do Canela-Krahô e o do Maxakalí (cf. Rodrigues, 1999:197), que emprega duas conjunções *mẽ* e *nẽ* para a coordenação de duas ou mais sentenças em seqüência. A primeira é utilizada se os sujeitos das sentenças reunidas são não-distintos e a segunda se os sujeitos têm a mesma referência. Araújo (1989:107), embora não tenha tratado do fenômeno da *switch-reference*, aponta *nẽ* como um relator que indica seqüência.

Como já foi visto, o verbo em Parkatêjê é final, podendo ser seguido por partículas de ênfase e de negação. Postulo que a conjunção ocorre em posição final, evidenciando a mudança ou não do sujeito, na sentença imediatamente seguinte. A ordem dessas sentenças deve ser necessariamente icônica, seguindo o fluxo de apresentação e ocorrência dos eventos enunciados. As conjunções que cumulativamente se referem ao mecanismo da *switch-reference* e da coordenação em Parkatêjê são dadas abaixo:

Quadro 23: Marcas de *switch-reference*

Conjunções	
Sujeito idêntico	Sujeito diferente
nẽ	mẽ

Alguns exemplos são dados a seguir:

- (349) int ſũm tɛ mĩɛ koran nẽ tɛ kukrĩt pĩr
 meu.pai Erg jacaré matar SS Erg anta matar+Pas
 ‘meu pai matou jacaré e matou anta’
- (350) i-tɛ tɔ yatſĩ koran nẽ amnẽ
 1-Erg fazer veado matar+Pas SS para.cá
 apĩ mẽ tẽ
 voltar Loc ir
 ‘eu matei veado e vinha voltando para cá’
- (351) int ſũm tɛ mĩɛ koran mẽ int ſũmti tɛ
 meu .pai Erg jacaré matar DS meu.tio Erg
 kukrĩt pĩr
 anta Onc-matar+Pas
 ‘meu pai matou jacaré e meu tio também matou anta’
- (352) i-tɛ aipi ptir dſĩner kot mẽ dapiew tɛ
 1-Erg sonhar dinheiro Com DS Daniel Erg
 i-mẽ miw heay hõr
 1-Dat mil reais dar+Pas
 ‘eu sonhei com dinheiro e o Daniel me deu mil reais’

Capítulo 3

Sistema de marcação de caso em sentenças independentes

Relações gramaticais são relações entre os argumentos e os predicados, e o sistema de marcação de caso é o conjunto de mecanismos ou operações de que a língua dispõe para codificar essas relações sintático-semânticas entre os argumentos em seus predicados.

Tradicionalmente têm-se identificado três papéis sintático-semânticos básicos: S, A, O (Dixon, 1994), com a finalidade de se definir as relações gramaticais. Esses papéis são denominados primitivos sintático-semânticos universais e são assim definidos: o S é o único argumento nominal de uma oração de um único argumento; o A é o argumento mais propenso à agentividade; e o O é o argumento prototipicamente paciente numa oração de dois argumentos.

Um sistema de marcação de caso, em outras palavras, é a forma pela qual uma língua trata esses três papéis sintático-semânticos. Há, pelo menos, duas maneiras de agrupar os três papéis sintático-semânticos – S, A e O: uma língua pode operar numa base Nominativo-Acusativa, em que S é tratado da mesma forma que A, ambos diferindo de O, ou numa base Ergativo-Absolutiva, em que A será tratado diferentemente de S e O, os quais são tratados da mesma forma.

Neste capítulo, descreveremos como a língua Parkatêjê trata S, A e O bem como as cisões que condicionam os dois diferentes tipos de agrupamento desses papéis.

3.1. Cisão condicionada pela natureza semântica do verbo

Recapitulando o que foi visto sobre os verbos, em Parkatêjê há duas classes de verbos conforme o número de argumentos que admitem: os intransitivos e os transitivos. Distinguem-se duas classes de verbos intransitivos: os ativos e os estativos³⁶, conforme sua possibilidade de ocorrência com os pronomes livres (verbos ativos) ou com os pronomes dependentes (verbos estativos). Os pronomes dependentes ocorrem como sujeito de verbos estativos, S_o verbos, como objeto (O) de verbos transitivos e como possuidor em locuções possessivas, enquanto os pronomes livres marcam o sujeito (S) dos verbos intransitivos ativos. Foi visto também que os verbos ativos (intransitivos e transitivos) aparecem em duas formas, a estendida ou longa e a curta ou não-estendida. No quadro abaixo, apresento paradigmas dos dois tipos de verbos intransitivos da língua, verbos ativos e verbos estativos. O primeiro tipo exemplificado pelo verbo **tē** ‘ir’ e o segundo tipo exemplificado com **mpɛy** ‘ser.bom ou ser.bonito’.

Quadro 24: Paradigma de um verbo ativo e de um verbo não-ativo

<u>Paradigma do verbo tē ‘ir’</u>	<u>Paradigma do verbo mpɛy ‘ser bom’</u>
wa mũ tē ‘eu vou’	i- mpɛy ‘eu sou bom’
ka mũ tē ‘tu vais’	a- mpɛy ‘tu és bom’
ku mũ tē ‘nós (dois) vamos’	ku- mpɛy ‘nós (dois) somos bons’
ku mē mũ tē ‘nós (poucos) vamos’	ku mē- mpɛy ‘nós (poucos) somos bons’
wa...mē mũ tē ‘nós (excl.) vamos’	wa...mē- mpɛy ‘nós (excl.) somos bons’
mpa mũ tē ‘nós (incl.) vamos’	mpa- mpɛy ‘nós (incl.) somos bons’
ka...mē mũ tē ‘vocês vão’	ka...mē- mpɛy ‘vocês são bonitos’

Os exemplos (353) e (354) são locuções de posse inalienável e alienável respectivamente, em que o pronome dependente **i-** ocorre como possuidor. Em (355), o

³⁶ Os verbos não-ativos subdividem-se em verbos do tipo S_o e S_{io}. O único argumento destes últimos é marcado por uma posposição.

referido pronome ocorre como S do verbo S_o **mpɛy** ‘ser.bom’. Em (356) e (357), o mesmo pronome ocorre como argumento O preso aos verbos **pēr** ‘farejar’ e **pupūn** ‘ver’. Finalmente em (358) e (359), os exemplos mostram verbos S_a, **tě** ‘ir’ e **mō tɰwa** ‘ir banhar’, cujo sujeito é codificado pelo pronome livre **wa** ‘eu’.

(353) i- kra
1- filho
‘meu filho’

(354) i- y- ã rop
1- Rel- Pos cachorro
‘meu cachorro’

(355) i- mpɛy
1- ser.bom
‘eu sou bom’

(356) kukrât tɛ i- pēr
anta Erg 1- farejar-Pas
‘a anta me farejou’

(357) Piare tɛ i- pupun inũarɛ
NPr Erg 1- ver Neg
‘Piare não me viu.’

(358) wa mũ kanela ʒ- ã krĩ wɰr tẽ
eu Canela Rel- Pos aldeia Dir ir
‘eu vou para a aldeia dos Canela’

- (359) wa mũ mõ tʃwa
 eu ir banhar
 ‘...eu vou tomar banho...’

Semanticamente os verbos intransitivos ativos (S_a) são verbos cujo sentido está relacionado com moção, descanso e posição – verbos como ‘dormir’ e ‘morrer’ em Parkatêjê têm ocorrência de verbos ativos. Verbos não-ativos referem-se às qualidades (S_o) e aos estados fisiológicos e psicológicos (S_{io}).

A distinção entre duas classes de verbos intransitivos, para alguns lingüistas como Klimov (1972 e 1977, *apud* Seki, 1990) e Kibrik (1990), pode estar ligada ao sistema de marcação de caso Ativo-Estativo (também mencionado como Agente-Paciente ou ainda como Ativo/Não-Ativo), pensado como um sistema autônomo, ao lado do Nominativo-Acusativo e do Ergativo-Absolutivo. Para outros lingüistas como Dixon (1994:71), a distinção em questão está ligada a uma cisão no sistema ergativo (*Split S* ou *S* cindido), sendo vista como um subtipo de ergatividade que resulta nos padrões $S = A$ diferente de O (caso Nominativo) para verbos ativos, e A com marcação diferente (caso ergativo) de S que, por sua vez, é igual a O (caso Absolutivo), para o caso dos não-ativos. É o sistema proposto por Santos (1997) para a língua Suyá (Jê) e o sistema que também vale para o Parkatêjê.

No quadro abaixo, temos a ocorrência dos verbos intransitivos, S_a e S_o , em Parkatêjê. A ocorrência desses verbos com pronomes livres ou com os pronomes dependentes independe de categorias como tempo, modo e aspecto. A cisão, como já disse acima, é explicada pela semântica do verbo:

Quadro 25: cisão condicionada pela natureza semântica do verbo

Verbos ativos	Verbos não-ativos
$S_a = A \neq O$	$S_o = O \neq A$
Nom/Acc	Erg/Abs

O quadro 26 ilustra a ocorrência dos verbos S_a e S_o com os elementos pronominais:

Quadro 26: Ocorrência dos verbos e dos elementos pronominais

Elemento pronominal	S_a	S_o	A	O
Pronomes livres	Ok	*	ok	*
Pronomes dependentes	*	ok	<i>Split</i>	ok

Não se inclui aqui o subgrupo de verbos descritivos S_{io} , cujo único argumento é não-canonicamente marcado, embora Pustet (em comunicação pessoal) tenha me informado que a língua *muskogean* apresenta uma cisão intransitiva tríplice envolvendo verbos de marcação com o dativo no sujeito³⁷.

3.2. Cisão condicionada pelas categorias TAM

Para tratar do fenômeno de ergatividade cindida pelas categorias TAM, é necessário apresentar a caracterização geral dos verbos transitivos da língua.

Os predicados transitivos podem ser simples ou estendidos. Alguns desses verbos têm duas formas, uma estendida e outra não-estendida (que, em princípio, podem ser consideradas aspecto-temporais), e alguns deles apresentam formas distintas na base de ocorrência dos prefixos relacionais. Semanticamente os verbos transitivos referem-se principalmente à moção e à afetação. Esses predicados apresentam uma cisão condicionada pelas categorias TAM, de acordo com Dixon (1994:97). As construções ergativas na língua Parkatêjê ocorrem em orações no tempo passado e aspecto perfectivo, nas quais o argumento (A) é marcado pelo formativo $t\epsilon/t\epsilon m$, singular e plural, respectivamente, enquanto o argumento de verbos intransitivos (S) e o objeto direto (O) são não-marcados. Nesse caso, A pode ser um pronome dependente ou um nome. Araújo (1989:54) afirma que a marca *te* ocorre após o sujeito, “seja ele nominal livre, pronominal claro ou manifesto por $\emptyset$. Esta marca ocorre com verbo transitivo direto e poderia ser vista como uma antiga posposição, usada para sinalizar o sujeito aposentado

³⁷ Não sei como traduzir o nome dessa língua. Também não consegui obter a descrição da referida língua sobre esse tipo de marcação.

numa voz passiva onde hoje em dia a morfologia passiva do verbo não é mais presente. Neste caso, *te* seria uma espécie de sinal de caso ergativo, pois só ocorre com sujeito de verbo transitivo e não de verbos intransitivos.” (*sic*)

Nos exemplos de (360) a (363), há predicados transitivos, em que o sujeito A está marcado pela posposição *tε*/*tεm* (singular e plural) e o verbo assume sua forma longa ou estendida:

(360) i- tε i- kra pĕn
 1- Erg 1- filho carregar+Pas
 ‘eu carreguei meu filho.’

(361) i- tε kĕmpar nōre
 1- Erg escutar +Pas Neg
 ‘eu não escutei nada.’

(362) ka amnĕ a-katɔr tɔ mō tεm a-pupun nōre
 2- vir 2-chegar+Pas ir ErgPl 2-Rel-ver+Pas Neg
 ‘quando tu chegaste, eles não te viram’

(363) a- tε Piare pupun mā tε a- pupūn
 2- Erg NPr Rel-ver+Pas DS Erg 2- Rel-ver+Pas
 inūare
 Neg
 ‘tu viste o Piare, mas ele não te viu’

Nas orações transitivas de tempo não-passado e aspecto não-perfectivo, o argumento A é codificado por um pronome livre ou por um nome, e não recebe marcas; o argumento O pode ser tanto um elemento pronominal quanto uma locução nominal plena, conforme os exemplos abaixo evidenciam:

(364) wa Akiare pupun
 eu NPr Rel-ver
 ‘eu vejo a Akiare’

(365) Akiare i-pupun
 NPr 1-Rel-ver
 ‘A Akiare me vê’

O sistema de marcação de caso da língua será tripartido para algumas pessoas, mas será binário para outras. Portanto, há mais uma cisão operando em Parkatêjê concomitantemente com a cisão por TA(M). Essa cisão está relacionada com a hierarquia nominal abrangendo os elementos pronominais na língua.

O quadro abaixo sumariza a cisão pelas categorias de TA(M):

Quadro 24: Cisão condicionada por TA(M)

TA(M)	A	O	Sistema	Verbo
Não-passado Não- perfectivo	Pronome livre ou LN	Pronome dependente no verbo ou LN	$S = A \neq O$	Forma curta ou não- estendida
Passado Perfectivo	prefixo pronominal ou LN marcados por tε/tεm	Pronome dependente no verbo ou LN	$S \neq A \neq O$ ou $A \neq S = O$	Forma longa ou estendida

O argumento A é codificado em (360) e (361) pelo pronome dependente *i-*, o qual aparece marcado por **tε**; em (362), a marca de caso ergativo **tεm** aparece referindo-se à terceira pessoa do plural. Em (363), a segunda pessoa aparece marcada por **tε**. Como não há nenhuma marca explícita ligada a **tε** na sentença seguinte, fica subentendido que a referência é de terceira pessoa.

Já nas orações abaixo, exemplos (366), (367), (368) e (369), de tempo não-passado e aspecto não-perfectivo, temos em (366) e em (367) o argumento A codificado

pelo pronome livre **wa** da primeira pessoa, enquanto em (368), o pronome livre **ka** da segunda pessoa ocorre como argumento A. A forma do verbo é curta ou não-estendida nas sentenças (366), (367) e (368):

(366) wa i- kra pĕ
 eu 1- filho carregar
 ‘eu carrego meu filho’

(367) wa ka ha a-papo -ti
 eu Fut Pot 2-queimar -Intens
 ‘...Eu vou te queimar!’

(368) ka ka tɔ pĕrt ʃo ʒ-itɛp nĕ
 tu Fut castanha Rel-cortar SS
 pĕ i-mã hõ
 carregar 1-Dat dar
 ‘Tu vais cortar e carregar castanha para me pagar...’
lit. ‘...pega, Piare. Tu vais cortar e carregar castanha para me dar...’

Portanto, a distribuição dos pronomes livres e dos pronomes dependentes está ligada às categorias de TAM, que recortam a língua, condicionando o funcionamento da mesma numa base nominativo-acusativa ou numa base ergativo-absolutiva.

A combinação desses dois fatores em Parkatêjê – (i) a semântica do verbo, que resulta no *Split-S* e (ii) a cisão condicionada pelas categorias de tempo/aspecto e modo – fazem desse língua um exemplo raro, visto que Dixon (1994:104) afirma que a inter-relação desses fatores somente é encontrada na língua Mawayana, uma língua Arawak do Norte do Brasil.

Juntamente com essas cisões, ocorre ainda uma outra, ligada à pessoa, o que será visto a seguir.

3.3. Cisão condicionada pela categoria de pessoa dos elementos pronominais³⁸

De acordo com a análise acima esboçada, a língua Parkatêjê apresenta cisão nos verbos intransitivos, a qual é condicionada pela semântica desses verbos. Outra cisão condicionada pelas categorias de TAM ocorre nos predicados transitivos, conforme se viu anteriormente. Há ainda uma terceira cisão condicionada pela categoria de pessoa em combinação com os outros dois tipos de cisões.

Primeiramente, será observada a ocorrência dos elementos pronominais na língua, sumarizados no quadro abaixo, conforme sua ocorrência como argumentos S_a, S_o, A e O.

Quadro 28: Elementos pronominais – Função x Forma verbal

ELEMENTOS PRONOMINAIS				
Função	S _a	A	O	S _o
Forma verbal	curta	longa	única	única
1 singular	wa	i-tɛ	i-	i-
2 singular	ka	a-tɛ	a-	a-
1 dual (1 + 2)	ku	?	ku-	?
1 dual plural	ku mē	?	ku mē-	?
1 plural exclusivo	wa...mē	i-tɛm	mē i-	mē i-
1 plural inclusivo	mpa	mpa-tɛm	mpa-	mpa-
2 plural	ka...mē	ka...mē- tɛm	mē a-	mē a-

Observando, primeiramente, os elementos pronominais do singular, os quais apresento novamente, em separado, no quadro abaixo, vê-se que há uma tripartição que envolve as primeira e segunda pessoas de forma que S_a e S_o são diferentes de A, que, por sua vez, é diferente de O. Como não há formas específicas de pronomes livres nem de pronomes dependentes para a terceira pessoa, a marca tɛ/tɛm aparece em posição semelhante àquela em que viria o argumento A. (*cf.* exemplos (360), (361), (362) e

³⁸ Agradeço ao Prof. Dixon a observação acerca de mais esta cisão que opera na língua, feita durante a apresentação de alguns resultados de meu estágio no RCLT.

(363)). Pode-se então dizer que A opera na base Absolutivo-Ergativa, enquanto S e O, na base Nominativo-Acusativa.

Quadro 29: Elementos pronominais singular – Função x forma verbal

ELEMENTOS PRONOMINAIS (SINGULAR)				
Funções	Sa	A	So	O
Formas verbais	curta	longa	única	única
1 singular	wa	i-tɛ	i-	i-
2 singular	ka	a -tɛ	a-	a-
3 singular		tɛ		

Logo, no singular, há um sistema tripartido, apenas para a 1^a e a 2^a pessoas, somente no passado, conforme o diagrama abaixo:

Singular

1 ^a pessoa	2 ^a pessoa	3 ^a pessoa
(Sa ≠ So) ≠ A ≠ O		A ≠ S = O

Nos exemplos de (369) a (372), vê-se a primeira pessoa do singular ocorrendo na funções acima descritas: em (369) como argumento S de uma construção verbal serial *mõ tʃwa* ‘ir banhar’ do tipo S_a; em (370) como A, o constituinte pronominal sendo marcado por tɛ; em (371) o pronominal não-marcado ocorre como O do verbo *kakwĩn* ‘bater’; em (372) novamente o pronome dependente não-marcado ocorre como único argumento do verbo S_o *h-ukaprĩn* ‘ser.generoso’.

(369) ʒe i- mẽ aykrɛ y-amẽ. wa mũ mõ tʃwa
 Voc 1- Dat casa Rel-vigiar eu ir banhar
 ‘...Jê, vigia a casa pra mim. Eu vou tomar banho...’

(370) i- tɛ kro pĩr
 1- Erg porco matar com flecha +Pas
 ‘eu matei porco (com flecha)’

(371) ka ka i- kakwĩn inũare
 tu Fut 1- bater Neg
 ‘tu não me baterás’

(372) i- ʒ- ukaprĩn -ti
 1- Rel- ser.generoso -Intens
 ‘eu sou muito generoso’

Nos exemplos que vão de (373) a (376), a segunda pessoa do singular ocorre nas seguintes funções: em (373) como argumento S de um verbo S_a; em (374) como argumento A do verbo **pĩ** ‘matar’; em (375) o pronome dependente **a-** não-marcado ocorre como argumento O preso ao verbo **pupũn** ‘ver’; em (376) o mesmo pronome ocorre como argumento S de um verbo S_o.

(373) ka mũ mō maraba wĩr mō
 tu ir Marabá Dir ir
 ‘tu vais para Marabá’

(374) ya a- tɛ nō pĩr inũare
 Int 2- Erg um matar+Pas Neg
 ‘tu não mataste nenhum?’

(375) i- tɛ a- pupũn inũare
 1- Erg 2- Rel+ver+Pas Neg
 ‘eu não te vi’

- (376) a- kĕhĕk
 2- ser.mau
 ‘tu és mau’

Como já foi visto anteriormente, não há marcas específicas para a terceira pessoa. Assim os exemplos de (377) a (381) visam mostrar os ambientes a seguir descritos, em que o contexto aponta a terceira pessoa: em (377) como argumento S de um verbo S_a; em (378) como argumento A de um verbo transitivo; em (379) como argumento de um verbo S_o (em contraste com (380) em que a locução nominal plena **prĭ** ‘caminho’ está manifesto na sentença); em (379) e (380) ocorrem os prefixos relacionais; finalmente em (381) o argumento O do verbo transitivo **pupŭn** ‘ver’ tem como referente a terceira pessoa.

- (377) saw pawlu pĭ rĭ mōr
 São Paulo aldeia já ir+Pas
 ‘ele já veio de São Paulo’

- (378) tε mpey pĭr nĕ tε mpa mĕ kĕhĕk
 Erg bom pegar+Pas SS Erg 1Pl.Incl Dat feia
 -rε hōr
 -Aten dar+Pas
 ‘ele pegou a boa e nos deu a feia’

- (379) h-ikotu -ti
 Rel-ser.reto -Intens
 ‘ela é bem reta’

- (380) prĭ ʒ- ikotu -ti
 estrada Rel- ser.reto -Intens
 ‘a estrada é bem reta’

- (381) a- tɛm hõpun inũarɛ
 2- ErgPl Rel-ver+Pas Neg
 ‘vocês não viram ele’

Passo a descrever os elementos pronominais plurais, que, em Parkatêjê, da mesma forma que em algumas línguas da família Jê, apresentam formas plurais ou ainda formas específicas para referência dual e distinções de exclusividade e inclusividade na primeira pessoa do plural. Conforme pode ser observado no quadro de elementos pronominais, alguns pronomes são formalmente idênticos, entretanto, seu ambiente de ocorrência determina seu status.

Assim, o sistema é tripartido para as primeira e segunda pessoas, enquanto a terceira pessoa não é incluída e ocorrerá na base ergativo-absolutiva, tal qual no sistema do singular. O quadro abaixo evidencia os elementos pronominais do plural:

Quadro 30: Elementos pronominais plurais

ELEMENTOS PRONOMINAIS (PLURAL)				
	S _a /A _{Nom}	A _{Erg}	O	So
1 dual (1 + 2)	ku	?	ku-	ku-
1 dual plural	ku mẽ	?	ku mẽ-	?
1 plural exclusiva	wa mẽ	i-tɛm	mẽ i-	mẽ i-
1 plural inclusiva	mpa	mpa-tɛm	mpa-	mpa-
2 plural	ka mẽ	ka mẽ-tɛm	mẽ a-	mẽ a-
3 plural	mẽ	tɛm	mẽ	mẽ

Plural

1ª pessoa			2ª pessoa	3ª pessoa
Dual	Exclusiva	Inclusiva		
S ≠ A ≠ O			A ≠ S = O	

Os exemplos (382) e (383) apresentam o dual **ku**, como argumento S de um verbo S_a, no caso **tẽ** ‘ir’, e argumento A dos verbos **kuka** ‘assar’ e **kapi** ‘provar’:

(382) ku mũ maraba wĩr tẽ
 Du Marabá Dir ir
 ‘nós (dois) vamos para Marabá (agora)’

(383) ʒe, apiri tok to wa kaprën pi
 Voc Iter fogo fazer eu jabuti pegar
 ku kuka nẽ kapi
 Du assar SS provar
 ‘...Jê, faz fogo de novo. Eu pego o jabuti, nós (dois) vamos assá-lo e prová-lo’

Na sentença (384) vê-se a forma plural exclusiva **wa...mẽ** em função de argumento A do verbo **pupũn** ‘ver’:

(384) wa ri mẽ katiy pupũn
 eu já Pl tia Rel-ver+Pas
 ‘nós já conhecíamos a Katyi.’

No exemplo (385), a forma plural inclusiva **mpa** aparece como argumento da construção verbal **tek prēm** e, no exemplo (386), a forma **mẽkwẽ** ‘alguns’ aparece como argumento do verbo **amrĩ** ‘NegExist’:

(385) mpa tek prēm nĩrɛ
 1PIIncl jogar ter.fome muita
 ‘nós estamos com muita vontade de jogar’

(386) mẽkwẽ pe hi amrĩ arɛ
 alguns Mal semente Neg.Exist. Enf.
 ‘Alguns não tinham semente’

As orações (387) e (388) trazem a forma plural inclusiva **mpa-tɛm** como argumento A do verbo **pupũn** ‘ver’ e como argumento do verbo **h̄r** ‘cortar’, respectivamente:

(387) mpa tɛm keti pupũn
 1PlIncl ErgPl tio Rel-ver+Pas
 ‘nós vimos o tio’

(388) mpa tɛm kəy tɔ amʒi mē h̄r
 1PlIncl ErgPl faca Instr Refl Dat cortar
 ‘nós nos cortamos com a faca’

Em (389) e (390), vê-se a forma plural exclusiva **i-tɛm** como argumento A do verbo **hõpun / pupũn** ‘ver’, bem como as formas **mē**, em referência a ‘eles’ e **mē a-** referindo-se a ‘vocês’ como argumentos O dos mesmos verbos, anteriormente mencionados:

(389) i- tɛm mē hõpun inũare
 1- ErgPl Pl Rel-ver+Pas Neg
 ‘nós não os vimos’

(390) i- tɛm mē a- pupũn inũare
 1- ErgPl Pl 2- Rel-ver+Pas Neg
 ‘nós não vimos vocês’

O exemplo (391) apresenta a forma **ka...mē** como argumento A do verbo **kakok** ‘conversar’, enquanto a forma **mē i-** é o argumento O do mesmo verbo.

- (391) ka mē aipen mē mē i- kakok
 2 Pl Rec Dat 1PIExcl conversar
 ‘vocês conversam com a gente e a gente com vocês’

O exemplo (392) tem a forma **tɛm** ocorrendo na posição de argumento A do verbo **pupūn** ‘ver’, enquanto no exemplo (393) a forma **mē** aparece como argumento do mesmo verbo em sua forma **hōpun**:

- (392) tɛm keti pupūn nē mē kēmkkakok
 ErgPl tio Rel-ver+Pas SS Pl Loc.conversar
 ‘eles viram o tio e conversaram com ele’

- (393) i- tɛm mē hōpun inūare
 1- ErgPl Pl Rel-ver+Pas Neg
 ‘nós não os vimos’

As generalizações possíveis de serem feitas sobre o sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Parkatêjê são as seguintes:

- (1) no passado: 1ª e 2ª pessoas ocorrem em um sistema tripartido; isto é, os argumentos S, A e O ocorrem diferenciadamente ($S \neq A \neq O$); a 3ª pessoa ocorre no sistema Absolutivo/Ergativo, (de acordo com a hierarquia nominal de Silverstein (1976));
- (2) no não-passado: 1ª e 2ª pessoas ocorrem no sistema Nominativo/Acusativo, enquanto para a 3ª pessoa não há alteração, isto é, não há marcação alguma;
- (3) S_o será sempre idêntico a O.

Capítulo 4

Mecanismos de derivação verbal

A língua Parkatêjê apresenta operações que ajustam a relação entre os papéis semânticos e gramaticais nas orações, isto é, apresenta operações ligadas à noção de valência, as quais pretendo do ponto de vista gramatical e semântico.

Este capítulo aborda de forma bastante preliminar alguns desses mecanismos morfossintáticos, tais como a causativização que se relaciona com o aumento da valência verbal, isto é, esse mecanismo permite a inclusão de mais um participante agentivo no evento descrito pelo verbo. Outros mecanismos são as construções reflexiva e recíproca, ligadas à redução da valência.

Além desses, há, também, na língua, um formativo **aiḗ**, cuja natureza ainda não está clara, mas que, à primeira vista, parece estar relacionado com a noção de passivização. Acerca desse formativo, discutirei alguns dos exemplos presentes nos dados. Estudos futuros deverão aprofundar a análise de cada um desses aspectos da língua.

4.1. Causativização

A língua Parkatêjê oferece a possibilidade de causativizar verbos, assim como ocorre em outras línguas da família Jê, como, por exemplo, o Canela-Krahô³⁹.

Grosso modo, a causativização em Parkatêjê é um processo sintático que se dá mediante o uso do verbo transitivo **tɔ**, cujo sentido lexical é ‘fazer’. O uso desse verbo é produtivo, sendo possível listar uma série de verbos compostos com **tɔ**.

³⁹ Sobre a causativização em Canela-Krahô, ver Popjes e Popjes (1986), Rodrigues (1999) e Dixon (2000).

- (394) i-tɛ katɨy mē mɔ tɔn
 1-Erg tia Dat Ind fazer+Pas
 ‘eu fiz uma coisa para a Katyi’ (um kuputi)

Em inúmeros exemplos o verbo *tɔ* aparece ou antecedido ou precedido da partícula *nē*, cujo significado e cuja função desconheço até o momento.

- (395) i-tɛ kotɨkti nē tɔn
 1-Erg café fazer+Pas
 ‘eu fiz café’

- (396) tʃɔti mē hēkti aiku aipēn tɔ kūpadrɪ nē
 urubu Conj gavião PR Rec fazer compadre
 ‘O Urubu e o Gavião se tratavam por compadres’

- (397) i-tɛm ĩkrɛre kati nē amʒi tɔ
 1-ErgPl festa grande Refl fazer
 ‘(...) nós mesmos fizemos a Festa Grande (...)’

Algumas construções com o verbo lexical *tɔ* ‘fazer’ parecem implicar semanticamente um maior grau de coercitividade sobre o agente ou a ação expressa pelo verbo, muito embora nem sempre se tenha na sentença a inclusão de mais um participante agentivo. Esses casos parecem estar relacionados com construções seriais verbais que expressam intenção.

4.1.1. Causativização de verbos intransitivos

Verbos intransitivos ativos e não-ativos (simples e estendidos) podem ser causativizados da mesma forma, isto é, o verbo lexical *tɔ* ‘fazer’ aparecerá na sentença precedendo a raiz verbal. Dependendo do tempo e do aspecto das orações, teremos as

marcas de caso atribuídas ao *causer* e ao *causee*, de acordo com a cisão no sistema de marcação de caso da língua.

(398) i-mpεy -ti
 1-ser.bom -Intens
 ‘eu sou muito bom’

(399) a-tɔ i-mpεy -ti
 2- Caus 1-ser.bom -Intens
 ‘eu gosto muito de ti’ *lit.* ‘tu me fazes muito bem’

(400) a-tε tɔ i-mpεy -ti
 2-Erg Caus 1-ser.bom-Intens
 ‘eu gostei muito de ti’ *lit.* ‘tu me fizeste muito bem’

O verbo causativo, ao aparecer na sentença, permite que um participante mais agentivo seja incluído no evento. Os exemplos com o verbo descritivo S_o **mpεy** ‘ser.bom’ ou ‘ser.bonito’ mostram que em (398) o pronome dependente *i-* é o sujeito; em (399) e (400), com o verbo causativo, um participante, o *causer*, é incluído como A, isto é, sujeito do verbo transitivo. No caso de verbos do tipo S_o, descritivos, cujo S original é um pronome dependente, esse pronome continua preso à raiz verbal, porém com o verbo causativo, o S original (o *causee*) passa para a função de O. O verbo intransitivo S_o causativizado passa a se comportar como verbo transitivo; seu argumento A (o *causer*) recebe a marca de sujeito ergativo *tε*.

Da mesma forma, verbos ativos S_a, quando causativizados, apresentam um rearranjo em sua estrutura sentencial. Os exemplos abaixo com o verbo **tay** ‘desaparecer’ ilustram o esquema geral desse tipo de operação em Parkatêjê:

- (401) i-ʒ-õ rɔp mũ tay
 1-Rel-Poss cachorro desaparecer
 ‘meu cachorro desapareceu’
- (402) mẽ ntia tɛ mẽkarõn tɔ tay
 Pl mulher Erg fotos Caus desaparecer
 ‘as mulheres perderam as fotos’ *lit.* ‘as mulheres causaram as fotos
 desaparecem’

Na oração (401), o verbo é intransitivo, do tipo S_a . Na sentença (402), o verbo $tɔ$ está causativizando toda a sentença. Essa operação permitiu a inclusão da locução nominal **mẽ ntia** ‘as mulheres’. Tal locução nominal é o *causer*, que ocupa a função A, a qual recebe a marca de ergatividade $tɛ$, dado o tempo passado e o aspecto perfectivo da sentença. A locução nominal que constituía o S original passa para a função O.

Observa-se, portanto, que verbos intransitivos do tipo S_a e S_o apresentam o mesmo padrão de causativização em Parkatêjê. Em outras palavras, construções causativas envolvendo verbos ativos e descritivos passam a ter o mesmo padrão sintático de orações transitivas simples: [*causer*-Erg *causee*-Abs Caus RV].

Com relação à semântica da oração, o *causee*, na construção causativizada, não está no controle da ação, visto que, ao mudar de função gramatical – passa a ser O – perde a agentividade. Já o *causer* parece agir diretamente, obtendo seu resultado por intenção e estando ele próprio envolvido na atividade. É necessário investigar ainda os predicados estendidos, além de aprofundar essas questões.

4.2. Construções com o pronome reflexivo

A língua Parkatêjê tem um pronome reflexivo, **amʒi**, que não apresenta traço semântico de pessoa nem de número, isto é, ele é invariável, podendo ocorrer em correferência com quaisquer pessoas do discurso. O reflexivo é sempre controlado pelo

sujeito, podendo ocorrer como locução nominal objeto direto ou como objeto oblíquo marcado por uma posposição para indicar o benefactivo ou o locativo, por exemplo.

- (403) i-tɛ amʒi mē katʃët pâr
 1-Erg Refl Dat roupa Onc-comprar+Pas
 ‘eu comprei roupa para mim mesmo’

Popjes e Popjes (1986:140-2) abordam a existência do pronome reflexivo em Canela-Krahô, cuja forma e cuja ocorrência parecem ser idênticas à do pronome do Parkatêjê. Abaixo, o exemplo (404) de Popjes e Popjes, transcrito exatamente como no original:

- (404) cu-te amji mã pĩ jakep
 3-PAST REFLX for wood cut
 ‘He cut wood for himself’

Em Parkatêjê, o pronome reflexivo ocupará a posição de O, cujo antecedente, deve ser o sujeito da oração. Esse antecedente pode ser um outro elemento pronominal ou uma locução nominal. No exemplo abaixo, o reflexivo não aparece marcado por nenhuma posposição:

- (405) mpa-tɛ kËy tɔ amʒi h-îr
 nós-Erg faca Instr Refl Rel-furar
 ‘nós nos cortamos com a faca’

- (406) tɛ amʒi h-apak mē tɔkre
 Erg Refl Rel-orelha Dat fazer buraco
 ‘ele furou a própria orelha’

À primeira vista, os exemplos abaixo ilustram o que Payne (1997:203) e outros lingüistas têm considerado um uso “estendido” da morfossintaxe do reflexivo, que indica

um tipo especial de ênfase. Em (407) o reflexivo parece estar enfatizando a ação verbal a ser realizada pelo agente sozinho:

- (407) wa mō amzi kot hōpun
 eu ir Refl Com Rel-ver
 ‘(...) eu mesma vou (lá) vê-la (...)’

O exemplo (408) apresenta a possibilidade de ocorrência do pronome reflexivo numa nominalização – fato que Popjes e Popjes (1986:141-2) também observaram em Canela-Krahô:

- (408) mū Pahit ʃëti-mē amzi-pupun-t ʃë
 NPr -Dat Refl-ver-Nom
 ‘Pahixâti tem espelho’

4.3. Construções com o pronome recíproco

A língua apresenta um pronome recíproco, **aipên**, o qual, em algumas construções, aparece marcado por uma posposição (**mē, kot**) e em outras aparece não-marcado. Observamos que, coincidentemente, os dados do informante mais velho mantêm a posposição, enquanto os dados de alguns dos mais novos apresentam variação. Esse fato deverá ser mais bem investigado a fim de se verificar se essa marcação é opcional, se é uma mudança em curso, ou ainda se está ligada à função do pronome na construção sintática.

Popjes e Popjes (1986:141-2) atestam a existência de um pronome recíproco em Canela-Krahô, tal qual o do Parkatêjê, tendo, inclusive, ocorrência semelhante com relação à marcação pela posposição.

- (409) wa mē aipên mē mē kakok
 IPlexcl Rec Dat Pl conversar
 ‘nós estamos conversando uns com os outros’

4.4. O formativo **aipĩ**

Verifiquei, em Parkatêjê, a ocorrência de um formativo quando um dos argumentos do verbo é omitido. Esse elemento, **aipĩ**, vem sempre adjacente ao verbo, à sua esquerda precisamente, em ordem fixa. À primeira vista, o formativo é impessoal.

Popjes e Popjes (1986:192) interpretam uma ocorrência similar a esta no Canela-Krahô como uma característica morfológica de raízes verbais neutras que têm duas formas morfêmicas e que têm tanto forma transitiva quanto intransitiva. Em Parkatêjê, ainda não me foi possível inventariar todos os verbos que podem ocorrer com esse formativo, tampouco estão claras as circunstâncias em que ele ocorre.

Aikhenvald (em comunicação pessoal) observou a semelhança entre as formas **aipĩ** e **aipẽn**, do recíproco, sugerindo-me verificar tal semelhança posteriormente. Dixon (1994:147), em nota de rodapé, afirma que, na língua australiana anguthimri (Crowley, 1987), o sufixo derivacional *-pri* pode sinalizar uma construção antipassiva ou recíproca. Dixon cita também o Macushi, língua Caríb, com base nos dados de Abbott (1991), o prefixo verbal detransitivizador marca reflexivo, recíproco e passiva sem agente. Em Dyirbal, a função principal dos sufixos derivacionais *-rri-y* e *-nbarri-y*, é marcar o reflexivo e o recíproco, respectivamente, podendo cada sufixo também ser marca de antipassiva.

De acordo com Silverstein (1976:140), construções antipassivas são peculiares de sistemas ergativos e tais construções são análogas às construções passivas, apresentando, inclusive, todas as propriedades dessas últimas. Porém, na antipassiva, o agente transitivo é expresso com a marca de caso absolutivo (ou nominativo), o verbo tem uma mudança de voz com uma marcação especial.

Caso haja a supressão do agente, a construção será passiva e, caso haja a supressão do paciente, a construção será antipassiva. Na definição de Shibatani (1976:831), quando ocorre a supressão do agente e a promoção do paciente à posição de sujeito, tem-se a voz passiva ou medial.

A seguir, tecerei algumas considerações sobre verbos que podem ocorrer com o formativo **aipĩ** em Parkatêjê.

O verbo ‘acordar’ em Parkatêjê é um verbo claramente transitivo. As orações (410) e (411) com o verbo ‘acordar’ não deixam dúvidas quanto a isso. Observe-se a locução nominal A, marcada pela posposição ergativa **tɛ**. Entretanto, no exemplo (412), com a introdução do formativo **aipĩ**, na estrutura argumental, o verbo passa a se comportar como intransitivo.

(410) i-tɛ i-kra prër

1-Erg 1-filho acordar+Pas
‘eu acordei meu filho’

(411) a-tɛ i-prër

2-Erg 1-acordar+Pas
‘tu me acordaste’

(412) A. ka pia Piarɛ rĩ aipĩ prër?

Int Dub NPr já acordar+Pas
‘Piare já acordou?’ *lit.* ‘O Piare já foi acordado?’

B. hĩ. rĩ aipĩ prër

sim. já acordar+Pas
‘sim. já foi acordado.’

Nos exemplos com o verbo **prër** ‘acordar’, observei que o formativo aparece quando falta um dos argumentos dos verbos, no caso citado, o agente. O paciente está ocupando a posição de sujeito.

Exemplos provenientes de um diálogo espontâneo chamaram-me a atenção. A organização do período sugere algumas evidências acerca do formativo **aipĩ**. Assim, em (413), há duas sentenças conectadas pela conjunção **mě**, que coordena períodos cujos sujeitos têm referentes diferentes. Ora, na segunda oração, há um verbo S_o , cujo sujeito é marcado pelo pronome dependente de 1ª pessoa **i-**, logo há um forte indício de que o sujeito da primeira sentença é diferente do sujeito da segunda.

- (413) A. ka pia a- rî aipî prër?
 Int Dub 2- já acordar
 ‘tu já foste acordado?’
- B. kormê aipî prër mē i-ʒ-irɔɔ-rɛ
 Incompl acordar+Pas DS 1-Rel-estar.mole-Intens.
 ‘ainda não acordei e estou mole’

A propósito, Dixon (1994:153), em nota de rodapé, afirma: “é digno de nota que todos os sistemas de switch-reference conhecidos até este ponto funcionam em termos de ‘mesmo/diferente S/A’ (derivados). Uma vez que há exemplos bem atestados de pivôs S/O, tanto quanto de pivôs S/A (embora os últimos sejam mais comuns), nós poderíamos esperar que fossem encontrados alguns exemplos de sistemas de switch-reference que funcionassem em termos de ‘mesmo/diferente S/O (derivados)’ – quando mais descrições gramaticais adequadas das línguas do mundo forem sendo realizadas (embora não haja, de certo, garantia de que nós tenhamos isso)”. (tradução minha)

Tal aspecto bastante interessante a ser averigüado em Parkatêjê, por causa de seu sistema de *switch-reference* e de seu sistema de marcação de caso.

No conjunto de dados abaixo, pode-se novamente observar que, com a introdução do formativo, o verbo **kwîn** ‘quebrar’, também transitivo, passa a se comportar como intransitivo. Os exemplos (416) e (417), em que ocorre **aipî**, têm ambos apenas um argumento, que parece funcionar como S e que semanticamente não é agente.

- (414) tɛ përpa kwîn
 Erg árvore-braço quebrar
 ‘ele quebrou o galho da árvore’
- (415) wa i-tɛ i-ʒ-õ kuwe kwîn
 eu 1-Erg 1-Rel-Pos arco quebrar
 ‘eu quebrei meu arco’

(416) i-ʒ-õ kuwe aipĩ kwĩn
 1-Rel-Pos arco quebrar
 ‘o meu arco quebrou’

(417) këy aipĩ kwĩn
 faca quebrar
 ‘a faca quebrou’

Em um primeiro momento, pelo fato de a língua Parkatêjê apresentar uma cisão em seu sistema de marcação de caso, que ora funciona como absolutivo-ergativo, ora opera como nominativo-acusativo, tendi a interpretar esse formativo como marca de antipassiva. Os dados levaram-me, porém, a crer que tal fenômeno está mais ligado à passivização.

Segundo Dixon (1994:146), uma operação sintática passiva aplica-se a uma oração transitiva subjacente e forma uma oração intransitiva derivada. A locução nominal sujeito A torna-se S da passiva. A locução nominal A subjacente vai para uma posição periférica, sendo marcada por um caso não-nuclear, preposição, etc. Tal locução nominal pode ser omitida, embora haja sempre a possibilidade de incluí-la. Em geral, há alguma marcação formal explícita de uma construção passiva (geralmente um afixo verbal ou algum elemento perifrástico na locução verbal, embora isso possa ser marcado em qualquer lugar na sentença).

O esquema abaixo ilustra a operação acima descrita e os exemplos (418) e (419) mostram a ocorrência supracitada:

A	(O)	V
S _{Der}		V

(418) i-kra tɛ i-ʒ-õ kuwe kwĩn
 1-filho Erg 1-Rel-Pos arco quebrar+Pas
 ‘meu filho quebrou meu arco’

- (419) i-ʒ-õ kuwe aipĩ kwĩn (i-kra kot)
 1-Rel-Pos arco quebrar (1-filho Com)
 ‘o meu arco foi quebrado (pelo meu filho)’

Aparentemente, em Parkatêjê, a ocorrência do formativo **aipĩ** tem características do que Keenan (1985:247) chamou de ‘passiva básica’. Uma oração com o formativo **aipĩ** não traz o sintagma agentivo; o verbo sem a presença de **aipĩ** é transitivo, expressando atividade, envolvendo sujeito agente e objeto paciente.

Um outro ponto de vista ainda é o de Comrie (1985:325), para quem o tipo mais comum de mecanismo de redução de valência é o que ele denomina de anticausativo, ou seja, “a derivação de um verbo intransitivo de um verbo transitivo”. Como ele próprio afirma: “o anticausativo é similar à passiva: em ambas as construções, tipicamente o objeto direto do verbo básico aparece como o sujeito da anticausativa ou passiva. Essas construções diferenciam-se também: a passiva não tem sintagma agentivo, a existência de alguma coisa ou pessoa que produz a situação é pressuposta, enquanto a anticausativa elucida uma situação que ocorre espontaneamente”. (tradução minha)

Ainda há muito a ser investigado em relação à ocorrência do formativo **aipĩ**, visto que ele talvez caracterize outros tipos de construções sintáticas, além da passiva, caso isto seja, de fato, uma construção passiva em Parkatêjê. Além disso, é necessário ainda levantar todas as possíveis mudanças de voz, seu tipo de ocorrência e marcação verbal, além das possibilidades de incluir o argumento que é demovido. Um outro ponto ainda a ser estudado e que tem ligação com esse aspecto é como a língua Parkatêjê opera em termos de pivôs. Enfim, todas essas questões precisam ser aprofundadas e analisadas com mais e maiores detalhes.

Capítulo 5

Incorporação nominal

Há várias definições do fenômeno de incorporação nominal. Pode-se dizer, com base em Mithun (1984 e 1986), que a incorporação é o tipo de processo gramatical pelo qual o núcleo de um sintagma junta-se ou incorpora-se ao núcleo de outro sintagma.

Esse tipo de fenômeno já tem sido atestado em outras línguas do tronco Macro-Jê, como, por exemplo, em Karajá (cf. Ribeiro, 1996 e 1999) e em Panará (cf. Dourado, 2001).

Em Parkatêjê, à semelhança do Panará, verifica-se a ocorrência de incorporação de nomes e de posposições a núcleos verbais, isto é, a junção de um argumento nuclear ou de um argumento não-nuclear (tal como um locativo ou um instrumental) que se prende ao verbo formando assim um verbo complexo.

O fenômeno da incorporação nominal é apresentado, neste capítulo. Muito embora haja evidências irrefutáveis da incorporação posposicional, de forma bastante assemelhada ao que ocorre em Panará, de acordo com Dourado (2001), tal fenômeno será objeto de estudos futuros, quando pretendo aprofundar a análise iniciada por ocasião da feitura desta tese.

5.1. Um conceito de incorporação nominal

Estou considerando a incorporação nominal como a junção de um argumento nuclear que se prende ao verbo, formando assim um verbo complexo. Em Parkatêjê,

verifica-se que é possível alguns nomes serem incorporados à esquerda de verbos intransitivos e de verbos transitivos.

As funções sintáticas que tais nomes podem desempenhar dentro da locução são as de (i) núcleo de uma LN objeto direto de um verbo transitivo e (ii) núcleo de uma LN sujeito de um verbo intransitivo não-ativo.

De acordo com Mithun (1984:848), a incorporação nominal considera o verbo complexo como lexicalmente derivado por um processo de formação de palavra, à semelhança da composição. Dessa forma, a incorporação nominal é desencadeada por um processo lexical. A meu ver, essa visão é a que mais se adapta à análise do fenômeno em Parkatêjê, pois, conforme será verificado mais adiante, a incorporação nominal resulta na formação de novos lexemas.

Para a pesquisadora supracitada, há quatro tipos de incorporação nominal, cada um dos quais está associado a quatro funções distintas no discurso: (a) composição lexical, (b) um tipo de composição lexical mais amplo, (c) manipulação da estrutura discursiva e (d) classificadores.

Ainda de acordo com Mithun (1984), o fenômeno da incorporação nominal é um processo morfológico com características notadamente sintáticas, o qual forma itens lexicais novos. Tal fenômeno é um tipo de composição, em que um nome e um verbo se combinam para formar um novo verbo. Nesse caso, conforme Mithun, o nome mantém uma relação semântica específica com o verbo, a qual pode ser de paciente, locativo ou instrumental.

Mithun afirma que, no caso de incorporação por composição lexical, a valência verbal diminui, visto que há a derivação de predicados intransitivos de predicados originalmente transitivos. O nome composto resultante é mais do que uma simples descrição, é uma atividade ou um estado especializado. O nome incorporado não tem qualquer papel sintático na sentença. A função desse tipo de incorporação seria tão-somente a de reduzir a saliência do nome incluído dentro do verbo.

No segundo caso, que pode ser entendido como uma extensão do primeiro, a incorporação nominal promove um argumento para a posição de caso deixada pelo nome incorporado. A função desse tipo de processo seria a redução da saliência do nome dentro da oração.

No terceiro caso, a incorporação reduziria a saliência do nome numa porção específica do discurso. Os argumentos externos estabeleceriam e manteriam a referência, porém não seriam gramaticalmente necessários.

Finalmente no quarto caso, a incorporação de um nome a um núcleo verbal ocorreria à semelhança de um sistema de classificadores, isto é, um nome genérico seria incorporado ao verbo para afunilar seu escopo, porém um sintagma nominal externo ocorreria com esse complexo verbal a fim de identificar o argumento envolvido na incorporação, em determinado contexto discursivo, no qual a informação nova é introduzida. A partir de então, a referência seria mantida pelo classificador incorporado. Nesse caso, a função da incorporação seria a de reduzir a saliência do nome dentro do discurso como um todo.

Observando os dados da língua Parkatêjê, à primeira vista, verifica-se que a incorporação nominal não causa mudanças nas relações sintáticas entre os constituintes da oração. Os verbos intransitivos aos quais determinados nomes são incorporados não têm sua estrutura argumental alterada, como é o caso de **mõ** ‘ir’, que é um verbo intransitivo. Da mesma forma, verbos transitivos, quando têm nomes a eles incorporados mantêm-se transitivos, como é o caso de **krēmên** ‘cortar.todo.o.cabelo (raspar a cabeça durante o período de luto)’, que literalmente é constituído dos seguintes lexemas: **krē**⁴⁰ ‘cabelo’ e **mên** ‘derrubar’.

Crítérios como a impossibilidade de intervenção de um outro elemento entre os constituintes dessa palavra composta fornecem evidências de que esse tipo de incorporação corresponde ao primeiro caso de Mithun.

5.2. Composição lexical

Analogamente ao que Dourado (2001:189) observou em Panará e ao que Ribeiro (1996 e 1999) verificou em Karajá, os nomes que são incorporados aos verbos em Parkatêjê perdem, de certa forma, seu significado específico, tornando-se assim um componente do verbo. O verbo por sua vez designa um evento único, tendo seu sentido

⁴⁰ **Krē** significa ‘cabeça’ e por extensão ‘cabelo’.

restringido pelo nome a ele incorporado. Os exemplos encontrados no corpus apresentam quase sempre nomes de partes de um todo, um exemplo traz um nome de secreções do corpo ('pus'). Todos esses nomes, diga-se de passagem, são potencialmente incorporáveis, são nomes inalienavelmente possuídos – que se acoplam a verbos, os quais podem ser ativos (transitivos ou intransitivos) e não-ativos.

Alguns exemplos desse tipo de composição lexical, que resulta em verbos ativos são: **krēmō** (krē 'cabeça' + mō 'ir') 'nadar; boiar'; **krēmēn** (krē 'cabelo' + mēn 'derrubar') 'cortar o cabelo (todo)'; **hōkreḗpoy** (hōkre 'garganta' + poy '?') 'cantar (ritualisticamente dançando e sacudindo o maracá)'; **hērḗpōpōk** (hēr 'asa; guelra' + pōpōk 'onomatopéia que indica fazer barulho semelhante a pōpōk' 'bater as asas'); **hōkrapōpōk** (hōkra 'mão' + pōpōk 'bater 'aplaudir'); **zūmzapro** (zūm 'Int' + zapro 'levar') 'casar'.

Alguns verbos não-ativos são: **krēyapie** (krē 'cabelo' + yapie 'criar') 'crescer (cabelo)'; **h-arkomēn** (h-arko 'saliva' + mēn 'derrubar') 'cuspir'; **krītatī** (krīt 'nariz' + atī 'barulho do espirro') 'espirrar'; **krītpūtīti** (krīt 'nariz' + pūtīti 'ser.pesado') 'estar.com.o.nariz.entupido'; **hotey** (ho 'pêlo' + tēy 'ser.duro') 'arrepisar'; **hōkreḗkak** (hōkre 'garganta' + kak 'barulho causado pela expulsão do ar durante o ato de arrotar') 'arrotar'; **hōkreḗpōk** (hōkre 'garganta' + pōk 'barulho da secreção excretada pelo ato de tossir') 'expectorar'; **kaprokato** (kapro 'sangue' + kato 'sair') 'menstruar'; **krakato** (kra 'filho' + kato 'sair') 'parir'; **hōtōtḗwati** (hōtō 'olho' + tḗwati 'molhar.Enf') 'estar.com.sono'; **hōtōkēmkriri** (hōtō 'olho' + kēm 'Loc' kriri 'girar') 'estar.tonto'.

De uma perspectiva semântica, podemos dizer que o significado resultante desses verbos é um tanto ou quanto imprevisível, ou seja, o sentido do verbo composto não pode ser previsto a partir de seus componentes lexicais.

Esta parece ser o tipo de incorporação mais produtiva na língua, a saber, a que envolve termos inalienavelmente possuídos, não alterando a valência do verbo. Dessa forma, conforme observou Ribeiro (1996:48), a incorporação nominal apresenta restrições semânticas com relação (i) ao tipo de nome que pode ser incorporado –

diferentemente do Karajá, em que há incorporação do recíproco, em Parkatêjê, a única aparente exceção é a incorporação do reflexivo – e (ii) ao tipo de verbo que admite a incorporação.

Tipologicamente, tem-se observado que nomes de partes do corpo geralmente são os preferidos para a incorporação, o que, de acordo com Velazquez-Castillo (1996:191), deve-se ao fato de que semanticamente tais nomes apresentam uma proeminência baixa, sendo conceitualmente dependentes de seus possuidores. Nesses casos, tais termos são locuções nominais que funcionam como objeto direto de verbo transitivo ou como sujeito de verbo intransitivo, marcados pelo caso absoluto.

Como somente o núcleo de tais locuções é incorporado, o composto resultante tem sua valência inalterada. Porém o possuidor é promovido (i) ou a sujeito, quando se trata de verbos intransitivos (ativos ou não-ativos), (ii) ou a objeto, com verbos transitivos. De acordo com Mithun (1984) e Baker (1985), trata-se aqui do conhecido fenômeno de alçamento de possuidor.

Assim, seguindo a linha de análise de Ribeiro (1999), a incorporação nominal em Parkatêjê é um mecanismo de preservação de valência.

Dos textos extraímos alguns exemplos:

(420) mĩti katiti aiku w̃r krēmō
 jacaré grande PR Dir cabeça.ir
 ‘Jacaré grande estava boiando (no rio)’

(421) pe aiku aʒet nē h̃r̃p̃oʒok nē t̃n
 PD PR pendurar SS asa.bater SS morrer+Pas
 ‘Ele ficou pendurado, bateu as asas, e morreu’

(422) ka pia a- r̃i ʒ̃mʒapro?
 Int Dub 2- já Int.buscar
 ‘tu já casaste?’

Os exemplos (420), (421) e (422) ilustram três casos de incorporação. Nos dois primeiros exemplos, há nomes de partes do corpo: ‘cabeça’ (krē), que se junta ao verbo intransitivo ‘ir’ (mō), originando o verbo ‘boiar’, e ‘asa’ (hēr) que se junta com ‘bater’ (pɔpɔk) para formar ‘bater.as.asas’. Não foi atestada a possibilidade de ocorrência separada dos nomes incorporados aos verbos, tendo esses a mesma acepção.

5.3. Incorporação do pronome reflexivo

Encontrei inúmeros exemplos em que o reflexivo aparece como que incorporado à raiz verbal, considerando que, algumas dessas raízes existem na língua, sem a presença do reflexivo. Entretanto tal fenômeno ainda não está suficientemente claro. À primeira vista, o reflexivo é um complemento redundante, conforme observou Ribeiro (1996:51) para o Karajá. Com relação ao recíproco, Ribeiro afirma que a incorporação do referido elemento naquela língua enquadra-se no tipo III proposto por Mithun (1984:859), cuja composição tem por objetivo ‘manipular a estrutura do discurso, relegando elementos semanticamente vazios ou redundantes a um segundo plano’. Nos casos em que estou considerando, o reflexivo não-incorporado é marcado por uma posposição, como no exemplo abaixo, em que o reflexivo refere-se ao rio, que se encheu:

- (423) pe pia p̄ti amzi mē hōta
 PD Dub rio Refl Dat transbordar
 ‘Dizem que o rio transbordou’

Alguns exemplos de verbos em que o reflexivo aparece incorporado são os seguintes: **amzizakr̄i** ‘alegrar(-se)⁴¹’; **amzizakɔp** ‘pensar’; **amziipey** ‘amadurecer; transformar(-se)’; **amzizakr̄e** ‘resguardar(-se); guardar resguardo de (parto, doença, p̄mp⁴²)’; **amzikapi** ‘aprender (uma lição)’; **amziyarēn** ‘refletir’; **amzitete** ‘proibir’;

⁴¹ Pode ser um equívoco traduzir o verbo com o reflexivo.

⁴² Ritual de iniciação masculina.

amʒitey ‘estar.farto (de alimentos)’; **amʒiʒõʒe** ‘segurar.pela.mão’; **amʒikĩn** ‘alegrar (-se)’; **amʒinkrĩk** ‘aborrecer (-se)’.

Nos exemplos que seguem de (424) a (428), os verbos apresentados não admitem a intervenção da posposição entre o reflexivo e a raiz verbal:

- (424) p̃t kat ʃer kēm nkrĩk: ʒe amʒikapi purɔ
 sol lua Loc estar.zangado Voc Refl.tentar logo
 ‘o Sol ficou zangado com a Lua: Jê, agora tu aprendeste!’
- (425) pe pia mĩti kēm amʒiʒarē: ituwarɛ, wa ka a-
 PD Dub jacaré Loc Refl.dizer sobrinho eu Fut 2-
 krē inũarɛ
 comer Neg
 ‘Dizem que o Jacaré mesmo disse: sobrinho, eu não vou te comer.’
- (426) kat ʃer mē amʒiʒarēn.
 lua Dat Refl.dizer
 ‘a Lua refletiu’ *lit.* ‘a Lua disse consigo mesma’
- (427) pe pia mũ h-apron mũ mē tɔ mō mē tɔ
 PD Dub Rel-buscar Pl ir Pl
 amʒiʒõʒe
 Refl.segurar.pela.mão
 ‘Dizem que ele foi buscá-los e eles foram segurando na mão (do Sol)’
- (428) pe pia tɛri nē kōkorɛ nē amʒiʒipey
 PD Dub mesmo calango Refl.tornar
 nē krɛ tɔ mō nē kato
 SS cavar ir SS sair
 ‘Dizem que o Sol, ele mesmo na qualidade de um calango, cavou e saiu’

Segundo Ribeiro (1996:49), em Karajá alguns verbos compostos por incorporação têm sentido idiomático, o que também é percebido em Parkatêjê. Alguns exemplos são: **hōtōt ʃwati** (hōtō ‘olho’ + t ʃwati ‘molhar.Enf’) ‘estar.com.sono’, que literalmente pode ser pensado como ‘o olho molha muito’ – como consequência do bocejar – de acordo com Araújo (em comunicação pessoal); **hōtōkēmkriri** (hōtō ‘olho’ + kēm ‘Loc’ kriri ‘girar’) ‘estar.tonto’, que literalmente seria ‘o olho gira’. Tais exemplos, conforme já foi dito, são casos de composição lexical nos termos de Mithun (1984).

Alguns verbos aparecem com o verbo **tō** ‘fazer’ como, por exemplo, **tōyapak** ‘lembrar’ e **tōyapakuket** ‘esquecer’. Literalmente, **tōyapak** é uma palavra constituída por **tō** ‘fazer’ e **yapak** ‘orelha’ – a audição é o sentido ligado à memória para os parkatêjê. No caso do verbo **tōyapakuket**, a origem de sua composição já não é tão óbvia. Poderíamos imaginar que *ket* teria alguma relação com a forma da negação sentencial final em Kayapó (Mëbëngôkre) (anotações pessoais de Borges, 1991-1995), mas isto é mera especulação. Estudos posteriores aprofundarão essas questões.

5.4. Termos de classe

Tomando por base o que a literatura especializada tem assumido acerca dos tipos de sistemas de classificadores – Allan (1977), Craig (1986), Mithun (1986) e Aikhenvald (2000), entre outros –, verifiquei que o Parkatêjê, diferentemente do Panará e do Karirí, não apresenta um sistema de classificadores semelhantes aos dessas línguas.

Para Ribeiro (1996), o Karajá apresenta um tipo de incorporação nominal classificatória, isto é, termos de partes do corpo funcionam ordinariamente como termos de medida, como “cabeça”, “olho”, “barriga”, etc.

Dourado (2001:206), no entanto, separa tais termos dos classificadores propriamente ditos em Panará, chamando-os de termos de classe. Estes, ainda de acordo com sua análise, que tem base em Rosch (1978) e em Berlin et al. (1968), correspondem ao nível básico de categorização, tendo uma função semelhante à dos classificadores, porém em âmbito lexical.

De acordo com Aikhenvald (2000:86-7), é geralmente uma tarefa árdua decidir se uma língua estabeleceu um sistema nominal de classificadores ou se ela somente apresenta um mecanismo que consiste em emparelhar nomes genéricos e nomes específicos.

O Parkatêjê apresenta um conjunto de termos, que funcionam como formativos classificatórios e que são constituídos basicamente de uma sílaba. Essas palavras combinam-se com outras raízes nominais, formando compostos do tipo nome específico + nome genérico na língua, que resultam em um nome específico:

(429)	ko	‘indicativo de frutos que dão em cachos’
	rōti-ko	‘cocal’
	kapere-ko	‘bacabal’
	terere-ko	‘açazal’
	awara-ko	‘anajazal’

Os termos de classe são nomes que fazem parte de um grupo semântico, cujos traços comuns podem ser definidos pelas propriedades físicas a que fazem referência. Esses termos são restritos a poucos campos lexicais, o que os diferencia de classificadores nominais, que cobrem mais extensivamente o léxico. Termos de classe não constituem uma construção sintática do mesmo modo que as construções com classificadores nominais, já que os primeiros são basicamente exemplos de um tipo de composição lexical. Morfossintaticamente, entre outras características, ocorrem como núcleos de predicados verbais, e alguns deles, como foi visto na seção anterior acerca da incorporação nominal, podem ser incorporados em uma raiz verbal. Ao ocorrerem em combinação com outros nomes, fornecem a estes traços semânticos definidos principalmente pelas características físicas presentes em seu conteúdo nocional.

Os termos de classe constituem uma categoria que ocorre como núcleo de nomes compostos com função classificatória em nível lexical, já que aqueles não apresentam a mesma extensão de uso dos chamados classificadores (*cf.* Dourado, 2001:206).

Alguns exemplos dos termos de classe em Parkatêjê são:

Quadro 31: Termos de Classe

Termos de classe	Composto	Glossa	Tradução
kĕ 'invólucro'	parkĕ	pau-invólucro	Casca de árvore
	pĕrkĕ	pé-invólucro	sapato
	i-kĕ	1s-invólucro	minha pele
ho 'folha'	parho	pau-folha	folha
	rōtiho	babaçu-folha	folha de babaçu
	pĭho	urucum-folha	folha de urucum
hĭ 'semente'	prĕt ſohĭ	castanha-semente	castanha-do-pará
	katōkhĭ	espingarda-semente	projétil
	pōhĭ	milho-semente	milho
krĕ 'cabeça'	aprikrĕ	-cabeça	peteca ⁴³
	kat ſĕtkrĕ	algodão-cabeça	novelo de linha
t ſom 'farinha'	kwĕrt ſom	mandioca-pó	farinha
	kapamt ſom	areia-pó	areia
hi 'osso'	i-krathi	1s-tronco-osso	minha bacia
	i-katuthi	1s-costas-osso	minha coluna vertebral
hĭ 'carne'	waʒĭ	dente-carne	gengiva
ko 'líquido'	h-arko	boca-água	saliva
mĕ 'humano'	mĕkwĕ	humanos-Quant.	alguns
mpɔ 'Ind'	mpɔʒōkra	Ind-Rel-Pos-mão	primatas
	mpɔyara	Ind-Rel-asa	aves

Para Aikhenvald (2000:86-7), a composição de nomes envolvendo nomes genéricos-específicos pode ser comparada a componentes derivacionais em classes nominais (como *berry* em inglês – *strawberry*, *blackberry*), dada sua limitada produtividade, seu alto grau de lexicalização e o fato de eles serem restritos a uma classe

⁴³ Peteca feita de palha de milho seca, a qual é jogada durante a festa do Milho Verde, pelos homens, o pátio, após a corrida de tora.

fechada de raízes nominais. Por tais razões, tais termos de classe não devem ser considerados como parte de um sistema de classificação.

Além disso, Aikhenvald afirma que o critério decisivo para decidir se determinado sistema é de classificadores ou de termos de classe é verificar se os nomes genéricos (ou termos de classe, de acordo com a terminologia usada por Dourado (2001)) são obrigatórios, e se é possível formular regras explícitas para a sua omissão. Pode-se afirmar que em Parkatêjê esses termos são obrigatórios, não sendo possível omiti-los sem prejuízo para o significado dos compostos em que eles tomam parte.

Termos referentes a nomes de filhotes de animais apresentam diferenças que podem ser interpretadas como uma classificação particular da cultura a que pertence a língua Parkatêjê. Tais conjuntos diferem de nossa visão ocidental, em que temos divisões como mamíferos, anfíbios, aves e etc. Alguns desses termos são apresentados abaixo:

Quadro 32: Termos de classe para alguns itens da fauna

Animal	Termo de classe para o filhote
kra ‘paca’; kukinerε ‘cotia’; ton ‘tatu’; rɔp ‘onça’	pãire
rɔp ‘cachorro’; mĩre ‘jacaré’; kahẽ ‘cobra (em geral)’; roti ‘cobra (d’água)’; tĩrĩhokuti ‘cobra-papagaio’; kahẽteteti ‘cobra-amarela’; pẽtẽre ‘preguiça’; pẽtẽre kruturε ‘tamanduá-bandeira’; pẽtẽre katut tʃeterε ‘preguiça bentinho’; kukrĩt ‘anta’; yatʃĩ ‘veado’; karẽĩre ‘veado-branco’; yatʃĩ kẽhẽkre ‘bode’; wakõ ‘quati’; mpokoti ‘boi’; mpokoti kẽhẽkre ‘jumento’; krɔti ‘mucura’; pĩp ‘poraquê’;	kra
kro ‘porco’; krɔrε ‘caititu’; kroyapurε ‘porco-de-casa’	krõyakotore
kupĩt ‘guariba’; kukoy ‘macaco’; kukoy katõnkre; pĩthẽk ‘macaco-cuxiu’; kukoypey ‘macaco quinze quilos’; katikatʃeterε ‘macaco mão-de-ouro’; tʃẽnrε; tʃepre ‘morcego’	rorε
pĩtẽkti ‘mutum’; pẽn ‘arara’; õʔõre ‘galinha’; mpɔpẽrɔti ‘pato (em geral)’; pẽnẽkti ‘arara azul’; pẽnare ‘ararinha’; krĩiti ‘papagaio’; krĩire ‘papagaio preto’; krĩirepakre; hoire ‘periquito’; keketerε; kẽkẽre; kaheyti ‘curica’	ntore
hẽk ‘gavião’	titorε
tepti; tewati; krĩtĩti ‘traíra’; tepkratikĩmõtoti ‘tucunaré’; hire ‘mandi pequeno’; hiti ‘mandi maior’; krẽti ‘peixe-sabão’; tepepeiti ‘peixe-pedra’; tẽptʃwayapieti ‘peixe-cachorro’;	raire

Capítulo 6

Construções verbais seriais

De acordo com o que atesta Aikhenvald (1999:469), há um considerável número de trabalhos acerca das construções seriais verbais, muito embora nenhum deles trate desse tipo de construção em línguas indígenas da América do Sul. Trabalhos recentes como os de Martins (1994), de Aikhenvald (1999) e de Dourado (2001) mostram, entretanto, que, de fato, essas construções são encontradas em línguas indígenas brasileiras. No caso da Bacia do Alto Rio Negro, Aikhenvald (1999) afirma que este é um traço areal daquela região.

Com base em trabalhos sobre o tema (Aikhenvald, 1999; Crowley, 1987; Durie, 1988 e 1997; Lord, 1977; Zwicky, 1990), pode-se afirmar que tais construções apresentam, entre outras, as seguintes propriedades:

- (a) fazem referência a um único evento;
- (b) partilham o sujeito bem como também outros argumentos;
- (c) partilham tempo, aspecto, modalidade e, algumas vezes, valor de polaridade;
- (d) do ponto de vista fonológico, apresentam propriedades entonacionais de uma sentença única;
- (e) muito embora cada verbo que as compõem seja uma palavra morfológica, agem como um todo sintático;
- (f) por funcionarem como um predicado único, não admitem marcas de dependência sintática entre seus elementos, o que as diferencia das sentenças coordenadas e subordinadas.

A última propriedade pode ser atestada em línguas que apresentam marcas explícitas para a coordenação ou para a subordinação de sentenças. Muito embora não tenha apresentado, neste trabalho, as sentenças complexas da língua, posso afirmar com base nos dados de orações subordinadas já coletados, transcritos e selecionados para estudos posteriores, que, em Parkatêjê, as construções seriais funcionam como um predicado único, isto é, não admitem marcas de dependência sintática entre seus elementos.

6.1. Caracterização das construções seriais em Parkatêjê

Uma construção verbal serial é uma seqüência de vários verbos que funciona como um predicado simples. Em Parkatêjê, uma construção desse tipo é constituída mais comumente de dois elementos, podendo reunir até três verbos, que formam um predicado com núcleo complexo, combinando:

- (a) dois ou três verbos de moção;
- (b) um verbo de moção e um verbo S_{io} do tipo **prēm**;
- (c) dois verbos posicionais.

Para fins descritivos, apresento o quadro abaixo que visa ilustrar a estrutura de uma construção verbal serial. A numeração dos verbos (V_1 , V_2 , V_3) é somente aproximativa. Porém, minha hipótese é a de que verbos de moção na posição V_1 , tais como **mō**, têm posição fixa. Da mesma forma, se na construção serial aparecer um verbo posicional, ele estará em posição V_2 , que é opcional, e verbos de propriedade física do tipo S_{io} aparecerão sempre em V_3 . Em outras palavras, uma construção serial em Parkatêjê comumente reunirá dois verbos. Se reunir três, muito provavelmente a posição V_2 será ocupada por um verbo posicional.

- (430) A. mpɔ nẽ a- kapri -re ʒẽ?
 Ind 2- estar.triste -Aten estar.sentado
 ‘Por que tu estás sentado triste?’
- B. wa kãmẽ arĩk ta pupun.
 Eu estar.calado chuva Rel-ver
 ‘eu estou calado vendo a chuva’

A parte A do exemplo (430) apresenta os verbos **kaprĩ-ʒẽ** ‘estar.triste-estar.sentado’. O verbo posicional imprime uma nuance aspectual à construção. Quanto à parte B do mesmo exemplo, não se pode falar em partilha de objeto direto, porque o verbo **arik** ‘estar.calado’ é um verbo intransitivo. Todavia há partilha das noções de tempo e aspecto na referida oração.

Cada um dos verbos que compõem uma construção verbal serial é uma palavra fonológica independente com acento próprio. Além disso, as propriedades entonacionais indicam que há pausa entre esses elementos. Cada um desses verbos também ocorre como elemento independente em orações simples.

Esses predicados podem tanto ser transitivos quanto intransitivos. O último verbo da série define a transitividade ou a intransitividade da construção.

Entre os vários verbos existentes para indicar moção em Parkatêjê, estão os verbos **mõ** e **tẽ**⁴⁴, cujo sentido é ir. Entretanto, as construções seriais somente envolverão **mõ**.

Cabe aqui também ressaltar o que vários estudiosos têm observado em relação às construções seriais. Algumas vezes não é possível atribuir um sentido às partes da construção. Durie (1997:323) chama a atenção para o fato de que em, alguns casos, um complexo verbal pode ser semanticamente não-analisável, por duas razões: ou porque não é possível dar significados separados para cada um dos constituintes da construção, ou porque os sentidos independentes dos verbos constituintes da construção parecerem não ter relação nenhuma com o sentido do todo. É o caso de *mũ to tẽ* ‘? fazer ir’, por exemplo, expressão usada para a despedida em Parkatêjê, traduzida pelos informantes

⁴⁴ Aikhenvald sugeriu-me verificar a transitividade desses dois verbos. Em princípio, **mõ** parece ser menos intransitivo que **tẽ**, embora ainda seja intransitivo, considerando, por exemplo, a ocorrência daquele, mas não deste, em construções verbais seriais.

como ‘vai!’. Muitas vezes, a tradução de um complexo serial inteiro é feita por um simples verbo.

Bastante comum em línguas que apresentam esse tipo de construção é a necessidade de expressão de toda a seqüência de um determinado evento, fato mencionado por Durie, ao tratar da produtividade da serialização verbal, usando como exemplo a língua Kalam descrita por Pawley (ver Durie 1997:325). Em Parkatêjê, por exemplo, um falante dirá ‘o menino subiu (na árvore) e caiu’ para uma sentença como ‘o menino caiu da árvore’.

- (431) mēkrarε apu api p̄p
 menino Cont subir cair
 ‘O menino caiu’ *lit.* ‘O menino (estava) subindo-caindo’

Com relação às construções em que aparece o verbo de moção **mō** ‘ir’, as características tipológicas do Parkatêjê cabem na observação de Durie (1997:310) sobre uma categoria de serialização de moção – em que um verbo de moção é combinado com qualquer outro verbo, de forma que aquele vem primeiro. Além disso, segundo ele, há verbos que parecem ser mais comumente utilizados nas construções seriais. Entre eles, em Parkatêjê, aponto **mō** ‘ir’, **tō** ‘fazer’ e **prēm** ‘querer’.

Como será visto nos exemplos abaixo, uma construção serial verbal, com os vários verbos contíguos ou não, mostra que os verbos que a constituem partilham o mesmo sujeito bem como o mesmo objeto, no caso das construções que envolvem o verbo **tō**.

Como o Parkatêjê apresenta marcas explícitas tanto para a coordenação de orações (com um mesmo sujeito ou com sujeitos diferentes) quanto para a subordinação, pode-se contar com um bom critério para distinguir construções verbais seriais de sentenças coordenadas na língua.

Os exemplos (432) e (433) ilustram o processo de coordenação de sentenças na língua: **mō** marca as sentenças com sujeitos diferentes e **nē** marca a ocorrência de

sentenças com o mesmo sujeito. Já em (434), *mō-tʃwa* ‘ir-banhar’ contíguos, referem-se a um único evento. A sentença em que ocorre a construção serial verbal está sublinhada.

(432) a- tɛm piarɛ pupũn mē tɛ a- mē
 2- ErgPl NPr Rel-ver+Pas DS Erg 2- Pl
 pupũn inũarɛ
 Rel-ver Neg
 ‘você viram o Piare, mas ele não viu vocês’

(433) ka ka tɔ prɛtʃo ʒ-itɛp nē
 tu Fut fazer castanha Rel-cortar SS
 pɛn i-mē hōr
 carregar+ Pas 1-Dat dar+Pas
 ‘Tu vais cortar castanha e carregar para me pagar’

(434) wa mũ mō tʃwa
 eu ir banhar
 ‘eu vou banhar’

Com base nas observações de Durie (1997) sobre as construções verbais seriais, dois parâmetros relativamente independentes podem ser usados para classificar as referidas construções: (i) a distribuição e a posição da flexão *versus* a contigüidade e a não-contigüidade dos componentes da construção e (ii) as relações entre os componentes de uma construção desse tipo *versus* a forma pela qual seus componentes interagem.

Levando em consideração o primeiro critério (i), Durie (1997) apresenta quatro possibilidades de caracterização para línguas que serializam verbos: por um lado, os componentes das construções seriais podem ser mais ou menos contíguos, por outro, uma seqüência verbal pode ou não formar uma única palavra morfológica ou fonológica (isto é, essas raízes podem estar ou não mais ou menos incorporadas). De acordo com o segundo critério (ii), podem-se classificar as construções seriais em três: assimétricas, simétricas e *ambient*.

6.2. Tipos de construções seriais

Com base no primeiro critério – distribuição e posição da flexão e contigüidade e não-contigüidade dos componentes –, pode-se dizer que, em Parkatêjê, os elementos constituintes de uma construção serial verbal podem apresentar-se da seguinte forma:

- (i) [-contíguo; -incorporado];
- (ii) [+contíguo; -incorporado].

No primeiro caso, os componentes de uma construção serial verbal são não-contíguos e são não-incorporados. Possivelmente, o fato de serem não contíguos alterará a distribuição e a posição da flexão, hipótese que preciso fundamentar melhor, em estudos subseqüentes.

No segundo caso, podem ser contíguos, mas não incorporados. Nesse caso, adverte Aikhenvald (1999:471), é preciso diferenciar composição verbal de construção serial. No primeiro caso, têm-se duas raízes verbais justapostas formando um só predicado e constituindo uma só palavra. No segundo caso, o que se tem são várias palavras morfológicas. Entretanto, geralmente um caso tem sido equiparado ao outro, isto é, geralmente se equipara serialização verbal à composição verbal. Muitas línguas tendem a ter uma ou outra, mas a mudança de serialização verbal para composição verbal não é incomum.

6.2.1. Tipo (a): construção serial [- contíguo; - incorporado]

No exemplo (435), a primeira oração apresenta duas raízes verbais, **pupûn** ‘ver’ e **kēm̃pa** ‘escutar’. Vê-se que a marca de aspecto iterativo **apiri** ocorre entre as duas raízes verbais. A prova de que esses dois verbos constituem uma construção serial vem dos seguintes fatos:

- (i) as duas raízes estão no escopo dessa marca aspectual, ou seja, o aspecto iterativo refere-se aos dois verbos;
- (ii) a construção que envolve os verbos **pupûn** ‘ver’ e **kēm̃pa** ‘escutar’ partilha o mesmo sujeito, no caso, **kaprāni katiti** ‘jabuti grande’;

(iii) as duas raízes referem-se a um evento ocorrido simultaneamente [ver-ouvir].

- (435) kapranĩ katiti pupũn apiri kõmpa: ʒe
jabuti grande Rel-ver+Pas Iter escutar Voc
apiri tok to!
Iter fogo fazer
‘Jabuti grande viu e ouviu novamente: Jê faz fogo de novo!’

6.2.2. Tipo (b): construção serial [+ contíguo; - incorporado]

Da mesma forma, os componentes de uma construção verbal serial podem ser contíguos e não-incorporados como no exemplo (436), em que se têm os verbos *to* ‘fazer’, *mõ* ‘ir’ e *ku-krẽ* ‘comer’:

- (436) wa ka mũ to mõ ku-krẽ
eu Fut fazer ir Onc-comer
‘eu vou comer’

Nesse caso, os verbos que formam a construção serial partilham o mesmo sujeito e as marcas de tempo e aspecto, pois ocorrem todos contíguos. É importante observar que o verbo *ku-krẽ* ‘comer’, que pertence à classe de verbos *ku-*, aparece com esse morfema, por não haver menção ao objeto, isto é, poder-se-ia postular que os verbos que são serializados devem ter o mesmo valor de transitividade. Como será visto abaixo, o verbo *to* ‘fazer’ em algumas construções parece conferir uma aspecto de volição à ação descrita pela construção como um todo.

De fato, a tendência, em Parkatêjê, parece ser a de que as raízes verbais nas construções seriais ocorram não incorporadas umas nas outras.

Com base no segundo parâmetro – que envolve as relações entre os componentes de uma construção verbal serial e a forma pela qual seus componentes interagem – pode-

se dizer que tais construções, em Parkatêjê, podem ser de dois tipos: simétricas e assimétricas.

As construções seriais verbais do tipo assimétricas, segundo Aikhenvald (1999:472), consistem em um verbo escolhido em uma larga classe aberta, maior, e em um outro verbo selecionado em um grupo pequeno fechado, tais como verbos de moção ou de postura. O sentido de uma construção desse tipo corresponde a um único evento descrito pelo verbo da classe maior, enquanto o verbo da classe fechada confere uma nuance aspectual à construção como um todo. No exemplo (437), em que ocorre tem a construção **nō-hō**, entendo que o verbo **nō** ‘deitar’, semanticamente, vem de uma classe pequena – os verbos posicionais:

- (437) wa ka ariat ʃĕ kēm nō hō
 eu Fut rede Loc deitar dormir
 ‘eu vou dormir na rede’ *lit.* ‘eu vou deitar-dormir na rede’

Já as construções seriais verbais simétricas são aquelas em que todos os verbos vêm de uma larga classe aberta. A ordem de ocorrência desses verbos na construção é icônica, o que reflete a ordem de acontecimento dos eventos.

- (437) wa ka kotat ʃĕ tĕ kēmprōn ku-krĕ
 eu Fut perseguir ir pegar.na.unha Onc-comer
 ‘eu o persegui, pegá-lo-ei na unha e o comerei’

- (438) pe pia kat ʃer mōr katɔr pɨt mū tɔ
 PD Dub lua ir+Pas sair+Pas sol
 mō nã kām tohō nã ku-krĕn kupən
 ir SS Posp cortar.franja SS Onc-pintar Onc-carregar
 ‘A Lua saiu. O Sol foi (atrás dela), cortou seu cabelo, pintou seu corpo com urucum, carregou-a e foi colocá-la num pedaço de madeira.’

O exemplo (439), retirado de um texto mítico, apresenta uma seqüência de eventos: a Lua saiu; o Sol vai atrás dela, que morreu, e prepara o seu funeral. Corta o cabelo dela. Pinta-lhe o corpo com urucum. Carrega-a, etc. Na enumeração desses eventos, temos as construções **mōr-kator** ‘ir-sair’ e **kukrën-kupen** ‘pintar o corpo com urucum-carregar’, ambos verbos da classe **ku-**. Novamente vale lembrar a observação de Durie (1997:323) quanto ao significado de uma construção serial. Essa observação explica por que nem sempre o sentido de cada um dos constituintes corresponde ao sentido da construção serial inteira. Note-se também no exemplo (439) que a lacuna deixada pela falta de formas pronominais livres e dependentes para a terceira pessoa na língua é suprida pela presença dos prefixos relacionais e pela presença do morfema **ku-** nos verbos. Assim, a locução nominal Lua ocorre como sujeito da primeira sentença e em seguida ocorre como objeto das orações subseqüentes.

A evidência de que os verbos sublinhados no exemplo (439) constituem uma construção serial encontra apoio no fato de tais verbos partilharem o sujeito. A primeira construção – **mōr-kator** ‘ir-sair’ – tem como sujeito (S) **katʃer** ‘lua’, que aparece na primeira sentença. Já a construção **ku-krën-ku-pen** ‘pintar o corpo com urucum-carregar’ tem como sujeito (A) **p̄it** ‘sol’, o qual é citado no início do período e depois marcado pela conjunção **nē**, usada na coordenação de orações que apresentam o mesmo sujeito. Além disso, as duas raízes em questão partilham todas as marcas de tempo, aspecto e modo que ocorrem na seqüência como um todo, que reflete a ordem em que os eventos ocorrem.

Da mesma forma, o exemplo (440) traz uma seqüência de eventos – **kupen-kapi-mōn-kator** ‘pegar-provar-ir-sair’. Todos os verbos são oriundos de uma classe larga.

(440)	mpɔ	mē	pia	arɛ	wa	mpɔ	ita	nō	kapi
	Ind		Dub	Enf	eu	Ind	Dem	Quant	provar
	pe	pia	<u>ku-pen</u>			<u>kapi</u>	<u>mōn</u>		
	PD	Dub	Onc-pegar+Pas			provar	ir+Pas		

katɔr

sair+Pas

‘(O Sol pensou consigo mesmo) – o que é essa coisa? Eu vou provar uma coisa dessas.
Dizem que pegou, provou e saiu’

6.2.3. Tipos semânticos de construções verbais seriais

As construções verbais seriais em Parkatêjê estão ligadas aos seguintes tipos semânticos, fundamentalmente:

6.2.3.1. Intenção – o verbo **mõ** ‘ir’ dá à construção um sentido de futuro:

(441) wa mũ mõ tʃwa
 eu ir banhar
 ‘eu vou tomar banho’

6.2.3.2. Modal – o verbo **prēm** ‘querer’ confere à construção um sentido modal:

(442) mariʎa mẽ parkateʒe kakok prēm nĩɛ
 NPr Dat NPr falar querer muito
 ‘Marília quer muito falar Parkatêjê’

6.2.3.3. Aspectual – construções seriais com o verbo **tɔ** ‘fazer’, cujo sentido já está gramaticalizado:

(443) ma ku tɔkrɛ!
 Exort Du cavar
 ‘vamos cavar!’

6.2.3.4. Causativo:

(444)	mē	ntia	tε	mēkarō	tɔ	tayma
	Pl	mulher	Erg	foto	Caus	desaparecer
	'as mulheres perderam as fotos'					

6.4. Construções verbais com o verbo **tɔ** 'fazer'

Construções verbais com o verbo **tɔ** 'fazer' parecem ser bem produtivas em Parkatêjê. Verifica-se a ocorrência de três tipos de construção com o verbo **tɔ** na língua. São elas:

- (i) com o verbo **tɔ** em seu sentido 'fazer'; na verdade, alguns exemplos parecem ter o verbo **tɔ** 'fazer' ocorrendo em posição não-final e ainda assim mantendo seu sentido literal – essas ocorrências, que podem ser somente um decalque do português, devem ser mais bem investigadas;
- (ii) com o verbo **tɔ** ocorrendo como causativo – uma possível construção verbal serial no passado, segundo Aikhenvald (em comunicação pessoal);
- (ii) com o verbo **tɔ** como componente de uma construção serial verbal, sem que o sentido seja ligado à causação – como o sentido e a função ainda são sobretudo obscuros, é necessário um estudo aprofundado dessa ocorrência;

Como foi visto na seção sobre verbos no capítulo que trata das classes de Palavras, o verbo **tɔ** também ocorre em nominalizações do tipo **mētɔhapakt ʃë** (Pl-**tɔ**-lembrar-Nom) 'saudoso'.

Essas ocorrências podem distinguir-se em função principalmente da posição que o verbo ocupa na construção:

- (a) em seu sentido 'fazer', **tɔ**, como outros verbos da língua, ocorre em posição sentencial final;
- (b) nos outros dois casos, não há evidências de sua ocorrência na posição mencionada em (a).

Como exemplos das ocorrências (i) e (ii), apresento os dados (445) e (446), respectivamente:

(445) a- tε ita tɔ
 2- Erg Dem fazer
 ‘tu fizeste isto’ (o Sol disse para a Lua)

(446) mẽ ntia tε mẽkarõn tɔ tay
 Pl mulher Erg fotos Caus desaparecer
 ‘as mulheres perderam as fotos’ *lit.* ‘as mulheres causaram as fotos desaparecerem’

Além disso, me foi possível distinguir as ocorrências com o verbo tɔ observando se houve a inclusão ou não de mais um participante agentivo. Dessa forma, cheguei ao seguinte resultado:

- (a) as sentenças com tɔ, que incluem mais um participante, além daqueles que normalmente são associados a determinado verbo, são consideradas causativas;
- (b) as sentenças com tɔ, que não incluem mais um participante agentivo (isto é, em que não há um reajuste dos papéis semânticos e gramaticais), e reúnem, pelo menos, dois verbos, constituem construções seriais.

Neste último caso, o uso de tɔ parece enfatizar a expressão de intencionalidade das construções, conferindo-lhes um sentido aspectual. Os verbos, em tal situação, são não-contíguos, sendo que a ocorrência de tɔ é fixa na posição que antecede a locução nominal objeto. Em alguns casos, tɔ aparece também antecedendo o outro verbo, que está na posição final. Ocorrências desse tipo mostram que o referido verbo, em tal contexto, sofreu um processo de gramaticalização, com perda de conteúdo nocional e descategorização. Assim sendo, essa forma assume um novo comportamento de marca aspectual, evidenciando, inclusive, um outro padrão de ocorrência, sobre o qual muito há ainda a ser investigado. Por exemplo, observemos a sentença (447):

- (447) mĩ piarɛ ka ka tɔ prɛ̃tʃo ʒ-itɛp nẽ pegar
 N Pr tu Fut fazer castanha Rel-cortar SS
 pɛ̃n i- mẽ hõr
 carregar 1- Dat Onc-dar+Pas
 ‘Pega, Piare. Tu vais cortar castanha para me pagar’ *lit* ‘Pega, Piare. Tu vais
 cortar castanha, carregar e me dar’

Observa-se na sentença (447) que, muito embora se tenha a ocorrência de *tɔ*, nenhum outro participante é incluído na estrutura argumental, isto é, o verbo transitivo *h-itɛp* ‘cortar’ permanece como um verbo de dois lugares, A e O. Nesse caso, A = *ka* ‘tu’ e O = *prɛ̃tʃo* ‘castanha’, o que é comprovado principalmente pela ordem das palavras, visto que, como a língua está funcionando numa base nominativo-acusativa, A ocorre da mesma forma que *S_a* e O é marcado por Ø. Pode-se dizer, pois, que os verbos presentes na estrutura sentencial partilham as locuções nominais sujeito e objeto.

Não considero, portanto, que a sentença em (447) ilustre um caso de causativização, como já acima mencionei: (i) não há um outro participante agentivo incluído na estrutura sentencial; (ii) não há um sentido de causação atribuído à sentença pela presença de *tɔ*.

Outros casos semelhantes são apresentados abaixo:

- (448) ma ku mẽ tɔ tɛp katʃe
 Exort DuPl peixe linhar
 ‘vamos pescar?’

- (449) pe pia tʃɛ̃yti tɔ pɛ̃r y-ahĩ
 PD Dub pica-pau fazer pau Rel-picar
 ‘Diz que o pica-pau estava picando pau’ *lit*. ‘Diz que o pica-pau estava fazendo-picar
 pau’

- (450) katʃer api nẽ mõi pɛt y-apen tɔ mõi nẽ
 lua voltar Loc ir sol Rel-trabalhar ir SS
 wɛr katɔ
 Dir chegar
 ‘A Lua foi e voltou. O Sol foi trabalhar e chegou.’

Determinar o sentido de tɔ em tais construções pode representar um grande desafio. De acordo com o que apontei no capítulo sobre mecanismos de derivação verbal, algumas construções com o verbo tɔ ‘fazer’ parecem atribuir um maior grau de volição/coerção à ação expressa pelo verbo, hipótese que precisa ser devidamente verificada.

As ocorrências com o verbo tɔ suscitam ainda uma outra questão. Examine-se o exemplo (451), em que tɔ aparece antes da locução nominal objeto e antes da locução verbal. Os falantes, quando indagados acerca do sentido de tal ocorrência com e sem tɔ diante do verbo ou diante da locução nominal, dizem ser a ‘mesma coisa’, isto é, as sentenças teriam o mesmo sentido, o que não é nem um pouco convincente.

- (451) rɛ amnẽ apɛr mõi tɔ kwɛ tɔ
 já para.cá baixo Loc Quant
 katɔr
 chegar+Pas
 ‘ele já desceu para cá para baixo (com a bacaba)’ *lit.* ‘ele já para cá para baixo com muita (bacaba) e chegou’

O exemplo supracitado foi-me fornecido pelo Capitão Krôhókrenhũm, em fala espontânea. Ele estava vendo algumas fotos que nós havíamos feito numa excursão com um grupo de mulheres e somente um homem dentro de um dos castanhais existentes na reserva. O homem subiu numa alta e perigosa palmeira de bacaba, a fim de colher um

grande cacho da referida fruta. A oração (451) foi proferida pelo Capitão ao ver a referida foto em que o homem vem descendo com um cacho de bacaba nas costas.

O exemplo (452) também ilustra a ocorrência de *tɔ* antes da locução nominal objeto e antes da locução verbal. É interessante observar que Dourado (2001:138), tratando das construções verbais seriais em Panará, afirma que “é comum a duplicação de um dos verbos da série após o argumento nominal complemento do verbo”. No caso do Parkatêjê, apenas verifiquei ‘ocorrência duplicada’ com *tɔ*. Todavia, no momento, não tenho uma análise para tal ocorrência. Pretendo investigar esses fenômenos futuramente.

(452) krohokɾɛnhũm tɛ tɔ yatʃɨ tɔ koran
 NPr Erg veado matar
 ‘Krôhôkrenhũm matou veado’

É necessário também examinar outras questões ligadas às construções seriais verbais, como, por exemplo, se há a partilha de adjuntos adverbiais e de instrumentais, bem como se procede a negação nessas construções.

Conclusão

Esta tese de doutoramento teve como objetivo apresentar um estudo morfossintático sobre a língua Parkatêjê. Com o andamento do trabalho, foi possível incluir aspectos preliminares relativos à derivação verbal, à incorporação nominal na língua, e à serialização verbal.

O trabalho – uma abordagem tipológico-funcional – compreende seis capítulos, propriamente ditos, excluindo-se a introdução e a conclusão. O primeiro capítulo descreve as classes de palavras na língua, tendo por essa razão ficado bastante extenso. Como já foi dito anteriormente, apesar da existência dos trabalhos de Araújo (1977 e 1989), muito havia ainda a dizer sobre as classes de palavras. Portanto, o capítulo sobre classes de palavras contém informações inéditas, além de análise distinta daquela de Araújo (1989).

O segundo capítulo trata da sintaxe das orações independentes, bem como de cada subconstituente sintático que forma uma oração. Classifiquei os predicados em verbais e não-verbais.

O terceiro capítulo aborda o sistema de marcação de caso nas orações independentes. Primeiramente discuti a cisão motivada pela semântica do verbo – verbos ativos ocorrem com determinada classe de pronomes, enquanto verbos estativos ou descritivos com uma outra classe. É o conhecido *Split-S* na terminologia de Dixon (1994). De acordo com essa análise, alguns verbos comportam-se como A e outros, como O, se o seu sujeito é pronominal. A segunda cisão é aquela condicionada pelas categorias de tempo, aspecto (e modo?): orações cujo tempo/aspecto é passado/perfectivo tem sua locução nominal marcada, diferentemente dos outros constituintes, seguindo o esquema

$A \neq S = O$. O sistema, então, opera numa base ergativo-absolutiva. Por outro lado, se o tempo e aspecto das sentenças são não-passado e não-perfectivo, a língua opera na base nominativo-acusativa. A combinação desses dois tipos de cisões já faz da língua Parkatêjê um exemplo raro, visto que o outro único exemplo citado por Dixon (1994:104) em que ocorre a inter-relação desses fatores é o da língua Mawayana, uma língua Arawak do Norte do Brasil. Além dessas duas cisões, há uma terceira, com base na categoria de pessoa. Como não há marcas explícitas para a terceira pessoa em Parkatêjê, no tempo passado, as 1ª e 2ª pessoas ocorrem em um sistema tripartido, ou seja, $S \neq A \neq O$, em conformidade com a hierarquia nominal de Silverstein (1976). No tempo não-passado, as 1ª e 2ª pessoas ocorrem no sistema nominativo-acusativo, enquanto não há alteração alguma para a terceira pessoa. Observe-se que S_o será sempre idêntico a O, quando pronominal.

O quarto capítulo é bastante preliminar, todavia quis incluí-lo, porque encerra uma parte de meu estudo sobre os verbos, a qual eu não gostaria de “deixar de fora” nesta tese. Ele trata dos mecanismos de derivação verbal – aqueles que reduzem e aqueles que aumentam a valência do verbo. Como uma página ainda em construção, apresentei minhas hipóteses sobre a causativização na língua, as construções recíprocas e reflexivas e as curiosas ocorrências com o formativo **aipĩ**.

O quinto capítulo descreve o fenômeno da incorporação nominal em Parkatêjê, que é bastante interessante e que apresenta muito em comum com outras línguas do tronco que tiveram esse aspecto já estudado, como é o caso do Panará e do Karajá. Há, também, na língua, a possibilidade de incorporação de posposições a raízes verbais, as quais não pude abordar aqui. Além de mostrar o que, inspirada em Dourado e Aikhenvald, chamei de termos de classe, decidi apresentar a maneira Parkatêjê de classificar as crias dos animais. A meu ver, vale a pena descrever tais usos a fim de que se possa verificar se essa é uma característica do tronco, ou somente de algumas línguas de certas famílias do tronco Macro-Jê. Além disso, certas ‘curiosidades’ são dignas de serem observadas, como, por exemplo, muitas línguas indígenas brasileiras, não apenas Jê, designam animais como ‘cachorro’ e ‘onça’ pelo mesmo item lexical, apesar disso, os filhotes dos mesmos são designados por itens lexicais diferentes em Parkatêjê. Isso pode

evidenciar um refinamento semântico do léxico dessas línguas, algo que deve ser estudado ainda.

O sexto capítulo abordou as construções verbais seriais, as quais podem ser constituídas de até três verbos. Tais construções são predicados simples, com diferentes nuances aspectuais. A transitividade ou a intransitividade dessas construções é determinada, em geral, pelo último membro da construção.

Muito há ainda a ser aprendido e a ser descrito sobre o Parkatêjê. Assim sendo, estou consciente de que todos os aspectos descritos na tese ora apresentada deverão ser retomados, revistos, ampliados e modificados, se necessário for, em futuros estudos.

Pretendo nas futuras investigações sobre a língua analisar, entre outros pontos, as orações complexas (adverbiais, relativas e completivas) com vistas à descrição da ordem e do sistema de marcação de caso em tais orações; listar e descrever as partículas ainda não compreendidas do ponto de vista de seu significado e função, observando sua ocorrência e sua posição nas orações; refinar a análise dos mecanismos de derivação verbal aqui apresentados; descrever as orações comparativas; verificar e descrever a categoria de modo; descrever a formação das orações interrogativas e exclamativas; descrever o fenômeno de incorporação de posposições a certos verbos.

Finalmente, devo dizer que a descrição e a análise aqui apresentadas podem, como afirma Dourado (2001:223), “enriquecer nossa compreensão da tipologia de línguas Jê”, além de ser uma contribuição para o estudo da língua Parkatêjê.

ANEXO

Pĩt mẽ kat ʃer

sol e lua

Hĩ katĩy. Pe pia aiku mamkateze ita aiku ita aiku
 sim K. PD Dub PR antigos Dem PR Dem PR
 pia mpa amrĩ arɛ
 Dub 1PIIncl NegExist Enf

‘sim, Katyi. Dizem os antigos (que foi assim), dizem que nós não existíamos’

pia t ʃwɛn aiku mpa amrĩ. pe mɛr mɛ pĩt
 Dub Evi PR 1PIIncl NegExist PD Evi Posp sol
 mẽ kat ʃer pia t ʃwɛn aikruturɛ
 e lua Dub Evi dois

‘Dizem que nós não existíamos. Dizem que parece que aí o Sol e a Lua, os dois,’

ayhĩ wape aiku apu anɛ nɛ mpa tayt ʃo
 dois pessoas PR Cont também 1PIIncl multiplicar

‘duas pessoas nos multiplicaram’

pia t ʃwɛn ati apu ayhĩ wape anɛ pia
 Dub Evi só Cont dois também Dub
 t ʃwɛn pĩti nkrirɛ
 Evi rio pequeno

‘Dizem que (essas) duas pessoas viviam sós num rio pequeno’

pe pia apu anɛ pe pia pia t ʃwɛn kaprɛn
 PD Dub Cont também PD Dub Dub Evi jabuti
 katiti ko nkrirɛ
 grande água pequeno

‘Dizem que o jabuti grande também estava no riozinho...’

pe pia aiku kãmẽ ku?we

PD Dub PR Cont estar.sentado.nas.quatro.patas

‘ele estava (lá tomando conta para a água não crescer)’

pe pia pît tũmtũm kora ayhĩ wape kora

PD Dub sol capivara matar dois matar

‘Diz que o Sol matou capivara, matou duas’

pe pia pît pia kãmẽ twəm -ti amɔi mẽ

PD Dub sol Dub gordo Enf Refl DS

twəm pî nẽ kat ʃer mẽ h-ĩkrẽkrẽre hõ

gordo Onc-pegar SS lua Dat Rel-ser.magro Onc-dar

mẽ kat ʃer mẽ h-ĩkrẽkrẽre kaka

DS lua Dat Rel-ser.magro não.querer

‘Dizem que o Sol pegou a mais gorda para ele mesmo e para a Lua deu a magra. A lua não queria a magra’

pia kat ʃuwa tɔ kia pît ri narɛ ha: ma kia

Dub fazer forno sol Enf Enf Pot Exort forno

ʒe tɔ kia ku hẽmĩ

Voc fazer forno Du Rel-enterrar

‘Eles foram fazer o forno. O Sol mesmo (disse): vamos (fazer) a kia. Jê, faz a kia e nós (dois) enterramos (as capivaras)’

pe pia tɔ kia nẽ apu tɔ anẽ

PD Dub fazer forno SS Cont fazer também

‘Dizem que eles fizeram a kia e continuaram lá’

pe pia kat ʃer pe h-ĩkrẽkrẽre pe pia kapi

PD Dub lua Mal Rel-ser.magro PD Dub provar

ʒe i- mē twəm -ti kwə

Voc 1- Dat gordo -Intens Quant

‘Dizem que a (capivara) da Lua estava magra. Dizem que ela queria provar: Jê, me dá um pouco do gordo!’

pe p̃t kēm: tama!

PD sol Posp basta

‘Dizem que o Sol (disse): basta!’

pe pia p̃t kēm: ʒe, tama! r̃ ita mē hōr

PD Dub sol Posp Voc, basta! já Dem Ben dar+Pas

‘Dizem que o Sol disse: basta! eu já te dei esse!’

ar̃k ri ma apu tɔ anē

calar Enf Exort Cont fazer também

‘Cala a boca e vamos cuidando de fazer!’

pe pia aiku kēm: ka ka apiri nēʒawər

PD Dub PR Posp tu Fut Iter pedir

‘Dizem que o Sol (falou): tu vais pedir de novo’

wa ka wa ka ha pa a- po -ti

eu Fut eu Fut Pot 1Enf 2- queimar -Intens

‘eu vou, eu vou te queimar!’

pe pia apiri apu nēwə

PD Dub Iter Cont pedir

‘Dizem que ela de novo continuou pedindo’

pe pia mū kakrɛ kēm twəm kakrɔ -ti

Evi Dub Rel-virilha Loc gordura quente -Intens

y-atʃwər

Rel-jogar+Pas

‘Dizem que (ele) jogou gordura muito quente na virilha dela’

pe	pia	aiku	aptɛ	kakɾɔ	mrarɛ	nē	mũ	ko	wɪr	tʃə
PD	Dub	PR	Frust	quente	chorar	SS		água	Dir	estar.em.pé

‘(Por causa da queimadura), diz que a Lua chorou e foi no rumo do rio’

pe	pia	ko	mē	pɛ̃p	nē	ko	kēm	tɔ	ʒə
PD	Dub	água	Dir	cair	SS	água	Loc	fazer	sentar
hakɾɪt		h-ən		inō	pe	api			
esfriar		Rel-dor		Neg	PD	voltar			

‘Dizem que ela caiu na água e sentou até esfriar a dor (na virilha), aí ela voltou’

pe	pia	kaprën		katiti	ko	kēm	tʃə		nē	ko
PD	Dub	jabuti		grande	água	Loc	estar.em.pé	SS	água	

pamtĕ

tapar

‘Diz que Jabuti Grande estava no rio, tapando a água (para que ela não crescesse)’

kaprën		katiti		pupũ		apiri	kēm̃pa: ʒe,		apiri	tɔk
jabuti		grande		ver		Iter	escutar Voc,	Iter	fogo	

tɔ

fazer

‘Jabuti grande viu e ouviu novamente: Jê, faz fogo de novo!’

wa	kaprën		pɪ	ku	kuka	nē	kapi
eu	jabuti		pegar	Du	assar	SS	provar

‘eu pego o jabuti, nós (dois) assamos e provamos’

pe pia p̄t kēm: ʒe keta mū ha ma ankriarɛ
 PD Dub sol Posp Voc Pot Exort aquietar
 ko pamtɛ mē ka pia arɛ tɔ

água tapar DS Int Dub Enf fazer

‘Dizem que o Sol disse: Jê, não (faz isso), vamos aquietar...O que tu queres fazer?’

pe pia h-õtpe pe kumɛ
 PD Dub Rel-teimar er Mal virar

‘Dizem que (a Lua) teimou e virou (o jabuti)’

pe pia p̄ti amʒi mē hõta nē aiku mō p̄r
 PD Dub rio Refl Dat transbordar SS PR ir pau
 ren to mō mū irat to mōn
 derrubar fazer ir crescer fazer ir

‘Dizem que o rio transbordou, veio derrubando árvores e cresceu muito’

p̄t katʃer kēm nkr̄k ʒe amʒi kapi purɔ
 sol lua Loc estar.zangado Voc Refl provar agora

‘o Sol ficou zangado com a Lua: Jê, agora tu aprendeste!’

wa ka amʒi ka a-ʒ-õtpe
 eu Fut Refl tu 2-Rel-teimar

‘(eu sabia comigo que) tu irias teimar’

aiku aptɛ p̄t mē amʒi tɔ hëkye arɛ
 PR Frust sol Dat Refl fazer gritar Enf

‘Então, ela gritou muito para o Sol:

ʒe apu i- tɔ ʒumare nē i- tore
 Voc Cont 1- fazer acudir SS 1- atravessar

‘Jê, me acode e me atravessa’

pe pia ita mũ katʃer ita kēm nkrɪk mũ kɛy
 PD Dub Dem lua Dem Loc estar.zangado cima
 mẽ mō karaprēm
 Loc ir estar.enfadado

‘Diz que o Sol ficou zangado com a Lua e foi para cima (para o céu) enfadado’

pe pia tʃɛyti to pɛr y-ahɪ nē kēmkupepe
 PD Dub pica-pau fazer pau Rel-picar SS mostrar-Pl

‘Dizem que o Pica-Pau estava picando pau, pegou um e mostrou (para ela)’

pe pia aiku aptɛ katʃuwa pɛr y-ahɪr
 PD Dub PR Frust pau Rel-picar+Pas

‘Ele picou o pau’

pe pia kakro aptɛ ahɪr tarer
 PD Dub Frust Rel-picar depressa

‘(e embora) tenha picado depressa, (não conseguiu ajudá-la)’

pe pia kitarɛ mĩti katiti aiku wɛr krēmō
 PD Dub Evi jacaré grande PR Dir boiar

‘Dizem que jacaré grande estava boiando (no rio)’

pe pia katʃer kēm aiku hōpa
 PD Dub lua Loc PR Rel-recear

‘Dizem que a Lua ficou receosa (dele)’

katʃɪ! i- mẽ hey nē i- krē
 1- Dat mentir SS 1- Onc-comer

‘Tá! Tu me enganas e me comes!’

pe pia mĩti kōm amziyarē ituware wa ka a-
 PD Dub jacaré Posp Refl.dizer Voc eu Fut 2-
 krē inũarε i- kupa inũarε
 Onc-comer Neg 1- ter.medo Neg

‘Dizem que o Jacaré mesmo disse: sobrinho, eu não vou te comer, não tem medo de mim’

wa ka kōm a- tore
 eu Fut Loc 2- atravessar
 ‘eu vou te atravessar’

katʃer mē amziyarē
 lua Dat Refl.dizer
 ‘a Lua refletiu’ *lit.* ‘a Lua disse consigo mesma’

pe pia katʃer ita pia aiku aptε mĩti ita kupa nē
 PD Dub lua Dem Dub PR Frust jacaré Dem ter.medo SS
 kōm amzi kaka
 Posp Refl não.querer
 ‘Dizem que a Lua estava com medo dele e não queria (aceitar)’

krē arε aiku ma arε i- mē hey inũarε
 certo Enf PR Exort Enf 1 Dat enganarNeg
 ‘(A Lua disse) Tá certo. Vamos, (mas) não me engana’

ka ka hey nē i- krē
 tu Fut enganarSS 1- comer
 ‘tu vais enganar e me comer’

pia katʃer ita aptε mĩti ita kupa nē katut nē
 Dub lua Dem Frust jacaré Dem ter.medo SS costas Loc

api

subir

‘Dizem que a Lua, mesmo com medo, subiu nas costas do Jacaré’

mĩti aiku amzi mē kukia: ituwarɛ yarē i-
 jacaré PR Refl Dat perguntar: Voc dizer 1-
 krēyapap mpɛy -ti
 nuca ser.bonita -Intens
 ‘o Jacaré mesmo perguntou: sobrinho, diz, a minha nuca é bonita?’

katʃer aiku kēm hey tɔ mō keti a- krēyapap
 lua PR Loc enganar fazer ir tio 2- nuca
 mpɛy -ti!
 ser.bonito -Intens
 ‘A Lua mentiu para ele: Tio, a tua nuca é muito bonita!’

pe pia kīmē hey tɔ mō tore
 PD Dub mentir fazer ir atravessar
 ‘Ela mentiu e o fez atravessá-la’

apu kēm mĩti i-tore i-tore a- krēyapap
 Cont Posp jacaré 1-atravesar 1-atravesar 2 nuca
 ateti ateti
 áspera áspera
 ‘Ela (ficou cantando): “Jacaré me atravessou, me atravessou. A tua nuca é áspera, áspera” ’

pe nkrík nē
 PD estar.zangado
 ‘Dizem que ele ficou zangado’

katʃer api mō pīt y-apen tɔ mō nē wër
 lua subir ir sol Rel-trabalhar fazer ir SS Dir

kato

chegar

‘A Lua subiu, o Sol foi trabalhar e chegou’

mĩti	kām	taima	ituware	ita
jacaré	Posp	desaparecer	Voc	Dem

‘Jacaré (falou): aquele sobrinho desapareceu?’

amriarɛ

NegExist

‘não está’

mēr	mē	kri	hi	mũ	taima	tē
Evi	Posp	lá			desaparecer	ir

‘parece que de lá (mesmo) desapareceu – era a Lua fingindo-se de Sol’

pe	aiku	kri	apu	h-ape
PD	PR	lá	Cont	Rel-trabalhar

‘Parece que ele ficou trabalhando por lá’

pe	pia	aiku	amʒitete	kēm	hey	mĩti	i-tore
PD	Dub	PR		Loc	enganar	jacaré	1-atravesar

a-	krēyapap	ateti
2-	nuca	áspera

‘Dizem que ela continuou: “Jacaré me atravessou. A tua nuca é áspera”’

pe	pia	katʃer	pɪt	wɪr	kato
PD	Dub	lua	sol	Dir	chegar

‘A Lua veio ter com o Sol’

pia p̄t apu katʃer mē kia ʒe i- mē aykrɛ
 Dub sol Cont lua Posp Onc-perguntar Voc 1- Dat casa
 y-amē wa mū mō tʃwa
 Rel-vigiar eu ir banhar

‘Dizem que o Sol ficou pedindo para a Lua: Jê, vigia a casa pra mim que eu vou tomar banho’

ayakrĩ pe pia mū mō kato
 tarde Posp Dub ir chegar

‘À tarde, ele (o Sol) foi (chegou)’

pia kōkōnorɛ amnē apar mē mō
 Dub cabaça para.cá baixo Loc ir

‘Dizem que uma cabaça vinha (rio) para cá para baixo’

pe hōpun wēr pēp nē ku-pē ita pēn p̄rn
 PD Rel-ver Dir cair SS Onc-pegar Dem pegar devagar

‘Dizem que ele viu onde (ela) caiu e a pegou. Pegou aquilo devagar’

nē kutʃin p̄rĩ nē h-ōkra to kiyĩɛ
 SS botar devagar SS Rel-mão fazer sem.força

‘e colocou (a) com sua mão, devagar, sem força’

kate kupĩ nē kupĩ nã to hipo
 quebrar pegar SS pegar SS fazer abrir.em.duas.partes

‘(ele a) quebrou e pegou e abriu em duas partes’

pia aiku aptɛ ita awkapi
 Dub PR Frust Dem conhecer

‘Dizem que (ele) queria conhecer aquilo’

ĩkrɛkrɛrɛ nã pɨt pia amʒi mē mpɔ mē pia arɛ
 limpar SS sol Dub Refl Dat coisa Int Dub Enf
 ‘(ele) limpou e o Sol consigo mesmo (se perguntava): ‘o que será isso?’

wa ĩkrɛkrɛrɛ nē amkrɔ mē kuʔʃi nē apu
 eu limpar SS sol.quente Loc botar SS Cont
 h-amē

Rel-vigiar

‘eu vou limpá(-la), colocá (la) no sol quente e vigiá(-la)’

pe pia aiku akye arɛ
 PD Dub PR mexer Enf
 ‘Aí dizem que se mexeu’

pe pia ha atum nē atum nōrɛ
 PD Dub Pot Neg
 ‘Dizem que não passou muito tempo’

pe pia kitarɛ pɨt ita kitarɛ amʒi mē mpɔ mē pia arɛ
 PD Dub sol Dem Refl Dat Ind Int Dub Enf
 ‘Dizem que o Sol (perguntou-se): ‘o que é isso?’

pe pia tʃamta arɛ mēkrarɛ ita amnē mō
 PD Dub Mir Enf criança Dem para.cá ir
 ‘Dizem que o Sol se surpreendeu: essa criança vem para cá!’

pe pia ku-pēn nã katen
 PD Dub Onc-pegar SS quebrar
 ‘Dizem que ele pegou (a cabaça) e quebrou’

pe pia mp̃i apt̃e am̃ziyakr̃i
 Pd Dub homem Frustr Refl.ser.alegre
 ‘Dizem que era homem, então ele alegrou-se’

r̃i i- t̃e t̃o kapi kumr̃e
 já 1- Erg fazer provar
 ‘eu já aprendi como fazer’ *lit.* ‘eu já experimentei’

pe pia m̃ũ h-apron m̃ũ m̃ẽ t̃o m̃õ
 PD Dub Rel-buscar Pl
 am̃zĩõ̃̃e

Refl.segurar.pela.mão

‘Dizem que ele foi buscá-los e eles foram segurando na mão (do Sol)’

pia kat̃ʃer h̃õpun ñẽ pia k̃ẽm aiku apt̃e h̃õren
 Dub lua Rel-ver SS Dub Posp PR Frustr
 am̃ziyakr̃i are
 Refl.ser.alegre Enf

‘Dizem que a Lua os viu e ficou muito alegre por causa deles’

p̃it̃ k̃ẽm ha aiku kupen ankriar̃e wa pa
 sol Posp Pot PR mostrar.estar.quieto eu 1Enf
 apu t̃o añẽ

Cont

‘O Sol não permitiu: te aquieta, eu vou continuar fazendo sozinho’

pia aiku kat̃ʃer awpar̃e
 Dub PR lua teimosa
 ‘Dizem que a Lua teimou’

pe pia tãm ri aiku wër atorɔ

PD Dub Perd Enf PR Dir

‘Dizem que ela ficou pedindo para fazer também’

pe mũ wër kēm mō nē kēm kato

PD Dir Posp ir SS Loc chegar

‘Aí (o Sol) foi (com ela) e chegou (até a beira do rio)’

pe pia ita amnē apër mē mō pe wër pëp nē

PD Dub Dem para.cá baixo Loc ir PD Dir cair SS

ku-pë nē kate

Onc-pegar SS quebrar

‘Dizem que aquilo vinha rio abaixo, caiu e ele a pegou e quebrou’

pe pia katʃer aiku kutʃa prēm nō kahek

PD Dub lua PR vez ter.vontade Quant quebrar

‘Dizem que a Lua estava com vontade que chegasse a vez dela, ela queria quebrar uma’

pe pia kēm aiku aptɛ kupen aiku kēm tʃi tʃëmta

PD Dub Posp PR Frustr permitirPR calma Mir

‘Dizem que o Sol não permitiu (e disse): calma! Espera!’

wa pa ha katʃi tʃëmta anē nē nō kora

eu 1Enf Pot Mir também Enf um matar

‘eu vou fazer sozinho. Tu ainda matas um!’

pe aiku kēm wa a-kutʃa nō to amʒikapi

PD PR Posp eu 2-vez um fazer Refl.provar

wa kupia nō ita anē

eu pedir um Dem também

‘Aí (a Lua) disse: deixa eu experimentar fazer um, eu te peço, eu quero fazer também’

ʒe mpo nē kotarε tɔ pε
 Voc Ind ENF fazer acabar
 ‘Jê, por que tu queres acabar?’

pe pia pīt aiku kēm wa tʃi mē taytʃo
 PD DUB sol PR POSP eu esperar Pl aumentar
 ‘aí o Sol disse (para ela): eu os espero aumentar (multiplicar)’

katʃer aiku awparε nīre
 lua PR teimosa muito
 ‘A Lua era muito teimosa’

pe pia ita amnē mō
 PD Dub Dem para.cá ir
 ‘Aí aquilo vinha na direção dela’ *lit.* ‘aí aquilo vinha para cá’

pe h-ōtpe wēr tē
 PD Rel-teimar Dir ir
 ‘Ela teimou e foi (naquela direção)’

pe kēm: ʒe aiku mōr tɔ
 PD Posp: Voc PR Evi fazer
 ‘(O Sol) disse: Jê, tem muito cuidado!’

wa pe pia rì a-mē tɔ h-akrε
 eu PD Dub já 2-Dat fazer Rel-ensinar
 ‘eu, dizem que ele disse, já te ensinei como fazer’

pe pia mē ita kate pe tīr
 PD Dub Posp Dem quebrar PD estar.vivo
 ‘Aí ela quebrou aquele. Estava vivo.’

pe pia amkrɔ mē ku-tʃi aipen mē ita aiku kot
 PD Dub sol.quente Loc Onc-botar Rec Dat Dem PR Com
 ‘Dizem que ela o colocou no sol quente e (logo) cada um vinha com outro’

mō amʒi mē tɔ kīn nē aiku wēr tē
 ir Repl Dat fazer gostar SS PR Dir ir
 ‘ela gostou muito de fazer e foi lá de novo’

pe pia pīt kēm apu tɔ anē kitarɛ nē
 PD Dub sol Posp Cont fazer tambémSS
 a- tɛ ita tɔ
 2 Erg Dem fazer
 ‘O Sol disse (para a Lua): tu estás fazendo mesmo, tu fizeste isto!’

pe pia aiku pīt mē ʒe wa ka mū a-
 PD Dub PR sol Posp Voc eu Fut 2-
 kupia tɔ anē
 perguntar também
 ‘Dizem que ela disse para o Sol: Jê eu vou fazer isso assim mesmo que nem tu’

pia hey nē ku-pēn kīype nē kate
 Dub enganarSS Onc-pegar+Pas com.força SS quebrar
 nē kora
 SS matar
 ‘Era mentira. Ela pegou (uma cabaça) com força, quebrou e matou um’

pe pia pīt nkrɪk nē apu kēm akia ʒe ankriarɛ
 PD Dub sol estar.zangado SS Cont Posp ralhar Voc aquietar
 ‘Dizem que o Sol zangou-se e ficou ralhando com ela: Jê, te aquieta!’

wa tʃɨ tama nkrík nẽ kaka
 eu espera basta estar.zangado SS não.querer
 ‘“Eu... espera...Basta!” Ele ficou aborrecido e não quis (mais)’

pe pia anẽ nẽ to pen
 PD Dub também fazer acabar
 ‘Aí dizem que (ele) também acabou’

pia mũ mõ ikwɨ pia awara ho arĩrɛ nẽ aʒet
 Dub ir defecar Dub inajá cacho baixo Loc pendurado
 ‘Dizem que (o Sol) foi defecar, tinha muito cacho de inajá pendurado baixinho’

pe pia amʒi mẽ mpɔ mẽ pia arɛ
 PD Dub Refl Dat Ind Int Dub Enf
 ‘ficou pensando consigo mesmo: o que é aquilo?’

wa mpɔ ita nõ kapi mẽ nẽ pia ku-pẽn kapi
 eu Ind Dem Quant provar Int Int Dub Onc-pegar provar
 mõn katɔn
 ir chegar
 ‘eu vou experimentar um daqueles. Aí ele pegou, provou e foi embora’

pia aikati pe to ikwɨ
 Dub dia Loc fazer defecar
 ‘Quando amanheceu ele foi defecar’

katʃer mũ h-ĩn to mõn h-ĩn wër katɔn
 lua Rel-fezes fazer ir Rel-fezes Dir chegar
 h-ĩn pupũ
 Rel-fezes Rel-ver
 ‘A Lua foi defecar na mesma direção e viu as fezes (do Sol)’

pia mōn katɔ nɛ aiku nawë ʒe i-mē mpɔ
 Dub ir+Pas chegar SS PR pedir Voc 1-Dat Ind
 ita y-akrɛ wa a-kupia ku-krē wa a-kupia
 Dem Rel-ensinar eu 2-pedir Onc-comer eu 2-pedir
 to i-ʒ-ĩn kaprik
 fazer 1-Rel-fezes vermelho

‘Então ela chegou e pediu: Jê, me ensina aquela coisa. Eu te peço para comer. Eu te peço para fazer cocô vermelho.’

pe pia kēm aiku kupen te
 PD Dub Posp PR mostrar não.permitir
 ‘Dizem que ele disse que não, que ele não ia mostrar’

pia kēm ʒe wa ati ku-ku wa amʒi kot ku-krē
 Dub Posp Voc eu sozinho Onc-comer eu Refl Com Onc-comer
 ‘Aí (ela disse para ele): Jê, eu quero comer sozinho. Eu mesmo quero comer’

apiri aikati pe apiri h-ĩn pupũn pe pia anē
 Iter dia PP ITR Rel-fezes Rel-ver PD Dub também
 ‘Novamente amanheceu e novamente (ela) viu as fezes’

nē pēr ko p̄rɛ apiri aiku apu nēwë ʒe wa
 pau água baixo Iter PR Cont pedir Voc eu
 kupia to i-ʒ-ĩn kaprik -ti
 pedir fazer 1-Rel-fezes vermelho -Intens
 ‘Aí (ela) o inajazal baixinho e ficou pedindo: Jê, eu peço para fazer bosta vermelha’

ʒe wa ka kupia to anē ka kitare to
 Voc eu Fut pedir fazer tambémtu Evi fazer
 ‘Jê, eu vou pedir para fazer assim mesmo como tu fizeste’

pe pia p̄t kēm ma mū to mō arɛ tʃĕmta

PD Dub sol Posp Exort fazer ir Enf Mir

kaka ka ha mpɔ kĕhĕk nĕ to

não.querer tu Pot Ind ser.ruim fazer

‘Dizem que o Sol disse: Vamos! (Mas) eu tenho certeza de que tu vais fazer coisa ruim’

pia mū wĕr kēm mō

Dub Dir ir

‘Aí (o Sol) foi levar (a Lua)’

pe pia ar̄rɛ nĕ aiku hō aʒet

PD Dub baixo Loc PR cacho estar.pendurado

‘Dizem que o cacho estava baixinho’

ʒe wa ka pa ha nō tan a- mĕ ku-hō

Voc eu Fut 1Enf Pot Quant tirar 2- Dat Onc-dar

‘Jê, eu vou tirar um e te dar’

pia ita tan kēm ku-hō pia het ku-pĕn

Dub Dem tirar Loc Onc-dar Dub Evi Onc-pegar

‘Aí (ele) tirou um e deu para (ela). Dizem que ela pegou’

ku-pĕn to pɛn hipĕrkrat nĕ krĕtʃi

Onc-roer+Pas fazer acabar tronco Loc semente

‘roeu, acabou e botou o caroço no pé da árvore’

pe pia p̄t aiku aptɛ amʒiyakrɛ nĕ kēm kaka

PD Dub sol PR Frust Refl.ser.alegre SS Posp não.querer

‘Diz que o Sol até ficou alegre, mas não quis (mais)’

pia kēm ze mū nō ku-pē

Dub Posp Voc Quant Onc-roer

‘O Sol disse: Jê, pode roer mais um’

pe pia ita tan apu kahoho nē tō pen krē

PD Dub Dem tirar Cont chupar SS fazer acabar caroço

tō hipēr tak

fazer tronco bater

‘Dizem que ele tirou aquele e ficou chupando até acabar, aí bateu fortemente com o caroço no tronco da árvore’

pe kiy mē pēr prōt nē hapin

PD força Posp árvores subir

‘Aí dizem que as árvores começaram a crescer’

pia aiku aipēnere inōre

Dub PR Comp Neg

‘Cada uma queria crescer mais que a outra’

pia aiku apte kēm nkrīk ze tʃi wa pia

Dub PR Frustr Posp estar.zangado Voc eu Dub

ayakre pia aiku apte kīmē nkrīk nē mō

ser.alegre Dub PR Frust estar.zangado SS ir

kato

chegar

‘Dizem que (o Sol) ficou zangado: Jê, calma. E eu até estava alegre contigo... Ainda muito brabo, ele foi embora’

pe pia katʃer mōn katɔ pe itakēm h-ĕ
 PD Dub lua ir sair PD hoje Rel-dor
 ‘Dizem que a Lua chegou e adoeceu no mesmo dia’

pe pia tî pe pia mama tî
 PD Dub morrer PD Dub primeiro morrer
 ‘Diz que ela morreu. Diz que ela morreu primeiro’

pît mû to mō apte anē nē kēm
 sol fazer ir Frustr também Posp
 to hiho nē kukrĕn ku-pĕn mû to
 fazer cortar.cabelo SS pintar.de.urucum Onc-pegar fazer
 mōn pĕrkrĕt nē ku-tʃi
 ir tronco SS NC-botar

‘Então o Sol foi cuidar dela, cortou o cabelo dela (à moda Parkatĕjĕ), pintou-a de urucum, pegou-a e colocou-a no tronco de uma árvore.’

pia rî ayakrî pe iho ntuwa
 Dub já tarde Loc corte.de.cabelo novo
 kaprik
 estar.vermelho

‘Quando já estava anoitecendo (de cinco para seis horas), dizem que ela chegou com o corte de cabelo novo, pintada de vermelho’

pe pia aiku kēm ʒe wa arɛ apu anē
 PD Dub PR Posp Voc eu Enf Cont também
 nē tîk nē ha ita nĕhi
 Enf morrer SS Pot Dem mesmo

‘Dizem que (o Sol) disse (para ela): Jĕ, eu também estou morrendo e tu fazes o mesmo’

pe pia het aiku kēm ze wa ka mū
 PD Dub Evi PR Posp Voc eu Fut
 ata nēhi
 Dem mesmo

‘Diz que a Lua deu certeza para ele: Jê, eu vou fazer aquilo mesmo’

pia aiku apu kîmō hey
 Dub PR Cont mentir
 ‘Dizem que ela estava mentindo’

pia pît anē nō tî
 Dub sol tambémEnf morrer
 ‘Dizem que o Sol também morreu’

pe pia het katʃer aptε anē nō kēm tō
 PD Dub Evi lua Frustr tambémPosp fazer
 hiho nō kukrēn mū tō mō pērkřēt
 cortar.cabelo SS pintar.de.urucum fazer ir pau
 nā ku-tʃi
 Loc Onc-botar

‘Dizem que a Lua fez o mesmo com ele: cortou o cabelo dele, pintou-o de urucum e o colocou no tronco de uma árvore’

pe kēm kakro
 PD Posp
 ‘Dizem que não adiantou ele (o Sol) explicar como era para ela fazer’

pia het mama pia anē nō
 Dub Evi primeiro Dub também
 rî ayakrî pia aiku mō
 já tarde Dub PR ir

‘De tarde, ele chegou’

nẽ pia kəm ʒe a- tɛ ita aʒĩr
 SS Dub Posp Voc 2- Erg Dem assim
 tɔ arɛ

‘e disse para ela: Jê, obrigada. É isso mesmo’ *lit.* ‘e disse para ela: Jê, tu fizeste mesmo isso assim (para mim)’

nẽ ku ka tɔ ka ha ke mẽ mpo nẽ
 SS Du Fut fazer tu Pot Pl Ind Int
 tore
 atravessar

‘e assim nós (dois) vamos fazer. Mas eu ainda acho que tu vais fazer alguma coisa ruim’

aiku kəm anẽ kre kəm i-tʃi inũarɛ
 PR Posp tambémburaco Loc 1-botar NEG

‘(Ele disse para ela): não me enterra’ *lit.* ‘não me bota no buraco’

pia het kəm ʒe wa ka mũ nã tɔ
 Dub Evi Posp Voc eu Fut fazer

‘Aí ela deu certeza: Jê, eu vou fazer assim mesmo’

mama aiku pɨt kəm nẽ ku ka arɛ ku
 antes PR sol Posp SS Du Fut Enf Du
 nã tɔ
 fazer

‘O Sol falou primeiro: é assim que nós vamos fazer, assim que nós vamos continuar’

kere mẽ mpa-kra tɨn mẽ h-apoy nẽ apɨ mẽ
 Pl 1PIIncl -filho morrer Pl Rel-nascer SS voltar Loc

‘quando nossos filhos morrerem, eles vão nascer e voltar (sempre)’

pě pe tʃi nē katʃer ita krɛ kēm
 PD lua Dem buraco Loc

pît ita tʃi inũarɛ

sol Dem botar Neg

‘Se a Lua não tivesse enterrado o Sol’

pě ku pia tʃwan mē tîn mē pɛ
 Dub Evi Pl morrer Pl acabar

‘dizem que nós morreríamos, mas eu queria ver se acabaríamos para sempre’

pě ku mũ mē tî nē mpa y-apoy nē
 Du Pl morrer SS 1PIIncl Rel-nascer SS

pît aiku aptɛ mra

sol PR Frust chorar

‘eles poderiam morrer, mas nós continuaríamos nascendo novamente. Aí o Sol chorou muito’

pia pît ita tî
 Dub sol Dem morrer

‘Aí o Sol morreu’

pe katʃer ita ʒ-akurere pît ita tak
 PD lua Dem Rel-ser.malvadasol Dem sepultar

tɔ

fazer

‘Dizem que a Lua malvada, sepultou o Sol’

pe pia ri kōkorɛ amʒiʒipey nē krɛ tɔ mō
 PD Dub mesmo calango Refl.fazer SS cavar ir

nē katɔ

SS sair

‘Dizem que o Sol, transformou-se em um calango, cavou e saiu’

pia katɔ nẽ apu kẽm akia nẽ mũ api
 Dub sair SS Cont Posp ralhar SS subir
 ‘Então ele saiu e ralhando com ela subiu (para o céu)’

katʃer pia aiku aptɛ kot mra nẽ h-õtpe
 lua Dub PR Frust Com chorar SS Rel-teimar
 mũ kot api
 Com subir

‘A Lua chorou muito e teimando, subiu atrás dele’

hõpun mẽ p̃t̃ mũ apu kẽm nkr̃k̃
 RNC-ver SS sol CONT estar.zangado
 mẽ aptɛ h-aher mũ apu h-apan tɔ
 DS FRUST RNC-aproximar CONT Rel-desencontrar fazer
 kukw̃r mẽ kakro aptɛ am̃zi tɔ h-aher
 ciclo.no.céu DS Frust Repl fazer Rel-cercar

‘(ela o) vê, mas (até hoje), o Sol continua zangado. Ela tenta se aproximar dele, mas eles continuam se desencontrando, não adianta se aproximar’

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. (1999). Serial constructions and verb compounding evidence from Tariana (North Arawak). *Studies in Language* 23:3. 469-498.
- _____. (2000). **Classifiers: A typology of noun categorization devices**. Oxford: OUP. [Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory].
- _____. (2001). Verb types, non-canonically marked arguments and grammatical relations: A Tariana perspective. Alexandra Y. Aikhenvald; R.M.W. Dixon & Masayuki Onishi. **Non-canonical marking of subjects and objects**. pp. 177-199. Amsterdam: John Benjamins.
- _____. (a sair). Evidentials.
- ALLAN, Keith. (1977). Classifiers. *Language* 53, 285-311.
- ALVES, Flávia de Castro. (2002). Aspectos da ergatividade cindida em Apãniekrá (Jê). Ludoviko dos Santos e Ismael Pontes (orgs.). **Línguas Jê – Estudos Vários**. pp83-93. Editora UEL: Londrina.PR.
- ARAÚJO, Leopoldina M.S. (1977). **Semântica gerativa da língua gavião-jê**. Dissertação de mestrado inédita. Florianópolis: UFSC.
- _____. (1989). **Aspectos da língua gavião-jê**. Tese de doutorado inédita. Rio de Janeiro: UFRJ. 183 fls. mimeo.
- _____. (1993). “Fonologia e grafia da língua da Comunidade Indígena Parkatêjê”. In: Lucy Seki (org.) **Lingüística Indígena e Educação na América Latina** . 1993. pp. 265-272.
- ARAÚJO, Leopoldina & Marília Ferreira. (2001). Nomes próprios e nomeação em Parkatêjê: espelho das relações sociais. Comunicação realizada no IX Simpósio de Letras e Lingüística. Minas Gerais-Uberlândia: UFU.
- _____. (2002). Uma viagem aos textos poéticos cantados no Parkatêjê. Comunicação apresentada no 2º Macro-Jê – Encontro de Pesquisadores de Línguas Jê e Macro-Jê – Campinas-SP: UNICAMP.
- ARNAUD, Expedito. 1975. Os índios gaviões do oeste; pacificação e integração. Publicação avulsa do Museu Paraense Emilio Goeldi. Belém-Pará.
- BAKER, M. (1985). **Incorporation**. Chicago: University of Chicago Press.

- BLAKE, Barry. (1987). **Australian Aboriginal Grammar**. Croom Helm.
- BORGES, Marília Ferreira. (1995). **Aspectos Morfossintáticos do Sintagma Nominal do Kayapó**. Dissertação de Mestrado inédita. Brasília: Universidade de Brasília.
- _____. (1996). Aspectos Morfossintáticos das Relações Genitivas na Língua Kayapó. **Moara** 4:77-82. Belém out/95-mar/96.
- CABRAL, A. S. A. C. (1997). Prefixos Relacionais no Asuriní do Tocantins. **Moara** 7:24 – Belém, n.8, p. 1-137, jul/dez.
- CALLOW, J. C. (1962). **The Apinajé language: phonology and grammar**. PhD Dissertation. University of London.
- CHAFE, Wallace. (1986). Evidentiality in English Conversation and Academic Writing. Wallace Chafe & Joanna Nichols (eds). (1986). **Evidentiality: The Linguistic Coding of Epistemology**. Ablex Publishing Corporation. Norwood, New Jersey.
- COMRIE, B. (1976). The Syntax of Causative Constructions. In: Shibatani, Masayoshi (ed.) **The Grammar of Causative Constructions**. Syntax and Semantics. Volume 6. Academic Press.
- _____. (1985). Causative verb formation and other verb-deriving morphology. T. Shopen. (ed). **Language typology and syntactic description**. Vol. 3. pp. 309-348. Cambridge: Cambridge University Press.
- CRAIG, Colette.(ed) (1986). Noun classes and categorization. **Typological Studies in Language** 7. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- CRYSTAL, David. (1999). **The penguin dictionary of Language** – 2nd edition. Penguin books. England: London.
- _____. (2000). **Language Death**. Cambridge: Cambridge University Press: United Kingdom.
- CROWLEY, T. (1987). Serial verbs in Paamese. **Studies in Language**.11: 35-84.
- DAVIS, Irvine. (1966). Comparative Jê Phonology. **Separata de Estudos Lingüísticos**. 1:20-24. São Paulo.
- _____. (1985). Some Macro-Jê Relationships. In: Harriet Manelis Klein & Louisa Starke (eds). **South American Indian Languages: Retrospect and Prospect**. University of Texas Press: Austin, Texas.

DELANCEY, Scott. (1997). Mirativity: the grammatical marking of unexpected information. **Linguistic Typology**.1 (1997), 33-52. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

DENDALE, Patrick and Liliane Tasmowski. 2001. Introduction: Evidentiality and related notions. **Journal of Pragmatics**. 33. 339-348.

DIXON, Robert M. W. (1972). **The Dyirbal Language of North Queensland. Cambridge.** Cambridge University Press.

_____. (1979). Ergativity. **Language**. 55, 59-138.

_____. (1987). Studies in Ergativity. **Lingua**. 71, pp.1-16 : North Holland.

_____. (1989). **A Grammar of Boumaa Fijian.** The University of Chicago Press.

_____. (1991). **A new approach to English grammar, on semantic principles.** Oxford: Oxford University Press.

_____. (1994). **Ergativity.** Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (1999). Semantic roles and syntactic functions: the semantic basis for a typology. CLS 35. Pp. 323-341. Chicago.

DIXON, R.M.W. & Alexandra Y. Aikhenvald. 2000. **Changing Valency – Cases studies in transitivity.** Cambridge University Press.

DIXON, Robert M.W. & Allan Vogel. (1996). Reduplication in Jarawara. **Languages of the world #10.** Lincom-Europa.

DOURADO, Luciana. 1993. Fenômenos Morfofonêmicos em Panará. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi.** série Antropologia 9 (2). Belém-Pará.

_____. (2001). **Aspectos Morfosintáticos da Língua Panará (Jê).** Tese de doutoramento inédita. UNICAMP. Campinas: São Paulo.

DURIE, Mark. (1988). Verb serialization and ‘verbal prepositions’ in Oceanic languages. **Oceanic Linguistics** 27: 1-23.

_____. (1997). Grammatical Structures in Verb Serialization. In: A. Alsina; J. Bresnan and P. Sells (eds). **Complex Predicates.** 289-354. Stanford:CSLI.

DUNN, Michael John. 1999. A Grammar of Chukchi. PhD Thesis submitted to Australian National University. Canberra.

- FERRAZ, Iara. (1993). Os índios Parkatêjê 30 anos depois. In: MARTINS, José de Souza (org.) O massacre dos inocentes – a criança sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2ª ed., 1991, pp. 21-35.
- FERREIRA, Marília. (1994). Problemas nas formas negativas do verbo em Kayapó. Comunicação realizada no IX Encontro Nacional da ANPOLL. Minas Gerais:Caxambu.
- _____. (1999a). Aspectos Gerais da Morfossintaxe da Língua Parkatêjê – Primeiras Hipóteses. Comunicação realizada no V Seminário de Teses em Andamento do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas-SP.
- _____. (1999b). Evidência para os prefixos relacionais em Parkatêjê-Timbira. Comunicação realizada no II Seminário Nacional de Linguística e Língua Portuguesa. UFG. Goiânia: Goiás.
- _____. (2000a). Descrição da ergatividade em sentenças simples do Parkatêjê. Comunicação realizada no XLVIII Seminário do GEL. Assis-SP: UNESP.
- _____. (2000b). Descrição preliminar da situação sociolingüística dos Parkatêjê. Comunicação realizada no XLVIII Seminário do GEL. Assis-SP: UNESP.
- _____. (2000c). Aspectos Funcionais e Tipológicos das Classes de Palavras em Parkatêjê. Comunicação realizada no XV Encontro Nacional da ANPOLL –UFF. Niterói: Rio de Janeiro.
- _____. (2001a). Case-marking system and typological properties in Parkatêjê. Comunicação realizada no Seminário Permanente do Research Centre for Typology Linguistic (RCLT), na Universidade La Trobe, Melbourne: Austrália.
- _____. (2001b). Remarks on Contact-Induced Change in Parkatêjê. Comunicação realizada no Seminário Permanente do Research Centre for Typology Linguistic (RCLT), na Universidade La Trobe, Melbourne: Austrália.
- _____. (2001c). Aspectos das classes de palavras em Parkatêjê: uma abordagem tipológico-funcional. A.S.A.C.Cabral & Aryon D. Rodrigues (Orgs.) **Estudos sobre Línguas Indígenas I**. Belém: UFPA. pp 147-166.
- _____. (2001d). Notas sobre a situação sociolingüística dos Parkatêjê. **Revista do Museu Antropológico**. Goiânia:UFG. n.1, v.5-6.

_____. (2002a). Aspectos tipológicos das construções genitivas em Parkatêjê. Comunicação apresentada no 50º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL. São Paulo:USP.

_____. (2002b). Classes de verbos em Parkatêjê. Comunicação apresentada no 50º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL. São Paulo:USP.

FERREIRA, Marília & Leopoldina Araújo. (2001). Predicados Intransitivos em Parkatêjê. Comunicação apresentada no I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho de Línguas Indígenas da ANPOLL – Belém-Pará: UFPA.

_____. (2002). Revisitando os prefixos relacionais em Parkatêjê. Comunicação apresentada no 2º Macro-Jê – Encontro de Pesquisadores de Línguas Jê e Macro-Jê – Campinas-SP: UNICAMP.

GIVÓN, T. (1984). **Syntax: A functional-typological introduction**. Vol. 1. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.

GREENBERG, Joseph H. (1963). Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: **Universals of Language**. Cambridge: MIT Press.

KEENAN, E. (1985) Passive in the world's languages. T. Shopen. (ed). **Language typology and syntactic description**. Vol.1. pp. Cambridge: Cambridge University Press.

KIBRIK, A E. (1990). As Línguas Semanticamente Ergativas na Perspectiva da Tipologia Sintática Geral. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n.18, Jan-Jun 1990. pp 15-37.

LANGACKER, Ronald W. (1968). **Language and Its Structure – Some fundamental linguistics concepts**. Harcourt, Brace & World, INC.

LARAIA, Roque & Roberto da Mata. (1967). **Índios castanheiros, a empresa extrativa e os índios no médio Tocantins**. São Paulo. (Difusão Européia do Livro.)

LEHMANN, Winfred. (1973). A structural principle of language and its implications. **Language**. 49.47-66.

LORD, Carol. (1977). How Igbo got from SOV serializing to SVO compounding. **Studies in African Linguistics**. Supplement 7: 145-155.

- LYONS, John. (1979). **Introduction to Theoretical Linguistics**. Cambridge University Press.
- MARTINS, Silvana. (1994). **Análise da morfossintaxe da língua Dâw (Makú-Kamã) e sua classificação tipológica**. Dissertação de mestrado inédita. Florianópolis: UFSC.
- MATTHEWS, P. H. 1997. **Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press.
- MITHUN, Marianne. (1984). The Evolution of Noun incorporation. **Language**. Volume 60, N° 4. pp. 847-94.
- _____. (1986). The convergence of noun classification system. Colette Craig (ed.) **Noun classes and categorization**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- _____. (1988). The Grammaticization of Coordination. **Clause Combining in Grammar and Discourse**. ed. by John Haiman & Sandra A. Thompson. 331-359. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- MIXCO, Maurice. (1997). Mandan Switch-Reference: A Preliminary View. **Anthropological Linguistics**. Vol. 39. N° 2.
- NICHOLS, Johana. (1986). Head-Marking and Dependent-Marking Grammar. **Language**. Vol. 62, No 01. March.
- ONISHI, M. Non-canonically marked subjects and objects: parameters and properties. Alexandra Y. Aikhenvald; R.M.W. Dixon & Masayuki Onishi (eds.) (2001). **Non-canonical marking of subjects and objects**. pp.1-51. Amsterdam: John Benjamins.
- PALMER, F. R. (1986). **Mood and Modality**. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press.
- PARÁ. Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC). **Conhecendo nosso povo**. Belém. (1997). 79 pp.
- PAYNE, Thomas. (1997). **Describing Morphosyntax. A guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press.
- POPJES, J. & POPJES, J. (1986). Canela-Krahô. D. Derbyshire & G. Pullum. (eds.) **Handbook of Amazonian Languages**. Vol.1. Berlin: Mouton de Gruyter.
- REIS SILVA, M.A. e SALANOVA, A. P. (1998). Verbo y ergatividade escindida en Mebêngôkre. Ms.
- RIBEIRO, Eduardo Rivail. (1996). **Morfologia do verbo Karajá**. Dissertação de mestrado inédita. Goiânia-Goiás: UFG.

- _____. (1999). Valence, Voice and Noun Incorporation in Karajá. Manuscrito. _____.
- (2001). Prefixos Relacionais no Tronco Macro-Jê: Um Estudo Histórico-Comparativo. Comunicação realizada no I Encontro do GTLI da ANPOLL. Belém-Pará: UFPA. (resumo do trabalho)
- RODRIGUES, Aryon. 1990. Comments on Greenberg's Language in the Americas from a South American angle. Manuscrito. Brasília-DF: UnB.
- _____. A piece of grammatical congruity among Tupí, Caríb and Jê. Universidade de Brasília. (manuscrito sem data).
- _____. (1999). Macro-Jê. Robert M. W. Dixon & Alexandra Y. Aikhenvald. (eds.) 1999. **Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press.
- SALANOVA, Andrés P. e M.A.R.S. Algumas anotações sobre o prefixo ku- em Kayapó. (manuscrito sem data).
- SALANOVA, Andrés P. (1999). Considerações para uma solução prosódica aos 'prefixos relacionais' do Mebengokré. Manuscrito. IEL/Unicamp.
- SANTOS, Ludoviko C. (1997). **Descrição de Aspectos Morfossintáticos da Língua Suyá (Kisêdjê) Família Jê**. Tese de Doutorado inédita. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.
- SCHACHTER, P. (1985). Parts-of-speech systems. T. Shopen (ed) Vol.1: 3-61. Cambridge: Cambridge University Press.
- SEKI, Lucy. (1990). Kamaiurá (Tupí-Guaraní) as an Active-Stativ Language., D. L. Payne (ed) **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages**. Austin, Texas: University of Texas Press.
- _____. (2000). **Gramática do Kamaiurá – Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Imprensa Oficial de São Paulo & Editora da UNICAMP. Campinas: São Paulo.
- SHIBATANI, Masayoshi. (1976). The Grammar of Causative Constructions: A Conspectus. Masayoshi Shibatani (ed.) **The Grammar of Causative Constructions. Syntax and Semantics**. Volume 6. Academic Press.
- SHOPEN, Timothy (ed). (1985) **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press. Volumes 1-3.
- SILVERSTEIN, Michael. (1976). Hierarchy of features and ergativity. R.M.W. Dixon (ed.) **Grammatical Categories in Australian Languages**. L. Series 22. pp. 113-171.

- STOUT, Mickey. (1975). Ku-verb Phenomena in Kayapó. **Arquivo Lingüístico** Nº 125. SIL. Brasília D.F.
- TRAPP, Earl Roy. (1968). **Introdução à lista dos verbos Kayapó**. SIL.
- TRASK, R. L. (1993). **A dictionary of Grammatical Terms in Linguistics**. Routledge. London and New York.
- URBAN, Greg. (1985). Ergativity and Accusativity in Shokleng (Gê). **IJAL**. vol.51, Nº 02. pp.164-187.
- VELAZQUEZ CASTILLO, Maura. (1996). **The grammar of possession: inalienability, incorporation, and possessor ascension in Guarani**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- WIESEMANN, Ursula (ed). (1986). The pronoun systems of some Jê and macro-Jê languages. **Pronominal Systems**. pp. 359-80. Tübingen: Gunter Narr Verlag
- WILLET, Thomas. (1988). A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. **Studies in Language**.12: 51-97.
- ZWICKY, Arnold. (1990). What are we talking about when we talk about serial verbs?" B.D.; Joseph and A.M. Zwicky. (eds): 1-13.